

Tati Lourenço da Costa

**AO SABOR DO CAFÉ:
MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES DO AMBIENTE NAS
FOTOGRAFIAS E RELATOS DE ARMÍNIO KAISER SOBRE A
CAFEICULTURA (1951-2013)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em História Cultural.
Orientador: Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Tati Lourenço da

Ao sabor do café : memórias e percepções do ambiente nas fotografias e relatos de Arminio Kaiser sobre a cafeicultura (1951-2013) / Tati Lourenço da Costa ; orientador, Marcos Fábio Freire Montysuma - Florianópolis, SC, 2017.
428 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. História do café. 3. Fotografia. 4. História Ambiental. 5. História Oral. I. Montysuma, Marcos Fábio Freire. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

**AO SABOR DO CAFÉ: Memórias e percepções do
ambiente nas fotografias e relatos de Armínio
Kaiser sobre a cafeicultura (1951-2013)**

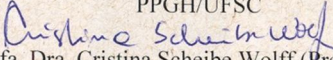
Tati Lourenço da Costa

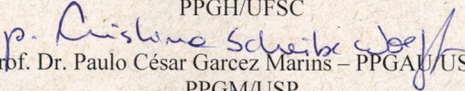
Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título
de:

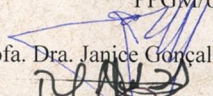
DOUTORA EM HISTÓRIA CULTURAL

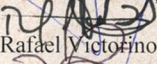
Banca Examinadora


Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (Orientador) -
PPGH/UFSC

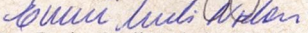

Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff (Presidente) -
PPGH/UFSC


Prof. Dr. Paulo César Garcez Marins - PPGA/USP e
PPGM/USP


Prof. Dra. Janice Gonçalves - PPGH/UDESC

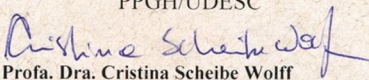

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos - PPGAS/UDESC


Prof. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza - PPGH/UFSC


Prof. Dra. Eunice Sueli Nodari - PPGH/UFSC

Prof. Dr. João Klug (Suplente interno) - PPGH/UFSC

Prof. Dr. Emerson César Campos (Suplente externo) -
PPGH/UDESC



Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Coordenadora do PPGH/UFSC

Florianópolis, 14 de fevereiro de 2017

Dedico este trabalho a Armínio Kaiser (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Armínio Kaiser (*in memoriam*), por toda a receptividade e abertura em compartilhar seu acervo de fotografias e em dividir reflexões sobre a memória e a vida.

Aos meus companheiros de trabalho com o acervo em questão Daniel Choma e Edson Luiz da Silva Vieira.

Aos familiares de Armínio Kaiser, pela continuidade do legado.

Ao professor Dr. Marcos Montysuma, pela orientação e amizade.

Às professoras Dra. Cristina Scheibe Wolff e Dra. Eunice Nodari, responsáveis pela coordenação do Programa de Pós-Graduação em História durante meu período de curso.

À CAPES, pela bolsa de pesquisa.

Às funcionárias e funcionários da UFSC e da Secretaria da Pós-Graduação em História.

Aos colegas de curso, pelo intercâmbio de ideias.

Aos professores dos Programas de Pós-Graduação em História, Interdisciplinar em Ciências Humanas e Antropologia Social, pelos incentivos à reflexão.

Aos professores da Banca de Qualificação Dra. Letícia Nedel e Dr. Paulo Garcez Marins, e da Banca de Defesa de Tese Dra. Janice Gonçalves, Dra. Maria de Fátima Piazza, Dra. Eunice Nodari, Dr. Paulo Garcez Marins, Dr. Rafael Devos, Dr. Émerson Campos, Dr. João Klug pelas contribuições ao trabalho.

Ao Euclides Sandoval, pela revisão textual e pelo carinho.

Aos meus pais, avós, irmãs e toda a família, pelo apoio e amor incondicional.

À Maria Alice, pelos momentos compartilhados.

Mas o que fazem o historiador e o antropólogo?

Eles procuram imergir, mergulhar e entender, no fluxo composto de "rascunhos" das mais diversas proveniências, os meandros e as significações da história e da cultura humana.

Talvez eles não se dessem suficientemente conta, ao fazer este trabalho de varredura constante e de escavação, do fato de que, ambos, atuam, geralmente, como colecionadores de fotografias à procura de índices, de signos e de sentidos.

Melhor dizer: não se dão conta que eles são os próprios fotógrafos de uma cultura e de uma história que, solidários, se propõem construir. O historiador é, sempre, um fotógrafo que se ignora. O antropólogo, também.

(Etienne Samain, 2003)

RESUMO

O presente trabalho pesquisou o acervo de fotografias produzidas entre 1951 e 1970 por Armínio Kaiser – engenheiro agrônomo que trabalhou durante trinta e seis anos no Instituto Brasileiro do Café – e as narrativas presentes nos relatos autobiográficos manuscritos e entrevistas de História Oral realizados entre 2006 e 2013. Na tese, as experiências e a trajetória de Armínio Kaiser inter-relacionam-se com as histórias da cafeicultura no século XX e da região Norte do Paraná. No trabalho, pontuo e analiso o processo de patrimonialização e difusão do arquivo de fotografias de Armínio Kaiser por meio de projetos culturais e pesquisas acadêmicas nos quais estive envolvida. A pesquisa também traça uma perspectiva panorâmica sobre o conjunto do acervo visual, debatendo como o olhar fotográfico de Armínio Kaiser expressa suas percepções do ambiente na composição de paisagens e retratos de trabalhadores da agricultura e da população das regiões abrangidas pelo seu trabalho. Além de agrônomo, Armínio Kaiser foi um fotógrafo amador altamente especializado cuja produção recebeu influência da estética modernista e acompanhou movimentos e circuitos de visualidade de sua época. De acordo com o conjunto de fontes e objetos da pesquisa pode-se concluir que a visão de mundo de Armínio Kaiser demonstra um olhar engajado e preocupado com as questões ambientais, sociais e humanistas que envolvem a cafeicultura e o panorama agrícola no século XX.

Palavras-chave: História do café, cafeicultura, fotografia, História Ambiental, História Oral, arquivos pessoais.

ABSTRACT

The present work investigated the collection of photographs produced between 1951 and 1970 by Armínio Kaiser – an agronomist who worked for thirty-six years at the Brazilian Coffee Institute – and the narratives present in autobiographical manuscripts and Oral History interviews conducted between 2006 and 2013. In the thesis, the experiences and the trajectory of Armínio Kaiser interrelate with the stories of the coffee culture in the 20th century and of the North region of Paraná State of Brazil. In the work, I punctuate and analyze the process of patrimonialization and diffusion of the archive of Armínio Kaiser's photographs through cultural projects and academic researches in which I was involved. The research also traces a panoramic perspective on the whole of the visual collection, discussing how the photographic view of Armínio Kaiser expresses his perceptions of the environment in the composition of landscapes and portraits of agricultural workers and the population of the regions covered by his work. In addition to being an agronomist, Arminio Kaiser was a highly specialized amateur photographer whose production was influenced by modernist aesthetics and followed movements and visual circuits of his time. According to the set of sources and objects of the research, we can conclude that the world view of Armínio Kaiser demonstrates an engaged and preoccupied look at the environmental, social and humanistic issues that surround coffee and the agricultural panorama in the 20th century.

Key-words: coffee history, coffee agriculture , photography , Environmental History , Oral History, personal archives

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Retrato de Armínio Kaiser 33
- Figura 2 - Fazenda Palmeiras, Ipaussu, SP, Julho 1954. Foto: Armínio Kaiser 62
- Figura 3 - Fazenda Palmeiras, Ipaussu, SP, Julho 1954. Foto: Armínio Kaiser 63
- Figura 4 - Fazenda São Pedro do Paraíso, Itatinga, SP, 20/06/1955. Foto: Armínio Kaiser 65
- Figura 5 - Usina de Beneficiamento de Café Fernando Simões Barros e Cia Ltda, Feira de Santana, BA, 13/12/1956. Foto: Armínio Kaiser 66
- Figura 6 - Fazenda Periquitos, Araraquara, SP, 10/11/1956. Foto: Armínio Kaiser 72
- Figura 7 – Fazenda Periquitos, Araraquara, SP, 10/11/1956. Foto: Armínio Kaiser 72
- Figura 8 – Envelope da Fazenda Palmeiras. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Ipaussu, SP, Julho 1954. Foto: Armínio Kaiser 77
- Figura 9 – Fazenda Palmeiras. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Ipaussu, SP, Julho 1954. Foto: Armínio Kaiser 77
- Figura 10 – Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Fazenda Palmeiras. Ipaussu, Julho de 1954. Foto: Armínio Kaiser 79
- Figura 11 – Fazenda Santa Rosa. Município de Nova Londrina, 24/10/1958. Foto: Armínio Kaiser 79
- Figura 12 - Fazenda do Campo de Aviação, Maringá, PR, 10/05/1957. Foto: Armínio Kaiser 87

Figura 13 - Paranaíba, PR, 24/09/1957. Foto: Armínio Kaiser	88
Figura 14 - Paranaíba, PR, 27/10/1957. Foto: Armínio Kaiser	89
Figura 15 - Armínio Kaiser. Autorretrato	90
Figura 16 - Paranaíba, Paraná, 28/06/1959. Foto: Armínio Kaiser	92
Figura 17 – Mandaguaçu, Paraná, Dezembro 1958. Foto: Armínio Kaiser	93
Figura 18 - Fazenda Terra Boa. Arredores de Londrina, Paraná, 18/09/1957. Foto: Armínio Kaiser	95
Figura 19 – Rolândia, PR, 30/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	103
Figura 20 - Armazém do Instituto Brasileiro do Café. Iporã, Paraná, 17/2/1967. Foto: Armínio Kaiser	106
Figura 21 - Cambé, PR, 25/11/1967. Foto: Armínio Kaiser	108
Figura 22 - Sítio Londrina, Londrina, PR, 22/11/1967. Foto: Armínio Kaiser	111
Figura 23 - Paraná, Dezembro 1966. Foto: Armínio Kaiser	111
Figura 24 - Londrina, PR, 30/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	114
Figura 25 - Local: O “21” da estrada Vila Vitória, Município de Sabáudia, 03/09/1963. Foto: Armínio Kaiser	117
Figura 26 - Lobato, PR, 05/09/1963. Foto: Armínio Kaiser	120
Figura 27 - Sabáudia, PR, 07/09/1963. Foto: Armínio Kaiser	121

Figura 28 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Foto: Armínio Kaiser	122
Figura 29 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Foto: Armínio Kaiser	123
Figura 30 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Foto: Armínio Kaiser	123
Figura 31 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser	125
Figura 32 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser	126
Figura 33 - Londrina, PR, 25/04/2007. Foto: Edson Vieira	136
Figura 34 – Fazenda Santa Helena, dos irmãos Godoy. Londrina, PR, 23/02/1967. Foto: Armínio Kaiser	141
Figura 35 – Apucarana a Pirapó, Foto: Armínio Kaiser	142
Figura 36 - Miraselva a Jaguapitã, PR, 23/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	143
Figura 37 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser	144
Figura 38 – Arapongas, PR. Foto: Armínio Kaiser	145
Figura 39 - Maringá, PR, 1957. Foto: Armínio Kaiser	146
Figura 40 – São Pedro do Ivaí, PR, 28/04/1967. Foto: Armínio Kaiser	147
Figura 41 – Paranacity, PR, 06/08/1959. Foto: Armínio Kaiser	148
Figura 42 - Nova Londrina, PR, 28/09/1958. Fazenda Santa Rosa. Foto: Armínio Kaiser	149

Figura 43 – Nova Londrina, PR, 28/09/1958. Fazenda Santa Rosa. Foto: Armínio Kaiser	150
Figura 44 – Maringá, PR, 1957 Foto: Armínio Kaiser	151
Figura 45 – <i>Bairro dos França (Entre Mauá e Barreiro) Estrada do Café</i> , PR, 15/05/1969. Foto: Armínio Kaiser	152
Figura 46 – <i>Bairro dos França (Entre Mauá e Barreiro) Estrada do Café</i> , PR, 15/05/1969. Foto: Armínio Kaiser	152
Figura 47 – Santa Fé, PR, 13/12/1967. Foto: Armínio Kaiser	153
Figura 48 - Saída de Arapongas para Sabáudia, PR, 06/06/1969. Foto: Armínio Kaiser	153
Figura 49 – Alto Alegre, PR, 13/12/1967. Foto: Armínio Kaiser	154
Figura 50 – Alto Alegre, PR, 13/12/1967. Foto: Armínio Kaiser	154
Figura 51 - Astorga, PR, 25/09/1969. Foto: Armínio Kaiser	155
Figura 52 - Astorga, PR, 25/09/1969. Foto: Armínio Kaiser	156
Figura 53 - Envelopes de guarda dos negativos originais, acondicionados em latas antigas de biscoitos Aymoré. Foto: Daniel Choma	158
Figura 54 – <i>Arredores de Londrina, 24/11/1967</i> . Foto: Armínio Kaiser	162
Figura 55 – Envelope de guarda do negativo original	162
Figura 56 - Londrina, PR, 02/03/2009. Registro em vídeo/fita mini DV. Câmera: Daniel Choma	164

Figura 57 - Arapongas, PR, 29/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	166
Figura 58 - Londrina, PR, 30/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	167
Figura 59 - Entre Cambé e Londrina, PR, 27/02/1967. Foto: Armínio Kaiser	168
Figura 60 - Londrina, Paraná, 17/02/1967. Foto: Armínio Kaiser	169
Figura 61 - Londrina, PR, 19/07/2010. Foto: Daniel Choma	173
Figura 62 – Londrina, PR, 26/02/2012. Foto: Edson Vieira	176
Figura 63 - Página interna de monografia sobre o cultivo do café redigida por Armínio Kaiser, provavelmente entre 1955 e 1957. Foto: Armínio Kaiser	185
Figura 64 - Página inicial de monografia sobre o preparo do café produzida por Armínio Kaiser provavelmente na década de 1960	186
Figura 65 - Página inicial de monografia sobre o preparo do café produzida por Armínio Kaiser provavelmente na década de 1960	187
Figura 66 – Fazenda São Pedro do Paraizo. Itatinga-SP, 20/06/1955. Foto: Armínio Kaiser	190
Figura 67 - Erosão entre Alto Paraná e Nova Esperança, PR. Outubro de 1957. Foto: Armínio Kaiser	193
Figura 68 - Erosão entre Alto Paraná e Nova Esperança, PR. Setembro de 1958. Foto: Armínio Kaiser	193
Figura 69 - Erosão entre Alto Paraná e Nova Esperança, PR. Dezembro de 1958. Foto: Armínio Kaiser	193

Figura 70 - Erosão entre Alto Paraná e Nova Esperança, PR. Outubro de 1959. Foto: Armínio Kaiser	193
Figura 71 – Tela da área de trabalho do software Adobe Bridge	209
Figura 72 – Tela da área de trabalho do software Adobe Bridge	210
Figura 73 - Diamante do Norte, PR, 11/11/1957. Fazenda Regina. Foto: Armínio Kaiser	342
Figura 74 - Rio de Janeiro, Paquetá, 1959, Foto: Armínio Kaiser	343
Figura 75 - Ipaussu, SP, . Julho de 1954. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Fazenda Palmeiras Foto: Armínio Kaiser	344
Figura 76 - Itupava Seca (bairro de Blumenau), SC, Escola Agrícola Prática, 18/01/1954. Foto: Armínio Kaiser	345
Figura 77 - Santa Inês, Sudoeste da Bahia, 14/09/1954. Fazenda Salgado. Foto: Armínio Kaiser	346
Figura 78 - Santo Antônio do Amparo, MG, 12/11/1955. Fazenda da Lagoa. Foto: Armínio Kaiser	347
Figura 79 - <i>Estrada dos Ingleses</i> . Entre Nova Esperança e Cruzeiro do Sul. PR, 30/09/1958. Foto: Armínio Kaiser	355
Figura 80 – Fazenda Santa Alícia. Alto Paraná, PR, 27/07/1959. Foto: Armínio Kaiser	356
Figura 81 – 17/10/1963 (PR, Incêndio). Foto: Armínio Kaiser	357
Figura 82 – Ponte particular sobre o rio Pirapó ligando Colorado a Paranacity, Paraná, 14/07/1964. Foto: Armínio Kaiser	358

Figura 83 - Divisa entre os municípios de Astorga e Munhoz de Melo, PR. 06/09/1963. Foto: Armínio Kaiser	362
Figura 84 – Envelope de guarda do negativo original	365
Figura 85 - Divisa entre os municípios de Astorga e Munhoz de Melo, PR. 06/09/1963. Foto: Armínio Kaiser	366
Figura 86 - Praia de Tambaú, Paraíba, 1949 [local e data prováveis]. Foto: Armínio Kaiser.....	375
Figura 87 - São Paulo-SP, Parque do Ibirapuera. Sem Data. Foto: Armínio Kaiser	376
Figura 88 - Astorga - Santa Zélia, PR, 23/06/1967. Foto: Armínio Kaiser	378
Figura 89 -Londrina, PR, Paiquerê. Fazenda Imbaúva, 05/02/1967. Foto: Armínio Kaiser	378
Figura 90 - Rancho Alegre, PR, 10/05/1967. Foto: Armínio Kaiser	379
Figura 91 – Arredores de Londrina, PR, 27/11/1967. Sítio Santo Antonio Foto: Armínio Kaiser	379
Figura 92 – São Pedro do Ivaí, PR, 28/04/1967. Foto: Armínio Kaiser	381
Figura 93 – Envelope de guarda do negativo original	383
Figura 94 - Detalhe da tulha secadeira “Toledo Pizza”. Fazenda Lageado, Botucatu, SP, 16/06/1955. Foto: Armínio Kaiser	386
Figura 95 - Fazenda Experimental de Pindorama, SP, julho de 1954. Foto: Armínio Kaiser	386
Figura 96 - Fazenda “Canadá”, da Cia Agrícola Industrial Comercial do Paranagi. Nova Fátima, PR. 26/05/1964. Foto: Armínio Kaiser	388

Figura 97 - Estação Experimental de Monte Alegre do Sul. Maio de 1964. Foto: Armínio Kaiser 388

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localidades fotografadas por Armínio Kaiser no Estado de São Paulo	68
Mapa 2 – Cronologia de expansão da cafeicultura.....	68
Mapa 3 – Localidades fotografadas por Armínio Kaiser no Brasil.....	69
Mapa 4 – Região de atuação de Armínio Kaiser na primeira fase de trabalho no Paraná.....	91
Mapa 5 – Localidades fotografadas por Armínio Kaiser no Estado do Paraná.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção fotográfica por Estado..... 70

Gráfico 1 – Produção fotográfica por Estado 341

Gráfico 2 – Número de fotos por ano..... 374

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de originais apresentados por Armínio Kaiser nas ações de salvaguarda do projeto Revelações da História..... 139

Tabela 2 – Quantidade de originais apresentados por Armínio Kaiser nas ações de salvaguarda do projeto Grãos em movimento..... 175

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GERCA – Grupo Executivo da Racionalização da Cafeicultura

IBC – Instituto Brasileiro do Café

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SERAC – Serviço Regional de Assistência à Cafeicultura

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO.....	33
1.1.	A FOTOGRAFIA NA ESCRITA DA HISTÓRIA	37
1.2.	HISTÓRIA ORAL E ESCRITA DA HISTÓRIA	40
1.3.	ARQUIVOS PESSOAIS E ESCRITA DA HISTÓRIA	44
1.4.	ABORDAGEM TÉCNICA DO ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS... ..	46
1.5.	O BIOGRÁFICO NA ESCRITA DA HISTÓRIA	47
2.	CAMINHOS DO DESASSOSSEGO: IMAGENS NO ESPAÇO-TEMPO	53
2.1.	BISCOITO FINO EM LATAS AYMORÉ	69
2.2.	DOIS HORIZONTES	78
2.3.	ENTRE RIOS E BARRANCAS	89
2.4.	AMPLIAÇÃO DE HORIZONTES	99
2.5.	PAISAGEM HUMANA	108
3.	DAS ANTIGAS LATAS DE BISCOITO AYMORÉ PARA O MUNDO	129
3.1.	PRIMEIROS CONTATOS	136
3.2.	DE CONTATOS À PRIMEIRA IMPRESSÃO	163
3.3.	OUTROS CONTATOS	173
3.4.	OUTRAS IMPRESSÕES	184
3.5.	BIOGRAFIA DO POR VIR	200
4.	FOTOGRAFIAS, MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES DO AMBIENTE	205
4.1.	CAMINHOS (RE)MONTADOS	208

4.2.	PAISAGENS REPRESENTADAS	339
4.3.	ESPAÇOS PRATICADOS	354
4.4.	IMAGENS NO TEMPO	373
4.5.	PERCEPÇÕES	384
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	393
	REFERÊNCIAS	403
	APÊNDICE A – Quadro de localidades, datas e fazendas fotografadas por Kaiser	411

APRESENTAÇÃO

Figura 1 - Retrato de Armínio Kaiser.
Final dos anos 1940. Autor desconhecido.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser

Em um primeiro tempo, a Fotografia, para surpreender, fotografa o notável; mas logo, por uma inversão conhecida, ela decreta notável aquilo que ela fotografa.

(ROLAND BARTHES, 1984, p.57)

Neste trabalho tomo como referência a ideia das fotografias como fonte para a escrita da História e objeto de pesquisa. Para tal fim recorro ao arquivo pessoal de Armínio Kaiser por onde visualizo temas e problemas relacionados às questões ambientais e humanas decorrentes da cafeicultura.

O objetivo central do trabalho é discutir sobre o acervo de fotografias de Armínio Kaiser relacionado com as informações históricas de que tal arquivo é portador. A ênfase é dada aos modos como tais fotografias expressam percepções do ambiente das pessoas e compõem uma memória da agricultura e da cafeicultura.

Armínio Kaiser nasceu em Salvador, Bahia, em 02 de novembro de 1925 e faleceu em Londrina, Paraná em 2014. Engenheiro agrônomo por formação, graduado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - ESALQ/USP em 1949, atuou profissionalmente como técnico do Instituto Brasileiro do Café entre 1953 e 1989, tendo trabalhado em campo, assessorando trabalhadores de fazendas de café até 1970. Passou então para o laboratório nas pesquisas para melhoria genética de cafeeiros. Além disso, atuou como fotógrafo amador altamente especializado e participou da fundação do Foto Clube de Londrina em 1971.

Em sua trajetória, Armínio Kaiser compôs um vasto acervo de fotografias que retratam a cafeicultura e temáticas associadas à vida no campo, período entre 1953 e 1970, e fotos de grande expressividade artística registradas desde o final da década de 1940, o que soma um conjunto total de 2326 imagens. Para cada fotografia tirada, impressiona a dedicação do fotógrafo em descrever, na maioria dos envelopes onde arquivou cada negativo, anotações sobre cada imagem. Em geral trata-se de informações de ordem técnica acionadas em cada clique: data, local, filtros e filmes utilizados. Estão presentes na própria materialidade dos envelopes de guarda, pistas para descobrir caminhos do arquivo, a partir do qual pude acessar certa lógica temporal na sua produção fotográfica. Além de referenciados no tempo, os registros puderam se situar no espaço (alguns mais precisamente, outros menos). Tais registros, acompanhados por relatos de história oral coletados em sete entrevistas com o fotógrafo, além de manuscritos autobiográficos e correspondências compõem as fontes principais de investigação do presente trabalho.

O período estudado está entre 1951 e 2013. Datas entre as que se tem certeza da produção de fotografias do acervo em questão e os

registros de história oral³. Discuto nesse recorte uma territorialidade que abrange mais fortemente Paraná e São Paulo, além de Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Busca-se compreender a visão da cultura do café através do olhar de um técnico do Instituto Brasileiro do Café que atuou profissionalmente como agrônomo nesta instituição por mais de trinta anos. Ao mesmo tempo, ele foi um fotógrafo amador altamente especializado que registrou variados aspectos do próprio cotidiano. Considero-o um fotógrafo amador devido ao caráter de sua produção não estar vinculado a retornos financeiros pela sua produção fotográfica. A remuneração por fotografias e serviços fotográficos seria o que caracterizaria um fotógrafo profissional. O fato de ser um fotógrafo amador, no entanto, não compromete a qualidade de sua produção fotográfica, caracterizada por imagens que denotam o caráter de um fotógrafo altamente especializado. Além disso, a categoria de amador define também a relação com o amor pela fotografia, um amador é também um amante, aquele que ama o que faz e por isso se dedica ao ofício.

Como justificativa do trabalho procuro contribuir com a discussão relativa aos danos ambientais provocados pela cultura cafeeira, especialmente no Paraná. Ofereço aos pesquisadores e interessados a oportunidade de conhecer as fotografias de Armínio Kaiser como fonte para o debate de temas diversos tais como: as técnicas de cultivo do café, a situação social relativa aos trabalhadores da cafeicultura, os problemas ambientais, a produção de fotos em circuitos amadores, o panorama da produção fotográfica e agrícola na segunda metade do século XX, dentre outros aspectos. A importância de veiculação e disseminação desse acervo está também relacionada à própria atividade do fotógrafo quando vivo e seus familiares. Para o fotógrafo, o fato de passar a figurar na cena da fotografia local gerou um movimento socialmente importante, especialmente se pensarmos nos sentidos do pertencimento cultural, na identidade e nos processos intergeracionais de circuito das pessoas idosas na sociedade. Chamado a dar entrevistas, receber pesquisadores, viajar para museus do café, participar de exposições fotográficas. A importância desse trabalho encontra-se também no favorecimento ao acesso de

³ Há que se mencionar, contudo, que existem fotografias descritas por Armínio Kaiser como “provavelmente” 1946 e 1947, porém, como estas fotografias foram nomeadas com esta data aproximada durante as ações de salvaguarda e catalogação de seu acervo, no tempo presente, não considere o ano de 1947 como certeza para o recorte cronológico.

pesquisadores que têm procurado as fotografias de Armínio Kaiser para inclusão nas mais diferentes pesquisas de temáticas afins.

O contato com esse arquivo de fotografias foi propiciado pela minha relação com Armínio Kaiser iniciada na realização de um projeto cultural de salvaguarda de seus originais fotográficos iniciado em 2006. Desde então, atuei diretamente nas atividades de higienização dos negativos originais, digitalização dos negativos, produção de contatos em papel fotográfico e catalogação do material. Posteriormente, com o desenvolvimento de minha tese, a partir de 2013 realizei a digitalização dos envelopes originais contendo informações manuscritas sobre a produção de cada imagem e a ordenação cronológica e geográfica de todo o acervo – cujo detalhamento das atividades é aprofundado no segundo e terceiro capítulos da tese.

O trabalho seguiu os objetivos de discutir fotografias e arquivos pessoais como fonte e objeto para a História; abordar a realidade vivida por Armínio Kaiser a partir do que realizou e buscar compreender o universo da produção cafeeira a partir dessas imagens. Compor uma biografia histórica de Armínio Kaiser no âmbito de sua atuação como agrônomo e como fotógrafo, considerando as dimensões de sua experiência profissional e formação intelectual. A fim de situar o horizonte de experiência do fotógrafo-agrônomo, problematiza-se a cafeicultura e práticas agrícolas, relacionadas à região sudoeste paulista e norte paranaense.

Na perspectiva histórico-biográfica, discute-se a História da fotografia no panorama da produção de Armínio Kaiser e de suas práticas na guarda da coleção, propondo caminhos para uma escrita da história com imagens, construindo-se narrativas visuais. Para isso busquei desenvolver reflexões metodológicas sobre a pesquisa com fontes de memória, com enfoque nas interações entre natureza e cultura que se expressam em diversas fontes: fotografias, entrevistas e manuscritos autobiográficos.

O trabalho visou, ainda, refletir sobre o uso de fotografias como fonte e técnica de pesquisa em história ambiental, com potencial para expressar conteúdos sobre as relações ser humano-meio ambiente e como recurso ativador de lembranças, pensamentos e narrativas. Dialoga-se com problemáticas da história do tempo presente, considerando a realização de entrevistas e o acionamento de arquivos pessoais enquanto eventos de rememoração e construção narrativa, em que se colocam questões de alteridade no encontro entre pesquisadora e entrevistado.

A metodologia de trabalho para elaboração da presente tese abrangeu visualizar as fontes de pesquisa. Considerando que todas as

imagens originais já estavam digitalizadas, o trabalho complementou a organização do arquivo através da digitalização dos envelopes de guarda dos negativos originais e ordenação das fotografias em arranjos cronológicos. Além do trabalho com as imagens foi feita a transcrição das sete entrevistas de história oral coletadas com Armínio Kaiser entre 2006 e 2013. Foram digitados manuscritos e correspondências redigidos por Armínio Kaiser no mesmo período. Durante esse trabalho, a elaboração da tese passou por problematizar as fontes, interpretando-as historicamente.

Para o desenvolvimento de tais atividades na escrita da tese, fez-se necessário recorrer ao aporte teórico-metodológico das áreas correlatas que dialogam para a constituição do trabalho, assim ordenadas de acordo com as fontes: a relação entre fotografia, memória e história; a prática de História Oral; os arquivos pessoais como fontes e objetos da pesquisa; autobiografias e o biográfico na escrita da História.



A FOTOGRAFIA NA ESCRITA DA HISTÓRIA

No presente trabalho, além de fontes, as fotografias são trabalhadas como objeto de pesquisa. O uso das imagens no trabalho vai além de meramente ilustrar temas da discussão, o trabalho envolve as diversas nuances da esfera de produção e de circulação das fotografias de Armínio Kaiser. A realidade retratada por Kaiser em fotografias é problematizada e interpretada em diálogo com as teorias da história e a metodologia de História Oral. Levo em conta as motivações do fotógrafo, sejam aquelas que o provocaram no momento do clique, sejam as que o levam a olhar e selecionar as imagens para um processo de circulação das mesmas em publicações e exposições. A fotografia, como objeto da visualidade, é considerada nas suas instâncias de circulação social. Assim, além de abranger um estudo das imagens em si, interpretamos o circuito de visualidade que as envolve.

Para refletir sobre fotografia faz-se necessário compreender a natureza desse tipo de imagem, que é produzida pelo fotógrafo num misto entre as instâncias estéticas da composição e as técnicas que envolvem todo o aparato da câmera e dos filmes fotográficos. Existe, na constituição da imagem fotográfica, a íntima relação entre a fotografia e o passado.

Para Roland Barthes, o *noema* da fotografia é *Isso foi*: “Na fotografia jamais posso negar que *a coisa esteve lá*. Há dupla posição conjunta: de realidade e de passado” (BARTHES, 1984, p. 115). A partir da relação com o passado instaura-se a dimensão da memória que uma fotografia representa. Ana Maria Mauad fala da “dimensão temporal que fornece à fotografia a possibilidade de ser um trabalho de memória. Ao fixar a imagem da experiência humana de diferentes maneiras, as fotografias se tornam o substrato material das memórias contemporâneas” (MAUAD, 2008, p. 39).

Segundo Roland Barthes, a fotografia é objeto de três práticas: a do *Operator*, o fotógrafo, agente que registra a foto; a do *Spectrum*, o objeto fotografado; a do *Spectator*, pessoa que vê a fotografia. Além dessas três práticas, existem outros dois aspectos no que diz respeito aos elementos constituintes da imagem fotográfica, relacionados ao ato de olhar uma fotografia, seja no momento de sua composição, seja quando apreciada. Pode-se olhar uma fotografia pelo campo do *Studium* (estudo de elementos culturais e conceituais expressos na imagem); ou pelo *Punctum* da imagem, aquele elemento que fere, toca, que escapa do intelecto, ficando mais próximo do universo sensível do afeto. Em toda imagem fotográfica, contudo, está presente a atuação do fotógrafo. Como situa Mauad: “O fotógrafo atua como mediador cultural ao traduzir em imagens técnicas sua experiência subjetiva frente ao mundo social” (MAUAD, 2008, p.37).

Nesta tese, para o trabalho e a seleção das fotografias, foram fundamentalmente importantes os pontos de vista de dois *Spectators*. Um deles é o próprio *Operator*, Armínio Kaiser, distanciado no tempo e no espaço entre a produção e o olhar para as imagens de seu arquivo pessoal. Ao transformar-se de *Operator* em *Spectator*, o olhar do agrônomo-fotógrafo combina uma dimensão de memória ao ato de ver e o de narrar sobre as fotos. O outro *Spectator* é minha própria prática de ver e selecionar as imagens para o presente trabalho. Diante do conjunto de mais de duas mil fotografias, a seletividade das imagens a destacar foi, muitas vezes, guiada pelo *Punctum*, ou seja, no despertar de aspectos sensíveis. Outro aspecto também de seletividade foram as anotações manuscritas pelo fotógrafo nos envelopes de guarda das imagens. Ainda norteou a escolha das fotos considerar também as falas do fotógrafo sobre determinadas imagens.

Este trabalho, para além dos aspectos temáticos que o situam na História Ambiental, também e principalmente está situado dentro da História da Fotografia no Brasil, como pontua Boris Kossoy:

Finalmente, a história da fotografia é muitas vezes confundida com a história da técnica fotográfica, outras vezes com a história dos fotógrafos, quando, na realidade, ela abarca em seu objeto de investigação essas e outras histórias. A história da fotografia é, também, a história de suas aplicações, de seus usos, porém é necessário compreender em profundidade a ideologia dessas aplicações. A história desse meio não se pode limitar à história do suporte de informação e desconhecer as condições de produção da imagem – isto é, o *processo de construção da representação* no contexto em que foi gerada. Ademais, não pode desconhecer, ou conhecer apenas superficialmente a *história própria do tema* que deu origem à representação (KOSSOY, 2001, p.146-147).

A proposta de Boris Kossoy para a ampliação do conceito de História da Fotografia se aproxima das preocupações de Ulpiano Meneses (2003) quando este propõe caminhos para uma História Visual no sentido de estudo para a análise da dimensão visual da sociedade. No caso do arquivo de Armínio Kaiser, a problemática histórica que se coloca, para além dos documentos visuais em si, é a expressão visual do meio ambiente modificado pelas práticas agrícolas, em especial a cafeicultura. Tanto na proposta de Kossoy quanto na de Meneses está presente a importância de se analisar de forma mais completa o ciclo de produção, circulação e consumo das imagens, traçando sua biografia.

Parte da produção fotográfica de Armínio Kaiser pode ser aproximada da temática da fotografia de documentação social. Ana Maria Mauad (2008) identifica um gênero de fotografia denominado “documentação social”. Tem como precursores nos Estados Unidos Jacob Riis (1849-1914) e Lewis Hine (1874-1940). Mauad menciona a existência de uma geração de fotógrafos, a partir de 1930, que realiza as chamadas *concerned photographs*:

Eles aspiravam exprimir, por intermédio da imagem, seus próprios sentimentos e as ideias da época. Rejeitavam a montagem e valorizavam o flagrante e o efeito de realidade (...) Em geral, os participantes desta geração eram adeptos da Leica, câmera fotográfica de pequeno porte que prescindia de flash (MAUAD, 2008, p.37).

A discussão da autora gira em torno da ideia de engajamento social na prática fotográfica que se inaugura com a geração de 1930. Porém se mantém até o contemporâneo (como é o caso do trabalho de Sebastião Salgado, objeto da análise de Mauad) e essa noção aproxima-se da experiência de expressão de Armínio Kaiser.

Cabe falar, afinal, sobre a escolha das fotos utilizadas como parte narrativa do texto. A fotografia surge como linguagem narrativa, na maioria das vezes em grandes formatos dentro do texto. A intenção é que o leitor possa mergulhar nas imagens. Aproveitando-se a comunicação imagética como expressão de dados na pesquisa. Há momentos, também, em que as imagens são apresentadas com arranjos visuais na forma de dípticos ou de pranchas fotográficas. Ou ainda, há instâncias em que as fotos são combinadas com trechos de fala do fotógrafo quando este narrou a partir da visualização de determinadas imagens. A proposta se refere à relação entre imagens e pensamento, debatida por vários autores no livro organizado por Etienne Samain (2012) “Como pensam as imagens”. A proposta de Samain é que ao associar imagens elas dialogam, fazem parte de um sistema de pensamentos. Para esse autor, quando várias imagens são colocadas em sequência ou arranjo, elas dialogam entre si, e o olhar para as imagens é um olhar que as coloca em interação. Quanto às legendas das fotografias, cabe mencionar que foram escritas a partir da reprodução das anotações do fotógrafo no envelope onde guardava o negativo e o copião de cada imagem.



HISTÓRIA ORAL E ESCRITA DA HISTÓRIA

Para pensar a dimensão da memória e da História Oral no presente trabalho, é produtivo o diálogo com as reflexões sobre a temática, levantadas no livro “Usos & Abusos da História Oral” (2006). Na apresentação, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, organizadoras da obra, pontuam a importância de se buscar caminhos de interpretação das fontes com base na situação dialógica da produção dos relatos em entrevistas. Assim como a perspectiva de história do tempo presente está intrínseca ao trabalho com história oral, outro aspecto nos relatos é a dimensão da memória. As autoras apontam ainda para mais uma característica da História Oral que é o fato dela ser praticada em

meios não-acadêmicos. Uma pluralidade de instâncias de produção corroboram um produtivo diálogo teórico, e, por fim, situam a dimensão narrativa de todo registro de História Oral.

Para elaboração desta tese recorri aos registros em áudio e vídeo de sete entrevistas realizadas por mim, ao lado de Edson Vieira e Daniel Choma, junto ao fotógrafo e agrônomo Armínio Kaiser. Tais registros ocorreram em sua residência de Londrina, ao longo dos anos de trabalho com seu arquivo pessoal. A primeira entrevista data de 2007 e a última é de 2013. Das sete entrevistas analisadas, somente uma foi realizada como parte da pesquisa de doutorado. As demais tiveram outros contextos. Quatro aconteceram no âmbito da produção cultural de salvaguarda e difusão de seu acervo fotográfico. Duas foram feitas na produção de documentários, tendo Armínio Kaiser como personagem. Mas essa condição nas diversas dinâmicas de produção das entrevistas, contudo, não compromete o acesso à informação. Ao contrário, demonstra ser produtivo o diálogo da pesquisa com fontes orais nas diferenciadas instâncias de produção. Cabe ressaltar que uma entrevista complementar seria realizada no ano de 2014, porém foi impossibilitada pelo falecimento do fotógrafo.

De qualquer modo, existe um elemento comum que perpassa todas as entrevistas, independente do fator que as motivou: a dimensão da memória. Nas diversas instâncias podemos ver e ouvir as lembranças que Armínio Kaiser tece a partir do olhar para as fotografias. Nelas se evidenciam o pensar e narrar sobre o passado registrado naquelas imagens e sua relação com o tempo presente da narrativa.

O trabalho seguiu duas etapas principais, sendo que a primeira contou com a audição das entrevistas em áudio e assistência das gravações em vídeo. Houve marcação de minutagem e diagnóstico das temáticas e falas relevantes ao projeto de pesquisa, acompanhadas pela análise da gestualidade e entonações da oralidade. A segunda etapa foi a transcrição das entrevistas e revisão textual das transcrições⁴, acompanhada pela leitura para destacar os trechos importantes para citação na pesquisa.

É um desafio para a História Oral com fotografias (e penso que isso vale para imagens de maneira geral); trabalhar com os registros exclusivamente sonoros quando se está a falar sobre imagens, uma vez que o processo de intertextualidade, ou o trabalho “verbo-visual” – como

⁴ Cabe ressaltar que quatro das entrevistas já haviam sido transcritas por ocasião da elaboração da dissertação de Daniel Choma e, sobre elas, foi feita somente a revisão textual.

propõe Fabiana Bruno (2012) –, acontece a todo momento. Dentre as entrevistas trabalhadas como fontes, temos registros em vídeo e em áudio. Em uma das ocasiões (fevereiro de 2012), trabalhávamos com Armínio Kaiser a partir de um arquivo PDF que continha todas as fotografias em questão. A numeração das páginas serviu de referência para ir situando as falas no registro sonoro, já que na ocasião não dispúnhamos de câmera de vídeo.

Para o trabalho com as entrevistas gravadas em vídeo, por outro lado, uma ótima estratégia de “leitura” está em recorrer à minutagem (anotação de temas de acordo com o tempo de gravação) como recurso complementar à transcrição. Isso porque certas falas só têm sentido se forem vistas. Tais falas não nos chegam por palavras “transcrevíveis”, e sim por gestualidades. Por meio do audiovisual, as sutilezas biográficas que permitem captar as sensibilidades do entrevistado são muito mais perceptíveis e capazes de se tornar acessíveis para outras pessoas não envolvidas na entrevista. As ironias, por exemplo, podem chegar até a ter seu sentido completamente invertido se lidas apenas em sua modalidade transcrita.

Pelos fatores mencionados transcrever está muito além de um ato meramente automático. Por vezes é uma criação literária. Afinal, tornar um texto performatizado (falado, gestualizado) em texto legível necessita acrescentar pontuações e sinais de expressividade que são recursos criativos da linguagem textual. José Saramago em muito incomodou seus leitores, – e ao mesmo tempo provocou reflexão –, ao escrever sem pontuação. Quando questionado a respeito gostava de dizer: não falamos com pontos de exclamação ou travessões!

Assim é que Durval Muniz Albuquerque Jr. (2007), por exemplo, chegou a falar em “(im)possibilidade da história oral”. O autor discute que a História escrita a partir de testemunhos, de oralidade coletada vem desde a Grécia antiga. Mas a oralidade sempre esteve submetida à escrita. Para ele, mesmo a partir dos anos 1970, quando mais massivamente os historiadores vão recorrer ao gravador para produzir documentos, a produção do conhecimento histórico passa por fazer do texto oral o escrito, e, na transcrição, coloca o autor, falta espaço para a emoção, quando a gestualidade vai merecer, no máximo, observações entre parênteses. E daí a importância do historiador utilizar o caderno de campo para anotar aquilo que vem do campo das emoções, as informações não-verbais, e para depois poder utilizar na escrita do texto. Na mesma linha de preocupação, Ecléa Bosi (1994) falou das cadências da fala, e mesmo Hermeto Pascoal chegou a compor as músicas da aura, musicalizando e

criando melodicamente a partir da melodia da entonação, do falar das pessoas.

A estratégia metodológica adotada para trabalhar com as entrevistas registradas em audiovisual compreendeu, portanto, duplo percurso. O primeiro passo dado em relação às fitas e arquivos de vídeo foi assisti-las. A ferramenta de análise para trabalhar com as questões sensíveis do gestual, contexto, situação, interrupções, voz, cadência, olhares, imagens e intertextualidades entre fotos e narrativas foi pautar a minutagem das gravações e os temas sobre os quais o depoente fala, ou imagens presentes. Feito isso, o segundo momento foi retornar à gravação para sua transcrição integral. O passo seguinte à transcrição era uma nova visita à entrevista, diagnosticando conteúdos e elementos importantes para a pesquisa e cabíveis de serem explorados na redação do trabalho.

A utilização dos trechos de entrevista ao longo da escrita da tese ocorreu a partir das perguntas lançadas ao entrevistado, como forma de trazer ao leitor a dinâmica da memória como constituinte do relato. Quanto aos diálogos entre memória e imagem, ou melhor, entre narrativa oral e fotografias, na estruturação do texto da presente tese, utilizei bastante o recurso de oferecer visualmente a dinâmica dessa interação, apresentando em vários momentos os trechos de entrevistas acompanhados pelas fotografias às quais Armínio Kaiser se referia.

Nesse trabalho não discuti tanto a intencionalidade do fotógrafo diante de determinadas fotos, mas busquei perceber as falas da própria imagem. Por isso o trabalho de História Oral com Armínio Kaiser foi elaborado mais no sentido de compreender sua história de vida do que propriamente uma intenção que estivesse por trás de uma ou outra imagem. Busquei pensar as fotos como documentos e monumentos, mas também como resultado de processo artístico, criativo e de subjetividade.

O papel fundamental que a História Oral ocupa em meu trabalho tem a ver com as “conclusões” tiradas dos modos que se combinam para compor as percepções do ambiente que o arquivo apresenta. Tudo isso advém em muito da observação das fotos combinadas com as narrativas do fotógrafo. Cabe citar, por exemplo, a erosão e o incêndio de 1963, temáticas que foram mencionadas em todas as sete entrevistas registradas, e que ocuparam, na redação do trabalho, um espaço de relevância.



ARQUIVOS PESSOAIS E ESCRITA DA HISTÓRIA

Outro aspecto que merece ser destacado na presente tese foi a utilização de um arquivo pessoal como objeto da pesquisa histórica. Faz parte da investigação deste trabalho a própria constituição material das fontes de pesquisa. A construção do arquivo como patrimônio histórico, artístico e cultural abarca em sua dinâmica o debate entre documento/monumento, nos termos que discute Jacques Le Goff:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira (LE GOFF, 1990, p. 472).

O acesso às fotografias de Armínio Kaiser passou por um agrupamento documental cuja sobrevivência poderia ter outros destinos. Não fosse a existência de projetos culturais de salvaguarda que atuaram sobre o conjunto desde 2006. Eram ações focadas no patrimônio cultural, processo do qual participei ativamente. Nesse sentido vale o diálogo com o que pontua Le Goff: “De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1990, p.462).

O arquivo pessoal de Armínio Kaiser aqui é pensado não só como o conjunto de suas fotografias, mas como sendo também constituído pelas notas escritas por ele no envelope de guarda de cada negativo original. Constituem o arquivo ainda, textos manuscritos autobiográficos

produzidos por Armínio Kaiser ao longo das ações sobre seu arquivo. Há também duas monografias sobre o cultivo de café, redigidas por ele na época em que trabalhava para o IBC, atuando em campo. O trabalho com as fontes passou pelas atividades de leitura e fichamento das correspondências e escritas autobiográficas do período entre 2007 e 2012; digitação dos trechos mais relevantes para a pesquisa. E digitalização, leitura e fichamento das duas monografias sobre preparo do café e sobre vantagens do despulpamento.

Desse modo temos o arquivo como objeto de pesquisa, na medida em que são conhecidas as etapas do processo de sua constituição. Há etapas de interação do próprio fotógrafo com o seu acervo, visando a salvaguarda do material. A relevância de pensar o arquivo como objeto da pesquisa justifica a elaboração do segundo capítulo da tese, dedicado a tal reflexão.

As características que envolvem a lida com o arquivo pessoal de Armínio Kaiser aproximam esse trabalho da discussão sobre História do Presente. Segundo a introdução do livro “Questões para a história do presente” (1999), por seus organizadores, um ponto importante é a constituição de arquivos. Envolve a elaboração da tese o acontecimento representado pelo trânsito do arquivo de Armínio Kaiser de um circuito privado para o público, com as publicações das fotografias. A História do Presente ocupa, portanto, dimensões *radiofônica, cinematográfica e televisiva*. E a *demanda social*, como pontua Jean-Pierre Rioux (1999) no mesmo livro, opera como um vetor central da produção histórica. A História do Presente tem ainda como característica: pensar a natureza dos arquivos e sua forma de acessibilidade, questionar os métodos, refletir sobre o próprio círculo dos historiadores, e ainda, conter uma continuidade cronológica dentro do que tange um século. Ao pensar sobre a História do Presente o historiador reconhece seu pertencimento à História, e a questão da subjetividade é assumida para poder ser controlada. Melhor dizendo, é pensada como questão epistemológica. Todas essas características circundam a minha atuação no trabalho com o arquivo pessoal de Armínio Kaiser, ao longo dos últimos dez anos em que lidei com o acervo.



ABORDAGEM TÉCNICA DO ARQUIVO DE FOTOGRAFIAS

No intuito de apresentar o método de trabalho utilizado no trato com as fotografias do arquivo pessoal de Armínio Kaiser, detalho as atividades técnicas realizadas:

1) Levantamento do conjunto completo de fotografias (já digitalizadas anteriormente em alta resolução). Composição de quadros das categorias e séries, com contagem do número de negativos por formato original de tamanho e cor/preto e branco. Total de conjuntos/séries: 38. Total de originais em negativos fotográficos: 2326. Os quadros forneceram bases de análise e constam no **segundo capítulo**.

2) Digitalização em scanner de todos os envelopes originais que guardavam as fotos e onde constam os metadados das imagens (data/local) e outras observações manuscritas pelo fotógrafo. A digitalização foi feita em frente e verso e para cada envelope, através de programa de edição de imagem, foram reunidos os dois lados do envelope na mesma imagem.

3) Digitação das informações dos envelopes incorporando esses dados diretamente nos arquivos dos negativos digitalizados através de software de gestão de imagens. Além dos dados extraídos dos envelopes foram cadastradas palavras chave de informação iconográfica sobre o que aparece retratado nas fotografias, para auxiliar análises e filtragens. Tal atividade foi desenvolvida por etapas que seguiram as séries do arquivo. Ao final de cada categoria realizou-se uma análise parcial das informações relevantes e pré-seleção de imagens. O cadastramento das informações permitiu conhecer melhor as séries e integrar dados informativos com conteúdos imagéticos. Utilizei a ferramenta *Adobe Bridge*, que facilita a vinculação entre dados cadastrados e imagem, favorecendo também a seleção e montagem de pranchas por filtragem.

4) Renomeação dos arquivos digitais de todas as fotografias para ordenação geográfica e cronológica de modo independente das categorias e séries pré-estabelecidas.

5) Montagem de quadro de análise por localidade, data, fazenda e número de registros. O quadro seguiu as nomeações originais das localidades conforme constavam no envelope de cada imagem. (*O quadro segue como Apêndice*). A montagem do quadro originou um gráfico da produção fotográfica por Estado que foi incluído no primeiro capítulo. Possibilitou também um panorama da produção anual que é apresentado no terceiro capítulo.

6) Após a montagem do quadro, as localidades fotografadas foram mapeadas através da ferramenta *Google Maps*. O mapa, apresentado no primeiro capítulo, serve como mais uma ferramenta de pesquisa e navegação pelo arquivo e permite visualizar as regiões que foram mais ou menos fotografadas. Oferece algumas pistas para interrogar o universo da produção fotográfica objeto da pesquisa. Nesse momento, foram feitas algumas adequações a fim de reduzir o número de nomeações para o caso de localidades muito próximas. Especialmente no que se refere à grande quantidade de registros, localizados como “arredores” ou lugares “entre” cidades. Para fins de organização expositiva dessas informações, quando o local não estava precisamente demarcado, as aproximações optaram pela cidade de maior área geográfica dentre as indicadas. Cabe mencionar, ainda, que a nomeação da cidade e a informação de área seguiu a denominação atual do IBGE, segundo o site IBGE Cidades (2014). Após essa adequação, o total de localidades fotografadas por Armínio Kaiser foram 82 localidades envolvendo o conjunto total do arquivo, assim divididas por Estado: Paraná – 46; São Paulo – 20; Bahia – 6; Minas Gerais – 4, Santa Catarina – 5, Rio de Janeiro – 1. Das quais 72 localidades referem-se especificamente às fotografias relativas à cafeicultura e agricultura.

7) Organização de pranchas fotográficas cronológicas para disponibilização do acesso ao acervo em formato de folhas de contato (*contact sheets*), separadas anualmente e por ordem de data. A proposta é oferecer uma (re)montagem que permita aproximar o leitor de como teriam sido produzidos os registros. A totalidade das pranchas fotográficas, ordenadas cronologicamente, são apresentadas no terceiro capítulo.



O BIOGRÁFICO NA ESCRITA DA HISTÓRIA

O elemento biográfico perpassa o presente trabalho em várias interfaces. Pelo uso, como fontes, de manuscritos autobiográficos redigidos por Armínio Kaiser, ou as próprias entrevistas como relatos autobiográficos, discussão que perpassa a reflexão sobre História Oral.

A redação da tese foi feita tomando por base o olhar de Armínio Kaiser, sua perspectiva e ponto de vista, tanto para a trajetória histórica que vivenciou quanto para seu olhar sobre a constituição do próprio acervo enquanto patrimônio.

O desafio de escrever sobre uma vida marca este trabalho. Como aporte teórico-metodológico, dialoga-se com o tema das biografias, por estar concentrado na atuação de um personagem e sua relação com o mundo. Seja a relação do sujeito com sua prática de trabalho no tempo passado, seja a relação dele com o próprio arquivo pessoal no tempo presente. Muito do meu recorte teórico-metodológico se ampara em como se coloca o ser vivente que constituiu o cerne desse trabalho. As escritas autobiográficas de Armínio Kaiser são, em grande medida, as orientadoras da ênfase de minha pesquisa.

Várias dimensões do ato de escrever sobre a vida – biografar – perpassam este trabalho: A história de vida do autor das imagens; seus relatos autobiográficos que nos chegam por textos manuscritos, correspondências e, principalmente, pelos relatos de História Oral. Outra vida é aqui escrita: a do próprio arquivo e das fotografias que têm, em sua trajetória, a marca dos processos de produção, guarda e circulação.

A característica biográfica que envolve a história oral é objeto específico de dois artigos que considero produtivos para o debate: “A ilusão biográfica”, de Pierre Bordieu e o artigo “A estrutura e a *Gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas”, de Gabriele Rosenthal. O primeiro discute a dimensão do relato das histórias de vida como narrativas que carregam um projeto, uma intenção de subjetividade tanto quanto de objetividade. Contudo, para Bordieu, tal intencionalidade representa uma “criação artificial de sentido” (BORDIEU, 2006, p.185): “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica” (BORDIEU, 2006, p.185). Considerar a perspectiva desse autor é exercício produtivo para a escrita biográfica como um horizonte de percepção de que se trata, no momento da produção de um relato biográfico, de uma elaboração carregada de intencionalidade.

Em outro aspecto da discussão, o artigo de Gabriele Rosenthal (2006), no mesmo livro, debate a estrutura global que conforma cada entrevista como uma estrutura de *Gestalt* em que cada parte da entrevista tem sua relação com o todo e sua funcionalidade particular, e que todas as partes, postas em relação com o todo, devem ser incorporadas na análise do pesquisador. Deste modo procurei, ao longo do trabalho, sempre considerar o papel das partes selecionadas no todo da entrevista, e a

condução das entrevistas foi realizada, como sugere Rosenthal, com o mínimo de interferência possível a fim de respeitar a *Gestalt* da construção dos relatos.

Vale trazer para a reflexão sobre o biográfico a perspectiva de Benito Bisso Schmidt, para quem existe uma preocupação ética a ser levada em conta nas biografias: “os historiadores realizam suas pesquisas não com o intuito de desvendar segredos, mas sim de explicar historicamente os percursos de seus biografados, de pensá-los a partir de seus projetos e campos de possibilidade” (SCHMIDT, 2014, p.139). Em outro artigo, Schmidt (2003) discute o conceito de representatividade como elemento que legitima e justifica o ato de biografar. Porém, para além do fato de uma biografia ser representativa de códigos culturais compartilhados, ela pode servir em grande medida para testemunhar desvios, e validar a dimensão conflitual da história vivida pelo personagem.

Uma dimensão que perpassa todos os textos discutidos e que se vê presente na perspectiva teórico-metodológica do trabalho com as fontes relativas a Armínio Kaiser é o desafio ao lidar com as lacunas. Eis o que situa minha posição como historiadora entre a realidade e a ficção. Procurei então contornar as lacunas com aproximações teóricas ao que poderia responder aos questionamentos do trabalho com as fontes.

Mais do que uma biografia, procuro contar uma *fotobiografia* do arquivo, perguntando, ou respondendo, como Armínio Kaiser conta uma história e expressa a percepção do ambiente.



A tese está estruturada em três capítulos. O primeiro, “Caminhos do desassossego: imagens no espaço-tempo” visa analisar o tempo e espaço de produção das fotografias de Armínio Kaiser. Para isso, o capítulo é dedicado a um relato biográfico deste fotógrafo e engenheiro agrônomo, produtor e guardião do arquivo de fotografias abordado como objeto da pesquisa. Buscou-se relacionar sua trajetória pessoal com os aspectos históricos mais significativos do período em que viveu, concentrando-se especial enfoque sobre o momento de maior produção fotográfica, período entre 1953 e 1970, realizada principalmente nos estados do Paraná e São Paulo.

Discute-se aspectos da história da cafeicultura, em especial a paranaense cultura agrícola no século XX, dialogando com traços da

história da instituição que empregou Armínio Kaiser, o Instituto Brasileiro do Café. Outro aspecto relevante são as interfaces da história do café com a história do ambiente, nos contrapontos entre a destruição das florestas e a expansão de uma lavoura segundo panoramas econômicos e políticos, no contexto em que o café ganha força no mercado consumidor.

Junto com a história do café o trabalho agrega elementos da história do ambiente para visualizar o contraponto de como os espaços naturais são aproveitados pela cafeicultura. Como a agricultura opera com terrenos, terras, relevos, caminhos, matas, rios. Por aí acompanhamos, por exemplo, a devastação da mata atlântica (onde lembramos de Warren Dean (1996), com capítulo dedicado ao tema “O café desaloja a floresta”). E debatemos como poderiam ser diferentes as formas de se relacionar com as matas e os espaços naturais. No capítulo entram alguns estudos sobre a história recente da região norte do Paraná e da ocupação do Oeste do Estado de São Paulo, que são as principais regiões de atuação do fotógrafo. O capítulo envolve questões de história local que abrange sudoeste do Estado de São Paulo e norte/noroeste do Paraná e, por esse eixo, o diálogo com teorias sobre espaço, tempo, ambiente e região.

No segundo capítulo, “Das antigas latas de biscoito Aymoré para o mundo”, narro minha participação no trabalho com arquivos pessoais, avalio o processo de publicação das imagens que fazem parte desse arquivo pessoal e debato a participação do guardião do arquivo nesse processo. O capítulo volta-se para as temáticas da memória (e do esquecimento) na dimensão do patrimônio cultural, das políticas de ação patrimonial, dos trânsitos entre arquivos pessoais e circuitos públicos de difusão. O arquivo é tomado como objeto da pesquisa, através do estudo de caso sobre a dinâmica que movimenta as fotografias de Armínio Kaiser do circuito privado para a publicação em diversas mídias.

A partir da perspectiva biográfica investiga-se o olhar que o fotógrafo lança sobre seu próprio acervo, conforme passa o tempo e se dinamiza a circulação das imagens. Reflete-se sobre autobiografia, considerando as expressões do sujeito na composição dos relatos orais e nas dinâmicas do próprio arquivo. Parte-se da composição das categorias de organização do arquivo e dos relatos que o interpretam, sob o ponto de vista daquilo que Armínio considera mais importante de ser visibilizado. Aparecem as motivações das escolhas.

Junto com as entrevistas são apresentadas algumas escritas autobiográficas do fotógrafo ao longo das ações patrimoniais desenvolvidas com o arquivo. As correspondências trocadas durante as produções editoriais da publicação de suas fotografias oferecem as bases para uma reflexão. Considera-se o fato de que tais escritas e falas se

desenvolvem a partir da interação com fotografias, introduzindo o debate teórico a respeito da relação entre memória e fotografia, especialmente no que diz respeito ao modo como as imagens operam como vetores e motores de memória.

O terceiro capítulo “Fotografias, memórias e percepções do ambiente” intenciona investigar o modo de produção das fotos sob a perspectiva do processo envolvido no ato fotográfico. Para tanto oferece um panorama do conjunto total do acervo apresentado em pranchas fotográficas, ordenadas cronologicamente, e analisa as perspectivas estéticas e as temáticas ambientais que configuram o trabalho de Armínio Kaiser. Ao olhar o conjunto da obra, emergem alguns traços de sua produção: a presença de paisagens retratadas, a característica de serem imagens produzidas por um agente em trânsito no ambiente e o caráter modernista da estética acompanhada pela influência do fotojornalismo e dos circuitos de visualidade na sua época. A discussão epistemológica do capítulo integra perspectivas transdisciplinares e dialoga com trabalhos relativos aos modos de re(a)apresentação, tanto no campo das percepções ambientais quanto no campo dos sentidos e estudos da visualidade.

**CAMINHOS DO DESASSOSSEGO:
IMAGENS NO ESPAÇO-TEMPO**





Turma escolar de Armínio Kaiser



Armínio Kaiser na juventude



Minas Gerais, década de 1940/50

Foto: Armínio Kaiser (A.K.)

Obituário?

Nasci em Salvador, em 1925, no dia de finados. Desfrutei a adolescência nos fins dos anos 30 e início dos 40. Era uma época turbulenta repleta de ideologias contraditórias e as ditaduras estavam na moda. Apesar do Estado Novo, da pesada ditadura Vargas, o eterno, discutíamos o integralismo, fascismo, nazismo, eugenia, comunismo e até mesmo positivismo, anarquismo e ... democracia.

Talvez movido por uma inconsciente prudência preferi me enfronhar no que era conhecido como Neo-malthusianismo, que contestava o próprio Malthus (1766-1834) por considerar que o tremendo desenvolvimento da revolução industrial, ocorrido logo após a publicação da sua trágica advertência, em 1798, havia perdido a sua razão de ser. Julgava-se que a ciência aplicada à agricultura, aumentando extraordinariamente a produção de alimentos e associada ao controle da natalidade não dariam espaço a tão temida explosão de gente faminta. Mas até os próprios neo-malthusianistas admitiam que a agricultura era uma das atividades humanas que menos reagia ao fabuloso surto do desenvolvimento científico e que o controle da natalidade não atingia, nem de longe, níveis satisfatórios. Era preciso agir logo, antes que fosse tarde demais, mas isto não conferia ressonância nem no capitalismo nem no socialismo.

Leituras como "Caçadores de micróbios" e "Vencedores da fome" me guiaram para a escolha da profissão.



Viveiro de café. Faz. Santa Elisa/ Inst. Agrônomo de Campinas, SP. 08/1953
Foto: A.K.



Munhoz de Melo, PR, 13/07/1969.
Foto: A.K.



São Pedro do Ivaí, PR, 28/04/1967.
Foto: A.K.

Mais tarde, obras de Josué de Castro esclareceram como rebentos humanos são manipulados através da fome. Concluí que o melhor remédio para evitar doenças, fome e outros pandemônios era comida. Escolhi agronomia. Comecei por Cruz das Almas, na Bahia e terminei por Piracicaba, em São Paulo. Formado fui para Belo Horizonte onde trabalhei em tecnologia de alimentos, tendo também oportunidade de percorrer os Grandes Sertões Mineiros durante 1950 e 1951. Apareceu uma oportunidade em uma indústria madeireira no litoral baiano que se propunha liquidar a Mata Atlântica sem nenhum peso de consciência. Derrubar árvores era um ato patriótico para expandir horizontes econômicos. Bem...havia florestas, sim, mas madeira mesmo, não. Temendo o desastre voltei para São Paulo.

Em 1953 entrei no IBC. Prestei serviços no Estado de São Paulo, quando, em 1957, fui transferido para Paranavaí, capital da terra arenosa terrivelmente sujeita a erosão.

O Norte do Paraná estava envolto num fervor nacionalista derrubando matas e matas para plantar café adoidadamente. Além disso estas florestas diferiam das da Mata Atlântica. Havia madeira, principalmente perobas que inúmeras serrarias ajudavam a escoar; a quase totalidade de casas era feita de tábuas de peroba. Morei por mais de 10 anos em duas delas: em Paranavaí e depois em Arapongas.



Nova Fátima, PR, 26/05/1964
Foto: A.K.



Mandaguçu, 12/1958. Foto: A.K.



Cafezal geado. Sabáudia, PR,
21/08/1963. Foto: A.K.

A minha área de atuação era 10.000 km², metade cobertos com café, compreendidos entre os rios Paranapanema e Ivaí e de Nova Esperança ao rio Paraná. O meu maior objetivo foi procurar conter a erosão, mas a repercussão foi muito tênue, não só em razão da vasta extensão como, principalmente, ao espírito aventureiro que exigia o máximo de lucro com o mínimo de gasto.

Era uma grande maioria que nada conhecia sobre cafeicultura e uma minoria que, por tradição, repetia erros acumulados no passado sem se incomodar com qualquer consequência visto não haver razão para se preocupar porque sempre haveria terras virgens mais adiante. Era um desenfreado desespero para plantar café de qualquer jeito e enriquecer rapidamente.

A agricultura é, por sua própria natureza, cheia de riscos, mas a ameaça de geadas conferia à cafeicultura um cunho lotérico. Era profundamente trágico que em uma fria madrugada, trabalhos e sonhos de anos fossem desvanecidos e reduzidos a amargas desilusões. Grandes geadas consecutivas, preços oscilantes, empobrecimento do solo e depois a ferrugem foram os principais fatores de incontáveis frustrações. Os vitoriosos, tomados sempre como exemplo, constituiriam a exceção.

Por outro lado é preciso considerar que uma das principais razões para o afluxo de tanta gente era a fuga das más condições nos locais de origem onde não dava mais para sobreviver. Foi o meu caso também. Passados 3 anos, já casado e nas vésperas do nascimento de uma



Colheita de café. Iguaraçu, PR,
20/06/1967 Foto: A.K



Abanando. Santa Fé, PR
22/06/1967 Foto: A. K.



Armazém IBC. Londrina, PR,
01/03/1967. Foto: A.K.

filha, cansado de sofrer pela falta de condições básicas de higiene (tendo até contraído tifo) e saudoso de alguns confortos da civilização como luz elétrica confiável e serviço de água potável, consegui uma transferência, em 1960, para Arapongas, para logo depois, em 1964, assumir a chefia do Serviço Regional de Assistência à Cafeicultura, em Londrina.

Apesar das geadas e outros contratemplos, o "Mar de Café" continuava a inundar o mundo exercendo pressão sobre os preços. O café era contido em armazéns que o IBC construiu não só no Paraná como em todas as regiões cafeeiras. Visto a impossibilidade de se armazenar indefinidamente sempre mais café obrigando a sucessivas compras, procurou-se conter a produção por uma campanha de erradicação de cafeeiros através de indenização.

Deixei a chefia, acima citada, em 1966 e exerci o cargo de supervisionar a erradicação no Paraná. Era preciso evitar deslizos: foram os piores anos de minha vida! A real finalidade da erradicação não era a eliminação pura e simples de cafeeiros, mas principalmente dos mais produtivos. Visava-se a substituição por outras culturas, principalmente as produtoras de alimentos. Os cafeicultores, muitos descapitalizados, necessitavam dos recursos da indenização mas relutavam em abrir mão de cafeeiros com boa produção. O cheiro da corrupção foi injetado e estava pesteadado o ar. A tentação sempre foi diretamente proporcional aos recursos disponíveis.



Londrina, 21/02/1967
Foto: A.K.



Eradicação de cafeeiros. Londrina,
PR. 22/11/1967. Foto: A.K.



À direita: ramo de cafeeiro com
deficiência de zinco. À esquerda:
ramo normal. Astorga, PR,
13/04/1962. Foto: A.K.

Usei ferro e fogo e cheguei mesmo a pensar se não estaria à beira do excesso de zelo ou se já não estaria ultrapassando este limite. Cumpri a lei à risca e ganhei inúmeras antipatias. Coincidentemente ou não, observei um grande recrudescimento do êxodo rural em 1967, quando, logo depois, a erradicação foi reduzida.

O fim dessas atividades coincidiu, em 1970, com o aparecimento da ferrugem. Fui colaborar no melhoramento genético do cafeeiro. Trabalhei sob a orientação do saudoso Alcides Carvalho do Instituto Agrônomo de Campinas à procura de variedades resistentes à ferrugem através de seleções e cruzamentos.

Ao lado de vários trabalhos de rotina, saliento o fato de ter surgido, por acaso, na bordadura de um ensaio, um cafeeiro do cultivar Acaíá com resistência à ferrugem, provavelmente resultante de um cruzamento natural. Montamos, com os descendentes deste cafeeiro, vários ensaios de competição e diversos cruzamentos. O IBC já estava nos seus estertores e cada vez com menos recursos. Por fim, foi extinto em 1990. Este cafeeiro recebeu a denominação de Eparrei em tributo à cultura negra a quem a cafeicultura e o Brasil tanto devem. Sementes foram distribuídas a vários cafeicultores e, segundo informações, tem sido apreciado na região de Ibaiti, por ter maturação precoce, sementes graúdas e ser resistente à ferrugem.

Resumindo: ingressei no IBC em 1953, pouco depois de sua criação e me aposentei em 1989, pouco antes de sua extinção. Agora, baixar cortina, catar os

*cacos e dar no pé. Até o Dia do Juízo, do Juízo Final*⁵



Armínio Archimedes Pedro Gonçalves Kaiser, autor do relato que abre a cena, é o personagem central da história a ser contada. Muitas das nuances temáticas que aparecem no texto que ele mesmo intitula e interroga “*Obituário?*” servirão de eixo para as discussões aprofundadas ao longo do trabalho. No momento concentrarei a atenção para relacionar a trajetória narrada a algumas das imagens do acervo, a fim de introduzir o olhar fotográfico e assim tornar o arquivo mais familiar aos leitores e leitoras. Nesse processo, procurarei situar o diálogo com a produção científica sobre a história da cafeicultura, enfocando historicamente a experiência vivida pelo fotógrafo-agrônomo⁶, técnico do Instituto Brasileiro do Café (IBC).

Nascido na Bahia, em 1925, Armínio mergulhou na técnica e arte de fotografar aos 12 anos, explorando baús com câmeras, suprimentos e manuais de fotografia herdados do avô. Manoel Gonsalvez, o avô, falecido em 1921, foi fotógrafo de profissão e mantinha estúdio em Salvador no século XIX. Emil Kaiser, o pai, também fotografava e era dele a primeira câmera que Kaiser usou para fazer os registros mais antigos dentre os presentes no acervo da pesquisa⁷. Na carreira profissional, Kaiser optou pelo estudo de agronomia motivado pelo desejo

⁵Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico. Editado para publicação no livro *Ao Sabor do Café: Fotografias de Armínio Kaiser*. Em 2008 pedimos a Armínio Kaiser um breve relato autobiográfico para incluir no livro e recebemos este texto intitulado por ele mesmo como “*Obituário?*” A interrogação do título oferece indícios de sua postura crítica. Além desse, outros textos autobiográficos compõem o conjunto de fontes da pesquisa, reunidos ao longo da participação na organização do arquivo de Armínio Kaiser e publicações (ver *FONTES*).

⁶ Este conceito díptico foi a forma que considerei mais apropriada para identificar o autor das imagens e das narrativas que constituem o conjunto de fontes da pesquisa. No capítulo sobre a biografia do arquivo dedico-me a aprofundar a questão.

⁷ A interessante história da fotografia pela ótica da biografia familiar é objeto da escrita de Kaiser no texto “A fotografia”, publicado no livro *Ao Sabor do Café* (2008).

de contribuir para a erradicação da fome no mundo. Ingressou no curso em Cruz das Almas (BA) e transferiu-se para Piracicaba (SP). Ali se formou engenheiro agrônomo em 1949, na atual ESALQ/USP.

A trajetória profissional de Armínio Kaiser é marcada pela cafeicultura, e grande parte de sua produção fotográfica registra atividade nessa área. Em 1953 ingressou como técnico no Instituto Brasileiro do Café (IBC), e praticamente acompanhou toda a história da instituição, onde trabalhou até se aposentar, em 1989. O Instituto Brasileiro do Café existiu de 1952 a 1990 para gerenciar uma política nacional dirigida à cafeicultura, fornecer assistência técnica para os produtores, organizar o escoamento da produção e o mercado do café, que representava importante atividade econômica no Brasil e se deparava, naquele momento, com desafios relacionados às exportações e regulação entre produção, comércio e consumo⁸.

Kaiser trabalhou inicialmente no Estado de São Paulo, acompanhando técnicas empregadas em fazendas-modelo nas quais prestava assessoria aos cafeicultores a fim de incrementar a qualidade da produção. Nesse período ele viajava com frequência para conhecer tecnologias de cultivo e maquinários empregados em fazendas de vários estados do Brasil. Uma das localidades registradas na ocasião foi a fazenda Palmeiras, localizada nas margens da Ferrovia Sorocabana, mais precisamente Estação Luiz Pinto, em Ipaussu, São Paulo. Seguem duas

⁸ Nadir Cancian (1981), a respeito da conjuntura econômica que se configura no pós-segunda guerra mundial, a que se relaciona a criação do IBC, destaca alta de preços ocasionada pelo aumento da procura do produto numa situação de insegurança gerada pela guerra da Coreia em 1950. Um ano depois acontece o congelamento do valor de importação do café por parte dos Estados Unidos, o maior importador do café brasileiro. Diante disso o governo brasileiro organiza um sistema de defesa, estabelecendo preço mínimo para a exportação. Em 1952 é criado o IBC para executar a política de intervenção. O instituto vinculou-se como autarquia federal do Ministério da Fazenda até passar, em 1961, para o Ministério da Indústria e Comércio, recém-instituído. Quanto à extinção do IBC, no encerramento do livro História do Café, Ana Luiza Martins configura a perspectiva da cafeicultura no presente. Ela destaca 1989 como ano marco de melhoria do café brasileiro: “quando se desfez a estrutura do Acordo Internacional do Café, que durante décadas regulou preços e oferta. Em 1990, também foi positiva a extinção do IBC, que assegurava a produção de todo cafeicultor com preço de garantia, misturando grãos ruins aos de qualidade superior. Decisiva, porém, tem sido a ação da Associação Brasileira da Indústria do Café (ABIC) que, desde 1989, vem desenvolvendo programas de melhoria da qualidade.” (MARTINS, 2009, p.201.)

fotografias registradas nessa fazenda. A escolha dessas imagens foi feita para demonstrar a expressividade visual presente nas composições feitas por Armínio Kaiser. Para o olhar dele, não bastava registrar a fazenda, mas tinha que compor uma bela imagem de acordo com os padrões estéticos que envolvem o ato fotográfico. Observemos:

Figura 2 - Fazenda Palmeiras, Ipaussu, SP, Julho 1954, Prop. Elizeu Teixeira de Camargo. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_255].

Figura 3 - Fazenda Palmeiras, Ipaussu, SP, Julho 1954, Prop. Elizeu Teixeira de Camargo. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_173].⁹

⁹ Outras fazendas proeminentes da literatura sobre a história do café constam dentre os registros, por exemplo, a Fazenda Lageado, em Botucatu; a Fazenda Cambuhy, em Matão; a Fazenda Paraíso, de Luiz Emmanuel Bianchi. (Ver *QUADRO LOCALIDADES E FAZENDAS – APÊNDICE A*).

A respeito da atividade no estado de São Paulo, Armínio Kaiser escreveu:

Ao chegar a São Paulo, em início de 1946, vindo de Salvador, minha cidade natal, com destino a Piracicaba para estudar agronomia na “Luiz de Queiroz” vi, escrito nos bondes, na parte externa, abaixo do teto, um aviso ou advertência: “Cafeicultor, produza cafés finos.” Considero ter sido meu primeiro contato com a cafeicultura. Achei de início um pedido bizarro, pois ignorava por que os cafeicultores precisavam ser alertados para melhorar o seu produto.

Já no início do curso fui descobrindo que havia necessidade premente em tornar nosso café mais aceitável no mercado consumidor, em vista dos cafés “mildes”, isto é, de sabor suave, produzidos nos países concorrentes, como Colômbia e outros da América Central, os quais tinham prioridade na aceitação do mercado. Percebi que as produções são fortemente afetadas por fatores geográficos e por consequência, climáticos. [...]

Minha permanência no Estado de São Paulo entre 1953 a 1957 – já como funcionário do IBC – esteve ligada à produção de cafés finos, quer através de despulpamento dos frutos “cerejas”, assim como de um bom café de terreiro.

Nessa ocasião cheguei a redigir uma monografia sobre o despulpamento que não foi publicada por dificuldades várias, principalmente pela minha transferência para Paranavaí, Estado do Paraná, a fim de dar cumprimento a um acordo com o governo desse Estado que não tinha ainda uma rede assistencial à cafeicultura, como aquela de que já dispunha o Estado de São Paulo.[...] No entanto, a sentença “Cafeicultor, produza cafés finos” continua atual!¹⁰.

¹⁰ Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico. Editado para publicação no livro *Ao Aroma do Café* (2013).

Atento estava Armínio Kaiser com a produção de cafés finos, a fotografia a seguir registra a técnica de colheita no cesto, importante estratégia para a produção cafeeira de melhor qualidade. A colheita no cesto evita que terra, gravetos, folhas e outras substâncias se misturem aos grãos de café colhidos, deixando o café com grau maior de pureza. Além de testemunhar a técnica utilizada, a fotografia tem impacto pelo modo como registra as trabalhadoras do campo.

Figura 4 - *Colheita no cesto*. Fazenda São Pedro do Paraíso, Itatinga, SP, 20/06/1955. Prop. “Juca Cintra” Homem de Mello. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_210].

O trabalho feminino na cadeia produtiva do café está presente em outra imagem que registra o trabalho de separação do café numa Usina de Beneficiamento na Bahia, como pode ser observado na imagem a seguir:

Figura 5 - Usina de Beneficiamento de Café Fernando Simões Barros e Cia Ltda, Feira de Santana, BA, 13/12/1956. Foto: Armínio Kaiser.



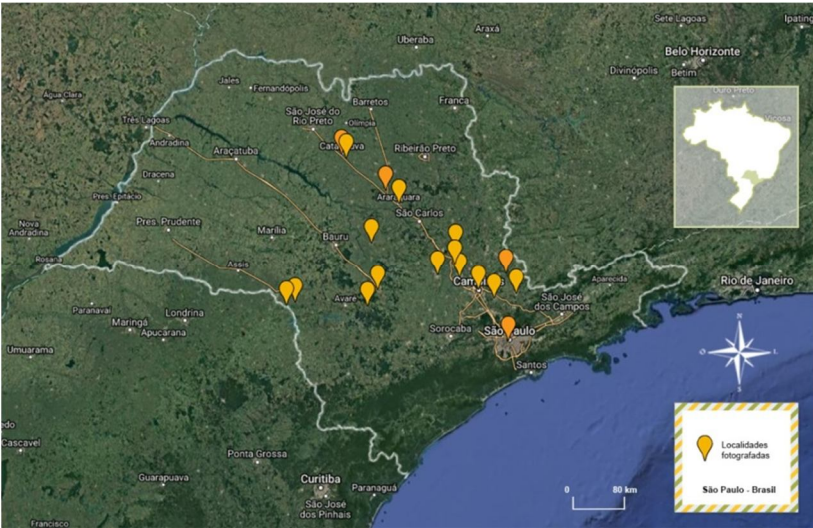
Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFBA_087].

A colheita no cesto e o despulpamento representam, segundo Armínio, as principais técnicas para o cultivo de cafés finos. E o detalhamento das etapas desta produção aparece com preciosidade de detalhes em suas fotografias, a exemplo de variados modelos de

maquinários, recursos de despulpamento e tratamento do café beneficiado para diminuir as impurezas. Outra presença marcante são fotografias de estações experimentais do IBC (em Monte Alegre do Sul, Jaú e Pindorama) e da Fazenda Santa Elisa, do Instituto Agrônomo de Campinas, campos onde se aplicava e avaliava resultados de pesquisas agronômicas, a montagem de viveiros, por exemplo, ou a adubação de cafezais com compostos orgânicos e químicos.

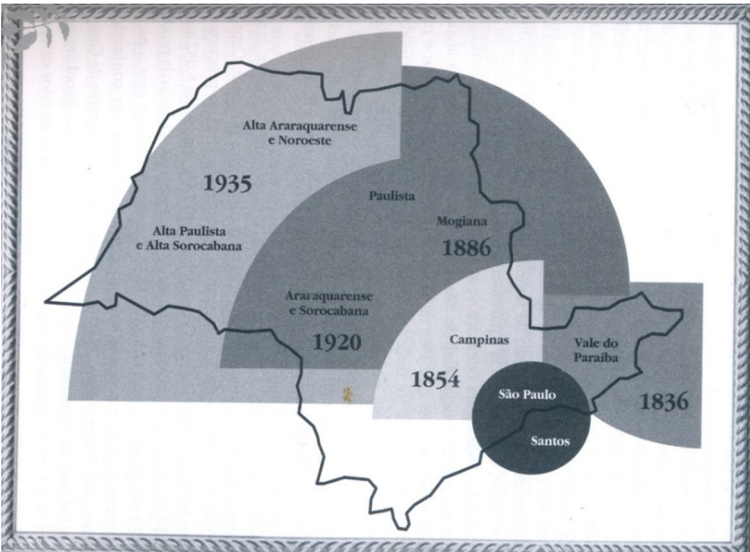
No mapa abaixo, a região paulista da produção de Kaiser relativa à cafeicultura e agricultura, aproximando-a da cronologia de expansão da cafeicultura mencionada por Ana Luiza Martins, nota-se que as localidades ocupam as áreas do cultivo iniciado no final do século XIX e principalmente século XX.

Mapa 1 – Localidades fotografadas no Estado de São Paulo.



Fonte: Google Maps

Mapa 2 – Cronologia de expansão da cafeicultura.



Fonte: Livro História do Café (MARTINS, 2009)



BISCOITO FINO EM LATAS AYMORÉ

Ao longo dos anos, Armínio Kaiser reuniu uma vasta produção sobre diferentes regiões do Brasil. A maior incidência são fotografias do Paraná, em segundo lugar figura o estado de São Paulo e, em menor escala, Bahia, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Nesses estados fotografados em menor escala, note-se que, além das capitais, os registros figuram regionalmente bem concentrados.

Mapa 3 – Localidades fotografadas no Brasil.



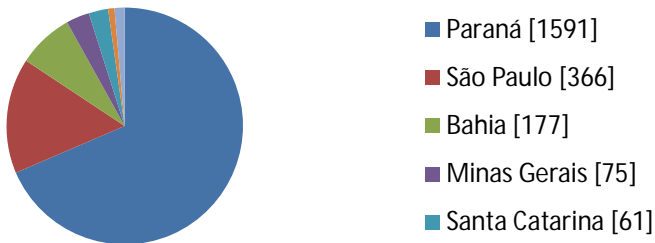
Fonte: Google Maps.

Nas primeiras duas décadas de trabalho como engenheiro agrônomo o fotógrafo costumava carregar consigo até quatro câmeras fotográficas que utilizavam filmes de formato 6x6 cm e 35 mm principalmente. Nos anos iniciais fotografou com uma câmera de chapas 4,5x6cm. Sob a ótica do tempo-espaço da própria história da fotografia, o arquivo composto por Armínio tem muito a contar e receberá enredo próprio mais adiante. Por hora, breve prelúdio... Em 02 de março de 2009, depois de encerrada uma entrevista e servido o cafezinho, Kaiser buscou câmeras fotográficas ainda guardadas: uma Super Ikonta 533/16, médio formato, que utiliza negativos tamanho 6x6cm. Outra médio formato, a Zeiss Ikon Ikoflex. E mais duas câmeras que utilizam filmes 35mm, uma EXAKTA modelo RTL1000 e outra EXAKTA Varex. Dentre as de 35 mm, nas pistas registradas em anotações e falas de Armínio, sabemos que utilizou também uma Zeiss-Ikon Contessa 35.

A maioria dos originais guardados ficou praticamente inédita por mais de quarenta anos. O universo da pesquisa contempla um arquivo de aproximadamente 2300 fotografias, das quais cerca de 70% foram realizadas em terra paranaense. Como situa o quadro abaixo:

Gráfico 1 – Produção fotográfica por Estado

Produção fotográfica por Estado



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os registros: cotidianos do trabalho de homens, mulheres, crianças; paisagens e modos de vida nas fazendas e vilas, organizadas em torno das lavouras de café pelas terras do interior. Trata-se de um acervo de significativa relevância no panorama das pesquisas sobre história da cafeicultura, quando observamos o repertório de fontes fotográficas sobre

o café, onde pouco se encontra a respeito do século XX e especialmente com enfoque no Paraná.

Na dimensão das imagens-memória que as fotografias de Kaiser apresentam, é importante refletir sobre a questão da migração cafeeira, numa lógica semelhante desde o Rio de Janeiro, no século XIX, até o Paraná dos anos 1970. Esta consideração relaciona-se com a própria natureza do cafeeiro: quando plantado leva cerca de quatro anos para oferecer a primeira colheita e é produtivo por 30 a 40 anos. Depois desse período é necessário substituir os velhos cafeeiros por novos plantios, o que demanda investimentos e mais uma vez a espera de quatro anos sem produção. Vejamos como Armínio Kaiser abordou a temática na entrevista realizada por ocasião da primeira seleção de fotografias que comporiam a publicação editorial:

Londrina, 03 de outubro de 2007.

Armínio Kaiser: O café ia acabar mesmo. Não é por causa da ferrugem¹¹. Iria acabar, todo mundo sabia disso, que o café no dia a dia, ele ia sumir porque era fogo de palha. O café era fogo de palha, foi assim no estado de São Paulo. O café veio vindo, como já falei, entrou por Campinas e foi entrando... À medida que o café ia acabando... Eu trabalhei em São Paulo também, me deram a incumbência de verificar por que estava havendo uma decadência... Um cafeicultor pediu isso, uma verificação *in loco*, para verificar o que estava havendo na fazenda. Eu escrevi: café senil, precisa renovar tudo, o café tem mais de 40 anos. Ele estava pensando, dizia que a fazenda era do avô dele e que no tempo do avô dele produzia não sei quanto e agora não está produzindo aquilo mais. Falei: de fato, você tem razão, está velho!¹²

¹¹ *Ferrugem*: nome popular para o fungo *Hemileia vastratix* que atinge as folhas do cafeeiro devastando muitas lavouras na década de 1970.

¹² KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 03 de outubro de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

A preocupação de Armínio Kaiser com a saúde dos cafeeiros aparece também registrada em fotografias como as seguintes, que documentam cafeeiros envelhecidos atacados por pragas:

Figuras 6 e 7 – No envelope: *Planta saprófita*. Cafezal velho na última fase do depericimento. Fazenda Periquitos, Araraquara, SP, 10/11/1956. Prop. Carlos Facchini. Fotos: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_010 e CAFSP_006].

Do arquivo de fotografias outros sinais: fazendas de café transformadas em pastagens. Estudos sobre a história da cafeicultura convergem para vários casos relatados por Armínio Kaiser: a replanta raramente acontecia, os proprietários preferiam vender as terras para formar novo plantio em solos de mata recém-derrubada.

Tal dinâmica conduz a outra relevante consideração para a história do ambiente sob o olhar de Armínio Kaiser: a prática agrícola, em especial a cafeicultura, tratada pelos proprietários das fazendas como lucrativo investimento de capital especulativo. As palavras: *espírito aventureiro que exigia o máximo de lucro com o mínimo de gasto e desenfreado desespero para plantar café de qualquer jeito e enriquecer rapidamente*¹³ ganham mais nuances da visão crítica de mundo do agrônomo-fotógrafo ao observamos seus relatos orais sobre um baiano que Armínio conhecia quando morava em Salvador. Na primeira das entrevistas registradas, as reminiscências sobre esse personagem que figura em quatro, das sete entrevistas realizadas, surgem do olhar sobre as imagens da erosão.

¹³ Reforço que o interesse aqui está em situar uma história da cafeicultura com recorte orientado pelo espaço-tempo da experiência de Armínio Kaiser. Neste sentido, é saboroso o complemento dos dados compilados por Warren Dean (1996, p.284): “A propriedade rural, tradicionalmente o investimento preferido da classe superior e, agora, cada vez mais a especulação da classe média urbana. Evidência surpreendente dessa corrida para a fronteira é encontrada nos registros da Companhia de Terras Norte do Paraná: entre 1946 e 1956, 80% dos lotes que ela vendeu foram revendidos no prazo de três anos; 50% desses compradores, depois, os venderam novamente no prazo de três anos. Em 1961, 50% dos lotes foram vendidos em dois anos e 33% dos compradores venderam-nos novamente no período de um único ano! De um terço até a metade dos compradores originais, bem como um quarto dos segundos compradores, eram pessoas da cidade.” Quanto à bibliografia geral, o quadro sobre história da cafeicultura nesta pesquisa traz diferentes matizes de abordagem do tema que serão pincelados ao longo do trabalho. Todavia aparece como elemento preponderante o debate sobre um fluxo migratório associado à cafeicultura. Cito: *Cafeicultura Paranaense – 1900/1970* (CANCIAN, 1981); *Norte do Paraná: história e fantasmagorias* (TOMAZI, 1997); *História do Café* (MARTINS, 2009); *O Cativo da Terra*, (MARTINS, 1998); *A epopéia do café no Paraná* (POZZOBON, 2006); *Cidades e Sertões* (ARRUDA, 2000); *A ferro e fogo. A história e a devastação da mata atlântica brasileira* (DEAN, 1996). *A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012)* (ARRUDA; PROENÇA, 2013).

Londrina, 25 de abril de 2007.

Armínio Kaiser: Mais importantes do que conheci aqui no Paraná, que foi a arrancada, que levou tudo que é gente de qualquer jeito pra plantar café, pessoal desesperado pra plantar café, pra ganhar dinheiro, porque o café estava dando um dinheirão no fim dos anos 40, tinha acabado a guerra então o pessoal estava desesperado pra plantar café porque estava rendendo um dinheirão. E a preço caro, muito caro, que foi a erosão. Principalmente a erosão. Agora, só que formou o Norte do Paraná. Agora o que ficou aqui, do café, foi um milésimo, a grande quantidade foi pra São Paulo, Curitiba. Olhe, eu conheci um senhor de Salvador que vinha de Salvador pra visitar a fazenda que tinha aqui, ele vinha uma vez a cada ano, ou uma vez a cada dois anos. Então onde está a lógica deste fato? Era um investimento, era a mesma coisa que guardar dinheiro “- Vou pôr dinheiro no banco, porque aquele dinheiro no banco vai render bastante, mas no banco rende menos, só 12% ao ano, então olhe, o café tá dando muito dinheiro lá no Paraná”. Então, avalanche de gente aqui. Foi, avalanche de gente. E abriu o Paraná, só que a única estrutura que existia pra dar um pouco de orientação foi o Instituto Brasileiro do Café, porque a Secretaria do Estado do Paraná não tinha condições econômicas pra isso.¹⁴

Sobre o *dinheirão* que o café rendia deve-se considerar a alta valorização do café no mercado internacional, em ascensão após a segunda guerra mundial. Outro aspecto relatado é o fato de não migrarem os donos da terra, mantendo-se nas capitais, principalmente São Paulo, Curitiba, e até Salvador. Para quem o café não passa de investimentos, de um agronegócio. A expansão da cafeicultura paulista para o estado do

¹⁴ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 25 de abril de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo). Pela força expressiva, esse trecho de entrevista aparece no documentário *O brilho do café* (2008).

Paraná seria, nessa ótica, apenas uma questão de localização geográfica. A continuidade ao trânsito do século anterior que se encaminhara do Rio de Janeiro para Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo é debate que receberá mais tinta logo adiante. Por hora, continuemos com o personagem: Armínio se interroga por que aquele baiano teria optado por manter uma propriedade de café administrada à distância na região de terra arenosa, em vez de plantar cacau na Bahia. Nas outras entrevistas é o tema do “delírio de plantar café”, palavras de Kaiser, que desperta a lembrança. Quando indagamos qual seria o principal fator para o que Armínio considera como a “Arrancada”, ele responde relacionando a questão com as condições de vida na região:

Londrina, 03 de outubro de 2007.

Armínio Kaiser: Ganância. O pessoal, muita gente entrou aqui para plantar o café como se comprasse ações da bolsa. [...] Como é que ele de Salvador ia gerenciar essa fazenda em Nova Londrina? Tinha um administrador lá. Pegava o administrador dava o ordenado para ele... Uma carta naquele tempo levava mais de uma semana para chegar, se chegasse, tem essa também! Como é que ele administrava essa fazenda eu não sei. Quer dizer, não administrava, deixava na mão dele lá e ia receber o dinheiro, evidentemente a parte que os outros não tinham tirado antes dele receber!¹⁵

Uma combinação entre interesse econômico, investimento de capital e necessidade de contratação de pessoal gerou oportunidades de emprego, um forte fator motivador dos movimentos migratórios. A significativa relação entre migração e expansão agrícola revela-se na expressão “avalanche de gente”, processo que preocupa Armínio Kaiser por ocorrer de modo desordenado e com consequências que soterram o meio ambiente.

Atento ao impacto humano e ambiental da cafeicultura, Kaiser se comporta como um etnógrafo em campo, a cada fotografia tirada, ou pelo

¹⁵ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 03 de outubro de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo)

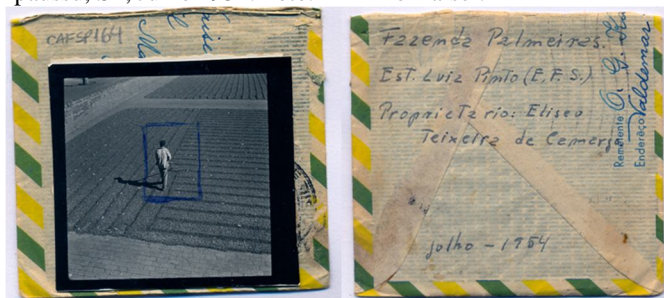
menos para a maioria delas, registrava em caderneta informações sobre local, data e outras observações de ordem técnica; além de breves impressões pessoais, que figuram em menor número. Ao lado do preparo da terra para plantio e de etapas do cultivo que registram detalhadamente os cafeeiros dos viveiros à cova; da florada à colheita; da secagem e transporte à classificação e armazenagem; figuram imagens de queimadas e matas recém-derrubadas em terras paranaenses.

Revelados os filmes, Armínio acondicionava individualmente cada negativo em envelope próprio, à frente do qual colava uma reprodução em positivo, o chamado “contato” em papel, para visualização da imagem, e no verso, transcrevia as informações da caderneta. Feito isso, as imagens eram guardadas em latas de biscoitos Aymoré, muito comuns nos meados do século XX.

Segundo o levantamento dos envelopes do arquivo para contagem do número de fotografias por tipo de negativo, foram utilizados vários filmes. Em médio formato: Agfa Isopan ISS P&B e Agfacolor, Kodacolor, Fomapan P&B ISO100, Kodak TRI-X P&B ASA400, Verichrome P&B Pancromatico, Peromnia Perutz 120 125ASA, Ilford FP3 P&B, PanatomicX, ORWO, Versapan, Kodak Plus-X, Fuji Neopan ASA 100, Dufay Pan. E dentre os filmes 35mm: Panatomic X, ADOX, Perutz, Versapan.

Graças a esse gosto pessoal ou impulso metódico de Armínio Kaiser, podemos reconstituir historicamente muitas das informações sobre a tomada da fotografia. E perceber, também, como opera o olhar do fotógrafo recompondo a fotografia com novos enquadramentos sugeridos pelo recorte. Observemos a frente e verso do envelope de uma das fotografias apresentadas sobre a fazenda Palmeiras, situada no estado de São Paulo e a seguir, a imagem segundo o recorte sugerido.

Figuras 8 e 9 – Envelope e fotografia da Fazenda Palmeiras. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Proprietário: Elizeu Teixeira de Camargo. Ipaussu, SP, Julho 1954. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_164].

Das imagens do estado de São Paulo às do Paraná é perceptível forte mudança na ordem das condições da cultura material. Se por um lado o estado paulista contava com fazendas de longa história na produção cafeeira, combinado com o processo de industrialização que começa a ocupar a cena a partir dos meados do século XX, por outro lado, o Paraná visto por Kaiser se caracterizava pela formação recente de fazendas, núcleos urbanos surgindo e relativamente poucas estradas, a maioria não pavimentada.

Ao analisar o conjunto do acervo, é sensível que os registros de instrumentais agrícolas e técnicas do trabalho na cafeicultura, gradualmente cedem lugar a imagens de enfoque concentrado nas condições de vida e no cotidiano das vilas. Cruzando caminhos de terras arenosas, sozinho num jipe, Armínio Kaiser se impressiona com a pobreza que presencia, e sofre na pele tais condições chegando a contrair tifo¹⁶. É possível visualizar esse traço da história do fotógrafo riscando a película das imagens produzidas a partir de 1957, ano de migração do estado de São Paulo para o Paraná. A ferramenta que a câmera representa para o fotógrafo parece transitar de uma auxiliar técnica para registro dos aparatos e modos de fazer, para assumir mais um importante papel: estratégia a fim de encarar a situação social drástica que vê diante de seus olhos.



DOIS HORIZONTES

Observemos dois horizontes das imagens de Kaiser que, de certo modo, contam uma história das mudanças vivenciadas de São Paulo ao Paraná:

¹⁶ O arquivo testemunha também estradas de terra vermelha e, mais adiante, pavimentadas, além da substituição do jipe por um Volkswagen Sedan!

Figuras 10 e 11 – Fotos: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_175 e PLRa_004].

Dois horizontes: Ipaussu, São Paulo, trilhos para transportar o café em processo de secagem. Paraná, preparação para plantio em área recém-desmatada. A respeito das imagens, Kaiser anotou, respectivamente: *Terreiro de café. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Fazenda Palmeiras. Proprietário Elizeu Teixeira de Camargo. Julho de 1954.*

E "*Repicagem*" - *locação das covas de café com esquadro desmontável feito com canos de ferro para plantio em nível. Fazenda Santa Rosa. Proprietário Francisco Cisneros Sanches. Município de Nova Londrina, 24/10/1958.*

Em entrevista, Armínio Kaiser situa nuances das diferentes perspectivas vivenciadas por ele de São Paulo ao Paraná:

Londrina, 01 de outubro de 2012.

Tati Costa: Qual era teu trabalho exatamente em São Paulo?

Armínio Kaiser: Era a questão de produzir cafés finos, aí que esta baseado aquele trabalho que você esta vendo ali...¹⁷

Aí fui transferido para Paranaíba, aí a conversa era outra, porque lá a cafeicultura estava ainda no início de plantio de café em terra arenosa e o problema maior lá era erosão. E o café provavelmente sofreu muito mais lá, do que o café plantado em terra roxa, a vida foi muito menor, agora em geral, depois que o café entra em declínio, ele é substituído por pasto, aí então entra o deserto porque pasto exige pouca gente em grandes quantidades de áreas, tem muito gado mas gente mesmo vai embora, daí forma-se o que é o êxodo.

Tati: Lá em Paranaíba foi assim?

Armínio: Eu não estive mais em Paranaíba quando o café declinou, mas um cafeicultor me pediu para visitar a fazenda e mostrar o que ele

¹⁷Armínio Kaiser se refere a uma monografia manuscrita por ele quando trabalhava no setor paulista do IBC. Esse manuscrito será abordado no capítulo seguinte.

podia fazer. De um lado tinha uma erosão colossal, para controlar essa erosão eu precisava que ele convencesse outros cafeicultores pra cima para fazer um serviço de proteção a erosão através de cordões em contorno isso era inviável. Ele estava com a corda no pescoço de dívidas, eu falei a verdade pra ele: olhe, venda. Depois de alguns meses, numa rodinha de um bar, eu conversando com ele mesmo e outro, maquinista de café, ao lado, ele se queixou pro maquinista apontando pra mim, disse: “- Pois é, eu pedi pro agrônomo aí ir lá me dizer o que eu podia fazer, e sabe o que ele me disse? Venda!” Aí o maquinista virou para ele: “- E você não vendeu?”. Perguntei: “- Você conseguiu vender?” Depois... Mas não conheci a pessoa que comprou. Não sei o que foi feito depois. Porque a erosão foi problema seríssimo em Paranavaí, naquela região arenosa... Corta!¹⁸

Com esses dois horizontes, cabe refletir um pouco mais sobre dinâmicas e impactos territoriais da cafeicultura como elemento propulsor de um fluxo migratório para (re)ocupação do interior do Brasil, especialmente no sentido São Paulo-Paraná, mais especificamente no que coincide com as regiões de atuação profissional do agrônomo, mencionadas em meu caso de estudo. A questão não é simples. Vários trabalhos aprofundam-na e, ao mesmo tempo, a relativizam.

Cidades e Sertões, de Gilmar Arruda (2000), concentra-se na temática de como o “interior” do estado de São Paulo transforma-se, de “sertão” em “cidade”, conforme as expedições, a elaboração de mapas, as construções de ferrovias e o estabelecimento de lavouras – aqui o café é fundamental – empreendem o movimento de penetrar nos territórios a fim de torná-los conhecidos e, cada vez, mais penetráveis e transitáveis. Tal processo ocorre no estado paulista em sentido sudoeste, rumo ao rio Paranapanema, que delineia a fronteira com o Paraná.

O autor dedica relevante atenção às sutilezas do discurso, dos campos simbólicos, e da configuração teórica do processo nomeado

¹⁸ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 01 de outubro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa para o projeto *Grãos em movimento* (vídeo).

“Marcha para o oeste” e “povoamento” de uma região que, de fato, implica uma (re)ocupação de territórios antes considerados “sertões” habitados por povos indígenas. Acompanha o processo a devastação da Mata Atlântica e a implantação de cafezais. A abordagem que parte do caso paulista é também fundamental para a questão da região norte do Paraná. Ao lado dos conceitos de “cidade” e “sertão”, estão “vazio” e “povoamento”, “civilização” e “barbárie”. Tudo isso carrega elementos que, de modo geral, podem ser relacionados à historiografia das regiões cafeeiras e a expansão das fronteiras agrícolas por áreas de cobertura vegetal.

As dimensões de história e memória são pontos fundamentais para o trabalho de Gilmar Arruda. Bem como as especificidades vivenciadas pelos sujeitos que participam do processo e os modos como as narrativas deles acrescentam nuances de discursos para o que está em estudo. Recente pesquisa desse autor, ao lado de Wander de Lara Proença, é dedicada a um “estado da arte” sobre a produção historiográfica a respeito do Paraná, historicizando emergências da “História do Paraná” e “história regional”, especialmente no século XX¹⁹. Um ponto de destaque é a questão das situações de “ausência” diante das produções “oficiais” que caracterizam o que seria a “história nacional” (com tendência a se concentrar nos centros de poder político como o do Rio de Janeiro). Posteriormente, na própria História do Paraná, produzida nas décadas de 1950 e 60, aparecem também narrativas oficiais em grande medida associadas ao desenvolvimento produtivo e capitalista. A partir dos anos 1970, nota-se a proeminência da questão da identidade, acionando como vetores: *memória*, *patrimônio* e *ecossistema* e delineando, em décadas mais recentes, temas das disputas simbólicas pelas identidades nas produções sobre “história regional.”

A reflexão proposta por Arruda e Proença importa aqui, especialmente porque reverbera uma preocupação característica do tempo presente: a história da história, ou a história dos historiadores. Com tal horizonte, procuro abordar a noção de espaço-tempo de Armínio Kaiser, o diálogo com bibliografias específicas sobre história do café e história do Paraná opera como cenário onde se ambienta a cena²⁰. O objetivo é menos

¹⁹ A pesquisa mencionada reflete sobre algumas das bibliografias trabalhadas aqui.

²⁰ “Cenário” é aqui empregado como metáfora teatral, e se configura mais do que um contexto ou um pano de fundo, representa um ambiente onde a cena se desenvolve, é o próprio espaço da interação dos personagens e o lugar onde a trama se desenvolve.

situar os acontecimentos que Armínio fotografa, dentro de uma moldura sobre a cafeicultura naquele momento histórico, do que enfocar como ele compõe uma percepção do ambiente que está vivenciando. No nível das subjetividades, qualquer análise de estruturas só faz sentido quando estas são reelaboradas para o dinâmico processo de como se expressam variados modos de apropriação: Kaiser, por exemplo, era um funcionário do estado, mas tem pontos de vista bem singulares que, a meu ver, justificam suas fotografias. O que a dinâmica do tempo presente oferece (e que marca o trabalho com história oral associada a fotografias e a escritas autobiográficas), é o empenho de Kaiser em narrar histórias, procurando identificar traços da história oficial. A experiência de vida a vê de muitas maneiras: ora contradiz, ora reforça, ora acrescenta, ora evoca elementos. É o que considero enriquecedor para a pesquisa histórica, cujos fios procuro tatear.

Em revisão bibliográfica sobre história do café é interessante notar que se dá pouca atenção à cafeicultura paranaense. Uma ideia de “ciclos econômicos sucessivos” onde o “ciclo do café” substitui o “ciclo da cana” e é substituído pelo “ciclo de industrialização para substituição das importações” acaba por situar a produção cafeeira no Paraná como um coadjuvante dos projetos de industrialização e modernização do país que caracterizam a era Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Contudo, vale observar um pouco mais a produção paranaense:

Entre 1950 e 1970, foi o primeiro produtor do grão, cobrindo de cafeeiros 1,8 milhão de hectares na região, responsável por mais de 50% da oferta nacional. A despeito do avanço no trato do produto, as geadas de 1975 atingiram drasticamente suas plantações, com sérios prejuízos no mercado internacional. Só nas décadas de 1980 e 1990 o café foi ali retomado, em escala bem mais modesta, com pouco mais de 150 mil hectares ocupados. (MARTINS, 2009, p.297)

Dentro do recorte temporal relacionado ao arquivo de Armínio Kaiser, portanto, “auge” e “declínio” da cafeicultura tomarão dimensões diversas do que seria “auge” e “declínio” na história do café, como um modelo político e econômico de longa duração. Para tanto, o conceito de “temporalidade” assume sentido associado umbilicalmente à ideia de “espacialidade”, importante na perspectiva das temporalidades múltiplas, que podem acontecer simultaneamente e estão inter-relacionadas como ondas geracionais que transitam por diferentes espaços ao longo do

tempo. Na dinâmica proposta por Sergio Vilar: “Basicamente é preciso recordar também que em qualquer realidade política se produzem menos causalidades unilineares que dinâmicas multicausais não lineares.” (VILAR, 1997, p.164).

A atenção às especificidades da cafeicultura paranaense marca, contudo, as obras sobre a história da cafeicultura em dois aspectos diferenciais quando se pensa o Paraná em relação às análises gerais da cafeicultura em outras regiões: a ocorrência de propriedades de pequeno e médio porte e a diversificação das formas de trabalho. Na ótica de Armínio Kaiser, e como tônica dos trabalhos sobre história do café, é muito forte a questão da mão de obra. Se o início da cultura cafeeira no Brasil se caracterizou por propriedades escravocratas e depois colonos imigrantes contratados, o Paraná que Armínio percorre tem maior variedade de regimes de trabalho: parcerias pagas por produção de safra (meeiros e porcentageiros) e outros modos de trabalho e remuneração. O formador de café, por exemplo, trabalhava por empreitada: plantava o café e permanecia na propriedade até colher a primeira safra como pagamento do trabalho. A cena surge em tom de denúncia do sofrimento com a perda ocasionada por geadas ou calotes no momento do pagamento, a exemplo do formador de café de origem nipônica que não sabia ler o português e recebeu um cheque pela primeira safra assinado: “Anônimo Frio.”²¹

Dentre os estudos de história da cafeicultura, Nadir Aparecida Cancian (1981) aborda mais especificamente a migração da cultura cafeeira no Paraná situando, sob o viés da geografia econômica, três momentos que desdobrarei a seguir, pois compõem um panorama importante para o cenário das narrativas de Armínio Kaiser.

A formação de fazendas no “norte pioneiro” (1906-1929), região onde inicialmente se estabelecem as lavouras do Paraná, segundo a autora são iniciativas de fazendeiros paulistas, já que um fator importante para a expansão da cafeicultura era a dependência de condições de transporte do café para zonas de exportação, o que ocorria através das estradas de ferro, até então concentradas no estado de São Paulo. Ao debater a respeito da configuração da mão de obra na cafeicultura aponta a diversificação de contratos de trabalho que se firmavam entre fazendeiros e colonos. Visto

²¹Na correspondência de 16 de julho de 2008 Armínio narrou: *Recordo-me de ter visto um cheque onde, no espaço reservado à assinatura constava: “Anônimo Frio”. O pequeno comerciante de origem japonesa mostrava desolado o documento que o levou aos outros clientes na vã esperança de achar uma solução para salvá-lo dos prejuízos.*

que a imigração para as localidades paranaenses não era subvencionada (como ocorrera no estado de São Paulo) os contratos temporários eram prática comum.

Para a derrubada de mata, indica Cancian, os contratos eram firmados pelo período de aproximadamente um ano com trabalhadores denominados “caboclos”, que apresentavam mais facilidade para realizar tal trabalho. Com a terra pronta, os contratos de plantio e formação do cafezal eram firmados com colonos imigrantes (preferencialmente japoneses e italianos), girando em torno de quatro anos. Os lucros variavam, dependendo da produtividade, sendo acertados entre colonos e proprietários. A autora destaca ainda a possibilidade de que os colonos adquirissem terras próprias, ao fim dos contratos, para formar sítios e pequenas fazendas.

Em segundo momento a análise de Cancian se concentra na região do chamado Norte Novo, período de 1930 a 1944, dialogando com a conjuntura de crise mundial ocasionada pela crise de 1929. Destaca:

Mesmo numa conjuntura recessiva, houve aumento de produção. A fertilidade das terras ainda novas diminuía os custos. Contudo, devem ser levadas em conta duas questões: o aumento do plantio de café em pequenas propriedades e a ausência do mesmo dinamismo que se observa quando os preços estão altos. (CANCIAN, 1981, p.68)

Demonstra que, apesar de uma conjuntura internacional e macroeconômica recessiva em relação ao comércio de café, no Norte do Paraná nota-se “aumento da área cultivada e do número de propriedades cafeeiras. Isto se fez com penetrações cada vez mais para o interior.” (CANCIAN, 1981, p.73) Para explicar tal contradição estuda as características da produção neste período como algo relacionado à formação das propriedades em padrões menores, portanto com menor necessidade de investimentos. Numericamente, contudo, multiplicam-se aumentando as estatísticas de produtividade e transformando o caráter monocultor para culturas diversificadas, com itens de subsistência cultivados entre os cafeeiros. Nadir Cancian pontua uma diferença entre os moldes de produção cafeeira de uma região paranaense de lavoura mais antiga, o norte pioneiro, com a presença de grandes propriedades e plantio tradicional semelhante aos do estado de São Paulo, para o Norte Novo (região de Londrina, por exemplo), onde o planejamento através dos loteamentos das Companhias de Terras antecedeu a colonização. Por tal

razão nota-se a presença de lotes de pequeno e médio porte. Assim ela descreve:

Nos “sítios” o interesse pelo café existiu em função do antigo colono, transformado em proprietário, ser o lavrador junto com sua família, da sua própria terra. Quase não tendo dispêndio de mão-de-obra, morando no lote, realizando ele mesmo a derrubada da mata e ainda vendendo a madeira de lei encontrada, alimentando-se com o produto do seu próprio esforço e trabalho, vivendo em casas que eram verdadeiras choupanas de pau a pique recobertas de tabuinhas de palmito ou folhas de palmeira. (CANCIAN, 1981, p.76)

Nadir Cancian periodiza entre 1945 e 1970 a terceira fase dinâmica da cafeicultura paranaense que coincidirá com a experiência vivida por Kaiser. No período, a influência no preço do café do período pós-guerra correlaciona-se com as formas de utilização da terra na região. Neste processo, as culturas alternativas, complementares ou intercalares, perdem terreno para a concentração de investimentos e trabalhos em torno da cafeicultura. O estudo de Cancian aponta para as diferentes formas de uso da terra, organização das propriedades e temporalidades distintas para as fases da cafeicultura, variando de uma a outra mesorregião paranaense. Coexistiam, por exemplo, distintas paisagens na década de 1950, entre matas recém-derrubadas para a formação de plantações, regiões monocultoras de café em produtividade, regiões de cafezais intercalados com outras culturas como algodão, soja e pastos, lugares onde o café já desgastado estava em fase de substituição. As imagens que a pesquisa de Cancian oferece desse último período e da coexistência de variada gama de paisagens aparece retratado em inúmeros registros do arquivo de Kaiser. Voltemos a eles. Nas imagens selecionadas a seguir, todas de 1957, ano de chegada da Armínio Kaiser ao Paraná, encontra-se esta variedade de realidades produtivas. Em sequência: uma lavoura relativamente nova plantada em curva de nível; uma testemunha da degradação ambiental representada pela erosão; e uma florada em cafezal.

Figura 12 - *Café tido como Sumatra, cujas sementes provieram de Ivaí (PR) geadado totalmente em 1955. Lavoura plantada em nível pelo Eng. Agr. Luiz Mesquita em Out/Nov de 1952. Obs: Não foi cortada após a geada. Fazenda do Campo de Aviação, Maringá, PR, 10/05/1957. Prop. Cia Melhoramentos Norte do Paraná. Foto: Armínio Kaiser.*



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PLRa_039].

Figura 13 - *Vossoroca* com aproximadamente 20 metros de profundidade.
Paranavaí, PR, 24/09/1957. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ERO_031].

Figura 14 - *Florada de Café*. Paranavaí, PR, 27/10/1957. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo Pessoal de Armínio Kaiser [COLa_005].



ENTRE RIOS E BARRANCAS

A motivação de Armínio Kaiser para fotografar a cafeicultura não era diretamente profissional, pois fora contratado como engenheiro agrônomo do IBC (e não fotógrafo da instituição), mas seria incoerente

separar as duas atividades que compõem a própria identidade desse personagem, já que foi o trabalho como técnico que levou este amante da fotografia, nascido na Bahia, a compor uma importante história visual do Paraná, atuando entre os rios Paranapanema, Ivaí e Paraná. No texto autobiográfico “A fotografia” ele escreve que a atividade fotográfica estava ligada ao gosto e interesse pessoal, *as câmeras eram companheiras de viagem* para não percorrer sozinho as empoeiradas estradas do interior do Paraná. E, vale acrescentar, para ter algo a mais com que contar na hora de relatar aquilo que havia visto. Ao longo de quilômetros de estradas e pelas ruas Kaiser viu famílias inteiras acampadas ou andarilhas. Viu e fotografou, as fotos seguem mais adiante nesse texto. Com esse olhar ele insere algo que está presente nos estudos de fluxos migratórios: a tensão entre fatores de atração e de repulsão das comunidades de origem e destino. Para Kaiser, o envolvimento com a cafeicultura nem sempre significava um projeto ou opção de vida: *é preciso considerar que uma das principais razões para o afluxo de tanta gente era a fuga das más condições nos locais de origem onde não dava mais para sobreviver.*

Figura 15 - Armínio Kaiser. Autorretrato. Data não especificada.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser

No Paraná, Kaiser fixou residência em Paranavaí no ano de 1957. A partir dali viajava pelo extremo noroeste paranaense até a fronteira com os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul percorrendo, como ele diz: *10.000 km², metade cobertos com café, compreendidos entre os rios Paranapanema e Ivaí e de Nova Esperança ao rio Paraná.* Destacados no mapa:

Mapa 4 – Região de atuação na primeira fase de trabalho no Paraná



Fonte: Elaborado pela autora

O trabalho era assessorar cafeicultores diretamente no campo, com o principal objetivo de atuar contra os efeitos da erosão, ocasionada pelo plantio de cafeeiros em quadras, técnica que não respeitava a declividade do terreno e que, em solo arenoso resultava no desastrosos problema. Além disso, Kaiser tinha função de visitar fazendas que cobriam a área mencionada para fins de levantamento de safra, acompanhamento da produtividade agrícola e previsões de produção. A maioria das fotografias inventariadas no universo da pesquisa foi registrada nas viagens pelo interior paranaense. A erosão recebe categoria própria dentro da ordenação que o fotógrafo propõe para o arquivo, de onde emergem duas impactantes imagens da ação hídrica em solo arenoso.

Figura 16 - *Vossoroca com cerca de 50 metros de profundidade*. Paranavaí, Paraná, 28/06/1959. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ERO_003].

Figura 17 – *Vossoroca destruindo estrada de rodagem*. Mandaguaçu, Paraná, Dezembro 1958. Kodacolor – filme negativo. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ERO_008].

Contudo, a (in)eficácia desse trabalho para contenção da erosão é questionada por Kaiser. A imagem de “gota no oceano” aparece em várias nuances e nos registros de história oral. Ali se expressam, no nível das práticas culturais, negociações entre as estratégias institucionais propostas e algumas táticas de apropriação pelos cafeicultores, que seguiam a lógica do máximo lucro e mínimo gasto. Um exemplo é relatado na entrevista de 25 de abril de 2007 e volta a surgir dois anos depois, quando Armínio folheia o livro *Ao Sabor do Café*, com as fotos da erosão publicadas:

Londrina, 02 de março de 2009

Armínio Kaiser: Agora, que na terra arenosa o perigo da erosão era visível, eu cheguei a ponto de cometer o absurdo de aconselhar o homem que me pedia informações que a única solução para a propriedade dele era vender. Porque acima, ao montante da fazenda dele, existiam outras propriedades e nenhuma delas tinham interesse em fazer controle da erosão. E ele ia receber a água de uma vertente imensa e já tinha uns buracões de cerca de dois metros de largura por quatro de profundidade. Agora não sei, ele depois me censurou, porque eu o aconselhei a vender, mas surpreso, ele me disse que tinha acabado de vender a fazenda!²²

Durante todo o trabalho com o acervo de Armínio Kaiser, sempre que ele passava pelas fotos da erosão ele se referia à obra *Cidades Mortas*, em que Monteiro Lobato narra a situação das cidades do Vale do Paraíba após o declínio da cafeicultura no final do século XIX. A situação de declínio da cafeicultura na região que sofre com a erosão do solo motiva a perspectiva com que Armínio aborda a questão ao indicar que sugeriu ao cafeicultor a venda da propriedade. De fato, a região de Paranavaí, classificada por Nadir Cancian (1981) como Norte Novíssimo será aquela que contabilizará, entre 1962 e 1967, o maior número de pés erradicados (47%) dentro do programa de erradicação promovido pelo IBC. Como a autora indica, na região as pastagens predominaram ocupando 45% da área liberada pelo café, tomando o lugar de outras culturas agrícolas que dependiam mais da qualidade do solo.

²² KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

Na imagem a seguir aparece a atividade dos técnicos em uma área recém-desmatada para marcação dos locais de covas em novo plantio com curvas de nível, a fim de melhor adaptação das linhas de plantio na inclinação do terreno para reduzir a ação erosiva. À esquerda da imagem jaz uma peroba rosa, configurando a dimensão da floresta que deixa de existir para dar lugar ao café.

Figura 18 - *Repicagem das covas de café plantado em nível*. Fazenda Terra Boa. Proprietário Arnaldo Bulle. Arredores de Londrina, Paraná, 18/09/1957. Foto: Armínio Kaiser



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PLRa_003].

Indagamos na mesma entrevista já abordada, se a contenção da erosão tinha sucesso e a resposta oferece os elementos da dinâmica institucional entre os profissionais de campo e os gestores.

Londrina, 02 de março de 2009

Armínio Kaiser: Em algumas propriedades sim, mas em relação ao total daquelas fazendas foi uma gota d'água... Quer dizer, inclusive eu fazia todos os meus esforços para convencer os lavradores, mas era um problema, muitos deles estavam com a corda no pescoço, não queriam saber de nada de despesa. Numa rodinha comecei a falar: é bem interessante fazer isso... E tinha um senhor sírio libanês, estava me ouvindo, ele era um negociante, horas depois ele se virou pra mim e disse: "- Não é isso que eles querem ouvir, eles não querem ouvir isso, eles querem que você diga que eles vão ficar ricos, vão ficar milionários com o café, não é despesa que estão querendo". Muitas vezes, como contornar esse problema? Foram feitos alguns trabalhos de controle à erosão e foi apresentado o relatório anual do IBC, e recebi, não só eu como também os outros colegas uma advertência que era preciso trabalhar mais, que não estávamos trabalhando devidamente, quer dizer uma repreensão que me doeu muito porque essa pessoa que me repreendeu não tinha conhecimento como era realmente o meio rural, estava nas nuvens.²³

Presente nos relatos Armínio está o alto preço pago pelo meio ambiente. Mesmo como funcionário, ele não está satisfeito em ser a voz oficial de uma política agrícola que compromete o solo sob o signo do desejo incondicional de lucro. Um lucro, diga-se de passagem, que carrega em sua gestação o embrião de sua morte, pois um solo estéril compromete qualquer possibilidade de perenização dos ganhos. Para Armínio, problemas ambientais decorrem desta marcha agrícola. Quando Armínio Kaiser menciona como tradição: *erros acumulados no passado sem se incomodar com qualquer consequência visto não haver razão para se preocupar porque sempre haveria terras virgens mais adiante*, é algo de longa data, por que não dizer que o acúmulo de erros venha desde o primeiro cafeeiro plantado no Brasil?

²³ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

O café, ou *Coffea arábica*, uma pequena árvore da família das rubiáceas, nativa do sub-bosque da floresta do sudoeste do planalto da Etiópia, gerava as sementes carregadas de cafeína tão apreciadas pelos moradores urbanos da Europa. Seu oportuno surgimento resolveria de modo brilhante a busca de um produto que o novo império poderia trocar pelas manufaturas e luxos da Europa. Tal como o século XVII havia sido para o Brasil o século do ouro, o século XIX seria o século do café. Para a Mata Atlântica, entretanto, a introdução dessa planta exótica significaria uma ameaça mais intensa que qualquer outro evento dos trezentos anos anteriores. (DEAN, 1996, p.193).

A derrubada da mata para dar espaço à expansão da cafeicultura repetiu, no Paraná, um processo anteriormente ocorrido no estado de São Paulo²⁴. Carrega traços do cultivo ineficiente e desgastante do solo denunciado por Warren Dean ao analisar a ocupação de áreas de Mata Atlântica, durante o século XIX, no estado do Rio de Janeiro, seguido por São Paulo, Espírito Santo e Minas Gerais. Não por acaso, na clássica obra sobre a história da destruição da Mata Atlântica o autor dedica um capítulo à temática “O café desaloja a floresta”. Tece ao longo do livro várias análises sobre os problemas ambientais decorrentes da cafeicultura. No capítulo dedicado ao café, o século XIX recebe maior concentração do autor. Apesar disso, sua análise é importante para dialogar com a abordagem de Armínio Kaiser, pois impressiona que técnicas destrutivas ou ineficientes, além de problemas da cultura cafeeira denunciadas por Dean, sejam também alvo do fotógrafo na segunda metade do século XX. Não ocorrem mudanças muito significativas mesmo tendo transcorrido um longo período desde então²⁵.

²⁴ A questão se torna ainda mais relevante se pensarmos que o processo vivenciado no Paraná por Armínio Kaiser, de substituição das florestas devastadas para implantação da agricultura se reproduz hoje em dia no contexto do cerrado e da Amazônia.

²⁵ Na obra de Warren Dean as referências ao Paraná aparecem nos capítulos que tratam da expansão da fronteira agrícola associada à modernização, industrialização e construção das ferrovias. As menções do autor ao incêndio de 1963 e à iniciativa da família de influentes cafeicultores da região de Londrina, em manter uma reserva florestal particular, a Mata dos Godoy representam mais pontos ao encontro com a história visual latente no arquivo de Kaiser. Cabe lembrar que Álvaro Godoy foi por anos presidente da Associação dos Lavradores

Para compreender as práticas em relação à floresta no recorte histórico da expansão da cafeicultura no Paraná cabe considerar ainda tratar-se de um momento em que a noção de progresso é celebrada com a ideia de modernização. O que implica em dominação da natureza submetida aos espaços construídos pelo ser humano. Na mesma esteira operam as ações de expulsão e extermínio da população indígena que historicamente vivia na floresta. Contudo, ecoam vozes dissonantes no próprio momento histórico. Stahis Panagides, por exemplo, em estudo de 1968, que será aprofundado mais adiante, expressa:

O aumento dramático que houve na produção do café no Paraná, na década de [19]50, devido a novas plantações, deve permanecer como um aviso contra qualquer conclusão prematura no tocante ao equilíbrio entre oferta e procura de café. O argumento de que a expansão deve-se à ocupação de novas terras é derrubado se se consideram os avanços tecnológicos obtidos no cultivo do café. Com o tipo de café mais indicado [Mundo Novo] e o uso de fertilizantes, a produtividade dos 10 primeiros anos produtivos da nova plantação ultrapassará a produção de toda a vida útil do velho cafezal. (PANAGIDES, 1969, p.23)

Outra dimensão da percepção de Armínio Kaiser sobre a floresta paranaense é o tamanho das árvores. Ao referir-se à peroba rosa, ele sinaliza no texto uma diferença em relação à “Mata Atlântica”. Por isso vale situar aquilo a que ele se refere como Mata Atlântica, observando-se outra parte do relato, onde narra uma experiência de trabalho vivida antes de ingressar no IBC, quando trabalhou em indústria madeireira no litoral baiano que tinha como proposta, por suas irônicas palavras: *liquidar a Mata Atlântica sem nenhum peso de consciência. Derrubar árvores era um ato patriótico para expandir horizontes econômicos. Bem... havia florestas, sim, mas madeira mesmo, não.* Em vista da dificuldade em encontrar madeira de qualidade para a exploração comercial naquela região, inferimos que a imagem de Mata Atlântica mencionada no manuscrito como diferenciação da floresta paranaense está relacionada àquela vivência.

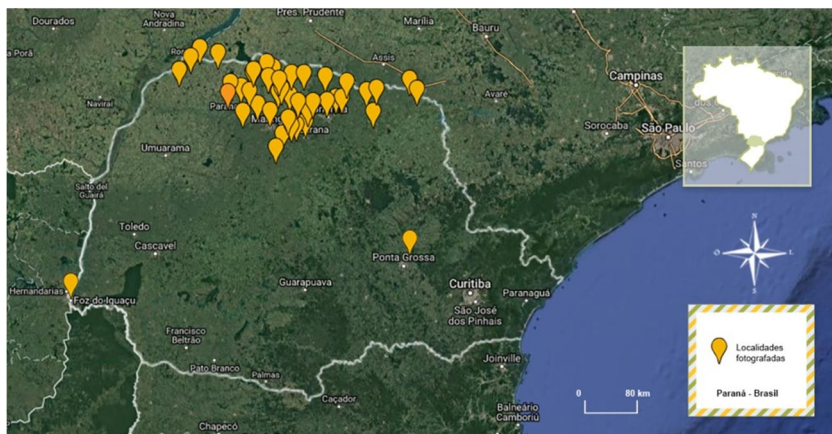
do Norte do Paraná (ALNP) e atuante defensor de políticas de favorecimento à cafeicultura.



AMPLIAÇÃO DE HORIZONTES

Em 1960 Armínio Kaiser pede transferência para Arapongas. Isto modifica um pouco sua área de atuação e ele fica mais próximo de Londrina, cidade que se torna a sede administrativa do trabalho de Kaiser a partir de 1964, quando coordena o Serviço Regional de Assistência à Cafeicultura (SERAC). Porém, ele só fixará residência ali no final de 1969. Todavia pode-se perceber, pelos registros fotográficos situados cronologicamente, que ele continua a percorrer, mesmo que com menor frequência, a área de sua atuação anterior. É o que amplia significativamente a abrangência espacial da atividade fotográfica. Abaixo, as sedes das localidades paranaenses, onde foram tiradas as fotos, aparecem identificadas no mapa.

Mapa 5 – Localidades fotografadas no Estado do Paraná.



Fonte: Google Maps.

Apesar de se referir de maneira mais ampla correspondente a toda a porção norte do estado quando escreve: *O Norte do Paraná estava envolto num fervor nacionalista derrubando matas e matas para plantar café adoidadamente*. É importante aqui mencionar regionalização um pouco mais específica a fim de diferenciar o caráter do solo em cada um dos espaços de atuação do agrônomo em dois momentos: um de 1957 a 1960, na área de Paranaíba, onde o solo é mais arenoso e corresponde à mesorregião atualmente conhecida como Noroeste do estado; já as áreas de Arapongas e Londrina, onde Kaiser desenvolverá atividades de 1960 a 1970, apresentam maior incidência de solos basálticos (a “terra roxa”), e estaria inserido dentro do Norte Central paranaense.²⁶

Esta sutil ação de dividir, regionalizar, situar geograficamente o espaço-tempo de Armínio Kaiser, requer aprofundarmos o debate em torno do conceito de região. Para tanto, é produtivo (re)ler a relação entre cafeicultura e a história da região norte-paranaense na perspectiva proposta pela tese de Nelson Tomazi, cujo foco de questionamento são os silenciamentos que a elaboração de um discurso triunfalista e economicamente hegemônico do pioneirismo compõe como uma identidade aparentemente inerente ao “Norte do Paraná” onde se destaca a atribuição da imagem de solos férteis, ignorando-se as fragilidades da região arenosa e as próprias susceptibilidades à degradação que a retirada da cobertura de mata ocasiona. Escreve Tomazi:

Pelo que tenho conhecimento, estas diferenças de solos já haviam sido anotadas, pelo menos desde a década de 1930, com Pierre Mombeig, seguidas depois pelos geógrafos especializados da década de 50. Entretanto o discurso “Norte do Paraná”, partindo de uma pretensa uniformidade territorial e pedagógica, procura apagar toda a diversidade existente. Como um discurso unificador, parte da questão solo/território para depois homogeneizar o

²⁶Os municípios de atuação de Kaiser estão situados dentro das mesorregiões do Paraná atualmente cartografadas como Noroeste e Norte Central. Além dessas, outras oito mesorregiões são delimitadas para o estado segundo o IPARDES (2004). Sobre o tema das regiões justifico que o capítulo está majoritariamente concentrado no Paraná por duas razões: devido ao volume e representatividade de narrativas a respeito desse espaço, dentre as fontes da pesquisa, e porque grande parte do roteiro da redação no momento dedica-se a aprofundar temas tratados no texto “Obituário?”

social, o econômico e o político buscando silenciar, por questões ideológicas, a diversidade do real. (TOMAZI, 1997, p.111)

A tese de Nelson Tomazi debate as “fantasmagorias” silenciadas nos discursos em torno da formação desta região e contribui com importantes questionamentos sobre o processo “civilizatório” do Paraná não se esgotar com a explicação de decorrência natural, processo linear ou “natural” que se desdobra do movimento advindo do estado de São Paulo. Existem, na perspectiva do autor, concomitâncias significativas e antecedentes fundamentais para a história da região onde a presença de paraenses de outros lugares do estado, e de imigrantes de outras partes do Brasil, como os mineiros, marca vozes importantes que o discurso paulista silencia. Principalmente no caso da população indígena, à qual Tomazi dedica detalhada pesquisa. São fontes diversificadas e numerosas que cobrem uma aprofundada revisão bibliográfica do que seria uma “historiografia regional” – e as aspas aqui sinalizam outro aspecto caro à presente pesquisa: a discussão do próprio conceito de região, como já mencionado.

Na medida em que Tomazi realiza uma arqueologia²⁷ do discurso regional do Norte do Paraná, expondo elementos constituintes de uma memória reiterada que ao mesmo tempo silencia muitas outras potências de rememorar.²⁸ Acrescenta, portanto, a tudo o que foi discutido até

²⁷ Além da importante lembrança à proposta foucaultiana por uma arqueologia do saber, a escavação de camadas sobrepostas é também uma metáfora cara à reflexão em torno da memória, dos modos como surgem lembranças, camada por camada, ao exercício de escavar e evocar ou ao visualizar surgimentos espontâneos. Para pensar a fotografia, por exemplo, Phillipe Dubois se aproxima da discussão sobre camadas através da imagem dos palimpsestos. (DUBOIS, 1993).

²⁸ Tomazi se dedica a apresentar outras visões dos elementos que constroem uma memória dos “vencedores” do Norte do Paraná. Seriam eles: a ideia de (re)ocupação das terras situadas ao norte do estado do Paraná como mera decorrência da expansão cafeeira proveniente do estado de São Paulo. A busca de terras férteis associada à ideia de “vazio demográfico”, ignora e oprime a população indígena e cabocla que já vivia na região. Além da formação populacional da região norte-paranaense, decorrência da cafeicultura, outros ciclos migratórios de Minas Gerais e sul do Paraná, de atividade tropeira ou pecuária, por exemplo, já ocorriam desde décadas antes da cafeicultura. E, principalmente, o problema ao falar em “povoamento da região” como se fosse decorrente exclusivamente das fazendas de café, quando a região já era

agora, mais um modo de olhar o panorama das tensões entre memória e história do espaço-tempo que compõe o cenário de registros fotográficos realizados por Armínio Kaiser.

Parece-me, contudo, que o uso da expressão Norte do Paraná no texto “Obituário?” tenha mais relação com o emprego usual de terminologia comum para designar a região, em vez de representar uma identificação de Armínio Kaiser com os aspectos do discurso que são objetos da crítica de Tomazi. Lembremos outra parte do mesmo texto: *A agricultura é, por sua própria natureza, cheia de riscos, mas a ameaça de geadas conferia à cafeicultura um cunho lotérico. Era profundamente trágico que em uma fria madrugada, trabalhos e sonhos de anos fossem desvanecidos e reduzidos a amargas desilusões. Os vitoriosos, tomados sempre como exemplo, constituiriam a exceção.* A opinião registrada aqui expressa muitas outras presentes no conjunto de entrevistas, correspondências e textos autobiográficos de Kaiser. Histórias por ele contadas correspondem muito bem àquelas ausências que Tomazi denuncia silenciadas. E não seriam também, em certa medida, invisíveis?

A foto a seguir oferece uma dimensão visual dessas histórias. Como os registros em série demonstram, a família foi fotografada no entorno da estação ferroviária de Rolândia, precariamente alojada embaixo de uma árvore, rodeada por panelas e outros de seus poucos pertences colocados numa mala e em sacas de café:

densamente povoada pelos habitantes da floresta, diversificadas tribos indígenas das quais pouquíssimas sobreviveram.

Outro elemento desse discurso criticado pelo autor é a imagem de uma clivagem entre Norte e Sul do Paraná. Como se o processo de (re)ocupação da região acontecesse isento de conflitos violentos, desvinculado do estado e por iniciativa privada das companhias de colonização (especialmente a Companhia de Terras Norte do Paraná, mesmo que a área de atuação desta companhia tenha sido bem mais restrita do que a região tratada como “Norte do Paraná”). De fato, trata-se de processo extremamente violento, as iniciativas de colonização foram muitas, realizaram-se de diferentes formas, enquanto havia uma grande população cabocla na região que “colonizava-a” continuamente há muito mais tempo. Porém, por um discurso extremamente elitista que se reproduz, estes modos de povoar não eram considerados legítimos. Assim se coloca a questão crucial: o acesso à terra, mais do que uma política colonizadora do estado como a chamada “Marcha para o Oeste”, depende de condições econômicas e de acesso ao capital para poder garantir a propriedade da terra.

Figura 19 – Rolândia, PR, 30/05/1967. T:1/100 F: 4 Filtro verde – fator 2x (não foi computado esse valor) Lente 50 cm 21/10 Din. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_034].

A complexidade multifacetada das tramas sociais é o tecido para pontuar a discussão sobre o espaço-tempo de Armínio Kaiser, especialmente face à ótica da própria experiência vivida por ele no fluxo migratório da memória reificada: um profissional do estado que segue a “marcha” da cafeicultura de São Paulo para o Paraná. Por outro lado, esse personagem encena um duplo papel ao observar com crítica o seu ambiente, descrever com ironia o cenário, e narrar por imagens fotográficas precisamente a memória da cafeicultura que não se quer ver, ouvir ou lembrar.

Com ironia o “*fervor nacionalista*”, em menção à política varguista de “interiorização do Brasil” onde a cafeicultura representava papel estratégico, contracena com as abordagens teóricas expostas até aqui de modo bastante reflexivo. Há nos depoimentos orais de Kaiser, narrativas sobre histórias vividas por cafeicultores e trabalhadores com quem ele teve contado nas fazendas e que representam personagens desta dinâmica produtiva. Mesmo presentes, pela ótica dos relatos, não significa que esta seja a única e exclusiva explicação para o processo histórico daquela região. Além dos paulistas, Kaiser conta sobre proprietários que administravam suas fazendas a partir de Curitiba, Salvador, Paris, Alemanha e avalia o problema: os lucros não ficavam na região, escoavam para fora do estado e até do país.

No coro das vozes dissonantes, muito da memória do cotidiano nas colônias de trabalhadores é imagética: casas de barro e de madeira, bares, lavadeiras no rio, enchente do Pirapó, escolas, boiada que levanta poeira. Famílias acampadas na beira de estradas. Por todos os ângulos, cafeeiros geados. Uma procissão pede chuva, efeitos do grande incêndio rural de 1963. Um garoto brinca com estilingue, outro carrega lenha para o almoço, outro encara a câmera: ao fundo, o cafezal; ao lado, a enxada. Ao ver e narrar fotografias, trajetórias singulares despontam nas falas de Kaiser como uma constelação de memoráveis histórias, ainda que diferentes da repetidamente comemorada. Mas para o desapontamento desta pesquisadora, as populações indígenas não aparecem nos relatos dele. Existe apenas uma entrevista em que menciona um relevo no terreno do campo agrícola e disse ser vestígio de taba indígena que ele identificou numa das fotografias aéreas do acervo do IBC, e fotografou em passagem pelo local.

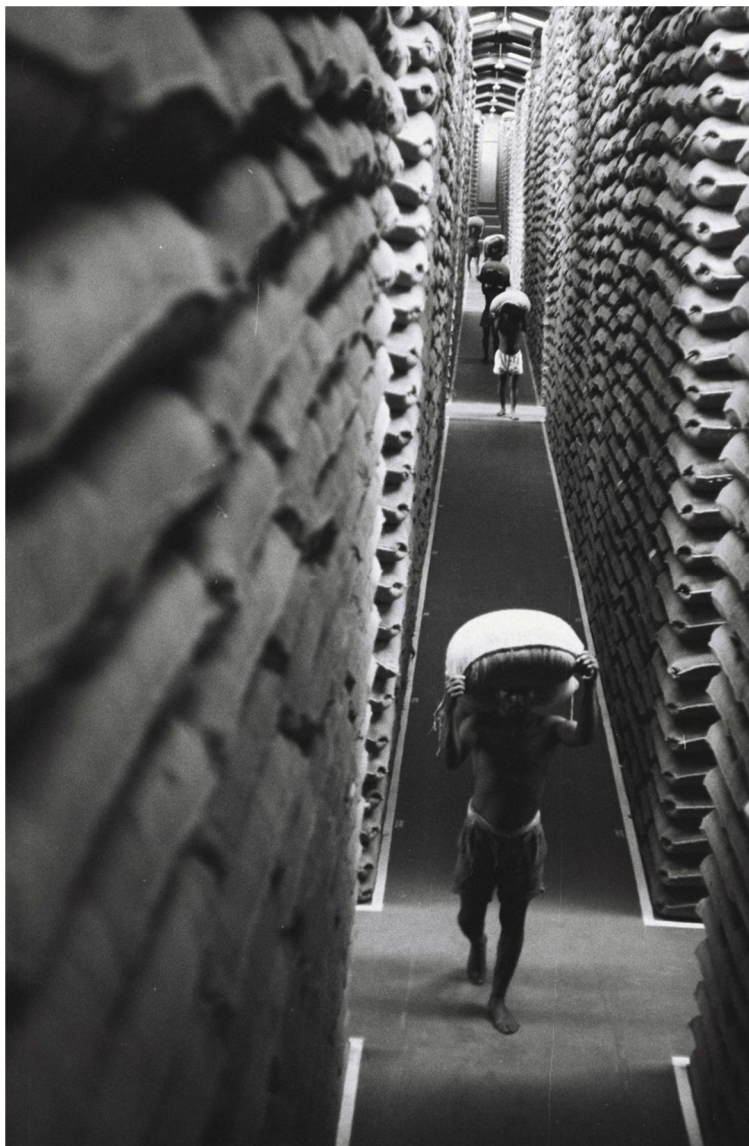
Outro aspecto da análise de Nelson Tomazi, importante no presente trabalho, é a relativização do conceito de região, questionado como **conceito obstáculo**, na medida em que especifica e atribui características segmentárias como se as divisões regionais fossem um processo natural que sempre existiu e se manteria eternamente. Trata-se de relevante

posicionamento diante de uma dinâmica que relaciona e constrói em conjunto o regional com a abrangência do global. Tomazi assim expressa:

Na medida em que se entende que a região situada ao norte do estado do Paraná é uma região que foi ocupada recentemente pelo capital, dentro de um contexto mais amplo que a define e explica. Pode-se dizer que ela faz parte de um todo que é o modo como o capital se desenvolve e se reproduz no Brasil, no processo de sua constituição histórica, em suas relações com o restante dos outros países. (TOMAZI, 1997,114)

Como já mencionado, o Paraná chegou a ser o maior produtor mundial de café. A cafeicultura paranaense figura na política nacional que favorecia economicamente essa cultura integrada com a dinâmica global do pós-guerra. Kaiser destaca o ano de 1959 como recorde da produção: 20 milhões de sacas de café. E a respeito do período subsequente, escreve: *Apesar das geadas e outros contratemplos, o "Mar de Café" continuava a inundar o mundo exercendo pressão sobre os preços. O café era contido em armazéns que o IBC construiu.* Vários desses armazéns foram fotografados por Armínio Kaiser. Dentre os registros repousa a belíssima imagem que se segue, uma fotografia cuja verticalidade é desenhada pelas pilhas de sacarias de café e cuja harmonia das linhas acompanha os passos das figuras humanas de carregadores de café iluminados pelos cruzamentos de corredores.

Figura 20 - Armazém do Instituto Brasileiro do Café. Ipirorã, Paraná, 17/2/1967.
Sem filtro. Revelação: Foto Paraná (Londrina).
Foto: Armínio Kaiser



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ARM_042].

Para complementar a perspectiva da cafeicultura como investimento de políticas econômicas, vale retomar a discussão sobre as complexidades de uma lavoura que, para gerar lucro, requer significativo número de pessoas trabalhando. Posteriormente, da superprodução e declínio da cafeicultura paranaense nas décadas de 1960 e 70, decorre o desemprego como problema social na região. Imagens que expõem reminiscências do que Kaiser denominou *desassossego*: miséria e êxodo rural enfrentados por muitos trabalhadores após a erradicação de grande parte das lavouras de café. O olhar do fotógrafo sobre as imagens selecionadas para a sessão é narrado na entrevista de outubro, motivado por uma dessas imagens:

Londrina, 03 de outubro de 2007

Daniel Choma: Foi um fenômeno visível?

Armínio Kaiser: Pra mim foi. Mas eu não acredito que para a maior parte as pessoas tenha se importado com isso, não acredito, quem é essa gente? Agora, esses aqui acho que ninguém, nenhum fazendeiro ia empregar não. Visivelmente têm mais de 60 anos, por que iriam empregar um cara desses? Eu acho que é essa, não lembro, tem uma em que esse aqui está com gesto assim, não sei, parece uma espécie de revolta, porque o outro está todo liquidado.

Figura 21 - Cambé, PR, 25/11/1967. T: 1/25 F: 4.5 10,5 Tessar com filtro Tosanon fator 2x, Fotômetro Weston 64° 21/10 Din, Filme Perutz, Revelação Foto Paraná (Londrina) Maq978785 Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_027].



PAISAGEM HUMANA

O desemprego dos trabalhadores rurais impacta a visão do passado e do presente de Armínio Kaiser. Merece que se aprofunde um pouco mais a análise da questão política, ampliando-a da esfera econômica para a própria situação social do Brasil no conturbado momento histórico em questão, se considerarmos que no recorte temporal do arquivo de Armínio, entre 1951 e 1970, sucedem-se a presidência dos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek, João Goulart e dos militares²⁹. Nas

²⁹ Vale lembrar o conturbado processo político: com o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, assume o vice-presidente, Café Filho, afastado do governo no final de 1955 por motivos de saúde, quando Juscelino Kubitschek já eleito, aguardava o

pistas oferecidas por Kaiser é importante ampliar o pensamento sobre o declínio da cafeicultura associado à chamada “geada negra” de 1975, como é amplamente reiterado nas abordagens a respeito da cafeicultura no Paraná. Deve-se estudar a estratégia de racionalização da cafeicultura que tem início em 1961, um projeto de erradicação de cafezais em que o governo pagava ao cafeicultor para cortar cafeeiros, acompanhado por incentivo através de crédito agrícola a fim de diversificar a produção para outras lavouras como milho, algodão, soja ou para a pecuária.

Nadir Cancian escreve a respeito do Grupo Executivo da Racionalização da Cafeicultura (GERCA), instituído pelo decreto 79, de 26 de outubro de 1961, vinculado ao IBC, cujo programa básico era: “erradicar dois bilhões de cafeeiros **anti-econômicos**, procurando ajustar a produção que era de 36 milhões de sacas para 24 milhões anuais, sendo 18 milhões para o mercado externo e 6 milhões para o mercado interno” (CANCIAN, 1986, p.47). Outro acontecimento do mesmo ano parece reverberar no IBC caminhos da política agrária de aproximação com os trabalhadores rurais que se delineia no governo João Goulart. Cancian menciona que: “Embora criado em 1952, somente a 25 de dezembro de 1961 o IBC teve seu regimento aprovado pelo decreto 385: ‘ O Instituto Brasileiro do Café, criado pela lei 1779 de 22 de dezembro de 1952, é o órgão de execução da política cafeeira, adotada pelo governo’. A partir disto deixa de ser um órgão dos cafeicultores, firmando-se sua diretriz, como executora da política do governo.” (CANCIAN, 1981, p.46)³⁰

término do período oficial daquele governo. Assume nesse momento Carlos Luz que tenta impedir a posse de JK numa tentativa de golpe, frustrada. Em novembro de 1955 a presidência interina fica a cargo de Nereu Ramos, até a posse oficial de JK em janeiro de 1956. Sucede-o Jânio Quadros que renuncia com apenas seis meses de governo. Nova tentativa de golpe tenta impedir a posse do vice-presidente João Goulart, que se encontrava em missão diplomática oficial na China Popular e é acusado de comunista. Articulação liderada por Brizola no Rio Grande do Sul garante a presidência constitucional para João Goulart. Ele assume em regime parlamentarista até 1963, quando se restabelece o regime presidencialista por plebiscito nacional. Em 01 de abril de 1964 o golpe de Estado instaura o regime autoritário que governaria o país até 1985.

³⁰ A respeito da política do governo João Goulart, no portal de pesquisas do CPDOC/FGV consta: “As primeiras semanas do novo governo foram dedicadas à formulação de seu programa, que colocava como pontos centrais a defesa de reajustes salariais periódicos compatíveis com os índices inflacionários, uma política externa independente, a nacionalização de algumas subsidiárias estrangeiras e as chamadas reformas de base. Dentre essas propostas de Goulart, **ganhava destaque a questão agrária**. Entretanto, a defesa de tal ponto de vista

Tratar o declínio da cafeicultura não somente como uma atribuição aos fatores climáticos e ambientais das geadas é o foco da detalhada análise que Márcia Siqueira de Carvalho (1999), avaliando os relatórios do GERCA, tece sobre o processo de erradicação no Paraná. A autora identifica duas fases do programa: a primeira de 1962 a 1966, com financiamento para as lavouras de substituição através de créditos do Banco do Brasil e com estímulos complementares para o agricultor que optasse por uma lavoura de cultivo mais avançado tecnologicamente, com uso de sementes selecionadas, atuação para a conservação dos solos, emprego de defensivos e fertilizantes. Foram 587 milhões de cafeeiros erradicados entre 1962 e 1963. Entre 1964 e 1966 foram 163 milhões. A queda anual, segundo Carvalho, deve-se ao problema inflacionário, pois o valor estabelecido como pagamento por cafeeiros erradicados sofreu desvalorização. No Paraná, os cafezais eram principalmente substituídos por pastagens. Na região nordeste do estado, houve maior incidência das lavouras de arroz e milho.

Entre 1966 e 1968, a segunda fase apontada por Márcia Carvalho observa maior valorização da erradicação em relação ao valor pago por cafeeiro. Porém, havia diferenciação entre as regiões paranaenses. Nota-se aí um aspecto de maior controle sobre o processo que se caracteriza também por outros elementos: a escolha pela lavoura de substituição não era mais livre, e sim indicada pelo IBC. Além disso, criava-se: “a figura dos avaliadores que emitiam laudos para os financiamentos dos bancos, exceto para o Banco do Brasil. No Paraná, estes avaliadores e fiscais pertenciam ao próprio IBC” (CARVALHO, 1999, p.139). Ela menciona ainda: “Os resultados da Segunda Fase do Programa de Erradicação foram prejudicados pelas fraudes ocorridas. O preço pago foi considerado alto e ocorreram pressões para que ele aumentasse ainda mais” (CARVALHO, 1999, p.139).

Nas duas imagens a seguir, retratos do Programa de Erradicação e do Plano de Diversificação da Economia em regiões cafeeiras. Na primeira imagem, pilhas de cafeeiros cortados. Na foto seguinte, lavoura de diversificação plantada em área de cafezais.

Figura 22 - *Pés de café erradicados transformados em lenha*. Sítio Londrina, Londrina, PR, 22/11/1967. Prop. Alan Kardec Nogueira. T: 1/25 F: 22, Filtro verde, Filme Perutz, 21/10 Din, Fotômetro Weston, Tessar 5cm. Revelação: Fotóptica (São Paulo) Maq 979165. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROd_016].

Figura 23 - Paraná, Dezembro 1966. Revelação: Fotóptica (São Paulo). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PDEb_071].

Se tomarmos a periodização e as características da segunda fase descrita por Carvalho, podemos fazer uma leitura da experiência de Armínio, pois ele assume o GERCA em 1966 e escreve a respeito: *exerci o cargo de supervisionar a erradicação no Paraná. Era preciso evitar deslizos: foram os piores anos de minha vida!* Para complementar o que ele escreve, recorro a um trecho da entrevista de 2009 que expressa bastante da perspectiva do fotógrafo sobre a história da cafeicultura que ele presenciou:

Londrina, 02 de março de 2009

Armínio Kaiser: Bom, as terras novas, as terras eram virgens, elas estavam oferecendo toda a fertilidade. Agora, só que essa fertilidade não durou tanto tempo assim, culpam que foi a geada de 1975 e acabou o café no Paraná. Também não foi bem isso. Talvez tenha sido a gota de virada, mas não foi bem isso, havia uma porção de coisas, empobrecimento da terra, erosão veio comendo, plantio intercalar também, adubação não se fazia em grande escala, veio a ferrugem, veio o problema dos trabalhadores rurais, veio por fim a erradicação de cafeeiros. Muitos acordaram para o problema: Bom, aqui no Paraná geia mesmo, não tem jeito, que vou fazer? E a cafeicultura começou a regredir. Também tem um problema que é o café que dá riqueza, aquela concepção que plantando café vou ficar rico. A realidade não era bem essa. As contas no Banco do Brasil, os cafeicultores eram valorizados pelo número de pés de café que tinham: tenho duzentos mil pés, tenho um milhão de pés... Assim dava uma espécie de segurança para a vida bancária. Mas como eram esses duzentos mil pés, esse um milhão de pés de café? Eu me lembro que fui buscado de avião para ir de Paranavaí para uma fazenda que tinha um milhão de pés de café e tinha entrado em acordo com o Banco do Brasil para fazer a conservação do solo em um milhão de pés de café. E contratou com o IBC, através de mim, a execução de cordões em contorno em 200 mil

pés. Agora, por quê? Se ele contratou com o Banco do Brasil o dinheiro necessário para executar cordões em contorno em um milhão de pés de café, por que contratou só com o IBC a execução de cordões em contorno em 200 mil pés? Quer dizer, uma viagem de avião para me pegar de Paranaíba a Alto Paraná, e depois me levar de volta para Paranaíba, não faz muito sentido isso. Eu fiquei: Mas o que é que está havendo? Depois eu entendi: Contrato do Banco do Brasil para um milhão de pés de café e contrato com o IBC para 200 mil pés de café... Não desconfiam de nada? Denunciar para quem? O quê?³¹

A significância desse caso para a experiência de Kaiser é perceptível porque já no primeiro encontro, em abril de 2007, ele menciona o acontecido. O olhar sobre a situação que ele vivencia e que marca as fotos e narrativas ressoa numa publicação de Stahis Panagides sobre “Erradicação do Café e Diversificação da Cafeicultura Brasileira”. O autor defende a necessidade de erradicação do café e implementação de política agrícola de substituição de lavouras devido à saturação do café no mercado mundial. Questiona o tratamento político de favorecimento ao café em detrimento de outras culturas. Ele observa que a dificuldade é “encontrar para o café substitutos econômicos viáveis, nas atuais condições de preço e produtividade” (PANAGIDES, 1969, p.45). Além da questão da produtividade, o artigo carrega uma forte preocupação com a dispensa de mão de obra gerada pela redução da lavoura cafeeira:

A substituição de café por pastagens teve sérias implicações no emprego dos recursos liberados. Consequências particularmente desagradáveis são notadas na mão-de-obra liberada. O uso intensivo da mão-de-obra no café, sobretudo durante a colheita, em oposição ao pouco emprego da mão-de-obra das atividades substitutivas, constitui uma grande dificuldade social para a erradicação do café. (PANAGIDES, 1969, p.45-46).

³¹ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

Segundo a análise de Panagides, se a erradicação da lavoura cafeeira é ampliada para equilibrar demanda e consumo do café, ocasiona o dilema da mão de obra desempregada, e o problema do menor valor de mercado para as culturas substitutivas (dentre as culturas substitutivas, a soja é a que apresentaria maior vantagem econômica segundo o autor). O inconveniente é que nenhuma atividade substitutiva é capaz de absorver a mão de obra da cafeicultura e atingir lucros próximos aos do café. Em relatório do GERCA de 1965, citado pelo autor, consta: “balanço do desemprego direto gerado pela erradicação no Paraná – 1962/1966/1967”, com indicação do número de trabalhadores que foram dispensados: 32.744. Ao lado, outro número indica “pessoas liberadas”, e refere-se a membros dependentes (família): 81.860. Das milhares de famílias, várias foram fotografadas por Kaiser, como é o caso da imagem a seguir, retratando uma família acampada na beira da estrada:

Figura 24 - Londrina, PR, 30/05/1967. 21/10 Din. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_029].

O artigo de Panagides precisa ser lido situado no momento histórico de sua produção, 1968, e no lugar de fala do autor³² que propõe “diretrizes” para a política agrícola: que se estabeleça limites e parâmetros a respeito de divisões percentuais da fazenda, parte para substituir culturas e parte para permanecer com café, adotando-se técnicas de cultivo adensado que favoreça a produtividade (porém menos empregador de mão de obra). Para fortalecer a diversificação agrícola, ele sugere utilizar “instrumentos” de política de preços e de crédito que minimizem o favorecimento do café, valorizando as outras culturas.

Quanto à preocupação com o desemprego rural, pela ótica do autor, uma transformação da agricultura com tendência à redução da população rural seria inevitável e ele parece não dedicar a devida atenção às questões de pequenos sítios como unidades produtoras. Ao atribuir a noção de “fator: mão de obra” a linguagem empregada parece distanciar a preocupação em relação às pessoas, que ao serem dispensadas de seus locais de trabalho, muitas vezes ficam também sem moradia. “Em conjunto, a erradicação do café, embora desejável, não pode ser isolada das possibilidades de diversificação e do destino a ser dado aos fatores liberados, principalmente à mão-de-obra” (PANAGIDES, 1969, p.48). Somente como adicionais de longo prazo, ao lado de subsidio a insumos, o autor sugere os investimentos em educação rural e infraestrutura.

Mesmo que a regra mais geral da cafeicultura, como assinala a tradição agrícola brasileira, não fosse diferente da tradição de grandes propriedades nas mãos de poucos, no Paraná daquele momento histórico, uma parcela significativa de pequenos e médios agricultores lograram algum êxito em adquirir e manter suas próprias fazendas e sítios produtores de café. Isso devido ao sistema de colonização empreendido pelo estado do Paraná, que favorecia a aquisição da terra em pequenos lotes, para cultivo de lavouras menores e porque o café é uma cultura agrícola que possibilita o auto sustento a partir de uma pequena propriedade segundo o seu valor de mercado. Contudo, tal manutenção ficava dificultada com a implementação de outras lavouras em razão da

³² Em nota, o autor menciona sua vinculação ao órgão governamental IPEA - Instituto de Pesquisa Econômico-Social Aplicada, e Brazil Development Assistance Program da Univerity of California. Dentre as referências do autor constam estudos da FAO (Food Agricultural Organization, Nações Unidas). Aspecto marcante desse trabalho é a atenção que o autor dedica ao estudo do caso de uma fazenda, defende a importância de pensar políticas a partir de casos de fazendas, tomadas como uma “unidade operacional” porque são as fazendas que receberão a “aplicação” de uma determinada política.

necessidade de maquinário que exigia investimentos, e também devido ao menor valor de mercado daqueles produtos. Outro aspecto diz respeito ao número de trabalhadores. Enquanto o café necessita de muitos braços e é uma lavoura que oferece trabalho o ano todo, as outras culturas tendem à mecanização e conseqüentemente ocupam número bem menor de trabalhadores. O quadro da população rural do interior do Paraná precisa levar em conta diversos matizes, pois no momento retratado por Kaiser coexistiam vários modos de organizar a produção, os regimes de trabalho e as dimensões das propriedades agrícolas.

A fotografia trazida na sequência registra o trabalho infantil, prática comum dentre as dinâmicas do trabalho no período fotografado por Armínio Kaiser, e chama a atenção a observação a respeito que o fotógrafo anota no envelope onde guarda o negativo original: *Passando a enxada, após o plantio do arroz, para cobrir as sementes para os passarinhos não comerem. O operário possui 13 anos. Já é formado, isto é, já tirou diploma do curso primário.*

Figura 25 - Local: O “21” da estrada Vila Vitória, Município de Sabáudia, 03/09/1963. Filtro verde 2x, 21/10 Din, Filme Perutz – Peromnia, 15/10 Din no fotômetro da máquina. Revelação: Foto Ogawa (Arapongas).
Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_029].

Em relação à população rural retratada no arquivo de Kaiser, o ano de 1963 deve ser destacado, pois é uma marca temporal das preocupações do agrônomo-fotógrafo que emergem ao observar as fotografias do *desassossego*. Nesse ano é promulgado o Estatuto do Trabalhador Rural³³

³³ Uma análise crítica sobre o Estatuto do Trabalhador Rural, instituído pela Lei Nº 4.214, de 02 de Março de 1963, é objeto da reflexão de Vera Ferrante (1976) na perspectiva de orientação ideológica do estado populista para influenciar

que deveria oferecer direitos trabalhistas aos empregados rurais, o que impactou problemas de desemprego, instabilidade e falta de moradia. Foi um fator a mais para os proprietários de terras dispensarem trabalhadores modificando o campo de atuação do café para outras culturas, visto que os encargos trabalhistas modificavam a dinâmica de produtividade e lucro da propriedade.

Interesses e disputas caracterizam o momento político do governo João Goulart que busca fortalecer vínculos com os trabalhadores do campo, intensifica ações no sentido das “reformas de base” e planos para a reforma agrária. Destaca-se que a população brasileira era majoritariamente rural e o tema da reforma agrária sensibilizava bastante a opinião pública. Na forma de pôr em prática, contudo, a complexidade de alianças e divergências políticas gerava tensões entre as formas de organização dos trabalhadores rurais em ligas camponesas e sindicatos.³⁴

massas de trabalhadores rurais que na década de 1960 vinham se organizando em Ligas Camponesas. Segundo a autora tratava-se de mera transposição de leis trabalhistas já aplicadas aos trabalhadores urbanos para os trabalhadores do campo, e isso não se sustentava por não dar conta de uma série de nuances que caracterizavam o trabalho rural. Como exemplo, a autora cita as diversas formas de contrato de trabalho existentes (por empreitadas ou por porcentagens, de meeiros, terceiros, porcenteiros). Menciona outras relações envolvidas no campo como os direitos de criação de víveres ou plantio de subsistência em terras das fazendas, o caso das culturas intercalares nos cafezais, por exemplo. E questiona a seguridade em relação aos contratos por percentuais de produção no caso de problemas com a safra.

Em contraponto, a autora questiona também a Lei nº 5889, de 08 de Junho de 1973, que revoga a legislação do Estatuto do Trabalhador Rural e institui o Funrural. Nesse caso, o problema é o peso da assistência social ao trabalhador do campo diluindo atuação mais efetiva sobre os seus direitos como trabalhador. Além disso, a extrema burocratização da documentação exigida excluiu grande parcela da população rural em conseguir se oficializar. Outra limitação da referida legislação ocorre em relação ao trabalho familiar, quando na prática, é sabido o peso que a integração de vários membros da família no trabalho agrícola representa. No entanto, a legislação oficializava nos benefícios somente o chefe da família.

³⁴ Dois trabalhos aqui podem ser mencionados para se pensar tais tensões: Um é a reunião da legislação a respeito da reforma agrária e a leitura de João Pedro Stedile (2005) sobre os 40 anos do Estatuto da Terra, a Lei 4504, de 30 de novembro de 1964. Promulgada no governo Castello Branco, instituiu a primeira lei de reforma agrária, contudo, Stedile analisa, na aplicação prática não ultrapassou significativamente o âmbito legislativo. Outra leitura reúne perspectivas sobre a figura de João Goulart, a atuação desse governo e as

A questão tem diversas interfaces e camadas que uma história do trabalho rural se dedica a estudar³⁵. De qualquer modo as tensões em torno das relações de trabalho no campo seguirão o rumo do trabalho temporário, os chamados bóias-frias e o movimento dos trabalhadores rurais sem terra³⁶.

Ainda em 1963, as relações de trabalho no campo e os contrastes entre trabalho e desemprego decorrentes da cafeicultura são afetados também por uma ocorrência específica no caso do Paraná: frio intenso e fortes geadas, acompanhadas pelas práticas de queimadas como preparo da terra para novas lavouras ocasionam grande incêndio rural nos meses de agosto e setembro. Atingiu aproximadamente dois milhões de hectares, cerca de 10% da área total do estado³⁷. Armínio Kaiser testemunhou de perto e registrou em fotografias ocorrências desse desastre ambiental. O incêndio, pelo impacto que representou na memória de Armínio recebe categoria própria na ordenação que ele faz de seu acervo. Um exemplo é o

produções historiográficas a respeito, sob uma perspectiva de história do tempo presente nos artigos reunidos sob coordenação de Marieta de Moraes Ferreira: João Goulart: entre a memória e a história (2006).

³⁵ Para a trama local em que Armínio se insere, são preponderantes as forças políticas que favorecem interesses dos proprietários cafeicultores nos discursos e espaços públicos. A respeito, é interessante o diálogo com o trabalho que analisa processos trabalhistas envolvendo trabalhadores rurais (PRIORI, 1996). E, por outro lado, a pesquisa de análise do discurso a partir das publicações do jornal Folha de Londrina a respeito da chamada “Marcha da Produção”, protestos dos cafeicultores pressionando o governo JK, em 1958, por políticas de favorecimento à cafeicultura. (CESARIO; ALMEIDA; ADUM, 2005).

³⁶ Mais especificamente sobre as relações entre trabalho e propriedade rural na cafeicultura, José de Souza Martins apresenta uma leitura na perspectiva de período histórico mais amplo que cobre as diversas formas adotadas para organização das propriedades no Brasil. Na ótica da relação entre propriedade e capital, o autor sinaliza para a percepção dos fazendeiros que a própria terra torna-se um capital e se sucede o avanço por novas regiões. A produtividade adquire maior preponderância quando o trabalho na cafeicultura passa de escravo para assalariado (o colonato dos imigrantes estrangeiros): “o avanço para novas terras dependia fundamentalmente de mão-de-obra sem o que a terra tinha pouca utilidade.” (MARTINS, 1998, p.62). Para situar a questão do colonato, o autor destaca que o colono não era um trabalhador individual, mas combinava a força de todos os membros da família: a mulher, os filhos com mais de sete anos de idade, onde a presença da cultura intercalar tem fundamental importância para a subsistência e renda adicional.

³⁷ Sobre o Incêndio de 1963 no Paraná, ver: PAIXÃO, 2015; NUNES, 2013; CHOMA, 2010, p.86-91.

caso da Fazenda Remanso, sobre a qual escreveu: *Fazenda "Remanso". Propriedade de Antonio de Camargo Correa Ferraz e Outros. Município de Lobato. Estado do Paraná. 5/9/63.*

Incêndio iniciado em 11/8/63, parece ter atingido o máximo. Queimou até esta data 600 alqueires dos 1200 alqueires de mata que a propriedade possui e liquidado com quase todos 1100 alqueires de pasto. Estavam empenhados em defender a sede e o gado preso na mangueira.

A seguir, a imagem que gerou essas anotações, uma impactante visão do fogo espalhando-se pelo pasto:

Figura 26 - Lobato, PR, 05/09/1963. Filtro verde 2x, 21/10 Din, Filme Perutz – Peromnia, 15/10 Din no fotômetro da máquina, Revelação: Foto Ogawa (Arapongas). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_037].

Armínio Kaiser esteve também atento em relação aos detalhes da condição humana vivenciada com o acontecimento, como testemunha na imagem a seguir, sobre a qual escreveu no envelope de acondicionamento do negativo: *Mudança por causa do incêndio nos pastos e matas. Estrada Vila Vitória – Ribeirão Lageado. Município de Sabáudia – Paraná. 07/09/1963.* E quando trabalha sobre essa imagem selecionada para a produção editorial de publicação no livro *Ao Sabor do Café*, complementa: *Mudança: receio dos incêndios próximos nos pastos, cafezais e matas*

Figura 27 - Sabáudia, PR, 07/09/1963. Filtro verde 2x, 20/10 Din, Filme Perutz – Peromnia, 15/10 Din no fotômetro da máquina. Revelação: Foto Ogawa (Arapongas). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROb_014].

Ecos do incêndio podem ser percebidos nos dados da erradicação anual apresentados por Márcia Carvalho (1999): No quadro do IBC, com os números sobre erradicação anual de 1962 a 1965, destaca-se no Paraná o ano de 1963 com a maior erradicação registrada: 72 milhões dos 132 milhões de cafeeiros erradicados no período. O governo do Paraná pede auxílio federal e uma das medidas do socorro é implementada através do IBC, intensificando os recursos para a erradicação e o plano de diversificação da economia, com uma operação que favorece o plantio de soja com sementes trazidas do Rio Grande do Sul. Um dos postos de revenda implantado pelo IBC para distribuição das sementes foi registrado pelas lentes de Armínio Kaiser em Alto Paraná, 21/11/1963:

Figura 28 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Na porta: Sr. Joaquim Fonseca Jr.
Foto: Armínio Kaiser.



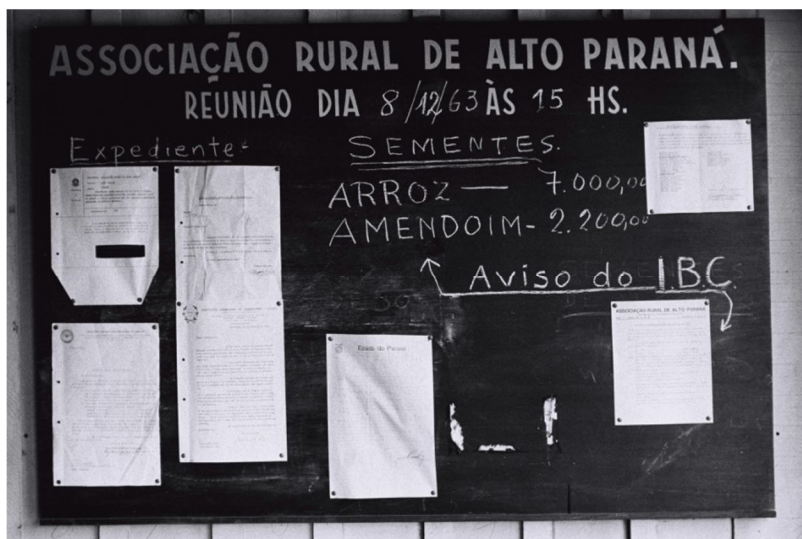
Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_080].

Figura 29 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_079]

Figura 30 - Alto Paraná, PR, 21/11/1963. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_078].

No “Aviso do IBC”, fotografado em detalhe, consta “Campanha para implantação da cultura de soja”. Consideradas as nuances do programa de erradicação, do incêndio de 1963, e das questões trabalhistas no campo, e os trânsitos políticos do momento que cobre um período histórico marcante na transição de um governo com preocupação popular seguido por um golpe e instauração da ditadura. Várias camadas e pinceladas, portanto, pintam o momento de declínio da cafeicultura paranaense. O papel de destaque conferido à geada de 1975, como marco desse declínio, pode ser compreendido na dimensão de uma situação drástica e repentina que acomete grande número de pessoas simultaneamente. As notícias que sucedem o acontecimento na imprensa estimam uma população de cerca de 600 mil pessoas em risco de desemprego. A capital do estado, Curitiba, sentiu esse impacto por ser o principal destino do êxodo rural³⁸. Viajando com frequência a Londrina e depois vivendo ali, Kaiser sente também este movimento na cidade considerada um polo regional.



³⁸ O documentário Geada Negra (2010) apresenta uma pesquisa sobre o acontecimento, traz notícias veiculadas na imprensa acompanhadas por depoimentos de governantes políticos, técnicos e cafeicultores.

Figura 31 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_ 051].

Se observarmos a produção de Armínio Kaiser aproximando-a de quadros da história da fotografia encontraremos propostas de fotografia documental e olhar engajado. Nas barrancas do Paranapanema se detém para registrar a prática corrente: lavar roupas no rio. E não se satisfaz em observar à distância, ele se movimenta atento aos detalhes, desce para a margem interessado no artifício para manter o bebê longe da atraente água brilhante: acomodado num caixote de madeira. Ao mesmo tempo, a fotografia se revela como estratégia de ação, uma forma de estar no mundo.

Figura 32 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_ 050].

Do campo para o laboratório, a partir da década de 1970, a produção fotográfica sobre a temática agrícola, iniciada quando do ingresso no IBC, em 1953, reduz sensivelmente quando Armínio passa a atuar no setor de melhoramento genético, sob a orientação do Instituto Agrônômico de Campinas (IAC), em busca de espécies resistentes à ferrugem, doença que atingia cafeeiros e podia arruinar uma lavoura de café. Do campo para o laboratório, Armínio encerra sua atividade fotográfica ligada à cafeicultura e agricultura. O último registro dessa temática que tive acesso data de 01/04/1970. Encerro com vários sinais da aceleração tecnológica da década de 1970 em diante: cafeeiros de laboratório, trabalho agrícola mecanizado, assim como a agronomia,

também a fotografia acelera sua transição tecnológica. No laboratório da engenharia genética, a magia pela fixação das imagens (ao menos aquelas da cafeicultura) perde um pouco do encanto.

Pelo contato que tomei com a totalidade do acervo de fotografias de Armínio Kaiser, sei que ele manteve sua atividade fotográfica no âmbito familiar. Outro vestígio que aponta para a manutenção da atividade é a participação de Kaiser como sócio fundador do Foto Clube de Londrina, inaugurado em 1971. Apesar disso, Armínio sempre insistiu que seu fascínio pela arte fotográfica perdeu o encanto com a transição tecnológica e que ele não acompanhou a modernização da técnica quando da passagem para a fotografia digital.



Com esse pequeno retrato sobre a prática do fotógrafo, seguirei a narrativa sobre o arquivo em interface com o ponto de mirada da pesquisadora. Reforço de agora em diante, o traço de que as informações e impressões apresentadas não provêm somente de um olhar sequencial sobre as imagens do acervo. Há contínua interação e cruzamento das imagens com outras narrativas produzidas pelo fotógrafo. O posicionamento crítico que marca muitas das imagens do acervo se expressa no pensamento e nas narrativas de Armínio Kaiser, aparecendo em todas as entrevistas, bem como nos textos autobiográficos que ele escreveu e nas correspondências trocadas ao longo dos projetos de patrimônio cultural desenvolvidos junto ao seu acervo. E não pode ser compreendido sem levar em consideração os trânsitos do espaço local-global que marca a atualidade. Dinâmica fundamental para a atenção à produção histórica na contemporaneidade.

O tempo-espaço de Armínio Kaiser, por isso, transita do recorte das fontes fotográficas (1951-1970), para o tempo presente, seguindo o objetivo de pensar o universo visual em diálogo com algumas constelações de possibilidades teórico-metodológicas que surgem das relações entre fotografia, memória e oralidade; das percepções do ambiente pelas interfaces entre imagem, natureza e cultura; das questões patrimoniais entre arquivos pessoais e (auto)biografia do ente produtor-acumulador-colecionador.

**DAS ANTIGAS LATAS DE BISCOITO AYMORÉ
PARA O MUNDO...**



Até aqui, observou-se o tempo-espaço de produção das imagens que riscaram no passado a película. Quando as fotografias cuidadosamente reveladas, copiadas e metodicamente guardadas nas latas de biscoitos Aymoré repousariam silenciosas por meio século. De agora em diante, observa-se o processo de movimentar tais fotografias das latas de biscoito para o mundo. Algo intimamente relacionado às questões epistemológicas sobre uma história da memória, onde o recurso às perspectivas biográficas é fundamental. O percurso passa por ações patrimoniais, através das quais o acesso às imagens é viabilizado. E considera a dimensão dos arquivos como objetos da pesquisa histórica, e não somente como repositório de fontes.

Como interlúdio desse trânsito e vínculo entre experiência vivida, passado e tempo presente, as palavras de Armínio Kaiser abrirão nova interrogação. Depois do texto que abria o capítulo anterior narrando o espaço-tempo de produção das imagens, “*E agora?*” dedica-se a pensar a continuação da história, trazida para o presente:

E agora?

O fim do colonato, as geadas, pestes e pragas além de preços não compensadores e, por fim, a erradicação, conjuminaram para a dispensa de levas de trabalhadores rurais. Por outro lado, os cafeicultores, sempre que possível procuravam reduzir o número de trabalhadores usando todos os recursos disponíveis: ao invés de capinas com enxadas, herbicidas aplicados com tratores e máquina de colher café, invés de mãos. Tudo isto visava reduzir o custo de produção proporcionando um melhor resultado financeiro para enfrentar dificuldades sempre crescentes.

Mas, apesar de tudo, é preciso lembrar que a cafeicultura foi, e ainda é, a atividade agrícola que mais necessita de mãos e elas, de repente, foram, em grande número, dispensadas. Surgiu uma nova classe social: os dispensáveis que foram se metamorfoseando em supérfluos e por fim em indesejáveis que começaram a perambular pelas estradas e ruas a procura de “melhores oportunidades”. O êxodo rural

eclodiu, como uma erupção, em 1967. Se isto não recebeu a devida atenção foi porque logo se banalizou; era tido como coisa natural e se ele passou despercebido foi porque não convinha ser notado.

O êxodo aumentou por falta de alguma oportunidade. Esta multidão, com o tempo, foi sendo absorvida por "atividades paralelas", nada ortodoxas, porém bem mais lucrativas.

A elite dirigente falhou. Ao resolver um problema criava outro pior: o crime desvairado. O fim do colonato foi o resultado, consciente ou não, de uma sociedade que necessitava de operários para indústria que crescia a passos largos no fim da década dos anos 50 e início dos anos 60.

A ideologia capitalista não podia suportar a existência de resquícios do feudalismo travestido de colonato, uma vez que exigia que todo trabalhador devia ser compensado em dinheiro. Os mandatários mudaram. O prestígio dos fazendeiros decrescia em confronto com os capitães da indústria que clamavam por "mais justiça social". [Surgiu o "bóia fria"]

Depois as culturas anuais, como milho, soja, etc começaram a ser mecanizadas. Isto era possível em grandes propriedades mas inviável em sítios de 10 a 20 alqueires (24ha a 48ha) que não podiam concorrer em eficiência. Sobreveio a falência da pequena propriedade, viável com a cultura do café, por ser um produto rico, mas sensível quando o preço caía a níveis insuportáveis. Paulatinamente as pequenas propriedades vão sendo incorporadas às fazendas maiores, mais eficientes economicamente.

A concentração de renda foi e ainda está se acentuando em detrimento de uma relativa boa distribuição da riqueza. A necessidade da

mão de obra não vem decrescendo só na agricultura que virou bode expiatório...

*[*] Os supermercados, no início da minha maioridade, surgiram transformando os clientes em funcionários da firma e os jogou em frente de muitas mercadorias que eles não tinham necessidade e interesse em adquirir mas o desejo de possuir, às vezes um cacareco, vem sendo estimulado em alto-falantes, por ofertas imperdíveis, através de músicas suaves em clima ameno. A isto se denominou pomposamente de "marketing". [*]*

Já, talvez mesmo antes dos anos 70, os computadores substituíram funcionários em escritórios de contabilidade, engenharia e agências comerciais. Aproximadamente a partir dessa data a automação nas indústrias vem reduzindo a mão de obra. Os bancos ainda foram mais além ao transformarem os clientes em funcionários e dispensando bancários.

Enxugar empresas virou uma obsessão universal na busca vertiginosa de uma sempre crescente eficiência. As máquinas de desempregar gente vieram para ficar mas que fazer com essa massa de dispensáveis?

Com abertura de novas oportunidades e criação de um sistema educacional excepcional capaz de atender esse oceano de gente? Isso nem pensar! Não dá lucro. E o inverossímil? Eliminação de gente, levando em conta, ou não, raça, credo religioso ou político? Isso já foi tentado mas com resultados duvidosos.

*[*] Distribuição gratuita de pílulas de Antrax não seria o ideal porque haveria o perigo de um efeito colateral atingindo as classes mais abastadas. O uso de contraceptivos não tem dado resultados amplamente satisfatórios.*

*E agora?
Qual a solução?
"Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta "!*

*Quer ir para Passárgada
Mas ela nunca existiu!
Dane-se José!³⁹ [*]*



Armínio Kaiser acompanhou as ações desenvolvidas com o arquivo, atuando na separação dos originais, em conversas e produções textuais que versam sobre circunstâncias e memórias presentes nas imagens. Assim como o texto acima passou por reformulações e dialogou com experiências passadas e presente. Nunca saímos da casa de Armínio Kaiser sem novos materiais: recortes de jornal, cópias de livros e novas fotografias, constantemente apresentadas ou enviadas por correspondência. A ideia de história viva é marcante aqui.

Também nosso caminhar entre a sala, espécie de arquivo vivo, e a mesa da copa, o campo de trabalho foi se tornando mais familiar ao longo do tempo. Por essa delicadeza das relações humanas considero relevante a reflexão metodológica de pesquisa, quando o pesquisador adentra os espaços dos arquivos pessoais. Ali, respeito, encontro e interação configuram os elementos de maior valor histórico. Daí o diálogo com o livro “Questões para a História do Tempo Presente”, seguindo a ideia de uma pesquisa histórica que se comunica, interage, estabelece pontes e interfaces entre ciência e sociedade, crítica e ação empírica. Para responder se afinal, pode-se fazer uma história do presente, os organizadores da obra respondem:

³⁹ Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico, 2007. No processo de edição, Armínio sugeriu algumas modificações nesse original, os trechos sinalizados entre [] foram incluídos, e os sinalizados entre [*] foram suprimidos. O final publicado terminava com a interrogação “Será que esse tal de Malthus não estava mesmo com a razão?”

Uma vez que o problema da disciplina coloca a questão da relação entre o historiador e seu tema, mas também da relação entre o historiador e seu tempo, qualquer resposta seria incompleta se esquecesse o historiador, a história e a sociedade.

Quer seja em sua relação com a testemunha, com o arquivo oral, o que mostra Robert Frank, quer seja na sua relação com o público, com o jornalismo, como descreve Jean-Pierre Rioux, o historiador é cada vez mais parte integrante do contemporâneo porque a força da história passadista, factual e historicista se esfumaça diante de uma demanda social insistente, resolutamente ancorada no presente e no modo “interpretativo”.

Em sua intervenção pública, a história, como a medicina ou a ciência da ecologia, é um fator de compreensão do presente e vetor de opinião para o corpo social. Convém, portanto, saber como e porque essa relação entre a ciência e a sociedade funciona. (CHAUVEAU, TETARD, 1999, p.35-36).

O trabalho com o arquivo de fotografias abordado relaciona-se diretamente com a questão do envolvimento do historiador no *tempo* e *tema* de pesquisa. Oferece elementos para pensar a natureza dos métodos quando o pesquisador reconhece seu pertencimento à história e encara a questão da subjetividade como parte do processo epistemológico. História do Tempo Presente, escrevem os autores citados, “é traduzida por uma vasta produção editorial, jornalística, e por uma difusão que ultrapassa os meios exclusivamente universitários.” (CHAUVEAU, TETARD, 1999, p.16). Ocupa outras dimensões: radiofônica, cinematográfica, televisiva e editorial. Nesta linha é, portanto, fundamental, pensar a natureza dos arquivos, as formas de acessibilidade, e as questões que envolvem o trânsito desse arquivo de circuito privado para o público, ocasionado pelas ações patrimoniais de organização e difusão das fotografias.

Para complementar a análise, na perspectiva dos desafios contemporâneos no campo do trabalho com arquivos pessoais, Leticia Borges Nedel (2013) bem situa uma reflexão dedicada a pensar os arquivos como objetos, para além de fontes de pesquisa. Ocorre que as propostas metodológicas da arquivística clássica, por estarem essencialmente ancoradas na dinâmica de arquivos institucionais, revelam-se insuficientes para dar conta das lógicas dos arquivos pessoais,

já que as formas de acumulação e arquivamento, de produção do arquivo e de seus usos correntes, divergem sensivelmente da pessoa para uma instituição. E diferencia-se infinitamente de uma para outra pessoa.

A preocupação com o dado biográfico, no tratamento de arquivos pessoais, surge do diálogo interdisciplinar de outras áreas com a arquivística. A exemplo da crítica literária e história da cultura escrita e da leitura, no tratamento de arquivos de escritores, cujas pesquisas articulam as escritas de si e os atos autobiográficos. Já na antropologia, o tratamento dos arquivos como artefatos da cultura material considera que transitam entre lugares, circuitos pessoais e públicos, e nesse movimento mobilizam valores simbólicos. Uma das abordagens vem de estudos da cultura material, como os do grupo "*matiere a penser*", na França, que investiga dados relacionados à frequência e motivações de consulta dos arquivos. Com os relatos de Kaiser acessamos uma compreensão da dinâmica de produção e da guarda de seu acervo. Muito mais que informações, dali captamos sentidos das fotografias, universo da cultura visual em que Armínio se insere, tanto quanto das práticas e da cultura material de regiões rurais do interior do Brasil, vivenciadas por ele.

Acessar o arquivo pessoal de Armínio Kaiser para dali extrair sua própria narrativa de vida não era o objetivo inicial da ação cultural. Contudo, transcorrido o tempo e com ele a história, foi possível ensaiar uma narrativa de como o traço biográfico se imprimiu na própria seleção fotográfica. Neste sentido, seguirei um relato conduzido pela cronologia dos encontros com o fotógrafo. Observo a dimensão das escritas de si, da autobiografia e como a biografia de um agente acumulador se expressa em seu arquivo pessoal. Investigo também como a biografia do próprio arquivo é traçada no percurso de seu circuito social. Um pensamento sobre a biografia das imagens quando transitam do circuito pessoal e privado, para uma vida pública através de publicações e ações patrimoniais empreendidas sobre o acervo no início do século XXI. Ou seja, quando o arquivo passa das antigas latas de biscoito Aymoré para o mundo...⁴⁰



⁴⁰ No presente capítulo retomo e amplio o debate iniciado na disciplina *Arquivos Pessoais: entre fonte e objeto da pesquisa*, ministrada por Leticia Nedel no Programa de Pós Graduação em História da UFSC, cujas reflexões teóricas foram objeto de artigo (COSTA, 2013)

PRIMEIROS CONTATOS

Figura 33 - Londrina, PR, 25/04/2007. Organização dos originais do Paraná para higienização. Registro em vídeo/fita miniDV. Foto: Edson Vieira.



Fonte: Arquivo pessoal de Edson Vieira.

Duas entrevistas iniciais foram registradas em vídeo, abril e maio de 2007, no momento em que o acervo fotográfico nos foi apresentado por Armínio Kaiser, em sua residência. Na primeira ocasião era uma seleção de 182 imagens que ele nomeava como uma “projeção” da cafeicultura no Paraná, sequência de envelopes numerados, cujos registros agrupados transcorriam com certa linearidade: da arrancada, ou derrubada da mata virgem; passava por técnicas de plantio, colheita, processamento e armazenagem; depois, os drásticos impactos de geadas e incêndio; acúmulo de estoques nos armazéns do IBC; culminava no programa de diversificação da economia, que incentivava a erradicação do café diante

dos problemas de superprodução da década de 1960. A “projeção” que Armínio Kaiser nos apresentou naquele momento tinha um ponto final narrativo: o desassossego motivado pelo êxodo rural. A lógica daquelas categorias seguiu uma linha do tempo que o fotógrafo organizava a partir de sua memória e de sua navegação pelas latas de biscoitos Aymoré. Assim narrou:

Londrina, 25 de abril de 2007

Armínio Kaiser: E o terceiro capítulo seria o quê? A saturação porque começou a produzir café adoidado em tudo quanto é canto. [...] Em [19]59 o Paraná produziu mais de vinte milhões de sacas de café. Entupiu tudo quanto foi armazém. E depois continuou produzindo mais café, café, café. E o IBC abrindo armazém, recebendo café e chegou um ponto que não aguentava mais. Então veio o problema da erradicação. Essa erradicação teve um preço violento que foi o êxodo rural. Esse êxodo rural também está documentado aí. Foi gente saindo daqui prali, daqui pra acolá... Marias, Josés, carregando filhos pra cá e pra lá. Depois veio o fim, veio a ferrugem, veio a geada de 75. E aí o café foi perdendo a força e houve uma imigração muito grande aqui do Paraná pra outros estados. Perdeu população, as cidades incharam... E veio mais uma classe social que eram os supérfluos, eram desempregados, não iam achar emprego mesmo. Não tinha o que fazer com eles, então eu classifiquei como supérfluos, aliás está aí numa biografia que eu dei pra vocês, a respeito deste problema.⁴¹

O relato é significativo para oferecer um ponto de vista de Armínio Kaiser sobre a história que vivenciou, especialmente se inter-relacionamos a fala com o texto do capítulo inicial “*Obituário?*”. O trecho possui uma reflexão sobre a cafeicultura, associada à questão dos trabalhadores, e destaca o elemento humanista do olhar de Kaiser.

⁴¹ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 25 de abril de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

Podemos aproximá-lo das perspectivas críticas que desconfiam e buscam reler histórias de pioneirismo e a ideia de que o café é fonte de riqueza. Ao concluir a reflexão mencionando o texto autobiográfico “*E agora?*”, publicado como encerramento do livro *Ao Sabor do Café* (2008), Armínio versa sobre as decorrências da dispensa de trabalhadores oriundos das unidades produtivas cafeeiras. Toma como perspectiva a situação social delicada que ele vivencia no tempo presente da escrita, em relação à criminalidade.

No encontro seguinte Armínio seguiu a mesma lógica de ordenação do arquivo de fotografias, ampliando-a para outros originais divididos em envelopes por ele categorizados e abertos, um a um acompanhados pela narrativa de imagens e histórias. Esse número de originais se ampliou ao longo do período de trabalho e está detalhado no quadro das categorias e quantidades de originais do universo da pesquisa que segue abaixo, com indicação por tipo de negativo fotográfico:

Tabela 1 – Quantidade de originais apresentados por Armínio Kaiser nas ações de salvaguarda do projeto Revelações da História

REVELAÇÕES DA HISTÓRIA				
Categoria	Negativos 6x6 cm P&B	Negativos 6x6 cm COR	Negativos 35 mm P&B	Total
Projeção (A) Arrancada	27	02	03	32
Projeção (B) Incêndio	17	---	---	17
Projeção (C) Saturação	07	---	---	07
Projeção (D) Erradicação	01	---	82	83
Projeção (E) Êxodo	10	---	33	43
Plantio (A) Tradicional empírico	34	---	04	38
Plantio (B) Cordões em contorno	11	---	---	11
Plantio Racional (A) Terras virgens	49	01	---	50
Plantio Racional (B) Terras desbravadas	95	---	08	103
Viveiros	36	01	07	44
Erosão	38	06	04	48
Culturas (A) Capinas	09	---	04	13
Culturas (B) Culturas intercalares	06	---	---	06
Culturas (C) Adubações	09	---	---	09
Culturas (D) Outras culturas	06	---	---	06
Colheita (A) Florada	22	06	---	28
Colheita (B) Colheita e Secagem	63	06	37	106

Armazenamento	37	---	44	81
Incêndio	67	---	30	97
Frio, Deficiências, Pragas e Moléstias	16	---	09	25
Geadas	65	---	---	65
Plano de Diversificação Econômica (A) Erradicação	54	---	---	54
Plano de Div. Econômica (B) Novas Culturas	26	---	68	94
Plano de Div. Econômica (C) Vistas da região	23	---	---	23
Fator Humano [Cotidiano]	62	---	100	162
Totais parciais por tamanho de negativo	790	22	433	---
Total de originais 1245				

Em visada panorâmica sobre o conjunto de categorias nota-se uma ordenação em categorias técnicas, com inclinação para as ciências agrárias na maioria delas. Somente uma série é dedicada ao “fator humano”, aquela que apresenta maior número de fotografias. A navegação pelo oceano de imagens, transpondo fronteiras imaginárias situadas pela categorização sinaliza, contudo, para a marcante e constante presença de pessoas fotografadas em todas as categorias. A fim de dimensionar ainda mais a delicada questão da segmentação de séries. Destaca-se que a categoria fator humano apresenta variada gama de situações cotidianas onde nem sempre aparecem pessoas. Observemos a fala de Armínio Kaiser ao abrir o envelope que guardava as fotos dessa categoria. Para um exercício de leitura verbo-visual, apresento a seguir uma combinação verbo-visual trazendo as falas associadas com as imagens a que se relacionam e que despertam as observações do fotógrafo:

Figura 34 – Na foto o Sr. Álvaro Godoy. Fazenda Santa Helena, dos irmãos Godoy. Londrina, PR, 23/02/1967. Filme Agfa LISS. Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_061].

Londrina, 24 de maio de 2007.

Armínio Kaiser: [Esse envelope] aqui é problema humano. Esse senhor, é na terra dos pés vermelhos, conhece? Álvaro Godoy. Pega os jornais de Londrina de 1967, ele mandava de semana em semana um telegrama pro presidente da República reclamando alguma coisa da cafeicultura.

Figura 35 – Apucarana a Pirapó, PR. T:1/100 F:11 (seria melhor F:8?) 21/10 Din. Filtro? Provavelmente verde. 50 cm de lente. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_068].

O problema de erradicação gerou isso aqui: dispensa de gente porque o café exigia mão de obra, mão de obra, pouca coisa era mecanizada, depois apareceu máquina de colher café.

Figura 36 - Miraselva a Jaguapitã, PR, 23/05/1967. Filme Perutz 21/10 Din. Filtro verde 2x(1x) T:1/100 f:5.6. Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_052].

Isso é mais problema humano, uma boiada, hoje não existe mais nas estradas, mas no meu tempo de corredor de estrada, era comum, tinha que parar o carro, vinha o vaqueiro abrindo caminho entre o gado pra passar o carro.

Figura 37 - Porto Alvim, Rio Paranapanema, 07/07/1959. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_049]

Lavadeira no rio Paranapanema, mas isso não tem bem que ver com erradicação. As crianças eram postas em caixinhas enquanto elas lavavam. Isso aqui é a miséria, dentro do rio.

Figura 38 – Araongas, PR. *Aniversário*. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_031]

Isso aqui é inauguração, é Aniversário de Maringá em 57, Maringá foi fundada em 47. Não, essa aqui não é de Maringá, essa é Araongas...

... Maringá é essa aqui. A Festa 10 anos de Maringá.

Figura 39 - Maringá, PR, 1957. 10 anos. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_033]

Figura 40 – São Pedro do Ivaí, PR, 28/04/1967. Filme Perutz 21/10 Din. Filtro verde 2x(1x) T:1/100 F:5.6 Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_034].

Alegria do menino que arranjou um tronco pra mãe dele fazer comida. Hoje vai ser difícil achar madeira, acabou a madeira!

Figura 41 – *Aspecto da mata derrubada para plantio de café*. Paranacity, PR, 06/08/1959. Sítio São Jorge. Proprietário Santo Campetelli.
Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_038].

Essa aqui é minha mulher, que era paulistana, nunca tinha visto o meio rural e ficou deslumbrada com a erradicação, a erradicação não, o corte de madeira da floresta pra plantar café.

Figura 42 - *Preparando um cafezinho*. Nova Londrina, PR, 28/09/1958. Fazenda Santa Rosa. Proprietário Francisco Cisneros Sanches. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_039].

Fazendo um cafezinho em um plantio de café, esse café foi comprado na venda da esquina da encruzilhada porque não havia café, ele está plantando café!

Figura 43 – Nova Londrina, PR, 28/09/1958. Fazenda Santa Rosa. Proprietário Francisco Cisneros Sanches. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_40].

É no meio da mata, mata que foi derrubada, tem uns ranchos pra pousada dos peões que iam plantar o café e nós íamos determinar as niveladas básicas pra plantio do café em nível. Aí teve um senhor que pegou malária, porque aí deu muita malária. Fomos no serviço de malária, era em Nova Londrina, e pegamos pílulas pra ele tomar. A medicação pra malária era pra tomar uma pílula por dia. Voltei lá uma semana depois pra verificar o serviço, porque quem fazia o serviço de campo era o auxiliar de campo. Eu treinava uma pessoa pra fazer esse serviço e ia cuidar de outra coisa. O serviço pra alocar as posições. E perguntei: "- Como é, está melhor?" "- Que melhor nada!" "-Mas o senhor não está tomando o remédio? Não parou a febre?" "- Ah, me deu vontade de ficar bom logo, tomei as 15 pílulas de uma vez. Mas fiquei doente!..." Claro! Aquilo era veneno pra matar bicho! Coitado!

Figura 44 – *Igreja Matriz*. Maringá, PR, 1957. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_041].

Aqui é a Primeira igreja de Maringá, fica ao lado do hotel.

Figuras 45 e 46 – *Bairro dos França (Entre Mauá e Barreiro) Estrada do Café*, PR, 15/05/1969. Filme Versapan 22Din. Filtro Amarelo. T:1/100 F:16 D: infinito. Revelação: Microdol X 1:3 21,5° 11,51 18/05/1969. Fotos: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_074 e HUM_075]

Bairro dos França, entre Mauá e Barreiro,
Estrada do café.

Figura 47 – Santa Fé, PR, 13/12/1967. Filme Perutz 21/10Din. Tessar 10,5cm sem Tossanon. Filtro Alaranjado 4x calibrado para 16Weston (+-15/10Din) que determinou tirar com T:1/100 F:11 que seria exposição correta, tirei no entanto com T:1/100 F:8. Revelação: Fotóptica (São Paulo) Maq979967. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio KAiser [HUM_080].

Figura 48 - “*Salva tua alma*” Cruz. Saída de Arapongas para Sabáudia, PR, 06/06/1969. Filme Fomapan 21/10Din. Filtro Alaranjado (Fator 4x) T:1/100 F:11 D:8/15. Revelação: Microdol X 1:3 13´ 21°C. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_062].

Figura 49 e 50 – Alto Alegre, PR, 13/12/1967. Filme Perutz 21/10Din. Filtro Alaranjado 4x. Tessar 10,5cm sem Tossanon. Em razão do filtro alaranjado foi calibrado o fotômetro Weston para 16Weston (+-15/10Din) que determinou tirar com T:1/100 F:11. Revelação: Fotóptica(São Paulo) Maq979967. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_083 e HUM_081].

Tinha muito estas cruzeiras na estrada: “Salva tua alma”.

Figura 51 - “Primeiro Gole”. Astorga, PR, 25/09/1969. Filme Panatomic X 16Din (16Weston) T: 1/100 F:8 D:infinito. Filtro Amarelo. Revelação: Microdol X 1:3 21 °C 15’. Interruptor 20 °C . Fixador 21°C. Água de lavagem 23 °C, 06/10/1969. Fotos: Armínio Kaiser..



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_088]

Aqui tirei, mas tirei de longe, não deu pra ver direito, mas aqui está escrito, nesse barzinho, na entrada de Astorga, está escrito “primeiro gole”! E do lado de cá quem sai de Astorga, vai pro campo, está escrito “último gole”⁴².

⁴² KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 24/05/2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

Figura 52 - “Último Gole”. Astorga, PR, 25/09/1969. Filme Panatomic X 16Din (16Weston) T: 1/100 F:8 D:infinito. Filtro Amarelo. Revelação: Microdol X 1:3 21 °C 15'. Inruptor 20 °C . Fixador 21°C. Água de lavagem 23 °C, 06/10/1969. Fotos: Armínio Kaiser..



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_089]

Os modos de Armínio Kaiser guardar e apresentar as imagens oferecem à discussão a dimensão biográfica dos arquivos pessoais. Debate de profissionais de experiência na área arquivística exploram limites de aplicabilidade da teoria clássica⁴³. Há singulares diferenças entre os arquivos pessoais e os institucionais, especialmente no que se refere à dinâmica de produção e guarda de documentos. É premente a necessidade da atuação transdisciplinar. Para tanto, cabe observar que, na história, arquivos pessoais são abordados prioritariamente como fontes de pesquisa e só, muito recentemente, tais arquivos se postulam como objeto.

Já o tratamento de arquivos pessoais pela via da ciência arquivística concentra-se sobre as atividades e os meios (documentais) de sua realização. Embora crescentemente valorizada por arquivistas norte-americanos e canadenses, no Brasil a perspectiva dos arquivos pessoais é ainda prioritariamente discutida dentro da teoria literária. Foi esta uma das primeiras áreas a investir sobre a acumulação, organização e estudo de arquivos pessoais, que na arquivologia sempre ocuparam uma posição marginal. A aplicação do método genético da teoria literária aos arquivos pessoais de escritores revela diferenças envolvidas na relação entre biografia e obra – ou entre a vida e os atos de composição criativa. Em arquivos guardados por escritores percebe-se forte relação entre a biografia do autor e as obras literárias e isso sugere importantes contribuições para propor caminhos.

Diante da discussão, a noção de **composição autobiográfica** nos arquivos pessoais motiva pensar sobre eles, considerando-os objetos da pesquisa e observando-se, por exemplo, as condições materiais de seu arquivamento. Baús, pastas, caixas, gavetas, armários, estantes... Algo infinitamente variável e profundamente identificado com a pessoa que os guarda. O lugar da casa que ocupam, seja sala ou porão, expressará outro traço dos possíveis significados e seu valor no cotidiano.

A seguir, a materialidade dos originais guardados por A. Kaiser, cuja metodologia para organização e artifícios de arquivamento dos negativos originais se associa à guarda do negativo original. A modalidade de acesso às informações visuais e textuais constituem estratégias criadas pelo próprio fotógrafo. Cada negativo era acondicionado em um envelope. Na frente do envelope estava colado um contato positivo da fotografia em papel para saber qual a imagem

⁴³ Uma discussão entre a arquivística clássica e debates contemporâneos da área, pode ser lida na interação entre algumas perspectivas: na arquivologia canadense COOK, SCHWARTZ (2004); KAPLAN (2002) nos EUA; no Brasil, o debate da historiadora NEDEL (2013).

guardada ali. E no verso constavam as informações escritas sobre o local, a data e outros dados da imagem. Estes envelopes contendo negativos, contatos e informações eram guardados nas latas de biscoito:

Figura 53 - Envelopes de guarda dos negativos originais, acondicionados em latas antigas de biscoitos Aymoré. Foto: Daniel Choma.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Choma.

Observar arquivos pessoais como objeto de pesquisa considera, ainda, o modo como o personagem guardião ordena e como se relaciona com a organização do arquivo. Uma produtiva experiência a respeito é narrada por Priscila Fraiz a partir da incursão ao arquivo de Gustavo Capanema. Com formação interdisciplinar em ciências sociais, letras e história, essa pesquisadora brasileira dedica-se ao tema das biografias e dos arquivos pessoais. Narra sua experiência sensivelmente:

Como uma das pesquisadoras responsáveis pela organização do arquivo, tive a atenção despertada por certo tipo de material que, de imediato, tornava aquele diferente de todos os outros arquivos que lhe fazem companhia no CPDOC. Trata-se de documentos de autoria do titular, referentes ao

planejamento e à organização do próprio arquivo [...] É raro que um arquivo pessoal chegue a uma instituição de memória com algum arranjo ou ordenamento prévios, determinado pelo próprio titular, por colaboradores ou mesmo por familiares; mais incomum ainda é encontrar um tipo de material que reflita e revele alguma ordem original ou primitiva, que possa nos dizer *do* arquivo e *sobre* o arquivo. Examinando mais acuradamente esse conjunto de documentos, batizado de *meta-arquivo*, tentei perceber uma lógica de acumulação implícita na forma como Capanema dispôs seus papéis ao longo da vida. Essa lógica pareceu-me consistir em produzir e guardar registros que servissem de suporte para o projeto de escrever suas memórias, não levado a termo. Imediatamente me veio a ideia de pensar esse arquivo como o projeto autobiográfico de Capanema, na medida em que a construção de seu arquivo pessoal podia ser reveladora da maneira como ele constituía, emprestava um sentido, dava coerência e solidificava seu eu, sua imagem. (FRAIZ, 1998, p.60).

A organização de arquivos pessoais deve buscar compreender e levar em conta motivações do produtor do arquivo, as evidências do sujeito acumulador. Aquilo que o conjunto documental desse tipo de arquivo expressa está vinculado à construção do personagem a respeito de sua biografia material. É esse personagem que origina a lógica da acumulação, o princípio da proveniência de seus guardados – os objetos biográficos. Discussão importante porque o motivo de criação de um arquivo pessoal é menos uma atividade burocrática regulada por normas (como ocorre com os arquivos institucionais) do que uma atitude pessoal de acumulação e registro, motivada pela forma de se relacionar com o mundo. Observemos como isso se expressa numa escrita poética de Armínio Kaiser:

A agressão da imagem

*A felicidade, a riqueza, a justiça,
a bondade estão associadas ao belo,
porque são agradáveis.
É o céu dos amigos.*

*A pobreza, a sujeira, a opressão,
a crueldade são desagradáveis,
portanto feias.
É o inferno dos demônios.*

*A feiúra pode se tornar atraente quando
a tortura da miséria é representada.
É a redenção do feio pelo fascínio
da compaixão, mas a imagem
continua perturbadora.
É a terra dos martirizados.*

Ao concentrar-se sobre arquivos de escritores, apresentando a experiência canadense sobre os modos como procuram dar suporte à personalidade do autor na organização dos fundos arquivísticos, Catherine Hobbs (2001) pensa sobre os papéis dos profissionais arquivologistas e situa a importância de considerar os arquivos pessoais como objetos da cultura e como expressão das interações do sujeito – universo individual e o mundo social – as órbitas coletivas.

Considere-se que “fotografia” significa “escrita da luz”. Um fotógrafo é, portanto, um autor, cuja linguagem é imagética. Como bom literato, joga com elementos de técnica e arte, daí a relevância do diálogo com os estudos literários. Fotografar requer, tanto quanto o exercício de redação de um texto, domínio estilístico, e a união de conhecimentos intelectuais, sensíveis e tecnológicos... Ao invés de tinta, a escrita do fotógrafo com a luz, converte a caneta num complexo aparato de lentes e espelhos. A gramática requer conhecer planos, enquadramentos, foco. A alfabetização se dá no olho. A imaginação, a criatividade, a poesia do fotógrafo é concretista, feita de elementos visíveis e de uma experiência corporal de ver e clicar.

Para além das “evidências” que aparecem nas narrativas autobiográficas, outros traços da relação de Armínio Kaiser com a vida de suas imagens podem ser inferidos a partir da familiaridade em percorrer o extenso arquivo vezes e mais vezes, ao longo de anos, buscando compreender os modos do fotógrafo cuidadosamente revelar, copiar,

referenciar e guardar os originais. Os reincidentes riscos a caneta, traçam uma busca pelo enquadramento, a fim de tornar uma imagem ainda mais harmônica, a mensagem mais evidente, a fotografia provocante. Salta aos olhos, ainda, o detalhe e a precisão das anotações sobre o momento do clique. Praticamente todo o arquivo conta com local e data do registro, filme utilizado, fotômetro, lente, filtro, local de revelação. Em alguns constam até o revelador e a temperatura, indiciários da montagem de um laboratório caseiro e da revelação manual das próprias fotografias em 1970. Evidente, aí está, um fotógrafo intrigado em estudar os resultados atingidos, como se objetivasse o máximo de controle sobre a imagem que foi registrada, no anseio de reter o espaço, o tempo e as condições de luz.⁴⁴

A prancha fotográfica seguinte, um dos registros de Armínio Kaiser sobre o cenário social que vivenciava, expressa traços dessa relação. No envelope, informações sobre as condições de vida cotidiana e sobre a técnica fotográfica: *Sr. Manuel Pinheiro e 6 filhos homens, um ausente (trabalhando na cidade de Londrina, perto do sítio onde moram os pais). 4 filhos falecidos: 1 com 1 ano e 8 meses, 2 na idade de 2 anos e 1 com 4 dias. – Arredores de Londrina. - Perutz 21/10 Din – Fotômetro Weston. Filtro verde - Tessar 5 cm. Revelação Fotóptica Maq 979965 24/11/1967.* A descrição da anotação de Armínio Kaiser no envelope, intriga, no entanto, pelo apagamento das figuras femininas. São os homens da imagem que recebem a tinta do fotógrafo. A mulher presente na fotografia não é mencionada, assim como a criança que ela carrega no colo, provavelmente uma menina, já que ele escreve que são seis filhos homens, sendo um ausente.

Num exercício de pensar a biografia de tal imagem, apresento-a em dois quadros, o original registrado e o corte sugerido:

⁴⁴ Para leitores interessados sugiro leitura da dissertação de Daniel Choma, em especial, o primeiro capítulo, dedicado a pensar sobre tais práticas fotográficas de Armínio Kaiser (CHOMA, 2010).

Figura 54 e 55 – Foto de Armínio Kaiser e envelope de guarda do negativo original.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_016].

Na escolha do tema registrado expressa-se, como caráter evidenciário, a fotografia social, com a qual a autobiografia de Armínio Kaiser pode ser correlacionada. Apesar de seu olhar da época ter conferido pouca atenção às mulheres, reflete seu engajamento social, a escolha pela agronomia, de inspiração “neomalthusiana”, como possibilidade de contribuir para reduzir a fome no mundo. Outra evidência, o exercício do olhar de quem se expressa no envelope de guarda com as indicações de recorte para aperfeiçoar o enquadramento da fotografia. “Qualquer que seja o assunto registrado na fotografia, esta também documentará a visão de mundo do fotógrafo”, afirmou Boris Kossoy (2001, p.50).

De certa maneira, arquivos pessoais “espelham” a consciência de si, processos de agenciamento, construção de representações, vínculos

com os sentidos de permanência, legado, através do qual a pessoa se coloca no mundo. Na via de mão dupla do “eu”, “nós”, “outros”, importa considerar uma dimensão hermenêutica, reflexiva, como um jogo de espelhos entre autoimagens e construção de escritas de si. É quando se opera uma dimensão dinâmica de produção de sentidos para a memória, para o patrimônio, o universo simbólico e os processos de identificação. Com tal horizonte, transitemos do universo pessoal para a escrita da vida social...



DE CONTATOS À PRIMEIRA IMPRESSÃO

Em outubro de 2007, registramos a terceira entrevista com Armínio Kaiser no processo de organização do livro *Ao Sabor do Café*. A perspectiva proposta por ele para as categorias do arquivo inspirou a narrativa que se adotou para a produção editorial, onde as imagens sobre a condição humana viriam a aparecer em dois capítulos diferentes: um dedicado a “cotidianos” e outro ao “desassossego”. O roteiro partiu da seleção prévia das imagens que seriam publicadas, impressas em papel sulfite para permitir anotações e organizadas em sessões assim ordenadas: Arrancada, Erosão, Plantio, Cotidianos, Florada, Colheita, Secagem, Armazenagem, Nebulizador, Geadas, O grande incêndio, Programa de diversificação, Erradicação, Desassossego. Depois desse encontro, uma série de correspondências foram trocadas visando a legendagem de algumas imagens e revisão dos textos que seriam publicados. Na correspondência de 24 de julho de 2008, Armínio escreveu: *Estou remetendo sugestões de cortes de partes, modificações de outras e formações de algumas para eliminar tudo que não conduza a atingir um objetivo. Considerei como objetivo a desmistificação da “época áurea da cafeicultura” mostrando o que realmente ocorria.* Mais adiante, menciona a forma de apresentação das imagens: *“Sugiro, por pura questão de estética minha, particular, evitar que uma fotografia seja dividida ao meio por ser projetada em duas folhas e que as sequências sejam reduzidas ao mínimo necessário porque elas têm menor poder de impacto; a atenção se dilui perdendo a agressividade.”*

Uma reflexão sobre esse processo de trabalho do ponto de vista da atuação do editor foi tecida por Daniel Choma, companheiro de ações culturais, em sua dissertação de mestrado. Além da produção do livro, Choma dedicou atenção às interações entre fotografia, memória e história oral, analisando o processo de produção do documentário *Grãos de Ouro em saís de prata*, que sucedeu ao projeto com o arquivo de fotografias de Kaiser e utilizaria essas imagens como ferramenta metodológica para entrevistas.

Decorre da pesquisa acadêmica citada o registro audiovisual de história oral com o fotógrafo, em 2009. A conversa se desenrolou com o livro *Ao Sabor do Café* em mãos. Armínio Kaiser folheava livremente as páginas tecendo seus comentários a partir das fotografias que sensivelmente mais lhe despertassem. Aqui um elemento importante a observar é a postura de Armínio diante das imagens. No folhear sequencial das páginas, o maior impacto vem do que lhe toca a sensibilidade, especialmente o elemento humano.

Figura 56 - Londrina, PR, 02/03/2009. Recepção do livro *Ao Sabor do Café* e entrevista para o documentário *Grãos de ouro em saís de prata*. Registro em vídeo/fita mini DV. Câmera: Daniel Choma.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Choma

Quando o fotógrafo se torna espectador de suas próprias imagens, publicadas em livro, ocupando um circuito bem diferente daquele mais íntimo das latas de biscoitos Aymoré, as narrativas diante das fotos oferecem significados construídos em múltiplas matrizes. Poucas informações de sua fala vêm dos dados anotados sobre a data e local da imagem, ou se restringem à racionalidade técnica agrônômica. Emerge muito de suas memórias e um tanto mais de sonhos e imaginações. No conjunto de narrativas que aparecem a seguir, aquilo que Ecléa Bosi (1994) aborda como o trabalho da memória se expressa sensivelmente, e revela graciosa afinidade com os estudos que Etienne Samain vem desenvolvendo em pesquisas sobre imagem e pensamento:

Diria que a imagem é uma ‘ forma que pensa’, na medida em que as ideias por ela veiculadas e que ela faz nascer dentro de nós – quando as olhamos – são ideias que somente se tornaram possíveis porque ela, a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia, de reaparecer agora *hic et nunc* e, provavelmente, num tempo futuro, ao (re) formular-se ainda em outras singulares direções e formas. (SAMAIN, 2012, p.33)

E como fazem Armínio pensar! Como colocam sua memória para trabalhar. Observemos logo a seguir as imagens seguindo a fala do fotógrafo, registrada na entrevista de 02 de março de 2009. Trata-se de uma sequência onde cada virar de página é acompanhado por comentários das imagens vistas. Para fazer pensar, imaginemos a diferente percepção que teríamos vendo as fotografias acompanhadas das anotações que o fotógrafo registrou no momento do clique, e que constam nos envelopes correspondentes a cada uma delas, incluídas a seguir como notas de rodapé. Na ordem da narrativa de Kaiser, seguem as fotos observadas e acompanhadas por sua fala:

Figura 57 - Arapongas, PR, 29/05/1967. T:1/25 F: 4/5.6 Filtro verde 2x (1x) 21/10 Din. Filme Perutz. Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_001].

Londrina, 02 de março de 2009.

Armínio Kaiser: Resolveram morar na beira da estrada. De onde é que eles vieram? De alguma fazenda.

Figura 58 - Londrina, PR, 30/05/1967. T:1/100 F:2.8 Lente 50cm sem filtro 21/10 Din. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_041].

A mulher desse homem aqui deu no pé. Fugiu da miséria, foi embora, largou a menina na mão dele. Ah, não tomei depoimento dele!

Figura 59 - Entre Cambé e Londrina, PR, 27/02/1967. Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_003].⁴⁵

Essa moça aqui conseguiu um pouquinho de feijão, está com a panela aqui, vai cozinhar o feijão não sei aonde.

⁴⁵ Observação: Esta imagem é mencionada na primeira entrevista registrada em 25/04/2007: “Essa senhora está catando feijão no meio do asfalto. Essa aqui é a estrada, liga Cambé e Londrina, esse pedaço ainda existe, mas agora está duplicado”.

Figura 60 - Londrina, Paraná, 17/02/1967. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_032]

Aqui tem uma criança com mamadeira na frente, olhando a mãe na esperança de talvez receber um pouco mais. Caldo de?... Cana! Londrina, essa fotografia, aqui eram os alicerces do Banco do Brasil.⁴⁶

Feito o exercício de sensibilidade e interação das imagens, palavras, pensamentos e sentidos considero que, refletir sobre tal processo sob as perspectivas da história oral, permite perceber a riqueza de dados possíveis de se obter para a pesquisa histórica. Quando se associa imagem fotográfica com as narrativas sobre elas, sejam os aspectos da produção percebida sob o olhar do fotógrafo produtor, ou dos diversos atores sociais envolvidos com o objeto em questão. Os depoimentos do guardião do

⁴⁶ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

arquivo agregam produções de sentido que somente as imagens e os metadados (na maioria das vezes de ordem técnica), não poderiam oferecer.

A entrevista, nesse caso, é particularmente interessante para ser observada em relação às anteriores, quando se investigam as narrativas despertadas por imagens e os modos como a composição se processa. Ênfase aqui ao aspecto sensível das dinâmicas do olhar e da memória que operam no ato de ver uma fotografia. Em 2007 estávamos muito concentrados nas questões que diziam respeito ao arquivo, às formas como se pode compreender e organizar um universo de significativo volume e quantidade de imagens. Além disso, era nossa primeira incursão no universo técnico, político e histórico sobre a cafeicultura. Já no segundo momento, em 2009, conta-se com a diferença qualitativa de trabalhar um número reduzido de imagens, a organização do *corpus* documental está concluída, há maior conhecimento do tema e certa ordem narrativa dada pelo livro. Isso permitiu mergulhos mais qualitativos nas imagens, no universo da cultura visual e na produção fotográfica propriamente dita.

Circunda esse momento de entrevista um elemento do tempo presente: o reconhecimento social da obra fotográfica de Armínio Kaiser como patrimônio cultural a partir da publicação do livro *Ao Sabor do Café* e do circuito de exposições que põe em cena situações díspares e contraditórias, paradoxais até. No lançamento inaugural, realizado no Museu Histórico de Londrina, um dos mais tradicionais espaços da cidade dedicados à memória da cafeicultura, Armínio aproveita a oportunidade para lançar sua ácida crítica sobre qualquer discurso comemorativo da cafeicultura. Com a palavra, canta “*Yes, nós temos bananas*” e fala nos problemas sociais da economia profundamente atrelada aos interesses de lucro do mercado exportador.

As esferas de recepção em torno da circulação das imagens trazem produtivo exercício para se pensar as dinâmicas mutantes sobre os embates de memória. Compreendê-las exige um mergulho por camadas de estudo com relação à memória. Esse campo, por excelência transdisciplinar, se não indisciplinar! No tema dos processos da memória, entre o plano individual, coletivo, político e psíquico, contracenam experiências vindas de cenários distintos.

As pesquisas de Ecléa Bosi (1994 e 2003), advindas do campo da psicologia social, assinalam trânsitos dos modos de lembrar, nas formas de se compor a memória numa interação entre a sociedade e a memória coletiva (problematizada a partir da teoria de Maurice Halbwachs), com o plano individual (pensado a partir das teorias de Henri Bergson) de como

se expressa a rememoração. Em especial, a autora dá atenção aos trabalhos da memória e às singularidades do processo de envelhecimento. Valoriza, numa perspectiva que dialoga com Walter Benjamin, a dimensão narrativa das memórias por pessoas idosas. Do ponto de vista da história e no debate entre memória, história e esquecimento, podemos situar ao lado de Bosi, a perspectiva de Paul Ricoeur: “Portanto, não é apenas com a hipótese da polaridade entre memória individual e memória coletiva que se deve entrar no campo da história, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros.” (2007, p.205)

Tal dimensão importa para (re)ler a cafeicultura para além do fator histórico fundamental dessa atividade, representado pelo seu peso na economia e que constitui um dos elementos geradores da memória do café, reificada pela história oficial no Brasil, de modo geral, e muito fortemente no Paraná. Os sentidos possíveis das imagens do arquivo de Kaiser para a história do café e para a população local vão além, quando lidos nas dinâmicas de identidade, patrimônio e memória. Pois expressam em imagens aspectos de uma cultura compartilhada. Quando Ricoeur situa três sujeitos de atribuição da lembrança: *eu, os coletivos, os próximos*, esta terceira figura perpassa o coletivo e se inter-relaciona com individualidades, atuando no lembrado e narrado. Com isso, a relação entre memória individual e coletiva se transmuta num constante movimento entre a memória pública, a memória pessoal e a compartilhada com pessoas próximas da comunidade de afinidade.

A questão se reflete no potencial que as fotografias possuem para despertar lembranças. Muitos dos velhos moradores de Londrina hoje possuíam os jovens braços que vieram lavrar aquelas terras no passado. Os vínculos com a cafeicultura não constituem apenas uma história local, mas um sentimento de afinidade, proximidade, pertencimento. Isso ficou visível durante a produção audiovisual do documentário *Grãos de ouro em saís de prata*, realizado junto a trabalhadores e ex-trabalhadores do café, cujas entrevistas foram conduzidas a partir das fotografias de A. Kaiser. Naquele momento, as imagens tiveram suas nuances ampliadas significativamente a partir de pontos de vista variados, expressos através dos relatos coletados. Remontam a diferentes universos de experiência. Isso revelou a importância da circulação daquelas fotos e o poder das imagens para despertar histórias latentes.

Especialmente se consideramos espaços de identificação entre os espectadores e os temas retratados, apresentar imagens da cafeicultura de uma região às pessoas que estiveram, de alguma forma, ligadas à história delas, traz aspecto metodológico relevante para a prática historiográfica:

os relatos abordam muito mais do que meras descrições das imagens vistas. Olhar fotografias é ver imagens do passado retido na memória, é falar de sensibilidades, indagar sobre o cotidiano vivido, mas não somente isso. A viagem ao lembrado e imaginado leva os narradores a pensar sobre o próprio presente e refletirem sobre expectativas de futuro. Isto se expressa, por exemplo, na percepção de mudanças, rupturas e faltas: técnicas e procedimentos obsoletos, a diferença da altura dos cafeeiros de antigamente para as espécies atuais e que se refletem no cotidiano de trabalho, a saudade do cafezinho coado pela mãe.

Ao levantar a cabeça e contemplar o horizonte, a apreensão de ver terras conhecidas diante dos olhos, que já foram vistas povoadas de cafeeiros, e que antes ainda foram território de suntuosas perobas. No presente, terras recobertas por soja e trigo. Lavouras em que não há espaço para trabalhadores, pois o serviço é feito por maquinário. Desse modo, o olhar para o passado, retratado nas fotografias de Armínio Kaiser remonta, nas narrativas dos trabalhadores do café, aquilo que o fotógrafo cantou, discursou e escreveu: expectativa de futuro, nada nostálgica ou promissora⁴⁷.



⁴⁷ Mesmo saborosa para a reflexão em história oral, encerrarei aqui a exploração desse universo de outros narradores a respeito do arquivo de Armínio Kaiser, por não ser o foco de concentração do presente trabalho. Vale referenciar que o conteúdo das narrativas pode ser acompanhado no documentário *Grãos de ouro em sais de prata: memórias do café* (2009), acessível na internet, e que também foi objeto da dissertação de Daniel Choma (2010).

OUTROS CONTATOS

Figura 61 - Londrina, PR, 19/07/2010. Levantamento de originais de outras regiões para ações de salvaguarda. Foto: Daniel Choma.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniel Choma

No caso do projeto que a partir de 2010 complementou as ações sobre originais de outros Estados, o processo foi diferente. Ao invés de nos fornecer imagens, pré-selecionadas ou separadas, Armínio colocou na mesa sete latas Aymoré, abrindo uma por uma. Fomos passando as imagens sequencialmente para escolher o que fosse relativo à cafeicultura. Em encontro posterior Kaiser também nos entregou o envelope

“fotografias artísticas”. Abrindo esta temática “artística”, revisitamos as latas para buscar outras fotografias com o mesmo teor.

Sobre o todo do arquivo pudemos perceber os modos de Armínio Kaiser conservá-lo: atenção de cuidado de colecionador. No ensaio *Desempacotando minha biblioteca*, Walter Benjamin escreve sobre a relação de um colecionador com seus pertences. Povoada por paixão e lembranças: “a existência do colecionador é uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem” (1987, p. 228). Em se considerando que a ideia de colecionamento retira o objeto de sua função ordinária, para atribuir a funcionalidade de mediação simbólica, o ensaio benjaminiano situa: Ao mesmo tempo em que cada objeto colecionado vincula-se ao seu agente colecionador, o sentido da coleção depende também de um olhar exterior: “Só quando extinto é que o colecionador será compreendido.” (BENJAMIN, 1987, p.235)⁴⁸

Diferente do processo anterior, Armínio Kaiser não realizou a organização prévia dos originais. Isso foi feito durante a higienização. A ordenação dessa parcela do arquivo ficou concentrada na divisão entre cafeicultura e arte e categorizada somente pelo recorte geográfico. E como o número de imagens de cada Estado era bem menor do que o montante do Paraná não foi necessário subdividir as categorias. O quadro que quantifica tais registros, por formato de produção fotográfico vem a seguir:

⁴⁸ Importante não confundir o conceito de colecionamento de Benjamin com a definição técnica de coleção utilizada na arquivística para caracterizar um fundo originado pela reunião de documentos provenientes de fundos diversos. Concentro-me no ponto de vista benjaminiano do conceito de colecionamento, ligado ao caráter mais antropológico e às linhas de estudo das práticas de mediação cultural e atribuições simbólicas de sentidos e significados. É a definição arquivística, porém, que orienta nomearmos o acervo em questão como “arquivo de fotografias” e não “coleção fotográfica”.

Tabela 2 – Quantidade de originais apresentados por Armínio Kaiser nas ações de salvaguarda do projeto Grãos em movimento

GRAOS EM MOVIMENTO					
Categoria	Estado	Negativos 4,5x6 cm P&B	Negativos 6x6 cm P&B	Negativos 6x6 cm COR	Total
Artísticas	Não especificado	12	08	---	0
Artísticas	Bahia	18	34	11	3
Artísticas	Minas Gerais	31	---	---	1
Artísticas	Paraná	01	19	---	0
Artísticas	Rio de Janeiro	03	20	---	3
Artísticas	Santa Catarina	06	---	---	6
Artísticas	São Paulo	10	04	---	4
Cafeicultura	Não especificado	01	12	---	3
Cafeicultura	Bahia	---	113	01	14
Cafeicultura	Minas Gerais	01	43	---	4
Cafeicultura	Paraná	---	296	30	26
Cafeicultura	Santa Catarina	54	01	---	5
Cafeicultura	São Paulo	33	317	2	52
Totais parciais por formato de negativo		170	867	44	--
Total de originais 1081					

Nesse novo conjunto de registros há diferenças perceptíveis em relação aos temas fotografados no Paraná e demais Estados, especialmente em relação às escolhas técnicas de cultivo e tratamento do café destinado à alta qualidade, como reincidentemente Armínio

menciona. O intervalo temporal da produção fotográfica dos outros Estados, entre 1951 e 1957, representa um período mais curto em relação ao tempo que Armínio passou no Paraná. Nota-se, ainda, que a nomeação “fotografias artísticas” pode ser compreendida como “registros de viagem”; assim como a categoria “cafeicultura” pode ser ampliada para “agricultura”, já que outras técnicas agrícolas e os modos de vida que as envolvia eram também objeto de interesse do fotógrafo.

Figura 62 – Londrina, PR, 26/02/2012. Entrevista para edição do livro *Ao Aroma do Café*. Gravada em áudio/arquivo digital. Foto: Edson Vieira.



Fonte: Arquivo pessoal.de Edson Vieira

Outras diferenças no processo de trabalho marcam essa fase em relação com as dinâmicas da memória. Para pensar a respeito, recorro à entrevista realizada após o tratamento do arquivo, com uma seleção inicial de imagens que comporiam a segunda publicação, contemplando as fotografias dos outros Estados além do Paraná. As imagens foram reunidas em um PDF e apresentadas no computador. A partir delas pudemos aprofundar o conhecimento sobre os registros daquele período. Estávamos interessados em entender as diferenças da produção fotográfica dos primeiros anos para o período do Paraná, tanto nas motivações para as fotografias de outros estados quanto a presença de

muitas imagens dos maquinários, tais como lavadores e despulpadores de café de diferentes marcas e modelos, raros nas fotos do Paraná.

Londrina, 26 de fevereiro de 2012

Tati Costa: A gente está conversando para entender um pouco esse movimento, porque tem de falar do café paulista, não especificamente paulista, mas na relação com o Paraná que é onde você trabalhou mais... Por exemplo, essa coisa do uso de máquinas, que nem esta aqui?(Aponto uma foto)

Armínio Kaiser: Isso é um lavador separador de café.

Tati: Mas isso ocorria tanto nas fazendas paulistas quanto nas do Paraná?

Armínio: Não, um pouco mais de São Paulo e muito pouco aqui. Mas também não era muito comum isso, quer dizer, tinham fazendas que tinham capricho de fazer café fino, porque pelo menos eles conseguiam tirar uma parte desse café para ter um lucro maior. Mas só através do cereja. No entanto, se você pegar o mesmo café seco que você colhe da árvore e vai levar para o terreiro, já na colheita você vai ter que tomar cuidado, porque se você pegar esse café e derriçar todo ele não chão você está juntando não só folhas e gravetos do pé de café, como pedrinhas do chão. Mas se você puser um pano embaixo do pé de café, você está derriçando só com o problema do pé, já evita um bocado. E se você colher no cesto você ainda está evitando mais ainda.

Tati: E você chegava a ver colheita no cesto aqui no Paraná?

Armínio: Não.

Tati: Era mais nas fazendas de São Paulo?

Armínio: É. Mas não muito mais, na Bahia também teve alguns...

Tati: Bahia... É Fazenda Palestina. Você foi lá a trabalho?

Armínio: Fui.

Tati: Especificamente para visitar essa fazenda?

Armínio: De certa maneira sim... Turismo agrícola! (*risos!*) De certa maneira, meio a meio, não, fui fazer umas duas ou três palestras por lá mas não lembro onde nem quando, não me recordo não. E aproveitei para olhar todas as fazendas, porque estava por lá! Agora, a Bahia tem um problema de produzir café melhor porque ela é muito úmida, de modo que quanto mais eles pegassem café cereja e despolpassem, melhor. Isso era o mais comum, então o café cereja levava mais tempo no pé e havia em muita umidade, havia fermentação e o café não secaria no terreiro, então tinha certa dificuldade...⁴⁹

A condição de “turista agrícola” oferece pistas para compreender os registros dos Estados da Bahia, Minas Gerais e Santa Catarina, situando-os no tempo e no espaço. Vemos que a maioria das fotos identificadas na Bahia correspondem à região sudoeste do Estado, além de Salvador, e concentrados em dois momentos: setembro de 1954 e dezembro de 1956. No caso de Santa Catarina, as viagens estão situadas na região de Blumenau e Vale do Itajaí, além da capital, que Kaiser identifica como Ilha de Santa Catarina. No período entre novembro de 1953 e início de 1954. Em Minas Gerais os registros se concentram em uma viagem à Fazenda da Lagoa, Santo Antônio do Amparo, novembro de 1955.

Mais um elemento ecoa da entrevista: A dificuldade de recordar as circunstâncias das fotografias tiradas. Em vários momentos Armínio

⁴⁹ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 26 de fevereiro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Tati Costa e Edson Vieira para o projeto *Grãos em movimento* (áudio).

demonstra menor envolvimento com a produção fotográfica daquele período e a longa distância temporal que separa o tempo do trabalho com o arquivo do tempo dos cliques representa um desafio. Além do transcurso temporal, cabe refletir sobre o processo de acionamento das memórias ao longo dos anos, se considerarmos que Armínio viveu no Paraná. As ocorrências de visita ao arquivo provavelmente se concentravam muito mais nessa região do que nos demais estados.

Nessa dinâmica, vale aprofundar a **dimensão sociobiográfica** dos arquivos e das práticas de colecionamento. Numa abordagem da cultura material que combina visões da história e antropologia, José Reginaldo Santos Gonçalves (2007) considera o colecionamento como uma “categoria de pensamento”, prática social presente, dos mais diversos modos, nas mais diferentes culturas. O colecionamento, como assinala James Clifford, não é somente acumulação obsessiva, mas uma ação de reflexão e de realocação dos objetos de seu lugar (social, natural, cultural), para ocuparem espaços investidos de outros significados. Ao refletir sobre as coleções de artefatos culturais em museus, Clifford questiona:

Uma história da antropologia e da arte moderna deve ver no colecionador tanto uma forma da subjetividade ocidental quanto um conjunto em mutação de práticas institucionais poderosas. [...] É importante analisar as maneiras como as discriminações poderosas feitas em momentos específicos constituem o sistema geral de objetos no qual os artefatos valorizados circulam e fazem sentido. (CLIFFORD, 1994, p.73).

Complementando o prisma das experiências com arquivos de escritores, o relato de Emmanuelle Lambert (2005) sobre os arquivos de Alain Robbe-Grillet descreve o percurso de organizar, em interação com o autor, uma exposição, um catálogo e um livro a seu respeito. Em especial, destaca-se preocupação da arquivística francesa ligada a uma reflexão sobre os acessos ao arquivo. A análise de Lambert sinaliza a presença de um pacto de vitalidade e trânsitos entre autor, arquivo e obra, e observa a própria inscrição autobiográfica de Robbe-Grillet no ato de transferência do arquivo, originalmente depositado na Biblioteca Nacional, para o acervo do Instituto para a Memória da Edição Contemporânea (IMEC), instituição dedicada à produção literária contemporânea. Tal transferência documenta o circuito social daquele arquivo, tanto quanto uma atuação autobiográfica. O autor cultiva sua imagem de escritor marginal, caso em

que o arquivo não deveria estar depositado na instituição de maior referência e status social francês!

Observa-se, a partir do caso, uma diferença simbólica que acaba por se imprimir nos arquivos: a variação do estatuto cultural de acordo com sua guarda. Para um arquivo pessoal o status terá significados diferentes, caso seja guardado pelo agente acumulador, pela família, ou por uma instituição, e, até mesmo, por qual instituição...

Outra dimensão biográfica de como se escreve (ou inscreve) a “vida de um arquivo”, é inspirada pela discussão sobre a biografia das coisas no circuito social. Nessa dimensão opera-se um processo de reconversão de capital social em cultural por meio do arquivo. O texto *A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo*, do antropólogo Igor Kopytoff (2008), lido em intercâmbio com o trabalho acima citado, do brasileiro José Reginaldo Santos Gonçalves, possibilitam refletir na perspectiva sobre arquivos como objetos da cultura. Importante notar que a ideia de colecionar, guardar, reunir, expor, olhar sejam percebidos como atos que existem não somente na vida do agente acumulador, como também para as dinâmicas de acumulação, e para a história da própria trajetória de um arquivo, ao longo do tempo. A atribuição de valor e sua representatividade social mudam de acordo com os circuitos que as “coisas” ocupam. E os modos como circulam estão associados à sua utilidade. Tais processos ocorrerão com dinâmicas próprias e variadas.

Com o falecimento de Armínio Kaiser, em 2014, seu arquivo pessoal de originais fotográficos é doado pela família e passará ao Museu Histórico Pe. Carlos Weiss, mantido pela Universidade Estadual de Londrina. Nesse novo circuito, tais imagens assumirão outras dinâmicas de acordo com a circulação e o acesso ao acervo feito por pesquisadores e público em geral.

Passa, portanto, por uma “biografia de arquivos” pensar os percursos de como um determinado arquivo chega a se tornar lugar para a pesquisa. Sob o olhar do historiador Ettiënne Anheim, às vistas de estudos sobre história da cultura escrita, é fundamental discutir a importância das práticas de escrita associadas à materialidade dos suportes. Sob o título *Singulières Archives* (2004)⁵⁰, discute que cada arquivo carrega sua

⁵⁰ A preocupação com a dimensão da materialidade na história dos arquivos está presente em dois trabalhos do autor, de abordagens diferenciadas. Enquanto *Singulières Archives* concentra-se sobre o debate epistemológico traçado por Paul Ricoeur, cabe mencionar o trabalho de abertura da mesma revista, com reflexões

própria dinâmica. Daí a necessidade de se abordar os arquivos como um plural de singularidades.

O cenário com o qual Anheim dialoga emerge da crítica que Michel Foucault (1986) tece à ideia de “neutralidade” arquivística, considerando que o arquivo é feito de práticas de escrita, através das quais relações de poder se imprimem, pela linguagem, nos documentos arquivados. O limite da abordagem de Foucault estaria na redução do arquivo aos textos, aos documentos ali depositados, sem levar em conta o que envolve o conjunto reunido e as dinâmicas de ordem que os instituem como tal, selecionando-os, mantendo-os ou os descartando e disponibilizando para consulta, organizando-os em conjuntos e séries. Para Anheim, a própria história de um determinado arquivo importa para os estudos a seu respeito. O principal aqui é que sem levar em conta a materialidade dos arquivos, não poderemos compreender as rotas de sua circulação e portanto, os contextos significativos onde se inserem os investimentos de que os arquivos são alvo ao longo de sua história e os padrões discursivos a eles associados.

Produtivo diálogo proposto por Anheim: a história não age apenas na constituição do documento em si, mas atua sobre a própria materialidade dos arquivos. Razão por que a dimensão da transmissão, do legado, como expressões de práticas humanas, inscritas na ordem do tempo, se revela um profícuo objeto de estudo. Contudo, ressalvo que a dimensão proposta por Anheim não deva ser uma justificativa para ignorar a visão sobre o arquivo, no singular, como um horizonte epistemológico da operação historiográfica, debatida por Michel de Certeau (1982), na linha de pensamento foucaultiana. A pertinência do debate ecoa no trabalho de Paul Ricoeur (2007) sob a perspectiva testemunhal dos arquivos, como instâncias de representação e de memória.

No caso dos arquivos pessoais considero que o desafio resida justamente aí pois, ao trabalhar com tais arquivos, lidamos com dinâmicas de memória, os processos de identificação e representação autobiográfica que operam nos circuitos de acumulação, tanto quanto nos de circulação social. Mesmo que não se possa generalizar que todo arquivo pessoal carregue necessariamente uma intenção monumentalizante ou memorial, um problema para a reflexão teórica que diz respeito aos arquivos pessoais de modo geral, é que suas dinâmicas de acumulação não se acomodam aos modelos generalizantes de análise histórica ou tratamento

de caráter mais pragmático, escrito em parceria com Olivier Poncet: *Fabrique des Archives, Fabrique de l'Histoire*.

arquivístico. Por vezes, as intenções memoriais podem vir de outras pessoas e não propriamente do ente produtor. Outras vezes, em inexistindo, levam ao próprio desaparecimento do arquivo.

Apontaria então, como caminho para uma escrita biográfica sobre os arquivos, relacionar características de sua vida material, considerando as temporalidades que interferem na biografia do conjunto de objetos, documentos, “coisas” arquivadas. Isto associado a uma reflexão hermenêutica para pensar as dinâmicas de circulação na ordem do tempo. Algo importante para compreender os sentidos atribuídos a um determinado arquivo, despertados por ele em cada época e realidade social. Tal ocorre no exemplo mencionado a respeito das mudanças de condições de guarda ou de acesso, decorrentes da transferência de contextos de um determinado arquivo.

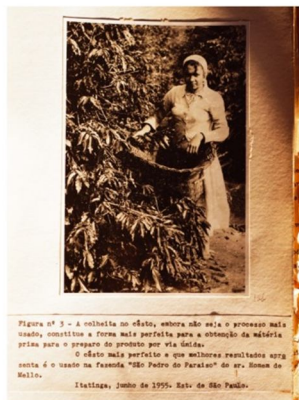
Na prancha fotográfica a seguir, busquei traduzir a questão em imagens, se bem que toda tradução implique, ao mesmo tempo, transmissão e criação, portanto transformação. O processo se faz visível através de três momentos da biografia de uma singular imagem: aquela escolhida por Armínio Kaiser, para figurar na capa da segunda publicação de seu arquivo, organizada com fotografias inéditas.



Em 2010, bastidores da produção editorial. Escolha da capa e título do da nova publicação. Em segundo plano, o primeiro livro, publicado em 2008.

Em 2013, publicação do livro e acervo digital na internet.

Década de 1950, a mesma foto, utilizada por A. Kaiser em estudo sobre as técnicas mais eficientes de colheita para a produção de café com qualidade fina.



51



⁵¹ Três momentos da vida de uma mesma fotografia. No envelope da imagem consta: *Colheita no cesto*. Itatinga, SP, 20/06/1955. Fazenda São Pedro do Paraíso. Proprietário "Juca Cintra" Homem de Mello. Foto: Armínio Kaiser. Arquivo pessoal [CAFSP_209].

OUTRAS IMPRESSÕES

O empenho do fotógrafo em oferecer recursos complementares de informações para desenvolvermos a iniciativa cultural o conduziu a aprofundar o mergulho em seus arquivos pessoais, de onde emergem manuscritos que ele nos apresentou na entrevista de 2012. Duas monografias redigidas por ele e encaminhadas ao Instituto Brasileiro do Café com intuito de publicação, o que não ocorreu. Mesmo não publicadas, foram conservadas. Ambas estão datilografadas em papel ofício, com furação dupla encadernada em trilhos, e possuem as ampliações fotográficas coladas em páginas específicas acompanhadas por legendas. Uma é apresentada sem título, versa sobre as vantagens do despolpamento para a melhoria da qualidade da bebida. Possui 56 páginas e vinte fotografias, apresentadas como o exemplo da página seguinte. A data de produção da primeira foi estimada entre 1955 e 57, considerando-se a datação das fotografias e a vaga lembrança de Kaiser de que teria sido produzida antes da mudança para o Paraná.

Figura 63 - Página interna de monografia sobre o cultivo do café redigida por Armínio Kaiser, provavelmente entre 1955 e 1957. Foto: Armínio Kaiser.



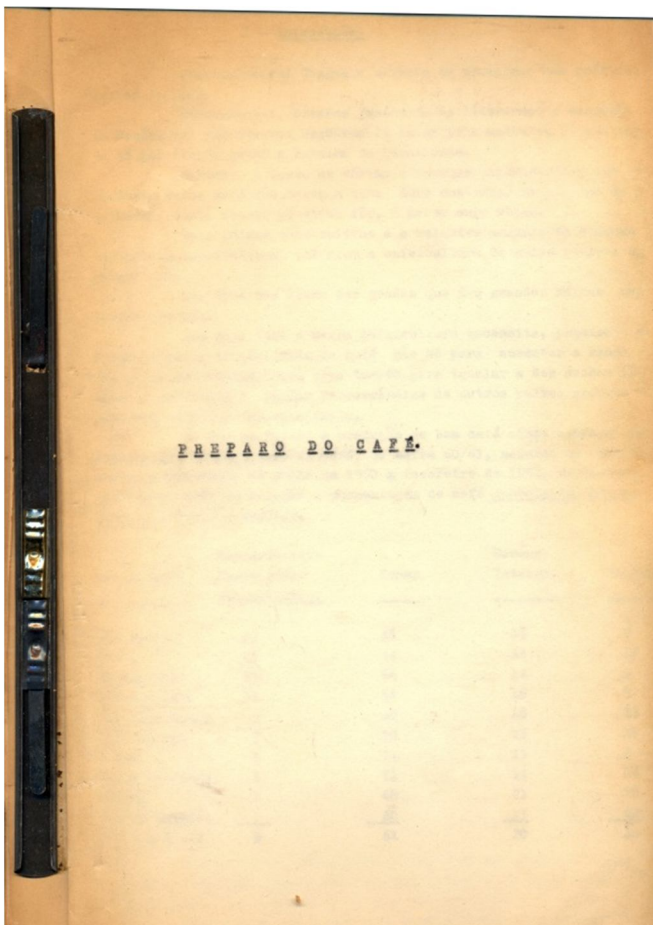
Figura nº 32 - Esse secador de café é provavelmente o maior do Brasil, ou mesmo do mundo no gênero. Notar a chaminé da fornalha ao lado direito da fotografia.

Fazenda "Palmeiras" do sr. Eliseu Teixeira de Carmo.

Estação "Luiz Pinto" (E.F.S.), junho de 1954.
Est. de São Paulo.

A outra monografia, intitulada “Preparo do café”, apresenta repetições temáticas em relação à anterior. Contém cinco fotografias e 49 páginas dedicadas a analisar técnicas de plantio, beneficiamento e armazenagem. Data provavelmente entre 1961 e 1970, considerando-se que faz menção às geadas de 1961/62 e que o endereço de correspondência do autor é Arapongas, cidade em que Armínio residiu entre 1960 e 69/70. As primeiras páginas estão reproduzidas abaixo, seguidas pela transcrição do texto da introdução redigida por Kaiser:

Figuras 64 e 65 - Páginas iniciais de monografia sobre o preparo do café produzida por Armínio Kaiser provavelmente na década de 1960.



1 - Introdução.

Cafeicultores! Chegou o momento de pensarmos nas próximas safras de café.

Naturalmente, estamos jubilosos de liderarmos a economia da Nação, mas não devemos esquecer de lutar pela melhoria da qualidade de só por termos ganho a batalha da quantidade.

Sabemos, a custa de várias e amargas experiências, que - produzir muito café não basta; a luta deve continuar no sentido de - melhorar, tanto quanto possível fôr, o nosso ouro verde.

Duas geadas consecutivas e o relativo aumento do consumo nos países importadores, salvaram a cafeicultura da muito temível su per pr o d u ç ã o.

Que Deus nos livre das geadas que das grandes safras nos livraremos nós.

Mas para isto a nossa cafeicultura necessita, precisa e exige melhoria da qualidade do café não só para aumentar a renda - dos próprios cafeicultores como também para igualar a dos nossos irmãos co-estaduais e anular concorrências de outros países produtores, nos mercados internacionais.

No que se refere a produção de bom café ainda estamos na retaguarda. Os registros de café, de safra 60/61, segundo as vias de despacho efetuadas de julho de 1960 a fevereiro de 1961, esclarecem a nossa posição em relação a percentagem de café despolpado, comum, - consumo interno e expurgo.

Localidades	Preferenciais		Consumo	
	Despolpados Cooperativas.	Comum	Interno.	Expurgo
São Paulo	25	48	18	9
Bahia	25	44	14	17
Pernambuco	17	66	14	3
Minas Gerais	14	58	19	9
Espirito Santo	3	66	18	13
Mato Grosso	2	56	25	17
Goiás	1	71	19	9
Santa Catarina	1	71	14	14
PARANÁ	1	68	21	10
Rio de Janeiro	<u>1</u>	<u>60</u>	<u>17</u>	<u>22</u>
T o t a l ...	9	61	20	10

Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser

PREPARO DO CAFÉ

1. Introdução

Cafeicultores: chegou o momento de pensarmos nas próximas safras de café.

Naturalmente, estamos jubilosos de liderar a economia da Nação, mas não devemos esquecer de lutar pela melhoria da qualidade só por termos ganho a batalha da quantidade.

Sabemos, à custa de várias e amargas experiências, que produzir muito café não basta; a luta deve continuar no sentido de melhorar, quanto possível fôr, o nosso ouro verde.

Duas geadas consecutivas e o aumento do consumo nos países importadores, salvaram a cafeicultura da muito temível superprodução.

Que Deus nos livre das geadas que das grandes safras nos livraremos nós.

Mas para isso nossa cafeicultura necessita, precisa e exige melhoria da qualidade do café não só para aumentar a renda dos próprios cafeicultores como também para igualar as dos nossos irmãos co-estaduais e anular concorrências de outros países produtores, nos mercados internacionais.

No que se refere à produção de bons cafés, ainda estamos na retaguarda [...]

Nota-se pelo texto da época e pela recuperação deste material, quando Armínio busca uma história para contar sobre a atuação no estado de São Paulo e a produção fotográfica do período anterior ao Paraná, que as monografias retomam uma questão cara à cafeicultura, não só no tempo passado como no presente. A produção de cafés de alta qualidade, como importante fator para a história da cafeicultura, foi discutida no primeiro capítulo. Sob a ótica dos relatos de Kaiser, é algo recorrente em todos os encontros, assim como são reincidentes as referências que ele faz a escritores que se dedicaram ao tema, como Monteiro Lobato e Saulo Ramos. Pontos de vista que insistem em se manter sempre e, incrivelmente, semelhantes.

Durante o desenvolvimento editorial da publicação *Ao Aroma do Café*, Armínio Kaiser realiza a produção de arranjos visuais de fotografias associadas a textos manuscritos a respeito de temáticas determinadas. De

certa maneira, trata-se de um recurso estético semelhante à monografia, onde figuram textos e fotos que se complementam para passar a informação de acontecimentos e processos de trabalho. As temáticas escolhidas por Kaiser ecoam traços de sua percepção do ambiente, assumindo os seguintes temas: Incêndio de 1963; Erradicação de cafeeiros; Técnicas de plantio racional; Colheita; Despoldamento; Queima de café estocado em armazéns do IBC.⁵²

Em destaque, a escrita sobre a qualidade do café produzido motiva a sobrevivência de uma imagem que salta das páginas da monografia mais antiga para a nova publicação: *Ao Aroma do Café*. O registro audiovisual transcrito a seguir foi realizado em outubro de 2012 com o objetivo de compor um DVD que apresentasse Armínio Kaiser através das imagens em movimento. Foi produzido a fim de acompanhar a nova publicação. Observemos a fotografia escolhida por Kaiser para a capa, e suas palavras quando pergunto: *Por que escolheu esta?*

\

⁵² Tais arranjos visuais foram publicados no site de difusão do acesso às imagens, sob o tema de escritas biográficas, disponível em <http://www.camaraclara.org.br/gaos/#fotografo>

Figura 66 – *Colheita no cesto*. Fazenda São Pedro do Paraizo. Proprietário Juca Cintra Homem de Mello. Itatinga-SP, 20/06/1955. Foto: Armínio Kaiser



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_209]

Londrina, 01 de outubro de 2012

Armínio Kaiser: Por causa da mocinha ali, ela é linda!⁵³
Pra começar, o café de boa qualidade...

⁵³ Nota sobre a transcrição (e as lacunas da transposição do oral ao textual): O silêncio súbito testemunha o inesperado da fala e é seguido por risos de todos nós. Armínio retoma em seguida seu raciocínio, com a foto nas mãos.

É isso que ele quer? ⁵⁴

O café de boa qualidade começa com uma boa colheita. A melhor colheita de café aqui no Brasil poderia ser feita em cestos, para evitar, não só defeitos provenientes do chão, como cafés caídos anteriormente, como pedras e paus... Mas economicamente não é viável uma colheita só de “cereja”, não tem condições. O que pode se evitar sim é a colheita de cafés verdes, porque produzem defeito diretamente. Mas os cafés “cereja”, “passa” e “seco” já fazem bom café... Corta! ⁵⁵

Figura aí o processo de interação presente no trabalho com história oral e uma representação do encontro que a entrevista proporciona, como bem explorou Eduardo Coutinho (1997). Naquele momento, em 2012, tamanha já era a intimidade do encontro que o próprio entrevistado palpita na direção cinematográfica dizendo, ao final de cada fala, a palavra de ordem: Corta! As entrevistas realizadas com Armínio Kaiser, quando observadas em conjunto e sequencialmente, expressaram modos como, ao sabor do trabalho da memória, o olhar modifica o modo de dizer, por vezes o modo de pensar.

Concluo este trecho reforçando a contribuição qualitativa que o acesso ao fotógrafo, produtor do registro e do arquivo, representa para a pesquisa. Acionado o referencial constituído pelas pesquisas em memória e história oral, essencial para compreender as dinâmicas do narrador, oferecem-se aos nossos olhos e ouvidos produtivas informações que dão suporte e envolvem as fontes documentais que um arquivo guarda, tanto quanto para prover a reflexão epistemológica e metodológica sobre os circuitos e produções culturais em torno do próprio arquivo como um objeto de investigação.

Por isso elaboro algumas indagações que interconectam histórias de vida. A vida do fotógrafo e a vida dos objetos por ele guardados. Por uma abordagem transdisciplinar situada nas conversas tecidas até aqui retomo traços dessas vivências numa dinâmica hermenêutica.

⁵⁴ Nota da transcrição: Armínio levanta a fotografia diante da câmera, operada por Daniel, por isso faz a indagação, dirigida a mim, se é isso que ele quer.

⁵⁵ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 01 de outubro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa para o projeto *Grãos em movimento* (vídeo).

Quem vê e o que vê?

Diante das fotografias, e do próprio Armínio Kaiser, vejo um fotógrafo. Diante de seus escritos e falas enxergo também como o fotógrafo vê a si próprio: um agrônomo e amante do conhecimento histórico. Esta reflexão, profundamente hermenêutica, não tem fim, e sim, recomeço, a cada momento de idas e vindas aos arquivos guardados por essa pessoa. Ensaçando uma aproximação, é como olhar, a cada vez, e de tempos em tempos, para um retrato materno. Por exemplo, aquele que tanto intrigou Roland Barthes (1984), e que o fez escrever sobre a fotografia, conceituando-a como um objeto de três práticas: do *operator* (o fotógrafo), *spectrum* (o ser retratado), *spectator* (a pessoa que vê a foto tempos depois).

Ao ver e rever as imagens que herdara, Barthes inspirou-se em pensar também sobre as dinâmicas do olhar. Uma delas, que ele chamou de *studium*, aciona códigos sociais e todo um universo cultural que interferem no ato de ver uma foto. Junto com ela opera, ainda, outra dinâmica, da ordem do sensível, todos os pontos (*punctuns*) que partem da foto para nos ferir, despertam nossa sensibilidade.

Fotógrafo ou agrônomo?

Na reflexão das imagens sobre o personagem se expressa uma questão identitária, já que o agrônomo dedicou toda sua carreira profissional ao Instituto Brasileiro do Café (IBC). É uma questão de memória, pois ele vive na jovem cidade de Londrina, fundada em 1934, no Norte do Paraná, depois de residir em Arapongas e na região arenosa de Paranaíba. Mais ainda, trata-se das correlações entre memória e história, na medida em que aborda acontecimentos históricos celebrados e ressignificados coletivamente. A história do lugar, como foi dito no primeiro capítulo, é marcada pela derrubada da Mata Atlântica, com gigantescas perobas rosa, para abrigar em fértil terra roxa a expansão das lavouras de café que se deslocavam do estado de São Paulo para o Paraná. A mesma marcha motivou a migração de Armínio para terras paranaenses, transferido das fazendas experimentais do Instituto Brasileiro do Café, no interior paulista, tentativa de racionalizar o plantio e combater a degradação do solo provocada pela erosão. O fato chegou a levar povoados à ruína, como no caso do distrito de Jurema/Paranaíba, uma história visual contada com os retratos dos efeitos da erosão. Ao lado das seqüências que acompanham, ano a ano, a evolução de vossoroca numa fazenda próxima a Alto Paraná.

Importante destacar que Armínio não era um fotógrafo do Instituto Brasileiro do Café, e sim engenheiro agrônomo dessa autarquia federal.

Ocorria, eventualmente e por iniciativa pessoal, o uso de algumas imagens como recurso ilustrativo na elaboração de relatórios ou estudos de temas específicos relacionados a técnicas de plantio ou conservação e armazenamento, a exemplo da fotografia que veio a figurar na capa do livro *Ao Aroma do Café* (2013). Mesmo com o circuito eventual das fotos, o objetivo geral de sua atividade profissional na instituição não era a fotográfica, o que o deixava livre para compor registros, muitos deles com visão extremamente crítica. É o caso das imagens que retratam as condições sociais da população rural e paisagens sofrendo a ação da erosão. Como a série de registros em uma propriedade entre Alto Paraná e Nova Esperança. Datados em ordem cronológica da esquerda para direita: outubro de 1957; setembro de 1958; dezembro de 1958; outubro de 1959:

Figuras 67, 68, 69 e 70 - Erosão entre Alto Paraná e Nova Esperança, PR. Fotos: Armínio Kaiser.



Outubro de 1957.



Setembro de 1958.



Dezembro de 1958.



Outubro de 1959.

Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser.

A respeito desse conjunto, duas entrevistas registram seu ponto de vista. Na primeira, o fotógrafo estava com as fotografias em mãos, ordenadas da forma como expus acima:

Londrina, 24 de maio de 2007

Armínio Kaiser: Derrubada e plantio tradicional, essa é uma sequência que fui tirando de ano em ano. Começou assim, depois foi aumentando, aumentando... Agora não sei como é que esta, se é que existe. E a terra vai soterrar as mudas que estão no nível inferior e acaba jogando tudo dentro do rio⁵⁶.

A respeito destas mesmas imagens, outra pista aparece sem tê-las em mãos, na entrevista justamente no momento em que indagamos sobre a vida social das imagens no tempo de sua produção, e que reverbera na sobrevivência destas mesmas imagens quando encontradas e guardadas pelo amigo que sonha organizar, junto com Kaiser, um Museu do Café:

Londrina, 02 de março de 2009

Daniel Choma: E essas fotografias aqui que saíram no livro, até a gente digitalizou, elas ficaram quarenta anos guardadas, o senhor ficou sem vê-las?

Armínio Kaiser: Eu tirei mais fotografias para fazer álbuns seriados, justamente para chamar a atenção do que era erosão, eu fiz uns três álbuns seriados. Desses três álbuns seriados, um o Pozzobon achou perdido no IBC, pegou e levou pra casa dele, pois bem, está ótimo, está lá. Ele disse que vai doar pro Museu, está bem, então vamos fazer o Museu. Mas os outros dois álbuns, não sei que fim levaram, alguém também deve ter achado e levado pra algum canto. Mas a função que eu fiz esses álbuns seriados foi para ver se convencia o cafeicultor a fazer algum controle

⁵⁶ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 24 de maio de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

da erosão. Mas a maior parte dos cafeicultores, não digo o pequeno cafeicultor que vivia daquilo (...) o grande cafeicultor era aventureiro, era pra arranjar um jeito de pegar financiamento do Banco do Brasil: tenho um milhão de pés de café, uhhh, esse cara tem... Agora, se esse milhão de pés de café era produtivo ou não, era muito produtivo, ou se era mais ou menos produtivo, o Banco do Brasil queria o quê? Garantia que esse dinheiro voltasse, então um milhão de pés de café e uma coisa que enche os olhos, pelo menos tem a terra onde plantou um milhão de pés, agora, o financiamento agrícola é um financiamento relativamente barato em relação aos outros financiamentos. Então o pessoal entrava nesses financiamentos aí adoidado, agora, muitos desses financiamentos não foram aplicados na lavoura, foram aplicados em outras atividades.⁵⁷

Na primeira narrativa a respeito das imagens, o fotógrafo nos apresenta o problema da erosão, isto o motivou parar naquele trecho da estrada e dedicar parte do seu tempo para fotografar o local sempre que passava por ali. Na segunda entrevista fica mais explícita a intenção, em certa medida “pedagógica”, que envolve as fotografias. Ao falar a respeito das diferentes práticas dos pequenos e grandes produtores, em relação aos cuidados com o solo, Armínio Kaiser expressa uma análise que contrapõe agricultores que viviam do café, preocupados com a produtividade e longevidade da lavoura, e, de outro lado, grandes proprietários para quem a cafeicultura representava mais um investimento.

Como memória, o arquivo pode ser acessado na dimensão de um testemunho da história do café, algo que importa identitariamente para o autor e que é reconhecido patrimonialmente através das ações dedicadas à organização e difusão de seu arquivo. Como objeto, documenta a própria história da fotografia, na perspectiva biográfica sobre a prática do fotógrafo, agente sem o qual tais registros não existiriam.

⁵⁷ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

A dimensão dos usos e finalidades descreve também a vida de um arquivo, nas formas como seus documentos e seu conjunto são apropriados e ressignificados ao longo do tempo. Quando as fotos de Armínio passam das latas de biscoito, que ele manteve guardadas em sua residência por mais de cinquenta anos, para as páginas de um livro, quando vistas são também reconhecidas como imagens de uma memória compartilhada. Passam, então, pelo processo de singularização debatido por Igor Kopytoff a respeito da biografia cultural das coisas. Imagens subterrâneas ou anônimas adquirem nome, pertencimento, sentido social e até sacralização.

Um permanente arquivo corrente?

Uma das clássicas bases de organização arquivística está relacionada com a “tabela de temporalidade”, que designa três idades para o arquivo, através das quais um documento se move ao longo do tempo de sua existência. A fase corrente, quando o documento está em uso e tem uma função ativa; a fase intermediária, quando seu uso foi concluído e eventualmente retorna-se a ele para consultas e acompanhamentos processuais; a fase permanente, que poderíamos aproximar da ideia de fonte histórica, quando sua função estará mais associada à pesquisa para finalidades externas e diferenciadas daquelas que originaram o documento. Tal forma de organização, muito importante e eficiente para os arquivos institucionais, onde a gestão de documentos é dinâmica cotidiana revela, no caso dos arquivos pessoais, desafios operacionais de aplicabilidade classificatória a ponto de soar imprecisa, ou insuficiente para dar conta das dinâmicas que variam sobremaneira de um a outro arquivo pessoal, justamente porque mudam as formas das pessoas se relacionarem com seus guardados.

Voltemos à biblioteca de Walter Benjamin... A história do colecionamento depende do encerramento do ato de colecionar? No caso de arquivos pessoais seria essa a passagem da fase corrente para a permanente? Considero tais limites permeáveis. Um arquivo pessoal permanente, mantido por seu guardião para fins memoriais, pode ser acionado, como um arquivo corrente, de um momento para outro. Caso das fotografias guardadas por Armínio Kaiser, por exemplo. São, justamente, aqueles originais fotográficos “históricos”, produzidos em meados do século XX, que adquirem um caráter corrente conforme se tornam o elemento gerador desse fotógrafo octogenário na cena fotográfica londrinense. O reconhecimento social é elemento importante para pensar os processos de identidade, sentimento de pertencimento cultural e relações intergeracionais de circuito das pessoas idosas na

sociedade. A dinamização do arquivo de fotografias coloca o fotógrafo em contato com variados circuitos de pesquisas e iniciativas culturais, convidado a dar entrevistas, participar de exposições fotográficas, receber pesquisadores, conhecer museus e até empreendimentos turísticos ligados à história do café. Para visibilizar a questão, busquei montar um quadro que reúne o que pude coletar de informações sobre esses circuitos até o momento. Obviamente, muitas mais vidas devem ter vivido as imagens e muito mais histórias deve ter vivido Kaiser a partir disso. Reuni até o momento a parcela que pude captar e muito apreciaria ter conhecimento de outras existências vividas. Como saber?

Daí decorre exercício mais profícuo para o caso do arquivo de Armínio Kaiser. Seria pensar **performatividades associadas às temporalidades múltiplas do arquivo de fotografias**. Aqui, diferentemente da clássica tabela de temporalidades acima mencionada, os tempos se entrelaçam em circuitos (sócio)biográficos percorridos pelas fotografias. Ao longo da “vida social” os tempos do clicar, revelar, ver, guardar e rever que compõem o ato fotográfico podem se interpenetrar ou distanciar-se por anos, décadas; variando de uma imagem a outra, e relacionando-se com a atividade do produtor e do guardião do arquivo.

No tempo de produção, os registros operam como instrumentos de memória, um artefato para registrar, por exemplo, testemunhos de estudos técnicos durante a formação profissional dele no Instituto Brasileiro do Café. O período que passou em terras paulistas (de 1953 a 1957) registra visitas a fazendas modelo, tecnologias avançadas de cultivo, encontros com culturas de café ou decorrências dessa prática.

A experiência radicalmente diferente do período seguinte (1957-1970), quando transferido para o interior do Paraná, se expressará em maior variedade de registros, muito além de fazendas de café. Vemos cidades construídas com madeiras, solo recém-desmatado, técnicas e artifícios de plantio e cultivo com perceptível diferença entre os modos de fazer, cultura material sensivelmente diferente e precária. Com base nas narrativas construídas pelo fotógrafo e registradas durante o processo de organização do arquivo e das publicações resultantes, registradas em textos e fontes orais, posso inferir que o esforço memorial se manifesta, por exemplo, no registro do processo histórico de transformação da região. Processo testemunhado pelo fotógrafo, que atribui a si mesmo um papel de testemunha histórica, ao prever um futuro diferente do tempo que ele conheceu.

Como já mencionado, a produção de registros fotográficos diminuiu sensivelmente quando Armínio passa a trabalhar no laboratório sob coordenação do Instituto Agronômico de Campinas (1970-1989), onde permanecerá até aposentar-se. A câmera fotográfica vai sendo deixada de lado, ou substituída por novas tecnologias...

Outra performatividade se expressa **no tempo de guarda do arquivo**, no modo extremamente metódico de o autor se relacionar com seus originais, transferir as anotações, normalmente tomadas quando da tirada da fotografia, para envelopes que abrigam individualmente cada negativo em acetato, revelado e acompanhado por sua impressão em contato de papel e dados de que dispunha, no verso, incluindo o laboratório de revelação, e quando a fazia manualmente, os químicos e temperaturas de revelação. Algo que ele fazia à medida que ia produzindo as fotos, revelando e arquivando.

Como explicar toda essa dedicada prática do fotógrafo para com seu arquivo sem considerar, impressas ali, marcas biográficas do autor?

O acesso ao arquivo era ocasional, para uma ou outra consulta por parte de seu círculo de sociabilidade. Ocorria a inclusão de imagens em textos técnicos, como mencionado, ou para seleção de fotografias a serem enviadas a mostras de fotoclubes, sem planos específicos para a circulação mais ampla do acervo. Retomará algum circuito a partir do interesse do colega de IBC, Irineu Pozzobon, em publicar algumas fotos de Armínio num livro que preparava sobre a história do café no Paraná (POZZOBON, 2006). Assim, a ampliação do movimento do arquivo é motivada pela participação em circuitos sociais diferenciados. Desencadeia-se um processo de reordenação pelas mãos do próprio Armínio, especialmente a separação entre o que é ou não fotografia da cafeicultura.

Outro tempo do arquivo, aquele de circulação social, inaugura sua fase mais significativa com o preparo do livro de Pozzobon, a partir do qual crescem os contatos de diversas pessoas com o fotógrafo, bem como se inicia um circuito de acesso ao seu arquivo pessoal. Diante do reconhecimento pelo valor patrimonial da produção fotográfica, o aporte da Prefeitura de Londrina, através de lei de incentivo à cultura, torna-se fundamental por viabilizar os recursos iniciais para catalogação e digitalização dos originais, publicação de fotografias e textos biográficos de Armínio Kaiser. A performatividade do arquivo, nesse momento, está associada à dinâmica patrimonial e relacionada a uma memória de caráter

público. Ela, inclusive, delimita a seletividade segundo o recorte geográfico e as possibilidades materiais de suporte para o arquivo.

Diante do montante total de imagens e da viabilidade dos recursos, as ações patrimoniais se concentraram inicialmente na parcela relativa ao Estado do Paraná. Tal recorte é em parte explicado por se tratar de um projeto cultural submetido a seleção no programa municipal de incentivo à cultura de Londrina. Em termos de políticas públicas de incentivo cultural, no caso dessa cidade, processos relacionados às políticas de memória, especialmente locais, com ênfase na relevância do patrimônio cultural e da fotografia, aparecem como demanda social e coletiva debatida e formalizada em conferências de cultura. Outro eixo que completa a reflexão sobre a relação entre o estudo de caso e a política patrimonial local é o espaço da autonomia dos artistas para conceber um projeto de forma a relacionar metodologias de ação, resultados culturais e acesso, dimensionados de acordo com o tempo de realização e a viabilidade de recursos humanos e materiais. Num segundo momento, quando o arquivo já era reconhecidamente um patrimônio associado à fotografia/artes visuais, o aporte da lei estadual paulista de incentivo à cultura, que opera a partir do apoio de empresas privadas através da renúncia fiscal, viabilizou completar as ações sobre a íntegra do arquivo de fotografias correlacionadas à cafeicultura, totalizando registros sobre cinco Estados.

Todos, elementos de uma complexa rede que movimenta os sentidos das imagens. Ações patrimoniais oferecem visibilidade, oportunizam pesquisas, fruição estética e pensamentos sobre as fotografias em diferentes usos: produções acadêmicas, exposições de artes visuais, cenografia de peças teatrais, ambientação de espaços gastronômicos. Documentários e reportagens jornalísticas são algumas das *performances* que as fotografias de Armínio Kaiser e ele mesmo já desempenharam. Semelhante ao que acontece no próprio ato de ver uma foto, a dinâmica tem como ponto de partida a existência de um arquivo combinado com investimento cultural e patrimonial voltado à salvaguarda e circulação. O ponto de chegada, porém, carrega uma perspectiva infinita: ao circular as imagens viverão muitas vidas.

Das supervivências possíveis, podemos imaginar e narrar a vida que as fotos animam mais de perto: a do próprio fotógrafo. Dois princípios norteadores, portanto, se revelam singulares no eixo de interesses sociais que a ação patrimonial do arquivo representa: o relacionamento com o fotógrafo e a potencialidade de sua autonomia nas decisões sobre a passagem das imagens da esfera privada para pública. Ações de salvaguarda, circulação e pesquisas sobre o arquivo de Armínio

Kaiser contam com sua participação. Esta ocorrendo em grande medida ao redor de sua mesa de trabalho, num constante fluxo entre os originais fotográficos, a biblioteca, a videoteca e outros documentos de seu acervo pessoal.

Tomado como artefato da cultura material, um arquivo adquire sentidos de acordo com o circuito que ocupa ao longo do tempo e das ações sobre ele empreendidas. Vale considerar, por fim, a questão dos circuitos sociais e das possibilidades de acesso, concernente a qualquer tipo de arquivo. Algo significativamente intrigante para o caso dos arquivos pessoais. A respeito dos diversos caminhos possíveis de se veicular o acesso, penso que a garantia dependa menos da guarda estar institucionalizada ou reservada ao espaço pessoal do guardião e mais de acordo com a vontade de potência dos que estão ali envolvidos⁵⁸.



BIOGRAFIA DO PORVIR

Quem olha um arquivo da perspectiva arquivística observa modos de guardar, selecionar, classificar, de permitir o acesso. A vida ali grafada é uma vida guardada. Outro olhar, advindo de estudos culturais, de debates no campo da antropologia e dos museus, detém-se em outra forma de vida, aquela em circulação, na dinâmica de trocas, de investimentos simbólicos, de passagens do ambiente privado para o público. Na história,

⁵⁸ No caso do arquivo de Armínio Kaiser, por exemplo, a distribuição dos exemplares das publicações resultantes foi pensada de modo a espalhar o acesso, combinando bibliotecas públicas de diversas instituições. Em especial destaque a destinação às bibliotecas das escolas públicas municipais de Londrina, através da parceria com a Secretaria de Educação, no caso da primeira publicação. O segundo livro publicado foi distribuído a bibliotecas de escolas e faculdades técnicas do estado de São Paulo, cujos cursos estivessem relacionados às temáticas de meio ambiente e fotografia, parceria com o Centro Paula Souza. Já a publicação do acervo digital possibilita ampliar ilimitadamente o acesso público ao arquivo, o que inaugura mais uma longa discussão a respeito dos limites e das possibilidades relacionadas ao seu acesso virtual ou físico. Algo que, certamente, merece aprofundamento de pesquisa com levantamento de casos, experiências metodológicas e outras formulações.

a grafia carregará preocupação com a dimensão da historicidade, da vida inscrita na ordem do tempo.

O elemento comum é a sucessão dos processos de recorte e seletividade. Por isso mesmo, arquivos podem ser chamados, bem à maneira de Walter Benjamin, mais como testemunhos de esquecimentos do que de memórias. Para concluir o capítulo retorno à dimensão hermenêutica de minha participação no processo de constituição das fontes e do próprio objeto desta pesquisa.

O que foi feito nas iniciativas culturais empreendidas representa somente um ponto de partida para os passos que poderiam, poderão e podem vir a ser. Olhar para o que foi realizado, no fundo é ver e imaginar tudo o que falta! Como para a memória, lembrar é lançar olhar ao esquecido. Creio importante esse aspecto porque pesquiso alguns resultados atingidos, gotas no oceano que considero contribuição para tornar melhor o mundo e o acervo de anos da vida dessa figura por quem tenho imenso carinho, respeito e admiração, Armínio Kaiser. Contudo, não gostaria de parecer ingênua ou arrogante. Os resultados refletem uma pequena medida terrena do possível, diante do horizonte de possibilidades e necessidades.

Dentre os desafios que vivenciei, um questionamento em aberto está ligado ao próprio fato de se tratar, naquele momento, de um arquivo vivo, nas mãos de seu guardião e ente produtor, com sua própria subjetividade para se relacionar com o acervo de maneira “analógica”, e não “digital”. Razão por que o álbum de cópiões digitalizados nas ações patrimoniais onde constam os códigos que visam ampliações digitais, era bem menos útil, prático e praticável para Armínio do que pegar o próprio envelope original com os metadados no verso, e negativo no interior, de maneira imediata! Do que se conclui que a ordenação por códigos e referências cruzadas da prática arquivística revela-se muito abstrata e pouco afetiva para um arquivo pessoal e uma vida acostumada a acessá-lo de determinada maneira por muito tempo. Um limite da ação patrimonial se delineou aí, talvez motivado pela ausência de uma secretária ou alguém treinado para acessar o arquivo. Será mesmo? Em se tratando, porém, de um arquivo pessoal, qual o sentido de alterar a lógica pessoal de acesso e fruição ao inserir um sujeito intermediário?

Outro ensaio de Benjamin, *Escavando e Recordando*, é saboroso para o desfecho na dimensão da fotografia como memória: “a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio onde antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado

soterrado deve agir como um homem que escava” (BENJAMIN, 1987, p. 239).

As camadas de memória nesse arquivo vivo se materializaram continuamente ao longo dos anos: a cada visita que realizei a Armínio Kaiser, aumentava um pouco mais o número de fotos a serem tratadas. Cerca de 300 imagens do Paraná, encontradas posteriormente à conclusão do projeto que se dedicava àquele recorte foram incorporadas nas ações do segundo projeto. O número total de imagens crescia significativamente! Já com os projetos editoriais concluídos, novas imagens da cafeicultura nos foram apresentadas por Kaiser. Buscamos remanescentes de produtos e envelopes para higienizá-las com recursos pessoais na intenção quase utópica de completar, ao menos, a ação de salvaguarda sobre o total de imagens da cafeicultura. Quantas mais haverá?

Longo percurso (que continua a ser trilhado) e que gerou o movimento de reconhecimento de um fotógrafo “desconhecido”, que passa a personagem da história da fotografia. Processo cuja cadência incorpora dinâmicas do tempo presente e as remodelações das noções sobre história, cultura e patrimônio. Como situa Ana Maria Mauad:

Portanto, do ponto de vista do tempo presente, a noção de patrimônio se ressignifica, ao deixar de ser a simples comemoração do passado como memória nacional, para incorporar a pluralidade de memórias e tomar o passado como um campo de possibilidades para a construção de futuros possíveis. Assim o conceito de patrimônio é ampliado pela forma como nós vivemos o nosso próprio presente como parte de uma História, na qual devem ser valorizadas as expressões sociais na sua variedade de meios, suportes, situações e agentes. A fotografia é história, pois retém do fluxo tempo a presença de uma vivência. A fotografia é patrimônio, pois, transforma situações em cenas, traduz ações em imagens que mesmo estáticas permitem entrever movimento, a dinâmica contínua do mundo visível. A cada nova imagem, um outro tempo, da série e do conjunto se revela a multiplicidade da história. O que foi, o que é e o que será. Tudo ali, ao mesmo tempo; agora. (MAUAD, 2012, p.25)

O trabalho com arquivos de fotografias leva necessariamente a pensar estratégias de ampliação do acesso às fontes salvaguardadas, considerando-se a importância das fotografias e das fontes correlacionadas como as orais e escritas. Daí a importância de publicações e recursos audiovisuais, de modo a contemplar a acessibilidade para âmbitos diversificados da sociedade. Para além da pesquisa histórica, sem dúvida um universo relevante, deve-se considerar também que tais fontes possam ser utilizadas no ensino de história em diversos níveis, bem como apropriados por diversos circuitos da sociedade⁵⁹.

Nessa perspectiva buscarei, daqui por diante, enveredar pela dinâmica das sensibilidades, potencializando o acesso visual ao acervo através de arranjos visuais cronológicos que remontam o que poderiam ser as dinâmicas do fotógrafo em compor cada clique. E, a partir das imagens, lançar reflexões sobre a expressão das percepções do ambiente por Armínio Kaiser materializadas através de suas fotografias.

⁵⁹Sobre a integração das fotografias de Armínio Kaiser no Ensino de Jovens e Adultos de distritos rurais na região de Londrina, ver CHOMA, COSTA, 2012.

**FOTOGRAFIAS, MEMÓRIAS
E PERCEPÇÕES DO AMBIENTE.**



O presente capítulo traça um percurso panorâmico sobre a totalidade do arquivo fotográfico estudado, abordando o novo tratamento aplicado ao conjunto de imagens e relacionando práticas, memórias e percepções do ambiente de Armínio Kaiser por elas expressas. Para tanto, debate a (re)composição cronológica dos originais produzidos por Kaiser e observa alguns aspectos presentes na sua produção tais como as paisagens retratadas, a prática de um fotógrafo que produz suas imagens em trânsito pelo ambiente, a produção anual de registros e a corrente prática de reenquadramento após a revelação das imagens, e o caráter modernista da estética de Armínio, acompanhada pela influência do fotojornalismo e dos circuitos de visualidade de sua época.

Para o capítulo atual, foram transpostas as categorias temáticas de organização do acervo, empreendendo-se agora a ordenação cronológica das fotografias por ano de produção, acompanhada pela localização geográfica dos registros. Em continuidade à discussão metodológica do arquivo como objeto da pesquisa, narra-se a construção de percursos diferenciados de percepção sobre este, tendo como base a ordem do tempo e o uso de técnicas para a visualização de seu conjunto, o registro de informações referentes às imagens, a construção de gráficos e pranchas cronológicas.

A navegação panorâmica pelo arquivo proporciona uma visibilidade das paisagens e modos de viver cotidianos. Como retratos da (inter)atuação da cultura no ambiente, oferecem-se múltiplas narrativas visuais sobre o relacionamento do ser humano com o espaço. A questão das formas de se representar e se permitir a navegação por um acervo de fotografias, de modo a valorizar a dimensão visual e simultaneamente possibilitar o acesso a informações e metadados relacionadas a cada imagem, vem da preocupação com a veiculação do arquivo. Por acreditar no potencial representado pelas construções narrativas que acontecem a partir de uma fotografia, para além do olhar, pensamento e narração do próprio fotógrafo produtor da imagem.

A discussão epistemológica integra perspectivas transdisciplinares para construção do conhecimento na contemporaneidade e dialoga com trabalhos a respeito dos modos de re(a)apresentação tanto no campo das percepções ambientais quanto no campo dos sentidos e estudos da visualidade.

Observemos, então, como seria adentrar a dinâmica do fluxo do tempo navegando em pranchas fotográficas que reordenam o arquivo em arranjos visuais cronológicos. Trata-se da elaboração de “folhas de contato”, buscando (re)montar a lógica de como poderia ter sido a seqüência dos cliques. A montagem dessas folhas de contato ocupou boa

parte do período de pesquisa para a elaboração da presente tese. Por isso se faz necessária uma reflexão de caráter metodológico, ligada à própria atividade de pesquisa situada no cotidiano desafio de lidar com conjuntos de fontes, mais especificamente aquelas de caráter imagético, como é o caso da fotografia.

Com a pesquisa de doutorado, a partir de 2013, os modos de olhar para o arquivo ganham outros pontos de vista. Em busca de quais histórias as imagens contam do meio ambiente, como falam sobre os encontros entre “natureza” e “cultura”. Interessou-me buscar os trajetos percorridos por Armínio para pensar como, durante sua passagem por diferentes lugares, no transcorrer de dezessete anos, modificam-se horizontes, ou paisagens permanecem, na interação das pessoas com florestas, lavouras, cidades.

Ulpiano Meneses (2003) defende a necessidade de incorporar a visualidade como dimensão a ser explorada em qualquer dos segmentos da História. O Visual, deve figurar, portanto, mais como uma estratégia operacional do que compartimentação epistemológica. Em outro texto dedicado à paisagem, uma referência importante para a abordagem das fotografias de Armínio Kaiser, o mesmo autor observa que a historicidade do “olhar” se constrói conforme vão transmutando os pontos de vista e as possibilidades de ver. Com a invenção da roda gigante, do balão, do avião... E vale acrescentar: do satélite. Como situa Ulpiano Meneses (2002), a temporalidade da paisagem advém de uma relação de práticas culturais, interação humana, construção de subjetividades onde o visual é elemento fundamental. Tal debate complementa-se com o acionamento da perspectiva transdisciplinar de Tim Ingold, dedicado à questão mais específica das percepções do ambiente, que ele conceitua:

nossa percepção do ambiente como um todo não provém de uma ascensão de uma perspectiva local e míope para uma perspectiva panóptica e global, mas surge na passagem de um lugar para outro, e em histórias de movimento e de horizontes variáveis ao longo do caminho (INGOLD, 2000, p. 227).

Portanto, para poder ler a história visual do arquivo de Armínio Kaiser por suas imagens, fez-se necessário navegar livre e visualmente pelo conjunto de fotografias, ter “mobilidade” sem fronteiras entre as categorias que segmentavam o conjunto. Isto representou um exercício para avançar um pouco para além das narrativas que o próprio fotógrafo

compôs para “explicar” esse arquivo, para fazer seleções, escolher as imagens que seriam “lembradas”/ “esquecidas”.



CAMINHOS (RE)MONTADOS

O caminho encontrado veio da dica de um colega designer: o *software* Adobe Bridge, que fotógrafos utilizam para ordenar suas imagens digitais. O uso desta ferramenta possibilitou organizar e classificar as fotografias de Armínio Kaiser, criando chaves de pensamento que dessem conta das questões ambientais situadas pela pesquisa acadêmica: percepções do ambiente, memória, natureza e cultura. Para estabelecer estas chaves, combinei as seguintes estratégias para catalogação das imagens através do programa citado:

1) Referencialização espaço-temporal. Seguindo notas do fotógrafo constantes nos envelopes de guarda dos originais organizados por ele. Consta na maioria deles registros de local e data. Aparece, quando é o caso, o nome da fazenda e proprietário. E quando são estradas, geralmente há indicação de trechos como “entre lugares” ou “arredores”.

2) Anotações do próprio fotógrafo a respeito dos objetos fotografados. Constam em alguns envelopes notas que se referem às técnicas/tecnologias empregadas na prática agrícola. Algumas vezes aparecem informações de caráter subjetivo ou sociocultural.

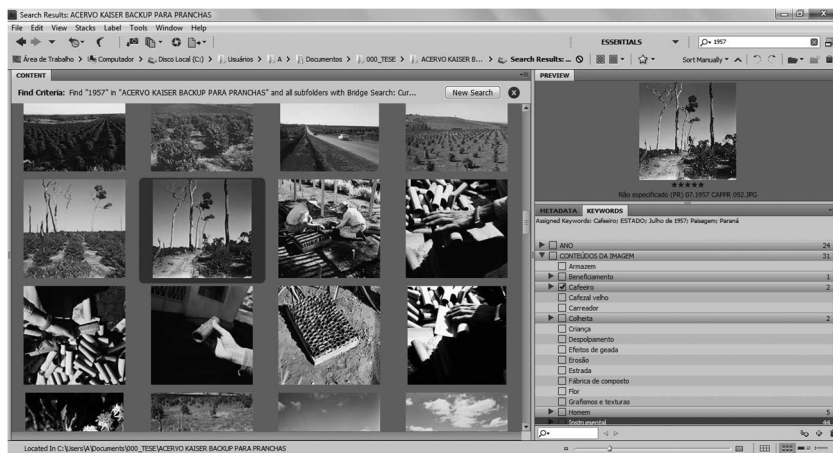
3) Informações sobre determinadas imagens quando estas foram mencionadas durante as entrevistas.

4) Anotações do fotógrafo sobre técnica fotográfica. Na maioria dos envelopes há registros dos filmes, câmeras e lentes utilizadas, laboratórios ou químicos de revelação. Considera-se também o dado de que frequentemente existem marcas de reenquadramento da imagem para o caso de ampliação.

5) Análise iconográfica dos elementos presentes na imagem. Elaborei categorias que dizem respeito mais direto às interrogações da pesquisa sobre percepções e relações com o meio ambiente.

Reproduzo a seguir a tela contendo o aspecto da área de trabalho para catalogação das imagens:

Figura 71 – Tela da área de trabalho do software Adobe Bridge

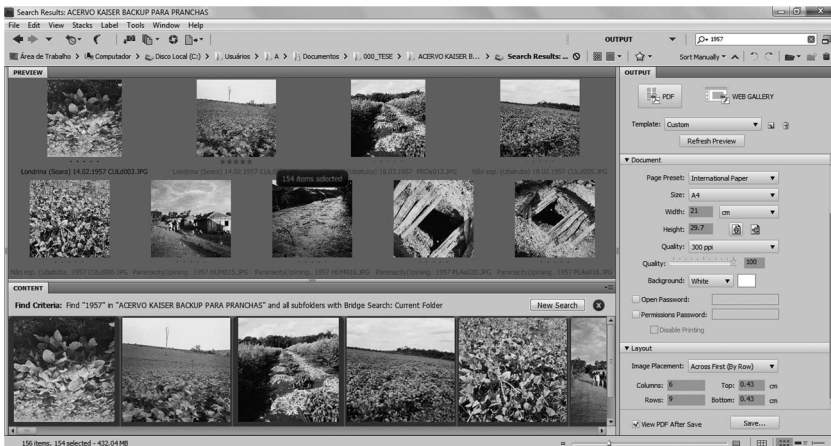


Fonte: Reprodução da tela pela autora

Além de importante ferramenta de catalogação/indexação, o recurso a este software vale por privilegiar o acesso visual dos registros, pois percebo que é este um grande desafio com que se depara o pesquisador que trabalha com imagens. Frequentemente há nos arquivos uma separação entre os registros visuais e os registros dos dados de referência das imagens, ou então, os resultados das ferramentas de busca apresentam as informações em forma de texto acompanhado pelo código de referência à imagem.

Outro aspecto positivo da interface é o auxílio ao trabalho com fontes visuais para exposição dos dados e apresentação das próprias fontes na escrita, visto que a ferramenta auxilia na filtragem e oferece vários recursos para ordenação e montagem de folhas de contato. A área de trabalho para tais atividades está reproduzida na tela a seguir:

Figura 72 – Tela da área de trabalho do software Adobe Bridge



Fonte: Reprodução da tela pela autora

Vale mencionar que o arquivo em questão encontrava-se disperso em relação às séries fotográficas porque cada negativo original em formato 6x6cm estava, sem nenhuma ordenação, acondicionado individualmente ou em tiras de no máximo quatro ou cinco fotografias, no caso dos negativos em formato 35mm. Depois da digitalização dos originais, realizada como passo inicial dos projetos de salvaguarda, o acesso ficou concentrado no arquivo digitalizado, como discutido no capítulo anterior, este era ordenado segundo as categorias propostas pelo próprio fotógrafo.

Tal característica dificultava a observação dedicada a refletir sobre o caráter das séries fotográficas, ponto importante da pesquisa que interroga a respeito de como se expressa, na composição dos registros, a percepção do ambiente vivenciada pelo fotógrafo – ou, ao menos, uma expectativa de aproximação dessa experiência! Deparava-me, portanto, com uma limitação para tentar recompor visualmente os trajetos percorridos por Armínio Kaiser.

A partir da catalogação/indexação do acervo digital, acompanhada pelo acesso filtrado por ano, combinando datas e locais, foi possível (re)montar as folhas de contato. Sem ingenuidade, todavia, deve-se considerar existem lacunas intransponíveis nessa montagem. Descartes certamente ocorreram nos originais entre os tempos de clicar-revelar-arquivar-acessar. Assim como todo historiador e todo profissional das

áreas de conservação lida com a perda, seja na conservação ambiental ou patrimonial, qualquer fotógrafo lida com filmes velados, prejudicados na revelação, com a presença de fungos, perdidos em mudanças. Mais além, descarta voluntariamente as fotografias que não quer guardar, aquelas que preferiria nem ter tirado, ou as que depõem contra sua própria visão estética, vontade de beleza; elimina as que registram situações e pessoas que desejaria esquecer... Enfim, são tantas as razões para querer soterrar, arruinar e esquecer quanto são acidentais as perdas do que se queria ter conservado. São tantos os motivos possíveis para justificar o que permanece ou perece, quanto são, na mesma medida, razões indefiníveis.

Tudo para descortinar o fato de que se trabalha com vestígios. Do que sobreviveu, dedico-me à remontagem cronológica de cerca de duas mil e trezentas fotografias. No processo atual de pesquisa, quando navego detalhadamente pelas categorias do arquivo, observo que elas organizam o pensamento e norteiam a navegação pelo conjunto. O movimento, porém, dá visibilidade aos próprios limites da categorização muito segmentada. Pois imagens são polissêmicas e podem servir para contar muitas histórias diferentes. Daí a ideia de oferecer outras possibilidades de visualização, percursos de navegação que transponham fronteiras das categorias pré-estabelecidas. A montagem de pranchas cronológicas busca tentar (re)montar o percurso do fotógrafo e as ondulações de como operam seus atos fotográficos. Certo é que se lida nesse processo com apenas sobrevivências desses atos fotográficos.

Montar as pranchas em forma de arranjos visuais cronológicos dialoga com a proposta de Etienne Samain de que as imagens participam de um sistema de pensamento. Esse estudioso de Gregory Bateson, Aby Warburg e Didi-Huberman, aponta que: “Não é possível pensar a imagem se não a situarmos no *sistema* no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a fez, aquele que a contempla, num tempo e num espaço históricos e a-históricos” (SAMAIN, 2012, p.34). Para o autor, quando as imagens são colocadas várias em uma sequência, em arranjos, elas dialogam entre si e o olhar para as imagens é um olhar que as coloca em interação. Samain pontua: “A imagem é capaz de ideações – capaz de suscitar ideias” (2012, p.35). Vejamos as séries de imagens organizadas em folhas de contato cronológicas:

Data e/ou Local não especificados



Bahia (provável 1946) ARTBA046



Bahia (provável 1947) ARTBA004



Salvador (provável 1947) ARTBA028



Salvador (provável 1947) ARTBA029



Salvador (provável 1947) ARTBA035



Salvador (provável 1947) ARTBA036



Salvador (provável 1947) ARTBA041



Salvador (provável 1947) ARTBA042



Salvador (provável 1947) ARTBA043



Salvador (provável 1947) ARTBA044



Salvador (provável 1947) ARTBA049



Salvador (provável 1947) ARTBA055



Salvador (provável 1947) ARTBA061



Salvador ARTBA032



Salvador ARTBA033



Salvador ARTBA034



Bahia ARTBA060



Bahia (Lagoa Nova) CAFBA043



Bahia (Lagoa Nova) CAFBA109



Bahia (Lagoa Nova) CAFBA062

Data e/ou Local não especificados



Bahia (Lagoa Nova) CAFBA063



Bahia (Lagoa Nova) CAFBA064



Brejões (Bendengo) CAFBA089



Brejões CAFBA003



Bahia CAFBA112



Bahia CAFBA113



Bahia CAFBA114



Provável Paraíba 1947-49 ARTBA026



Provável Paraíba 1947-49 ARTBA027



Provável Paraíba 1949 ARTPB001



Provável Paraíba 1949 ARTPB002



Provável Paraíba 1949 ARTPB003



Provável Paraíba 1949 ARTPB004



Provável Paraíba 1949 ARTPB005



Provável Paraíba 1949 ARTPB007



Provável Paraíba 1949 ARTPB008



Provável Paraíba 1949 ARTPB009



Provável Paraíba 1949 ARTPB010



Provável Rio de Janeiro 1948 ARTRJ001



Provável Rio de Janeiro 1948 ARTRJ005

Data e/ou Local não especificados



Provável Rio de Janeiro 1948 ARTRJ006



Santa Catarina CAFSC002



Provável Campos do Jordão ARTSP003



Provável São José dos Campos 1947-49 AR...



Provável São José dos Campos 1947-49 AR...



Provável São José dos Campos 1947-49 AR...



São Paulo ARTSP011



São Paulo (Ibirapuera) ARTSP009



SP (Higienópolis) (provável 1947-48) ARTSP008



SP (Viaduto do Chá) (provável 1947-48) ART...



São Paulo ARTSP006



São Paulo (Rio Piracicaba) ARTSP013



São Paulo ARTSP012



Campinas (AC) CAFSP273



Araras CAFSP019



Botucatu (Lageado) CAFSP027



Itatiba (Paraíso) CAFSP101



São Paulo CAFSP148



São Paulo CAFSP236



São Paulo CAFSP237

Data e/ou Local não especificados



São Paulo CAFSP238



São Paulo CAFSP063



São Paulo CAFSP265



São Paulo ARTSP014-deveria ser CAFSP



Provável Piracicaba CAFSP153



Provável Piracicaba CAFSP154



Provável Piracicaba CAFSP155



Provável Piracicaba CAFSP156



Chavantes-Ribeirão Claro CAFSP307



Arapongas CAFPR069



Arapongas HUM031



Astorga PDEb010



Bandeirantes-Santa Mariana CAFPR056



Bandeirantes-Santa Mariana CAFPR293



Ibitorã ARM037



Ibitorã ARM038



Londrina (Cacique) ARM077



Londrina ARM008



Maringá PLAs036



Maringá PLAs037

Data e/ou Local não especificados



Maringá PLAa038



Nova Esperança-Alto Paraná ERO047



Nova Esperança-Alto Paraná ERO048



Paranaíba ARTPR005



Paranaíba ARTPR004



Paranaíba ARTPR006



Paranaíba CAFPR011



Paranaíba ERO045



Paranaíba ERO046



Santa Fé-Munhoz de Melo CAFPR091



Paraná PLRa030



Paraná PROd002



Paraná VIV005



Paraná ARM075



Paraná ARM076



Paraná ARM078



Paraná ARM079



Paraná ARM080



Paraná CAFPR124



Paraná CAFPR125

Data e/ou Local não especificados



Paraná CAFPR126



Paraná CAFPR145



Paraná CAFPR175



Paraná CAFPR176



Paraná CAFPR177



Paraná CAFPR178



Paraná CAFPR179



Paraná CAFPR180



Paraná CAFPR181



Paraná CAFPR182



Paraná CAFPR183



Paraná CAFPR184



Paraná CAFPR185



Paraná CAFPR186



Paraná CAFPR188



Paraná CAFPR294



Paraná COLa026



Paraná CULa009



Paraná ERO013



Paraná PDEB066

Data e/ou Local não especificados



Paraná PDEb067



Paraná PDEb068



Paraná PDEb069



Paraná HUM065



CAFDIV002



CAFDIV003



CAFDIV004



CAFDIV005



CAFDIV006



CAFDIV007



CAFDIV008



CAFDIV009



CAFDIV010



CAFDIV001



CAFDIV011



CAFDIV012



CAFDIV013



ARTDIV001



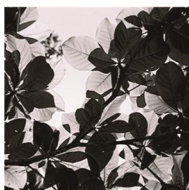
ARTDIV002



ARTDIV003

Data e/ou Local não especificados

ARTDIV005



ARTDIV006



ARTDIV007



ARTDIV008



ARTPB006



ARTPB011



ARTPB012



São Paulo (provável 1947) ARTSP010

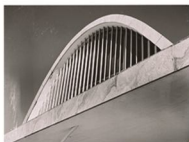
1951



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG001



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG013



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG014



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG015



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG016



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG017



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG018



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG019



Belo Horizonte (Pampulha) 1951 ARTMG020



Belo Horizonte 1951 ARTMG022



Minas Gerais 1951 ARTMG024



Minas Gerais 1951 ARTMG025



Minas Gerais 1951 ARTMG021



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG026



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG027



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG028



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG029



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG030



Minas Gerais 02.03.1951 ARTMG031



Minas Gerais 04.03.1951 ARTMG004

1951



Minas Gerais 04.03.1951 ARTMG003



Minas Gerais 04.03.1951 ARTMG008



Minas Gerais 11.03.1951 ARTMG002



Minas Gerais 11.03.1951 ARTMG006



Belo Horizonte 17.03.1951 ARTMG007



Minas Gerais 22.03.1951 ARTMG010



Minas Gerais 22.03.1951 ARTMG011



Minas Gerais 23.03.1951 ARTMG005



Minas Gerais 23.03.1951 ARTMG009



Minas Gerais 24.03.1951 ARTMG012



Congonhas do Campo 24.03.1951 ARTMG023

1953



Itatiba (Paraizo) 08.1953 CAFSP157



Itatiba (Paraizo) 08.1953 CAFSP278



Itatiba (Paraizo) 08.1953CAFSP327



Itatiba (Paraizo) 08.1953 CAFSP100



Itatiba (Paraizo) 08.1953 CAFSP099



Itatiba (Paraizo) 08.1953 CAFSP308



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP077



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP079



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP078



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP083



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP082



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP085



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP081



Campinas (IAC) 08.1953 CAFSP290



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP146



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP158



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP159



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP076



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP075



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP275

1953



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP335



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP334



Campinas (IAC) 09.1953 CAFSP329



Campinas (IAC) 10.1953 CAFSP074



Campinas (IAC) 10.1953 CAFSP080



Florianópolis(A.Silva)09.11.1953 ARTSC004



Florianópolis(A.Silva)09.11.1953 ARTSC005



Florianópolis(A.Silva)09.11.1953 CAFSC030



Florianópolis(A.Silva)09.11.1953 CAFSC020



Florianópolis(O.Silva)09.11.1953 CAFSC034



Florianópolis (Vieira) 09.11.1953 CAFSC023



Florianópolis (Vieira) 09.11.1953 CAFSC031



Florianópolis (Vieira) 09.11.1953 CAFSC021



Florianópolis (Vieira) 09.11.1953 CAFSC022



Florianópolis (Vieira) 09.11.1953 CAFSC029



Florianópolis 09.11.1953 CAFSC051



Florianópolis 09.11.1953 CAFSC026



Florianópolis 10.11.1953 ARTSC003



Florianópolis 10.11.1953 CAFSC027



Florianópolis 10.11.1953 CAFSC007

1953



Florianópolis(E.Silva)10.11.1953 CAFSC033



Florianópolis 15.11.1953 CAFSC024



Florianópolis 15.11.1953 CAFSC025



Florianópolis 15.11.1953 CAFSC053



Florianópolis 18.11.1953 CAFSC032



Pomerode 27.11.1953 CAFSC037



Pomerode 27.11.1953 CAFSC039



Florianópolis 11.1953 ARTSC006



Florianópolis 11.1953 CAFSC028



Florianópolis (Horto) 11.1953 CAFSC019



Jaraguá do Sul 09.12.1953 CAFSC044



Jaraguá do Sul 09.12.1953 CAFSC045



Jaraguá do Sul 09.12.1953 CAFSC043



Jaraguá do Sul 09.12.1953 CAFSC054



Jaraguá do Sul 10.12.1953 CAFSC036



Ibirama 11.12.1953 ARTSC001



Ibirama 11.12.1953 CAFSC052



Ibirama 11.12.1953 CAFSC018



Ibirama 11.12.1953 CAFSC005



Ibirama 11.12.1953 CAFSC017

1953



Pomerode 11.12.1953 ARTSC002



Blumenau 11.12.1953 CAFSC003



Blumenau 11.12.1953 CAFSC004



Blumenau 11.12.1953 CAFSC006



Blumenau 11.12.1953 CAFSC008



Blumenau 11.12.1953 CAFSC009



Jaraguá do Sul 16.12.1953 CAFSC040



Jaraguá do Sul 16.12.1953 CAFSC046



Jaraguá do Sul 16.12.1953 CAFSC041



Jaraguá do Sul 16.12.1953 CAFSC042



Jaraguá do Sul 29.12.1953 CAFSC035



Jaraguá do Sul 29.12.1953 CAFSC047

1954



São Paulo 1954 ARTSP001



Jaraguá do Sul 01.1954 CAFSC038



Jaraguá do Sul 01.1954 CAFSC048



Jaraguá do Sul 01.1954 CAFSC049



Pomerode 01.1954 CAFSC050



Blumenau (Escola A) 18.01.1954 CAFSC013



Blumenau (Escola A) 18.01.1954 CAFSC015



Blumenau (Escola A) 18.01.1954 CAFSC014



Blumenau 02.1954 CAFSC016



Blumenau (Escola A) 04.1954 CAFSC001



Blumenau (Escola A) 04.1954 CAFSC011



Blumenau (Escola A) 04.1954 CAFSC012



Blumenau (Escola A) 08.04.1954 CAFSC010



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP285



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP336



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP304



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP059



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP272



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP060



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP071

1954



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP261



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP073



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP072



Campinas (Eliza) 05.1954 CAFSP269



Campinas (Martinho) 05.1954 CAFSP151



Campinas (Monte D.) 05.1954 CAFSP325



Campinas (7 Quedas) 05.1954 CAFSP061



Campinas (7 Quedas) 05.1954 CAFSP253



Campinas (7 Quedas) 05.1954 CAFSP254



Jáú (Experimental) 05.1954 CAFSP328



Jáú (Experimental) 05.1954 CAFSP088



Jáú (Experimental) 05.1954 CAFSP089



Jáú (Experimental) 05.1954 CAFSP280



Jáú (Experimental) 05.1954 CAFSP090



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP093



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP098



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP094



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP095



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP344



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP399

1954



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP345



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP346



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP096



Monte Alegre Sul (Exp.) 05.1954 CAFSP097



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP186



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP026



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP339



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP023



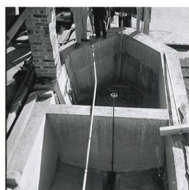
Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP024



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP185



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP187



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP025



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP022



Bragança (Conceição) 06.1954 CAFSP021



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP292



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP062



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP065



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP271



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP067



Campinas (Eliza) 06.1954 CAFSP068

1954



Campinas(Mato Dentro)06.1954 CAFSP264



Campinas (Monte D.) 06.1954 CAFSP070



Campinas (7 Quedas) 06.1954 CAFPR300



Campinas (7 Quedas) 06.1954 CAFSP145



Jauú (Experimental) 06.1954 CAFSP086



Jauú (Experimental) 1954 CAFSP084



Jauú (Experimental) 06.1954 CAFSP087



Matão (Cambuhy-Ing.) 06.1954 CAFSP091



Matão (Cambuhy-Ing.) 06.1954 CAFSP163



Matão (Cambuhy-Ing.) 06.1954 CAFSP162



Não especificado (SP) 06.1954 CAFSP152



Não especificado (SP) 06.1954 CAFSP235



Não especificado (SP) 06.1954 CAFSP234



Não especificado (SP) 07.1954 PLRb027



Matão (Cambuhy-Ing.) 07.1954 CAFSP294



Matão (Cambuhy-Ing.) 07.1954 CAFSP092



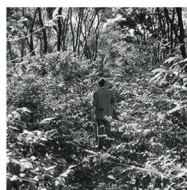
Botucatu (Lageado) 07.1954 CAFSP208



Botucatu (Lageado) 07.1954 CAFSP276



Botucatu(Lageado) 07.1954 CAFSP263



Botucatu (Lageado) 07.1954 CAFSP209

1954



Botucatu (Lageado) 07.1954 CAFSP274



Botucatu (Martins F.) 07.1954 CAFSP268



Botucatu (Martins F.) 07.1954 CAFSP267



Botucatu (Martins F.) 07.1954 CAFSP286



Catanduva (Brigida) 07.1954 CAFSP160



Catanduva (Brigida) 07.1954 CAFSP161



Catanduva (Brigida) 07.1954 CAFSP297



Catanduva (Brigida) 07.1954 CAFSP279



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP241



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP270



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP258



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP255



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP257



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP256



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP150



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP303



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP147



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP172



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP170



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP171

1954



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP164



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP173



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP174



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP176



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP175



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP165



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP169



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP167



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP168



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP166



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP179



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP177



Ipaussu (Palmeiras) 07.1954 CAFSP178



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP343



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP240



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP138



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP332



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP181

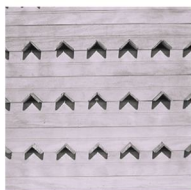


Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP232



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP233

1954



Pindorama (Exp.) 07.1954 CAFSP180



Pindorama (Exp.) 07.1954 07.1954 CAFSP182



Não especificado (SP) 07.1954 CAFSP149



Não especificado (SP) 07.1954 CAFSP295



Não especificado (SP) 07.1954 HUM014



Rod.Rio-Bahia 12.09.1954 CAFBA001



Brejões (Gavião) 12.09.1954 CAFBA002



Brejões (Gavião) 12.09.1954 PLAA018



Brejões (Gavião) 12.09.1954 CAFBA009



Brejões (Gavião) 12.09.1954 CAFBA010



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA077



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA105



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA055



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA106



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA056



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA011



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA014



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA014



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA008

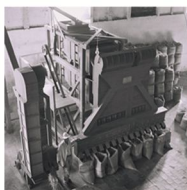


Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA015

1954



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA057



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA074



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA075



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA060



Brejões (Lagoa M.) 12.09.1954 CAFBA061



Brejões (Pau Cedro) 12.09.1954 CAFBA013



S. Inês (W. Souza) 13.09.1954 CAFBA058



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA108



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA110



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA004



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA005



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA065



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA006



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA104



Brejões (M. Bonito) 14.09.1954 CAFBA007



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA052



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA033



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA102



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA103



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA031

1954



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA051



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA050



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA032



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA072



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA073



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA095



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA096



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA097



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA098



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA099



Ubaira (Arenópolis) 14.09.1954 CAFBA100



S. Inês (Salgado) 14.09.1954 CAFBA101



S. Inês (Salgado) 14.09.1954 CAFBA039



S. Inês (Salgado) 14.09.1954 CAFBA066



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA080



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA035



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA036



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA037



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA038



S. Inês (Esperança) 14.09.1954 CAFBA040

1954



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA034



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA059



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA041



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA042



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA049



S. Inês (Palestina) 14.09.1954 CAFBA046



S. Inês (R. Fundo) 14.09.1954 CAFBA067



S. Inês (R. Fundo) 14.09.1954 CAFBA048



S. Inês (R. Fundo) 14.09.1954 CAFBA107



S. Inês 14.09.1954 CAFBA044



S. Inês 14.09.1954 CAFBA045



Ubaíra-S. Inês 15.09.1954 CAFBA047



Ubaíra-S. Inês 15.09.1954 CAFBA078



Ubaíra-S. Inês 15.09.1954 CAFBA079



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA068



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA025



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA069



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA070



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA071



Salvador (Brandão) 19.09.1954 CAFBA076

1954



Americana (Carioba) 09.10.1954 CAFSP001



Americana (Carioba) 09.10.1954 CAFSP002



Campinas (IAC) 03.12.1954 CAFSP064



Campinas (Eliza) 03.12.1954 CAFSP069



Campinas (Eliza) 03.12.1954 CAFSP326



Campinas (Eliza) 03.12.1954 CAFSP282



Campinas (Eliza) 03.12.1954 CAFSP283



Campinas (Eliza) 03.12.1954 CAFSP284



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP293



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP338



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP184



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP287



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP066



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP288



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP289



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP331



Campinas(Martinho) 07.12.1954 CAFSP291



Campinas 1954 CAFSP183

1955



Araras (C. Araras) 29.01.1955 CAFSP015



Araras (C. Araras) 29.01.1955 CAFSP016



Araras (Clementina) 29.01.1955 PROCa021



Araras (Clementina) 29.01.1955 CAFSP020



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP013



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP014



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP017



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP026



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP322



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP323



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP205_PLAN...



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP324



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP199



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP203



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP200



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP324



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP204



Araras (Horto) 29.01.1955 CAFSP202



Araras (Bela Vista) 29.01.1955 CAFSP277



Araras (Bela Vista) 29.01.1955 CAFSP207

1955



Araras (Retiro) 29.01.1955 CAFSP208



Araras (Retiro) 29.01.1955 CAFSP018



Araras (Retiro) 29.01.1955 CAFSP266



Araras (Palmeiras) 29.01.1955 CAFSP337



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP195



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP212



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP213



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP193



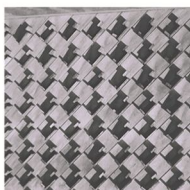
Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP196



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP194



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP228



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP231



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP227



Botucatu (Lageado) 16.06.1955 CAFSP047



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP036



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 COLB040



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP037_...



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP040



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP038



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP299

1955



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP300



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP301



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP302



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP215



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP214



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP041



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP048



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP216



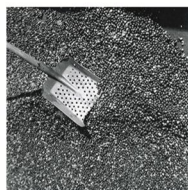
Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP217



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP223



Botucatu (Lageado) 17.06.1955 CAFSP035



Botucatu (Lageado) 19.06.1955 CAFSP045



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP049



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP222



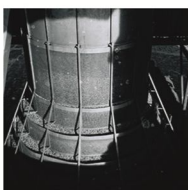
Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP042_...



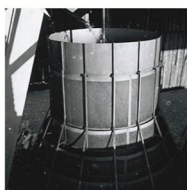
Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP031



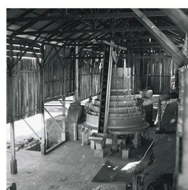
Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP034



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP050_...



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP033



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP051

1955



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP043



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP032



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP186



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP209



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP210



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP135



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP305



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP189



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP190



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP197



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP196



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP134_BOA



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP136



Itatinga (Pedro) 20.06.1955 CAFSP137_BOA



Botucatu (Lageado) 20.06.1955 CAFSP321



Botucatu (Lageado) 21.06.1955 PROa010



Botucatu (Lageado) 22.06.1955 CAFSP221



Botucatu (Lageado) 22.06.1955 ERO038



Botucatu (Luiz) 22.06.1955 CAFSP220



Botucatu (Luiz) 23.06.1955 CAFSP218

1955



Botucatu (Luiz) 22.06.1955 CAFSP038



Botucatu (Luiz) 23.06.1955 CAFSP219



Botucatu (Lageado) 23.06.1955 CAFSP030....



Botucatu (Lageado) 23.06.1955 CAFSP191



Botucatu (Lageado) 23.06.1955 CAFSP192



Botucatu (Lageado) 23.06.1955 CAFSP044



Botucatu (Lageado) 24.06.1955 CAFSP046



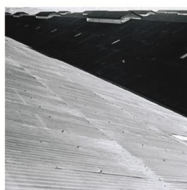
Botucatu (Lageado) 24.06.1955 CAFSP039



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP139...



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP142



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP141



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP211



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP259



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP249



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP260



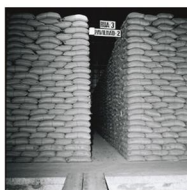
S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP140



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP225



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP144



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP143....



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP224

1955



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP226



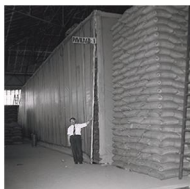
S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP248



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP250



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP247



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP317



S.Paulo(IBC Ipiranga)19.07.1955 CAFSP317



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 37



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 33



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 34



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 35



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 38



São Paulo (IBC) 03.08.1955 GEA 36



S.A.Amparo (Lagoa) 10.11.1955 CAFMG024



S.A.Amparo (Lagoa) 10.11.1955 CAFMG041



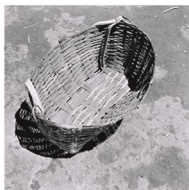
S.A.Amparo (Lagoa) 10.11.1955 CAFMG008



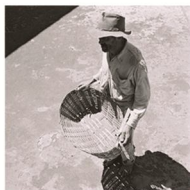
S.A.Amparo (Lagoa) 10.11.1955 CAFMG018



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG035



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG042



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG004



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG037

1955



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG036



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG003



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG020



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG026



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG019



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG028



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG029



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG031



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG032



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG033



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG034



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG040



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG015



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG016



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG017



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG013



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG005



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG014



S.A.Amparo (Lagoa) 11.11.1955 CAFMG012



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG001

1955



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG002



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG006



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG027



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG007



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG011



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG030



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG021



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG022



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG023



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG025



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG038



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG039



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG009



S.A.Amparo (Lagoa) 12.11.1955 CAFMG010



Salvador 1955 CAFBA026



Salvador 12.12.1955 CAFBA027



Salvador (V. Falcao) 12.12.1955 CAFBA028



Salvador 12.12.1955 ARTBA037

1956



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP102



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP130



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP313



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP314



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP316



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP315



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP303



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP104



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP105



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP129



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP306



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP312



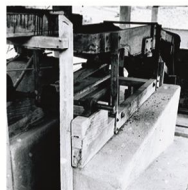
Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP125



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP126



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP127



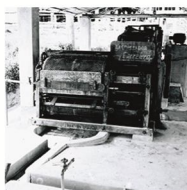
Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP106



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP107



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP108_BOA



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP109_BOA



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP110

1956



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP111



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP112



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP113



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP114



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP115



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP311



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP116



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP117



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP118



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP119



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP120



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP121



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP122



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP123



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP124_BOA



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP128



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP131



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP132_BOA



Itatiba (Paraizo) 18.03.1956 CAFSP133



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP056

1956



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP054



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP057



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP053



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP055



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP309



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP310



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP229



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP230



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP052



Campinas (Eliza) 20.03.1956 CAFSP058



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP003



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP004



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP005



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP006



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP007



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP008



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP009



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP330



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP333



Araraquara (Periqui) 10.11.1956 CAFSP340

1956



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP011



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP243



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP010



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP012



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP245



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP244



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP319



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP246



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP318



Araraquara (Periqui.)10.11.1956 CAFSP320



Salvador (IBC) 07.12.1956 ARM023



Salvador (IBC) 07.12.1956 CAFBA029



Salvador (IBC) 07.12.1956 CAFBA030



Salvador (IBC) 07.12.1956 CAFBA033



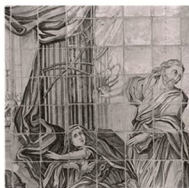
Salvador 12.1956 ARTBA009



Salvador 12.1956 ARTBA010



Salvador 12.1956 ARTBA063



Salvador 12.1956 ARTBA064



Salvador (M.Modelo) 12.1956 ARTBA047



F.Santana (Barros) 13.12.1956 CAFBA083

1956



F.Santana (Barros) 13.12.1956 CAFBA064



F.Santana (Barros) 13.12.1956 CAFBA085



F.Santana (Barros) 13.12.1956 CAFBA086



F.Santana (Barros) 13.12.1956 CAFBA087



Feira de Santana 12.1956 ARTBA006



Feira de Santana 12.1956 ARTBA052



Feira de Santana 12.1956 ARTBA048



Brejões 14.12.1956 CAFBA081



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA093



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA094



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA019



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA021



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA022



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA020



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA018



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA090



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA091



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA092



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA016



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA017

1956



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA023



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA088



Brejões (Lagoa M.) 14.12.1956 CAFBA082



Rod.Rio-Bahia 13.12.1956 CAFBA024



Rod.Rio-Bahia 13.12.1956 CAFBA111

1957



Londrina (Seara) 14.02.1957 CULd003



Londrina (Seara) 14.02.1957 CULd004



Não esp. (Ubatuba) 18.03.1957 PRCa012



Não esp. (Ubatuba) 18.03.1957 CULd005



Não esp. (Ubatuba) 18.03.1957 CULd006



Paranacity(piranga)06.05.1957 HUM015



Paranacity(piranga)06.05.1957 HUM016



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLaa020



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLaa016



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLaa015



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLaa021



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLaa022



Paranacity(piranga)06.05.1957 PLRa035



Paranacity(E.Funda)06.05.1957 PLaa029



Mandaguacu(Adeli)06.05.1957 HUM017



Mandaguacu(Adeli)06.05.1957 HUM018



Maringá (Aviação) 10.05.1957 PLRa036



Maringá (Aviação) 10.05.1957 PLRa037



Maringá (Aviação) 10.05.1957 PLRa038



Maringá (Aviação) 10.05.1957 PLRa039

1957



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA032



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA017



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA018



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA021



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA065



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA025



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA016



Iguaraçu (Helena) 20.05.1957 GEA027



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 COL025



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 HUM013



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 CAFPR152



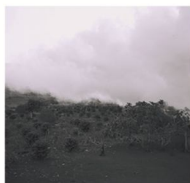
S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA023



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA022



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA063



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA041



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA064



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA019



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA020



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 CAFPR173



S.Jorge Ivai (Maria) 20.05.1957 GEA024

1957



S.Jorge Ival (Maria) 20.05.1957 CAFPR151



S.Jorge Ival (Maria) 20.05.1957 CAFPR108



Paranaival (B.H.) 23.07.1957 CAFPR237



Paranaival (B.H.) 23.07.1957 PLAA034



Paranaival (B.H.) 23.07.1957 CAFPR236



Paranaival (B.H.) 23.07.1957 CAFPR198



Paranaival (B.H.) 23.07.1957 CAFPR238



Paranaival (Angela) 07.1957 PLAA019



Paranaival 07.1957 HUM010



Alto Paraná 07.1957 PLAA028



Apucarana 07.1957 CAFPR044



Apucarana 07.1957 GEA006



Não especificado (PR) 07.1957 ERC010



Não especificado (PR) 07.1957 CAFPR 092



Maringá (Rittes) 07.1957 VIV001



Maringá (Rittes) 07.1957 VIV034



Maringá (Rittes) 07.1957 VIV035



Maringá (Rittes) 07.1957 VIV036



Maringá (Rittes) 07.1957 VIV037



Maringá (Rittes) 07.1957 CAFPR040

1957



Paranavai 26.08.1957 CAFPR251



Mandaguapu 26.08.1957 GEA039



Mandaguapu 26.08.1957 HUM009



Mandaguapu 26.08.1957 HUM011



Terra Rica 27.08.1957 CAFPR006



Paranavai 06.09.1957 CAFPR015



Paranavai 06.09.1957 COLa028



Paranavai 06.09.1957 CAFPR016



Paranavai 06.09.1957 CAFPR018



Londrina (Seara) 18.09.1957 ARTPR003



Londrina (Seara) 18.09.1957 CAFPR051



Londrina (Seara) 18.09.1957 CAFPR050



Londrina (Seara) 18.09.1957 PLAb010



Londrina (Seara) 18.09.1957 PLAb011



Londrina (Seara) 18.09.1957 PLRa070



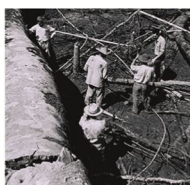
Londrina (Seara) 18.09.1957 PLAs025



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PLRa001



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PLRa002



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PLRa003



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PLRa049

1957



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PLRa050



Londrina (Terra B.) 18.09.1957 PROa002



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 CAFPR068



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 CAFPR220



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 CAFPR241



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 CAFPR242



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 CAFPR243



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 PLAb001



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 PLAb002



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 PLAb003



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 PLAb004



Arapongas (Guilhe.) 19.09.1957 PLAb005



Paranavai 24.09.1957 CAFPR013



Paranavai 24.09.1957 ERO034



Paranavai 24.09.1957 PROa025



Paranavai 24.09.1957 ERO031



Paranavai 24.09.1957 ERO006



Terra Rica (Rio P.) 26.09.1957 CAFPR095



Terra Rica (Rio P.) 26.09.1957 PROa022



Terra Rica (Rio P.) 26.09.1957 ERO028

1957



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 VIV022



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 VIV023



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 VIV024



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR217



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR218



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR246



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR247



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR248



Paranavai (Luiza) 10.10.1957 CAFPR279



Paranavai (Luiza) 11.10.1957 PRCa007



Paranavai (Luiza) 11.10.1957 VIV006



Paranavai (Luiza) 11.10.1957 VIV007



Paranavai (Luiza) 11.10.1957 VIV014



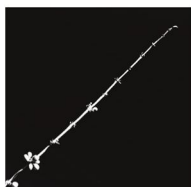
Paranavai (Luiza) 11.10.1957 PRCa004



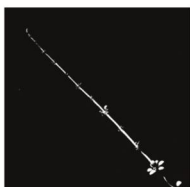
Paranavai (Luiza) 11.10.1957 VIV010



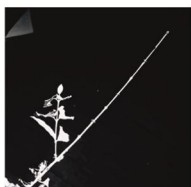
Paranavai (Luiza) 11.10.1957 VIV025



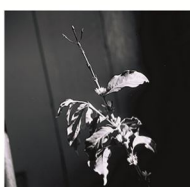
Paranavai 15.10.1957 CAFPR224



Paranavai 15.10.1957 CAFPR019

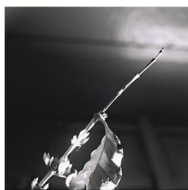


Paranavai 15.10.1957 CAFPR275



Paranavai 15.10.1957 FRi004

1957



Paranaíval 15.10.1957 CAFPR225



Paranaíval 15.10.1957 CAFPR274



Paranaíval 15.10.1957 CAFPR017



Paranaíval 17.10.1957 ARTPR008



Mandaguacu 20.10.1957 ERC037



Mandaguacu 20.10.1957 CAFPR047



Paranaíval 27.10.1957 COLa011



Paranaíval 27.10.1957 CAFPR014



Paranaíval 27.10.1957 COLa005



Paranaíval 27.10.1957 COLa008



Paranaíval 27.10.1957 COLa009



Paranaíval 27.10.1957 COLa013



Paranaíval 27.10.1957 PROc002



Paranaíval 27.10.1957 COLa018



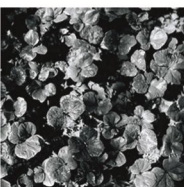
Paranaíval 27.10.1957 COLa021



Maringá (Rittes) 28.10.1957 CAFPR038



Maringá (Rittes) 28.10.1957 CAFPR039



Maringá (Rittes) 28.10.1957 CAFPR037



Maringá (Rittes) 28.10.1957 VIV011



Maringá (Rittes) 28.10.1957 CAFPR244

1957



Maringá (Ritite) 28.10.1957 VIV009



Maringá (Ritite) 28.10.1957 VIV017



Alto Pr.-N.Esperança 28.10.1957 ERO017



Paranavaí(Cobrinco)11.11.1957 ERO012



Paranavaí(Cobrinco)11.11.1957 ERO014



Paranavaí(Cobrinco)11.11.1957 PLAA026



Diamante Norte 11.11.1957 CULb001



Diamante (Regina) 11.11.1957 PLRa032



Diamante (Regina) 11.11.1957 PLRa033



Diamante (Regina) 11.11.1957 PLRa034



Paranavaí(Catarina) 28.11.1957 PRA009



Paranavaí (Catarina) 28.11.1957 PLAb006



Paranavaí(Catarina) 28.11.1957 CULd002



Não especificado (PR) 11.1957 PLAA023



Maringá 1957 HUM032



Maringá 1957 HUM033



Maringá 1957 HUM041

1958



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 CAFPR199



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 CAFPR200



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 CULb006



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 CAFPR147



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 PLAb009



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 PLAb009



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 PROa013



N.Esperança(3lrmãe)15.01.1958 PLaa027



Maringá 03.1958 CAFPR046



Maringá 03.1958 VIVO26



Paranavai 03.1958 ERO004



Paranavai 03.1958 PLaa010



Paranavai 03.1958 CAFPR022



Paranavai 03.1958 CAFPR023



Tamboara 03.1958 COLb019



Tamboara 03.1958 COLb021



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 CAFPR107



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb022



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb026



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb047

1958



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb048



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb049



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb050



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb052



Astorga (Zulmira) 12.05.1958 COLb053



Mirador (R. Ivaí) 28.06.1958 CAFPR117



Mirador-Paranaíva 28.06.1958 PLAA033



Mirador 28.06.1958 CAFPR215



Mirador-Paranaíva 28.06.1958 PLAA030



Mirador-Paranaíva 28.06.1958 ERC009



Mirador-Paranaíva 28.06.1958 PLAA024



Mirador-Paranaíva 28.06.1958 PRQa026



Paranaíva 06.1958 HUM042



Paranaíva 06.1958 CAFPR021



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb050



Maringá (Aviação) 24.08.1958 CAFPR042



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb066



Maringá (Aviação) 24.08.1958 CAFPR041



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb053



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb062

1958



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb064



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb065



Maringá (Aviação) 24.08.1958 CAFPR043



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb020



Maringá (Aviação) 24.08.1958 COLb061



Nova Londrina 22.09.1958 FRI001



Nova Londrina 22.09.1958 FRI005



Nova Londrina 22.09.1958 FRI007



Nova Londrina 22.09.1958 FRI008



Nova Londrina 22.09.1958 FRI009



Nova Londrina 22.09.1958 CAFPR223



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa009



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa006



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa007



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa008



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa009



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa010



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa011



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa044



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa045

1958



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa046



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PROa001



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa047



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 PLRa048



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 HUM040



Nova Londrina (Rosa) 22.09.1958 HUM039



Paranacity (Timburi) 25.09.1958 CAFPR096



Paranacity (Timburi) 25.09.1958 ERC0024



Nova Londrina 27.09.1958 COLa004



Nova Londrina 27.09.1958 CAFPR031



Nova Londrina 27.09.1958 COLa001



Nova Londrina 27.09.1958 COLa002



Nova Londrina 27.09.1958 COLa006



Nova Londrina 27.09.1958 COLa007



Nova Londrina 27.09.1958 CAFPR030



Nova Londrina 27.09.1958 CAFPR028



Nova Londrina 27.09.1958 CAFPR033



Nova Londrina 27.09.1958 COLa019



Nova Londrina 27.09.1958 COLa015



Nova Londrina 27.09.1958 COLa014

1958



Nova Londrina 27.09.1958 PROc004



Alto Paraná (Alicia) 28.09.1958 CAFPR240



Alto Paraná (Alicia) 28.09.1958 PLRb015



Alto Paraná (Alicia) 28.09.1958 PLRb026



Alto Paraná (Alicia) 28.09.1958 CAFPR148



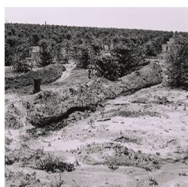
Paranavai 28.09.1958 CAFPR164



Alto Pr.-N. Esperança 28.09.1958 ERC016



N. Esperança (3lirmãe)30.09.1958 PLRb023



N. Esperança(3lirmãe)30.09.1958 CAFPR103



N. Esperança(3lirmãe)30.09.1958 CAFPR230



N. Esperança(3lirmãe)30.09.1958 PLRb024



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR097



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR098



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR099



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR100



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR035



Nova Esperança 30.09.1958 ERC036



Nova Esperança 30.09.1958 ERC039



Nova Esperança 30.09.1958 ERC040



Nova Esperança 30.09.1958 ERC041

1958



Nova Esperança 30.09.1958 CAFPR036



Nova Esperança 30.09.1958 ERC0042



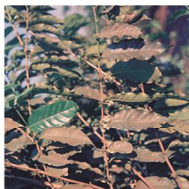
Nova Londrina 10.10.1958 FRI002



Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR155



Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR156



Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR154



Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR162



Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR158



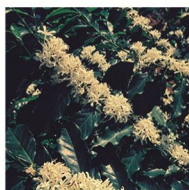
Nova Londrina 10.10.1958 CAFPR157



Nova Londrina 10.1958 COLa027



Nova Londrina(Rosa)10.1958 CAFPR281



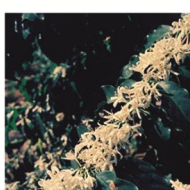
Nova Londrina 10.1958 CAFPR029



Nova Londrina 10.1958 COLa012



Nova Londrina 10.1958 COLa020



Nova Londrina 10.1958 COLa022



Nova Londrina 10.1958 COLa024



Nova Londrina 10.1958 COLa025



Paranavai 13.10.1958 PLRa041



Paranavai 13.10.1958 PLRa042



Paranavai 13.10.1958 PLRa043

1958



Paranavaí 13.10.1958 ERO001



Paranavaí 13.10.1958 ERO029



Paranavaí 13.10.1958 ERO030



Paranavaí 13.10.1958 ERO032



AltoPr.-N.Esperança 15.10.1958 ERO026



AltoPr.-N.Esperança 15.10.1958 ERO027



S. Pedro Paraná 24.10.1958 CAFPR093



S. Pedro Paraná 24.10.1958 CAFPR094



Nova Londrina (Rosa) 24.10.1958 PLRa028



Nova Londrina (Rosa) 24.10.1958 PLRa004



Nova Londrina (Rosa) 24.10.1958 PLRa005



Nova Londrina (Rosa) 24.10.1958 PLRa013



Nova Londrina (Rosa) 24.10.1958 PROa017



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 PLAs014



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 CAFPR209



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 PLAs017



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 PLAs011



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 PLAs012



Nova Londrina (Rosa) 25.10.1958 PLAs013



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 CAFPR032

1958



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 ERO011



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 PROa018



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 CAFPR229



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 CAFPR265



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 CAFPR252



N.Londrina(Cobrinco)26.10.1958 CAFPR262



Paranaíba-Guairacá 10.1958 CAFPR020



Paranaíba-Guairacá 10.1958 ERO035



Nova Esperança 10.1958 CAFPR034



Nova Esperança 10.1958 PLAA005



Nova Esperança 10.1958 CAFPR104



Mandaguáçu 01.11.1958 ERO043



Mandaguáçu 12.1958 CAFPR048



Mandaguáçu 12.1958 CAFPR222



Mandaguáçu 12.1958 ERO033



Mandaguáçu 12.1958 CAFPR253



Mandaguáçu 12.1958 ERO008



Mandaguáçu 12.1958 ERO007



Mandaguáçu 12.1958 CAFPR102



AltoPr-Nova Esperança 12.1958 CAFPR106

1958



AltoPr.-N.Esperança 12.1958 ERC018



Nova Esperança 12.1958 PROa019



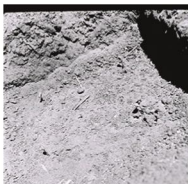
Nova Esperança 12.1958 ERC015



Nova Esperança 12.1958 ERC025



Nova Esperança 12.1958 PROa020



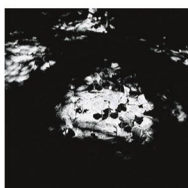
Alto Paraná (Alicia) 12.1958 CAFPR231



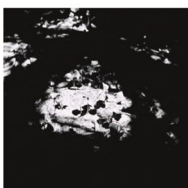
Alto Paraná (Alicia) 12.1958 CAFPR295



Alto Paraná (Alicia) 12.1958 CAFPR080



Alto Paraná (Alicia) 12.1958 CAFPR081



Alto Paraná (Alicia) 12.1958 CAFPR278



N.Londrina (Giacomo) 12.1958 CAFPR245



N.Londrina (Giacomo) 12.1958 CAFPR277



N.Londrina (Giacomo) 12.1958 CAFPR301



N.Londrina (Giacomo) 12.1958 CAFPR269

1959



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ002



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ023



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ003



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ004



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ007



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ008



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ009



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ013



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ011



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ014



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ012



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ015



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ016



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ017



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ018



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ010



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ019



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ020



Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ021

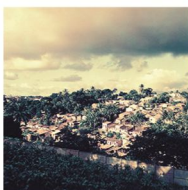


Rio de Janeiro (Paqueta)04.1959 ARTRJ022

1959



Salvador (Café Filinto) 1959 CAFBA054



Salvador (E. Parque) 1959 ARTBA056



Salvador (E.Parque) 1959 ARTBA001



Salvador (E.Parque) 1959 ARTBA002



Salvador 1959 ARTBA018



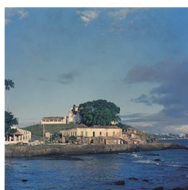
Salvador 1959 ARTBA019



Salvador 1959 ARTBA045



Salvador (Forte M.Serrat) 1959 ARTBA021



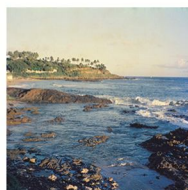
Salvador (Forte M.Serrat) 1959 ARTBA022



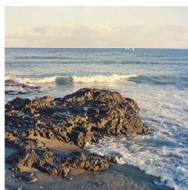
Salvador (Forte M.Serrat) 1959 ARTBA023



Salvador (Rio Vermelho) 1959 ARTBA005



Salvador (Rio Vermelho) 1959 ARTBA024



Salvador 1959 ARTBA020



Salvador 1959 ARTBA013



Salvador (Farol Barra) 1959 ARTBA003



Salvador (Porto Barra) 1959 ARTBA008



Salvador (Porto Barra) 1959 ARTBA017



Salvador 1959 ARTBA040



Salvador 1959 ARTBA059



Salvador 1959 ARTBA016

1959



Salvador 1959 ARTBA057



Salvador (I. Navegantes) 1959 ARTBA058



Salvador (I. Rosario) 1959 ARTBA025



Salvador 1959 ARTBA030



Salvador 1959 ARTBA015



Salvador 1959 ARTBA031



Salvador 1959 ARTBA038



Salvador 1959 ARTBA039



Salvador (Água Meninos) 1959 ARTBA051



Salvador (Água Meninos) 1959 ARTBA050



Salvador 1959 ARTBA014



Salvador 1959 ARTBA007



Salvador 1959 ARTBA053



Salvador 1959 ARTBA054



Salvador 1959 ARTBA062



Salvador (Teatro C. A.) 1959 ARTBA012



Tamboara 06 1959 CAFPR007



Tamboara (Sebastião) 25.06.1959 CAFPR 221



Alto Paraná (Alicia) 26.06.1959 CAFPR233



Alto Paraná (Alicia) 26.06.1959 COLB005

1959



Alto Paraná (Alicia) 26.06.1959 COLb008



Alto Paraná(Alicia) 26.06.1959 COLb046



Alto Paraná(Alicia) 26.06.1959 COLb043



Paranaival 28.06.1959 ERO002



Paranaival 28.06.1959 ERO003



Paranaival 28.06.1959 ERO005



Rio Parapananema 06.07.1959 HUM049



Rio Parapananema 06.07.1959 HUM050



Rio Parapananema 06.07.1959 HUM051



Alto Paraná(Alicia) 27.07.1959 CAFPR082



Alto Paraná (Alicia) 05.08.1959 CAFPR150



Alto Paraná (Alicia) 05.08.1959 CAFPR190



Alto Paraná(Alicia) 05.08.1959 CULc001



Paranacity (Consuelo) 06.08.1959 CAFPR276



Paranacity (Jorge) 06.08.1959 CAFPR105



Paranacity (Jorge) 06.08.1959 PLAs002



Paranacity (Jorge) 06.08.1959 HUM038



Paranacity (Jorge) 06.08.1959 PLAs001



Alto Paraná(Alicia) 10.08.1959 CULc007



Alto Paraná(Alicia) 10.08.1959 CULc006

1959



Alto Paraná(Alicia) 10.08.1959 CULc005



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 CAFPR026



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 COLa003



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 COLa023



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 CAFPR270



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 CAFPR159



Paranacity (Consuelo) 17.08.1959 COLb041



Paranavai 19.08.1959 CAFPR024



Paranavai 19.08.1959 CAFPR025



Paranavai 19.08.1959 HUM004



Paranavai 19.08.1959 HUM005



Nova Londrina (Giacomo) 19.08.1959 CAFPR024



Paranacity (Jorge) 27.08.1959 PLAs008



Paranacity (Jorge) 27.08.1959 PRCa006



Paranavai (Aparecida) 31.08.1959 CULc008



Paranavai 03.09.1959 CULc009



Paranacity (Jorge) 09.09.1959 CAFPR027



Paranacity (Consuelo) 10.09.1959 COLa010



Paranacity (Consuelo) 10.09.1959 COLa016



Paranacity (Consuelo) 10.09.1959 COLa017

1959



Cruzeiro do Sul 18.09.1959 PLAA006



Cruzeiro do Sul 18.09.1959 PLAA007



Paranaval 12.10.1959 PROc003



Paranaval 12.10.1959 CAFPR122



Paranaval (Rita) 14.10.1959 FRI010



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR002



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR003



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR004



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR005



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR234



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR235



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR291



Terra Rica (Bosco) 16.10.1959 CAFPR292



Terra Rica (Renee) 26.10.1959 PLAA003



Terra Rica (Renee) 26.10.1959 PLAA004



Guairaça-Terra Rica 26.10.1959 CAFPR135



Guairaça-Terra Rica 26.10.1959 CAFPR136



Guairaça-Terra Rica 26.10.1959 CAFPR214



Guairaça-Terra Rica 26.10.1959 CAFPR216



Guairaça-Terra Rica 26.10.1959 CAFPR 001

1959



Alto Pr-N Esperança 29.10.1959 ERC019



Loanda (Antonio) 30.10.1959 CAFPR160



Alto Paraná (Alicia) 11.1959 CAFPR083

1960



Guairaça-T.Rica 14.01.1960 CAFPR133



Guairaça-T.Rica 14.01.1960 CAFPR139



Guairaça-T.Rica 14.01.1960 CAFPR140



Guairaça-T.Rica 14.01.1960 CAFPR161



Paranavai 14.01.1960 CAFPR211



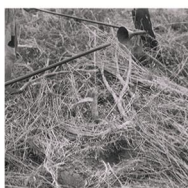
Guairaça-T.Rica 14.01.1960 FR1012



Alto Paraná(Alicia)22.01.1960 CAFPR196



Alto Paraná(Alicia)22.01.1960 PLRb085



Alto Paraná(Alicia)22.01.1960 PLRb012



Alto Paraná(Alicia)21.01.1960 CAFPR250



Alto Paraná(Alicia)29.01.1960 CAFPR086



Alto Paraná(Alicia)29.01.2960 CAFPR085



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 CAFPR298



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb090



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb091



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb092



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 CAFPR089



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb094



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb093



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb095

1960



Alto Paraná(Alicia)09.02.1960 PLRb011



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb045



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 CAFPR297



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb013



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb014



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb012



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb086



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 CAFPR193



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb087



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb088



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 PLRb089



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 CAFPR087



Alto Paraná(Alicia)02.03.1960 CAFPR226



Alto Paraná(Alicia)10.02.1960 CAFPR197



Alto Paraná(Alicia)02.03.1960 PLRb025



Alto Paraná(Alicia)02.03.1960 CAFPR232



Guairaçá 18.03.1960 CAFPR134



Guairaçá-Paranavaí 18.03.1960 CAFPR163



Guairaçá-Paranavaí 18.03.1960 CAFPR212



Guairaçá-Paranavaí 18.03.1960 CAFPR213

1960



Guairaça-Paranaval 18.03.1960 CAFPR138



Guairaça-Paranaval 18.03.1960 CAFPR272



Guairaça-N.Londrina 18.03.1960 COLb007



Paranaval 17.04.1960 ARTPR007



Alto Paraná(Alicia)09.05.1960 CAFPR088

1961



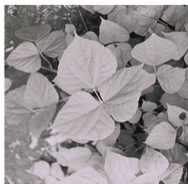
Paraná 09.01.1961 ERO022



Iguaraçu 04.01.1961 CAFPR210



Iguaraçu 04.01.1961 PLRa040



Iguaraçu 04.01.1961 CULb003



Iguaraçu 04.01.1961CULb004



Iguaraçu 04.01.1961 CULb 005



Arapongas 22.06.1961 ARM003



Arapongas 22.06.1961 ARM033



Arapongas 22.06.1961 ARM034



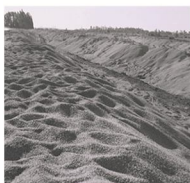
Arapongas 24.06.1961 ARM001



Arapongas 24.06.1961 ARM002



Arapongas 24.06.1961 PROc005



Arapongas 24.06.1961 ARM032



22.06.1961 ARTDIV004



Astorga 19.10.1961 CAFPR057



Astorga 19.10.1961CAFPR282



Astorga 19.10.1961 CAFPR283



Astorga 19.10.1961 CAFPR284



Astorga 19.10.1961 CAFPR286



Astorga 19.10.1961 CAFPR287

1961



Astorga 19.10.1961 CAFPR288



Astorga 19.10.1961 CAFPR289



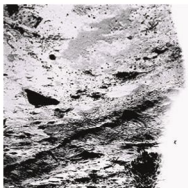
Astorga 19.10.1961CAFPR290



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 CAFPR084



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 CAFPR227



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 CAFPR228



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 PLRb016



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 PLRb017



Alto Paraná(Alicia) 17.11.1961 PLRb022

1962



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb058



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb032



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb042



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb067



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb068



Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 COLb023



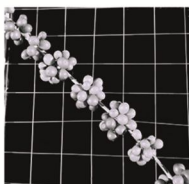
Santa Fé (Virginia) 12.04.1962 CAFPR008



Astorga (S.José) 13.04.1962 FRI003



Astorga (S.José) 13.04.1962 FRI014



Astorga (S.José) 13.04.1962 COLb017



Astorga (S.José) 24.04.1962 COLb004



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR266



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR267



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR268



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR299



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR058



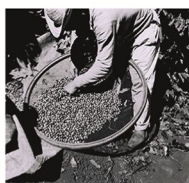
Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR065



Astorga (S.José) 24.04.1962 CAFPR131



Astorga (S.José) 24.04.1962 COLb069



Astorga (S.José) 24.04.1962 COLb045

1962



Astorga (S.José) 24.04.1962 COLb044



Astorga (S.José) 24.04.1962 CULc004



Astorga (S.José) 26.04.1962 COLb051



Astorga (S.José) 26.04.1962 COLb055



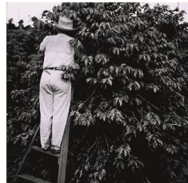
Astorga (S.José) 26.04.1962 COLb056



Astorga (S.José) 26.04.1962 CULc002



Astorga (S.José) 26.04.1962 CULc003



Astorga (S.José) 26.04.1962 CAFPR123



Astorga (S.José) 26.04.1962 CAFPR132



Astorga (S.José) 26.04.1962 FRI015



Astorga (S.José) 26.04.1962 FRI016



Astorga (S.José) 26.04.1962 CAFPR264



Alto Paraná (Alicia) 08.05.1962 PLAb007



Alto Paraná (Alicia) 08.05.1962 PLRb018



Alto Paraná (Alicia) 08.05.1962 PLRb019



Alto Paraná (Alicia) 08.05.1962 PLRb020



Alto Paraná (Alicia) 08.05.1962 PLRb 021



Paraná 08.05.1962 ERO021



Arapongas (IBC) 05.06.1962 ARM004



Arapongas (IBC) 05.06.1962 ARM020

1962



Arapongas (IBC) 05.06.1962 ARM021



Arapongas (IBC) 05.06.1962 ARM022



Arapongas (IBC) 05.06.1962 ARM024



Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR167



Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR064



Astorga (S.José) 06.06.1962 GEA012



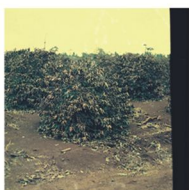
Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR153



Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR194



Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR254



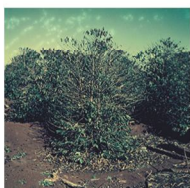
Astorga (S.José) 06.06.1962 CAFPR166



Astorga (S.José) 12.06.1962 CAFPR168



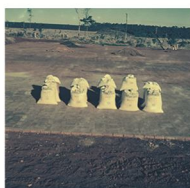
Astorga (S.José) 12.06.1962 CAFPR169



Astorga (S.José) 12.06.1962 CAFPR170



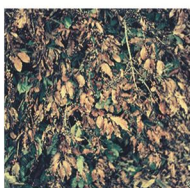
Astorga (S.José) 12.06.1962 GEA056



Astorga (S.José) 15.06.1962 CAFPR063



Astorga (S.José) 15.06.1962 CAFPR066



Astorga (S.José) 20.06.1962 CAFPR062



Astorga (S.José) 20.06.1962 CAFPR059



Astorga (S.José) 20.06.1962 CAFPR061



Astorga (S.José) 20.06.1962 COLB016

1962



Astorga (S.José) 20.06.1962 COLb038



Astorga (S.José) 20.06.1962 CAFPR060



Astorga (S.José) 20.06.1962 COLb033



Astorga (S.José) 20.06.1962 COLb034



Astorga (S.José) 25.06.1962 COLb024



Astorga (S.José) 25.06.1962 FRID103



Astorga (S.José) 25.06.1962 CAFPR067



Astorga (S.José) 25.06.1962 CAFPR149



Astorga (S.José) 25.06.1962 CAFPR273



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA026



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA042



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA043



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA045



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA046



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA054



Astorga (S.José) 06.08.1962 GEA055



Astorga (S.José) 06.08.1962 CAFPR165



Arapongas(Guilher)18.09.1962CAFPR012



Araras (S.Cruz) 18.09.1962 CAFSP242



Limeira (Stein) 18.09.1962 CAFSP281

1962



Limeira (Stein) 18.09.1962 FRI006



Santa Fé 24.10.1962 ARIM031

1963



Arapongas (IBC) 15.03.1963 PROc007



Astorga-Sabáudia 14.03.1963 CULb002



Jacarezinho (Antonio) 21.07.1963 PLRb067



Jacarezinho (Antonio) 21.07.1963 PLRb068



Jacarezinho 21.07.1963 PLRb069



Cambará 21.07.1963 ERC044



Cambará 21.07.1963 CAFPR101



Arapongas (Inga.) 25.07.1963 CAFPR201



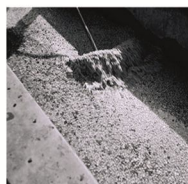
Arapongas (Inga.) 25.07.1963 CAFPR239



Arapongas (Inga.) 25.07.1963 COLb035



Arapongas (Inga.) 25.07.1963 COLb001



Arapongas (Inga.) 25.07.1963 COLb002



Alto Paraná(Alicia)30.07.1963 PLRb085_35...



Alto Paraná(Alicia)30.07.1963 PLRb086_35...



Alto Paraná(Alicia)30.07.1963 PLRb087_35...



Alto Paraná(Alicia)30.07.1963 PLRb088_35...



N.Esperança-Atalaia 30.07.1963 PDEa038



N.Esperança-Atalaia 30.07.1963 INC068



N.Esperança-Atalaia 30.07.1963 INC069



N.Esperança-Atalaia 30.07.1963 INC070

1963



N.Esperança-Atalaia 30.07.1963 INC071



Atalaia (R.Pirapo) 30.07.1963 HUM006



Paraná 30.07.1963 ERC020



Valência 30.07.1963 GEA013



Valência 30.07.1963 PR06008



Valência 30.07.1963 GEA040



Arapongas 07.08.1963 PDEa033



Astorga (S.José) 12.08.1963 GEA047



Astorga (S.José) 12.08.1963 GEA014



Astorga-Sabáudia 12.08.1963 PDEa032



Sabáudia 21.08.1963 GEA029



Sabáudia 21.08.1963 GEA030



Sabáudia 21.08.1963 GEA031



Santa Fé (Sumatráo) 21.08.1963 INC023



Astorga 21.08.1963 ERC023



Astorga 21.08.1963 COLb028



Astorga 21.08.1963 COLb006



Munhoz de Melo 21.08.1963 INC001



Santa Fé (Sumatráo) 21.08.1963 INC004



Santa Fé 21.08.1963 INC024

1963



M.Melo-Santa Fé 21.08.1963 INC056



M.Melo-Santa Fé 21.08.1963 INC045



Astorga 22.08.1963 INC054



Astorga 22.08.1963 INC015



Munhoz de Melo 22.08.1963 GEA044



Munhoz de Melo 24.08.1963 GEA011



Santa Fé 24.08.1963 CAFPR171



Santa Fé-M.Melo 24.08.1963 COLB027



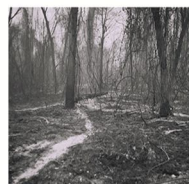
Santa Fé-M.Melo 24.08.1963 COLB039



Santa Fé 24.08.1963 INC044



Munhoz de Melo (Dias) 25.08.1963 INC039



Munhoz de Melo (Dias) 25.08.1963 PROB001



Munhoz de Melo (Dias) 25.08.1963 INC003



Munhoz de Melo (Dias) 25.08.1963 INC062



Munhoz de Melo 25.08.1963 INC002



Astorga (S.José) 27.08.1963 INC059



Munhoz de Melo (F.Dias) 29.08.1963 INC030



Santa Fé (Sumatráo) 29.08.1963 PROB007



Santa Fé (Sumatráo) 29.08.1963 PROB011



Santa Fé (Sumatráo) 29.08.1963 INC029

1963



Santa Fé (Sumatráo) 29.08.1963 INC048



Santa Fé (Sumatráo) 29.08.1963 INC049



R.Pirapó Astorga-Mandaguari 29.08.1963 PR...



R.Pirapó Astorga-Mandaguari 29.08.1963 PR...



Astorga-Mandaguari 29.08.1963 PROb016



Astorga 29.08.1963 INC028



Astorga 29.08.1963 INC012



Astorga 29.08.1963 INC018



Sabáudia 30.08.1963 INC008



Sabáudia 30.08.1963 INC063



Sabáudia 03.09.1963 COLb059



Sabáudia (Boa Esperança) 03.09.1963 CAF...



Sabáudia 03.09.1963 HUM025



Sabáudia 03.09.1963 HUM026



Sabáudia 03.09.1963 HUM027



Sabáudia 03.09.1963 HUM028



Sabáudia 03.09.1963 HUM029



Arapongas 05.09.1963 CAFPR261



Lobato-Colorado 05.09.1963 CULd001



Santa Fé-Lobato 05.09.1963 COLb030

1963



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC005



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC006



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC007



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC010



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC037



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC020



Lobato (Remanso) 05.09.1963 PDEa045



Lobato (Remanso) 05.09.1963 PDEa046



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC042



Lobato (Remanso) 05.09.1963 PROb013



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC047



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC050



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC051



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC052



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC053



Lobato (Remanso) 05.09.1963 INC066



Lobato 05.09.1963 INC035



Lobato 05.09.1963 INC034



Munhoz de Melo 05.09.1963 CAFPR172



Santa Fe-M.Melo 05.09.1963 COLb018

1963



Astorga-M.Melo 06.09.1963 PROc009



Munhoz de Melo 06.09.1963 INC013



Astorga 06.09.1963 INC016



Santa Fé 06.09.1963 GEA015



Sabáudia 07.09.1963 INC017



Sabáudia 07.09.1963 INC014



Sabáudia 07.09.1963 INC019



Sabáudia 07.09.1963 INC021



Sabáudia 07.09.1963 INC022



Sabáudia 07.09.1963 PROc012



Sabáudia 07.09.1963 INC038



Sabáudia 07.09.1963 INC040



Sabáudia 07.09.1963 INC041



Sabáudia 07.09.1963 INC046



Sabáudia 07.09.1963 INC067



Sabáudia 07.09.1963 PROc010



Sabáudia 07.09.1963 INC057



Sabáudia 07.09.1963 INC058



Sabáudia 07.09.1963 PROc014



Sabáudia 07.09.1963 INC031

1963



Sabáudia 07.09.1963 PRO002



Astorga (S.José) 17.09.1963 PRO006



Astorga (S.José) 17.09.1963 GEA004



Astorga (S.José) 17.09.1963 GEA005



Astorga (S.José) 17.09.1963 PDEa020



Astorga (S.José) 17.09.1963 PDEa021



Astorga (S.José) 17.09.1963 PDEa027



Astorga (S.José) 17.09.1963 PDEa037



Munhoz de Melo (F.Dias) 28.09.1963 INC033



Astorga 03.10.1963 INC025



Munhoz de Melo 03.10.1963 INC009



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC032



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC036



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC055



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC090



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC061



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC043



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa006



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa007



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa008

1963



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa009



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa010



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC064



Astorga-M.Melo 03.10.1963 PROb003



Astorga (S.José) 03.10.1963 PROb004



Astorga (S.José) 03.10.1963 PROb005



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa043



Astorga (S.José) 03.10.1963 PDEa044



Astorga-M.Melo 03.10.1963 INC065



Astorga (S.José) 11.10.1963 PDEa001



Astorga (S.José) 11.10.1963 CAFPR121



Astorga (S.José) 11.10.1963 GEa002



Astorga (S.José) 11.10.1963 GEa003



Santa Fé (Elika) 11.10.1963 PDEb002



Santa Fé (Elika) 11.10.1963 PLRb003



Santa Fé (Elika) 11.10.1963 PLRb010



Santa Fé (Elika) 11.10.1963 PROa014



Paraná 17.10.1963 INC026



Paraná 17.10.1963 INC027



Paraná 17.10.1963 CAFPR189

1963



Alto Paraná 08.11.1963 INC083



Alto Paraná 08.11.1963 INC084



Alto Paraná 08.11.1963 INC085



Alto Paraná 08.11.1963 INC086



Alto Paraná 08.11.1963 INC087



Alto Paraná 08.11.1963 INC088



Alto Paraná 08.11.1963 INC089



Alto Paraná 08.11.1963 INC090



Alto Paraná 08.11.1963 INC095



Alto Paraná 08.11.1963 INC096



Alto Paraná 08.11.1963 INC097



Alto Paraná 08.11.1963 PLRb089_35mm



Alto Paraná 08.11.1963 PLRb090_35mm



Alto Paraná 08.11.1963 PLRb091_35mm



Alto Paraná 08.11.1963 PLRb092_35mm



Paranaival 09.11.1963 HUM127



Paranaival 09.11.1963 HUM128



Paranaival 09.11.1963 HUM129



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 HUM116



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 HUM117

1963



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 HUM118



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 HUM119



Alto Paraná(Reunidas) 11.11.1963 INC072



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 INC073



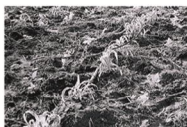
Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 INC074



Alto Paraná(Reunidas)11.11.1963 INC075



Alto Paraná 13.11.1963 PDEb042



Alto Paraná 13.11.1963 PDEb043



Alto Paraná 20.11.1963 INC091



Alto Paraná 20.11.1963 INC092



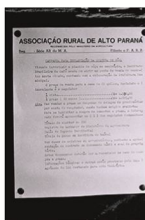
Alto Paraná 20.11.1963 INC093



Alto Paraná 20.11.1963 INC094



Alto Paraná 21.11.1963 INC076



Alto Paraná 21.11.1963 INC077



Alto Paraná 21.11.1963 INC078



Alto Paraná 21.11.1963 INC079



Alto Paraná 21.11.1963 INC080



Alto Paraná 21.11.1963 INC081



Alto Paraná 21.11.1963 INC082



Alto Paraná 21.11.1963 PDEb044

1963

Alto Paraná 21.11.1963 PDEb045

1964



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb001



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb009



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb006



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb002



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb007



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb071



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb079



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb028



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb004



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb078



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb082



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb084



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PLRb083



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PROa008



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PROa016



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PROa023



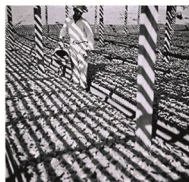
Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PROa028



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 VIV018



Nova Fátima(Canada)26.05.1964 PROa003

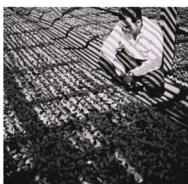


Nova Fátima(Canada)26.05.1964 VIV019

1964



Nova Fátima(Canadá)26.05.1964 VIV020



Nova Fátima(Canadá)26.05.1964 VIV021



Apucarana (Ubatuba) 08.06.1964 PRCo029



Apucarana (Ubatuba) 08.06.1964 VIV027



Bela Vista do Paraíso 17.06.1964 COLB003



Colorado-Paranacity R. Pirapó 14.07.1964 H...



Colorado-Paranacity R. Pirapó 14.07.1964 H...



Colorado 14.07.1964 HUM047



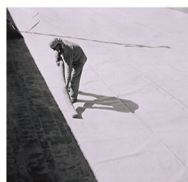
Nova Esperança(Nicolau) 31.07.1964 COLB0...



Nova Esperança (Nicolau)29.07.1964 ARM028



Nova Esperança (Nicolau)29.07.1964 COLB0...



Nova Esperança (Nicolau)29.07.1964 ARM027



Nova Esperança 29.07.1964 COLB014



Nova Esperança (Nicolau) 29.07.1964 COLB...



Nova Esperança (Nicolau) 29.07.1964 ARM0...



Nova Esperança (Nicolau)29.07.1964 COLB0...



Nova Esperança (Nicolau)29.07.1964 COLB0...



Nova Esperança (Nicolau) 29.07.1964 COLB...



Nova Esperança (Nicolau) 29.07.1964 COLB...



Nova Esperança (Nicolau) 31.07.1964 ARM0...

1964



Nova Esperança (Nicolau) 31.07.1964 COLb...



Nova Esperança (Nicolau)31.07.1964 ARM036



Nova Esperança (Nicolau)31.07.1964 COLb...



Nova Esperança (Nicolau)31.07.1964 ARM018



Bela Vista do Paraíso 17.06.1964 VIV003



Bela Vista do Paraíso 17.06.1964 VIV002



Bela Vista do Paraíso 17.06.1964 VIV004



obs-substituir pois 46 é diferente de 47 Color...

1966



Bom Sucesso Novembro 1966 PDEb003



Bom Sucesso Novembro 1966 PDEb004



Paraná Dezembro de 1966 PDEb008



Paraná Dezembro de 1966 PDEb009



Paraná Dezembro de 1966 PDEb050



Paraná Dezembro de 1966 PDEb051



Paraná Dezembro de 1966 PDEb052



Paraná Dezembro de 1966 PDEb070



Paraná Dezembro de 1966 PDEb071



Paraná Dezembro de 1966 PDEb072



Jandaia do Sul Dezembro 1966 HUM115



Jandaia do Sul Dezembro 1966 HUM112



Apucarana Dezembro de 1966 HUM112



Cambira Dezembro de 1966 HUM113



Cambira Dezembro de 1966 HUM114



Cambará-Andará Dez. 1966 PDEb011



Cambará-Andará Dez. 1966 PDEb013



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb018



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb025



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb026

1966



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb032



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb033



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb034



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb035



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb036



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb037



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb038_35mm



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb039



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb040



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb041



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb046



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb047



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PDEb048



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb082



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb083



Bom Sucesso Dezembro 1966 PDEb084



Bom Sucesso Dezembro de 1966 PDEb085



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb090



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb091



Bom Sucesso Dez.1966 PDEb092

1966



Bom Sucesso Dez. 1966 PDEb093



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd007



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd008



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd009



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd010



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd017



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd018



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd019



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd020



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd021



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd022



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd023



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd024



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd025



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd026



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd027



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PDEb031



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd028



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd029



Bom Sucesso (Helena) Dez. 1966 PROd030

1966



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd031



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd032



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd033



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd034



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd035



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd036



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd037



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd038



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd039



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd040



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd041



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd042



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd043



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd044



Paraná Dezembro de 1966 PROd045



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd046



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd047



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd048



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd049



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd050

1966



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd051



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd052



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd053



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd054



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd055



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd056



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd057



Bom Sucesso (Helena) Dez.1966 PROd058



Mandaguari 19.12.1966 CAFPR049



Mandaguari 19.12.1966 PDEb005



Ibiporã 20.12.1966 PDEb023



Jataizinho 21.12.1966 PDEb024



Paraná 26.12.1966 PDEb007



Paraná 26.12.1966 PDEb015



Cambará-Andará 26.12.1966 PDEb022



Andará-S. Mariana 26.12.1966 PDEb019



Bandeirantes-S. Mariana 26.12.1966 PDEb014



Ibiporã 30.12.1966 PDEb012

1967



Santa Fé 30.01.1967 CULa005



Santa Fé 30.01.1967 CULa006



Londrina 05.02.1967 PDEb054



Londrina 05.02.1967 PDEb058



Londrina 05.02.1967 PDEb055



Londrina 05.02.1967 PDEb053



Londrina 05.02.1967 PDEb056



Londrina 05.02.1967 PDEb057



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PDEb075



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PDEb074



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PDEb073



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd070



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd071



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd072



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd073



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd074



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd075



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd076



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd077



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd078

1967



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd079



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd080



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd081



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd082



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PROd083



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PDEb080



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 PDEb081



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 COLb074



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 COLb075



Londrina (Imbaúva) 05.02.1967 COLb076



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM044



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM045



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM046



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM047



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM051



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM052



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM053



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM054



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM067



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM068

1967



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM069



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM070



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM071



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM072



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM073



Londrina (IBC) 16.02.1967 ARM074



Londrina(Cooperativa)16.02.1967 ARM055



Londrina(Cooperativa) 16.02.1967 ARM056



Londrina(Cooperativa) 16.02.1967 ARM057



Londrina(Cooperativa) 16.02.1967 ARM058



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM048



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM049



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM050



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM059



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM060



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM061



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM062



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM063



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM064



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM065

1967



Ibiporã (IBC) 16.02.1967 ARM066



Ibiporã 16.02.1967 PDEb086



Ibiporã 16.02.1967 PDEb087



Ibiporã 16.02.1967 PDEb088



Ibiporã 16.02.1967 PDEb089



Ibiporã (IBC) 17.02.1967 ARM041



Ibiporã (IBC) 17.02.1967 ARM042



Ibiporã (IBC) 17.02.1967 ARM043



Londrina 17.02.1967 PR0e032



Londrina (IBC) 20.02.1967 ARM017



Londrina (Cooperativa Londrinense) 20.02.19...



Londrina (Cooperativa Londrinense) 20.02.19...



Londrina (Cooperativa Londrinense) 20.02.19...



Londrina 21.02.1967 HUM056



Londrina 21.02.1967 CUJLa008



Londrina 21.02.1967 PR0e021



Londrina 21.02.1967 PR0e022



Londrina 21.02.1967 PR0e023



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa012



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa050

1967



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa016



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 HUM057



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa013



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa014



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa015



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa031



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa048



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PDEa049



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd001



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd003



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd004



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd005



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd006



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd059



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd060



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd061



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd062



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd063



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd064



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd065

1967



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd066



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd067



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd068



Londrina (Guaravera) 21.02.1967 PROd069



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 CAFPR119



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 PDEa003



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 CAFPR120



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 PDEa047



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 PDEa002



Londrina (Guaravera) 24.02.1967 CAFPR302



Londrina (Helena) 23.02.1967 HUM061



Londrina (Helena) 23.02.1967 CAFPR112



Londrina (Helena) 23.02.1967 CAFPR113



Londrina (Helena) 23.02.1967 CAFPR114



Londrina (Helena) 23.02.1967 CAFPR115



Londrina 24.02.1967 PROe005



Londrina 24.02.1967 PDEb001



Londrina 24.02.1967 PDEb006



Londrina 24.02.1967 PDEa004



Arapongas-Rolândia 26.02.1967 HUM054

1967



Londrina (IBC) 26.02.1967 CAFPR 045



Londrina (IBC) 26.02.1967 CAFPR 073



Londrina (IBC) 26.02.1967 ARM009



Londrina (IBC) 26.02.1967 ARM010



Londrina 26.02.1967 PROe010



Londrina-Cambé 27.02.1967 HUM053



Londrina-Cambé 27.02.1967 PROe003



Londrina (IBC) 01.03.1967 ARM011



Londrina (IBC) 01.03.1967 ARM012



Londrina (IBC) 01.03.1967 ARM013



Londrina (IBC) 01.03.1967 ARM014



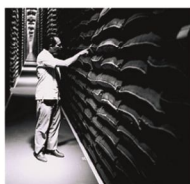
Londrina (IBC) 01.03.1967 PRCo01



Londrina (Cacique) 01.03.1967 HUM002



Londrina (Cacique) 01.03.1967 HUM003



Ibiporã (IBC) 02.03.1967 ARM007



Ibiporã (IBC) 02.03.1967 ARM039



Ibiporã (IBC) 02.03.1967 ARM040



Assai 02.03.1967 ARTPR012



Arapongas (IBC) 03.03.1967 ARM005



Arapongas (IBC) 03.03.1967 ARM006

1967



Arapongas (IBC) 03.03.1967 ARM015



Arapongas (IBC) 03.03.1967 ARM026



Arapongas (IBC) 03.03.1967 ARM029



Arapongas (IBC) 03.03.1967 PROC006



Jandaia Sul-Marumbi 09.03.1967 PLAa031



Jacarezinho(Sec.Agr.PR)21.03.1967 CAFPR...



Jacarezinho(Sec.Agr.PR)21.03.1967 CAFPR...



Jacarezinho (Sec.Agr.PR)21.03.1967 CAFPR...



Londrina 04.04.1967 CAFPR118



Londrina (IBC-SERAC) 10.04.1967 ARM019



Londrina (IBC-SERAC) 10.04.1967 ARM025



Londrina (IBC-SERAC) 10.04.1967 ARM035



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 CAFPR110



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 CAFPR219



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 HUM034



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 HUM035



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 HUM036



São Pedro do Ivaí 28.04.1967 PROa008



Santa Mariana 04.05.1967 HUM030



Santa Mariana 04.05.1967 HUM048

1967



Santa Mariana 04.05.1967 HUM058



Cornélio Procopio 05.05.1967 CULa001



Ibiporã 08.05.1967 CAFPR116



Londrina 08.05.1967 PROe006



Rancho Alegre 10.05.1967 CAFPR009



Rancho Alegre 10.05.1967 CAFPR010



Munhoz de Melo 19.05.1967 HUM044



Colorado 19.05.1967 HUM045



Mandaguari-Mariaiva 22.05.1967 COLb029



Mandaguari-Mariaiva 22.05.1967 COLb054



Cambé-Rolândia 23.05.1967 COLb057



Jaguapitã-Miraselva 23.05.1967 CULa007



Jaguapitã-Miraselva 23.05.1967 HUM024



Jaguapitã-Miraselva 23.05.1967 HUM052



Miraselva 23.05.1967 HUM037



Londrina 24.05.1967 PROe007



Londrina 24.05.1967 CAFPR109



Londrina 24.05.1967 CAFPR111



Mandaguari 26.05.1967 PROe009



Mandaguari 26.05.1967 PROe002

1967



Arapongas 29.05.1967 PROe001



Rolândia-Jaguapitã 30.05.1967 PROe036



Rolândia 30.05.1967 PROe035



Rolândia 30.05.1967 PROe033



Rolândia 30.05.1967 PROe034



Rolândia 30.05.1967 PROe031



Londrina 30.05.1967 PROe029



Londrina 30.05.1967 PROe030



Londrina 30.05.1967 PROe028



Londrina 30.05.1967 PROe043



Londrina 30.05.1967 PROe040



Londrina 30.05.1967 PROe041



Londrina 30.05.1967 PROe042



S. Pedro Ivaí(Agua) 09.06.1967 PROd011



S. Pedro Ivaí(Agua) 09.06.1967 PROd012



S. Pedro Ivaí(Agua) 09.06.1967 PROd013



S. Pedro Ivaí(Agua) 09.06.1967 PDEb094



S. Pedro Ivaí (Agl.Limpa) 09.06.1967 PDEb095



Apuçarana 15.06.1967 HUM068



Itambé-Mariaiva 15.06.1967 HUM069

1967



Itambé-Alto Paraíso 15.06.1967 HUM070



Itambé-Alto Paraíso 15.06.1967 HUM071



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB077



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB078



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB079



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB080



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB081



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB082



Iguaraçu (Criciúma) 20.06.1967 COLB083



Santa Fé 22.06.1967 HUM086



Santa Fé 22.06.1967 HUM087



Santa Fé 22.06.1967 HUM083



Santa Fé 22.06.1967 HUM064



Santa Fé 22.06.1967 HUM085



Santa Fé 22.06.1967 COLB096



Santa Fé 22.06.1967 COLB097



Santa Fé 22.06.1967 COLB098



Santa Fé 22.06.1967 COLB099



Santa Fé 22.06.1967 COLB103



Santa Fé 22.06.1967 COLB104

1967



Santa Fé 22.06.1967 COLb105



Santa Fé 22.06.1967 COLb106



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb070



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb071



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb072



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb073



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb088



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb089



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb090



S.Fé-M.Melo (João) 22.06.1967 COLb091



Astorga 23.06.1967 PROe020



Astorga-Iguaraçu 23.06.1967 PROe019



Astorga-Sabáudia 23.06.2015 COLb084



Astorga-Sabáudia 23.06.2015 COLb085



Astorga-Sabáudia 23.06.2015 COLb086



Astorga-Sabáudia 23.06.2015 COLb087



Astorga-Sabáudia 23.06.1967 HUM120



Astorga-Sabáudia(Xingu)23.06.1967 COLb100



Astorga-Sabáudia(Xingu)23.06.1967 COLb101



Astorga-Sabáudia(Xingu)23.06.1967 COLb102

1967



Astorga-Sabáudia(Xingu)23.06.1967 HUM121



Astorga-Sabáudia(Xingu)23.06.1967 HUM122



Astorga (Paineiras) 23.06.1967 COLb092



Astorga (Paineiras) 23.06.1967 COLb093



Astorga (Paineiras) 23.06.1967 COLb094



Astorga (Paineiras) 23.06.1967 COLb095



Londrina 22.11.1967 HUM103



Londrina 22.11.1967 HUM104



Londrina 22.11.1967 HUM105



Londrina 22.11.1967 HUM106



Londrina 22.11.1967 HUM107



Londrina 22.11.1967 HUM108



Londrina (Londrina) 22.11.1967 PROd014



Londrina (Londrina) 22.11.1967 PROd015



Londrina (Londrina) 22.11.1967 PROd016



Londrina (Monções) 22.11.1967 PDEb077



Londrina (Monções) 22.11.1967 PDEb076



Londrina (Monções) 22.11.1967 PDEb078



Londrina (Monções) 22.11.1967 PDEb079



Londrina (Monções) 22.11.1967 PDEb083

1967



Londrina (Mongões) 22.11.1967 PDEb064



Londrina (Mongões) 22.11.1967 PDEb065



Londrina 24.11.1967 PROe015



Londrina 24.11.1967 PROe016



Londrina 24.11.1967 PROe017



Londrina 24.11.1967 PROe018



Londrina 24.11.1967 HUM125



Londrina 24.11.1967 HUM126



Londrina 25.11.1967 PROe038



Londrina 25.11.1967 PROe039



Cambé 25.11.1967 PROe024



Cambé 25.11.1967 PROe025



Cambé 25.11.1967 PROe026



Cambé 25.11.1967 PROe027



Cambé 25.11.1967 PROe037



Cambé-Rolândia 26.11.1967 PROe011



Cambé-Rolândia 26.11.1967 PROe012



Cambé-Rolândia 26.11.1967 PROe013



Cambé-Rolândia 26.11.1967 PROe014



Londrina 24.11.1967 HUM123

1967



Londrina 24.11.1967 HUM124



Londrina (Antonio) 27.11.1967 PDEb059



Londrina (Antonio) 27.11.1967 PDEb060



Londrina (Antonio) 27.11.1967 PDEb061



Londrina (Antonio) 27.11.1967 PDEb062



Guaraci 04.12.1967 HUM090



Guaraci 04.12.1967 HUM091



Guaraci 04.12.1967 HUM092



Guaraci 04.12.1967 HUM093



Santa Fé 13.12.1967 HUM083



Colorado 13.12.1967 HUM080



Colorado 13.12.1967 HUM081



Colorado 13.12.1967 HUM082



Colorado 13.12.1967 HUM084



Colorado 13.12.1967 HUM085



Astorga 13.12.1967 HUM086



Astorga 13.12.1967 HUM087

1968



Cambé-Rolândia 15.01.1968 HUM001



Lobato 26.01.1968 PDEb020



Lobato 26.01.1968 PDEb021



Santa Fé 30.01.1968 CAFPR146



Santa Fé 30.01.1968 CULa002



Santa Fé 30.01.1968 CULa003



Santa Fé 30.01.1968 CULa004



Marumbi-Jandaia Sul 09.03.1968 HUM022



Marumbi-Jandaia Sul 09.03.1968 HUM023



Marumbi-Jandaia do Sul 09.03.1968 PLaa032



Marumbi-Kalore 14.03.1968 HUM043



Paraná 31.03.1968 ARTPR020



Guaira (7Quedas) 04.07.1968 ARTPR001



Guaira (7Quedas) 04.07.1968 ARTPR002



Foz do Iguaçu 05.07.1968 ARTPR009



Foz do Iguaçu 05.07.1968 ARTPR019



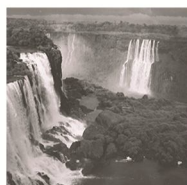
Paraguai 06.07.1968 ARTPR018



Porto de Assunção 06.07.1968 ARTPR016



Porto de Assunção 06.07.1968 ARTPR017



Foz do Iguaçu 08.07.1968 ARTPR010

1968



Vila Velha 10.07.1968 ARTPR011



Porecatu-Rio Paranapanema(Porto Capim)2...



Porecatu-Rio Paranapanema(Porto Capim)2...



Porecatu-Rio Paranapanema(Porto Capim)2...



Alvorada do Sul 14.10.1968 HUM137



Alvorada do Sul 14.10.1968 HUM138



Alvorada do Sul 14.10.1968 HUM139



Alvorada do Sul 14.10.1968 HUM140



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...



Alvorada do Sul-Rio Paranapanema(Porto Al...

1969



Arapongas 1969 HUM062



Arapongas 1969 GEA007



Londrina 10.02.1969 PRO004



Londrina 10.02.1969 CAFPR052



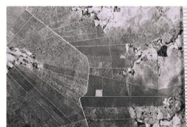
Arapongas 13.02.1969 CAFPR075



Arapongas 16.02.1969 ARTPR015



Paraná (reprodução) 18.03.1969 HUM109



Paraná (reprodução) 18.03.1969 HUM110



Paraná (reprodução) 18.03.1969 HUM111



Mauá Serra-Barreiro 15.05.1969 HUM072



Mauá Serra-Barreiro 15.05.1969 HUM073



Mauá Serra-Barreiro 15.05.1969 HUM074



Ortigueira 15.05.1969 HUM 079



Ortigueira 15.05.1969 HUM075



Ortigueira 15.05.1969 HUM076



Ortigueira 15.05.1969 HUM077



Ortigueira 15.05.1969 HUM078



Sabáudia 01.07.1969 FRI011



Paraná 13.07.1969 CAFPR174



Astorga 13.07.1969 HUM059

1969



Astorga 13.07.1969 HUM060



Arapongas 22.09.1969 GEa048



Arapongas 22.09.1969 GEa049



Arapongas 22.09.1969 GEa050



Arapongas 22.09.1969 GEa051



Arapongas 22.09.1969 GEa052



Arapongas 22.09.1969 GEa053



Arapongas 22.09.1969 CAFPR295



Arapongas 22.09.1969 CAFPR072



Arapongas 22.09.1969 CAFSP341



Arapongas 22.09.1969 CAFSP342



Arapongas 22.09.1969 HUM019



Apucarana-Aricanduva 22.09.1969 HUM021



Arapongas 22.09.1969 HUM020



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa018



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa022



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa023



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa024



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa025



Arapongas(Canavier)23.09.1969 PDEa028

1969



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa029



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa017



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa042



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa039



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa040



Arapongas(Canavieiri)23.09.1969 PDEa034



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa011



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa019



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa026



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa041



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa030



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa035



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa005



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa036



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa051



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa052



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa053



Arapongas(Fomagieri)24.09.1969 PDEa054



Astorga 25.09.1969 HUM088



Astorga 25.09.1969 HUM089

1969



Sabáudia 10.10.1969 PLRb029



Sabáudia 10.10.1969 PLRb030



Arapongas 12.10.1969 ARTPR013



Arapongas (Giroldo) 14.10.1969 PDEb016



Arapongas (Buzato) 14.10.1969 PDEb017



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM094



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM095



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM096



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM097



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM098



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM099



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM100



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM101



Ribeirão Claro 18.10.1969 HUM102



Arapongas(Aparecida)04.11.1969 PLRb005



Arapongas(Aparecida)04.11.1969 PLRb008



Arapongas(Aparecida)04.11.1969 PLRb031



Arapongas(Aparecida)04.11.1969 PLRb032



Arapongas(Aparecida)04.11.1969 PLRb033



Arapongas(Guilhermina)11.1969 PLRa024

1969



Arapongas(Guilhermina)07.11.1969 PLRa025



Arapongas(Guilhermina)07.11.1969 PLRa026



Arapongas(Guilhermina)07.11.1969 PLRa027



Arapongas(Guilhermina)07.11.1969 PLRa021



Arapongas(Guilhermina)07.11.1969 PLRa022



Arapongas 10.11.1969 CAFPR285



Arapongas(Aparecida)10.11.1969 PLRa014



Arapongas(Guilhermina)11.11.1969 PLRa015



Arapongas(Guilhermina)11.11.1969 PLRa016



Arapongas(Guilhermina)11.11.1969 PLRa017



Arapongas(Guilhermina)11.11.1969 PLRa029



Arapongas(Guilhermina)11.11.1969 PLRa023



Arapongas(Guilhermina)13.11.1969 PLRa018



Arapongas(Guilhermina)13.11.1969 PLRa019



Arapongas(Guilhermina)13.11.1969 PLRa020



Arapongas(Guilhermina)13.11.1969 PLRa031



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb042



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb043



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb044



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb046

1969



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb047



Arapongas(Aparecida)18.11.1969 PLRb048



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc009



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc004



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc003



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc007



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc010



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc015



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc018



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc020



Cornélio Procópio 24.11.1969 PDEc023



Cornélio Procópio 25.11.1969 PDEc022



Cornélio Procópio 25.11.1969 PDEc019



Cornélio Procópio 25.11.1969 PDEc014



Arapongas 30.11.1969 CAFPR070



Arapongas 30.11.1969 CAFPR071



Arapongas(Guilhermina)30.11.1969 GEAd62



Arapongas(Guilhermina)30.11.1969 GEAd67



Cornélio Procópio 01.12.1969 PDEc008



Cornélio Procópio 01.12.1969 PDEc002

1969



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc016



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc001



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc011



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc012



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc021



Cornélio Procopio 01.12.1969 PDEc017



Arapongas 08.12.1969 CAFPR130



Arapongas 08.12.1969 CAFPR141



Arapongas 08.12.1969 CAFPR142



Arapongas 08.12.1969 CAFPR143



Cornélio Procopio 09.12.1969 PDEc006



Cornélio Procopio 09.12.1969 PDEc013



Cornélio Procopio 10.12.1969 PDEc005



Arapongas(Municipal)15.12.1969 PROa015



Arapongas(Municipal)15.12.1969 VIV033



Arapongas(Municipal)15.12.1969 VIV032



Arapongas(Municipal)15.12.1969 VIV028



Arapongas(Municipal)15.12.1969 VIV029



Arapongas(Municipal)15.12.1969 VIV030



Arapongas 16.12.1969 CAFPR249

1969



Arapongas Dez.1969 CAFPR263



Arapongas 16.12.1969 GEA010



Arapongas 16.12.1969 GEA028



Arapongas(Guilhermina)16.12.1969 GEA058



Arapongas(Guilhermina)16.12.1969 GEA059

1970



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 CAFPR074



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 CAFPR079



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 CAFPR128



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 CAFPR129



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 PLRb034



Arapongas(Aparecida)03.02.1970 PLRb035



Arapongas 03.02.1970 CAFPR127



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM155



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM156



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM157



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM158



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM159



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM160



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM161



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM162



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM149



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM150



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 HUM151



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV038



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV039

1970



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV040



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV041



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV042



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV043



Arapongas (Viv.Mun.) 05.02.1970 VIV044



Arapongas(Viv.Mun.)11.02.1970 VIV031



Arapongas (Viv.Mun.) 11.02.1970 VIV008



Arapongas(Aparecida) 07.02.1970 GEA008



Arapongas(Aparecida) 07.02.1970 GEA061



Arapongas(Aparecida) 07.02.1970 GEA060



Arapongas(Aparecida)07.02.1970 PROa005



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb080



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PROa027



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb036



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb037



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb038



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb039



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb040



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb041



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb050

1970



Arapongas(Aparecida)11.02.1970 PLRb081



Arapongas(Aparecida) 12.02.1970 GEA001



Arapongas(Aparecida) 12.02.1970 GEA009



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR204



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR076



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR203



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR205



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR206



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR207



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR208



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 CAFPR260



Arapongas(Aparecida)18.02.1970 CAFPR271



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 CAFPR187



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 CAFPR202



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb057



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb 58



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb055



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb060



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb051



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb061

1970



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb062



Arapongas(Aparecida)17.02.1970 PLRb063



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb049



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb052



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb053



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb054



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb055



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb064



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb065



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb066



Arapongas(Aparecida)19.02.1970 PLRb072



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb073



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb074



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb075



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb076



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb077



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PROa011



Arapongas(Aparecida)20.02.1970 PLRb069



Arapongas (Viv.Mun.) 21.02.1970 PROa024



Arapongas (Viv.Mun.) 21.02.1970 VIV013

1970



Arapongas (Viv.Mun.) 21.02.1970 VIV015



Arapongas (Viv.Mun.) 21.02.1970 VIV012



Arapongas (Viv.Mun.) 21.02.1970 VIV016



Arapongas 25.02.1970 FRI017



Arapongas 25.02.1970 FRI018



Arapongas 25.02.1970 FRI019



Arapongas 25.02.1970 FRI022



Arapongas 25.02.1970 FRI020



Arapongas 25.02.1970 FRI021



Arapongas 25.02.1970 FRI023



Arapongas 25.02.1970 FRI024



Arapongas 25.02.1970 FRI025



Arapongas (Viv.Mun.) 25.02.1970 HUM152



Arapongas (Viv.Mun.) 25.02.1970 HUM153



Arapongas (Viv.Mun.) 25.02.1970 HUM154



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR191



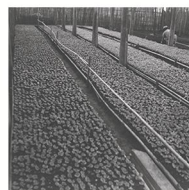
Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR192



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR255



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR077



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR259

1970



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR078



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR195



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR303



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR256



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR257



Arapongas (Viv.Mun.) 01.04.1970 CAFPR258



Londrina 16.08.1970 PLaa035

Ao trazer as pranchas cronológicas para o leitor, intenciono que se possa perceber traços da trajetória territorial que Armínio Kaiser percorreu, tanto quanto o desenrolar estético de sua produção. O percurso das “folhas de contato” indica uma história visual dos impactos territoriais do processo migratório da cafeicultura. As cadeias produtivas do café e o avanço da fronteira agrícola por terras desmatadas para o cultivo chegam até nós pelas lentes de Armínio Kaiser. Através delas são visíveis e perceptíveis contrastantes alterações da paisagem. Mais além, as composições do fotógrafo contam por imagens algumas histórias do cotidiano das fazendas, vilas e das pessoas que as habitam. Descortinam objetos de interesse que fazem o fotógrafo parar para se dedicar a uma composição. As fotografias fazem ver muito da percepção do ambiente de Armínio Kaiser e uma documentação da paisagem do café. As imagens se configuram, no presente, como a própria memória visual daquele espaço-tempo vivido pelo fotógrafo. Por um caminho podemos ver um modo de registrar profundamente agrônomo, minuciosamente técnico - são várias as sequências fotográficas que registram o passo a passo de alguma prática agrícola.

As imagens narram sobre a cafeicultura nas décadas de 50 e 60 do século XX: de paisagem tecnológica (fazendas modelo e centenárias no Estado de São Paulo) à visualidade de uma paisagem mais selvagem (cultivo em terras de matas de derrubada recente em solos paranaenses). O detalhamento da tecnologia de beneficiamento para a produção de cafés finos mereceu a atenção do fotógrafo: Armínio Kaiser não só escreveu a respeito duas monografias, como retratou minuciosamente os recursos instrumentais que utilizavam água para separar e despolpar o café, encontrados tanto entre os registros das fazendas da Bahia, quanto nas propriedades paulistas como a Santa Eliza, em Campinas-SP; Paraíso, em Itatiba-SP; Lageado, em Botucatu-SP e Palmeiras, em Ipaussu-SP. Dentre as imagens de diferentes artefatos e estágios do processamento do café, interessa, para o momento, a composição da paisagem. Especialmente o aspecto visual que permite apresentar, lado a lado, “dois horizontes” dos Estados de São Paulo e Paraná, como já foi apresentado no primeiro capítulo da presente tese.

Em outros modos possíveis de agrupar as imagens, podemos enxergar um fotógrafo preocupado em captar o instante. Nesse sentido, muitas fotografias que puderam ser, na História da Fotografia, classificadas como olhar engajado, ou fotografia social, retratam a percepção de um ambiente social carregado de certa tensão, pelas condições bastante precárias de vida. Estão também presentes instantes do cotidiano: um violão no cafezal, por exemplo. Outra percepção do

ambiente aparece no fator espacial combinado com estudos de composição fotográfica. Quando o olhar joga com as linhas, com as luzes e sombras, com as figuras humanas, arquitetando espaços e corpos nas imagens de armazéns e viveiros.

Trata-se, ainda, da percepção do ambiente no que o termo “ambiente” mais imediatamente nos remete: a natureza, as paisagens, os espaços naturais. Pois considera-se que o ambiente rural é também uma expressão do meio-ambiente. Aqui, aparecem horizontes e plantações como elementos da composição, temas caros à questão ambiental: os efeitos da erosão em registros sequenciais, ano a ano, captados no mesmo local; o sofrimento da população rural com as geadas e com o grande incêndio rural de 1963; anseio por plantio e colheita racional, com técnicas para a produção do café de maior qualidade; o êxodo de trabalhadores decorrente do processo de erradicação do café, a migração forçada para os centros urbanos.

Situado o panorama do universo imagético, uma percepção sensível da operação fotográfica pode ser apresentada sob o olhar das marcas que o processo agrícola, acompanhado por Armínio Kaiser, imprime sobre a paisagem e que o fere, provoca e impulsiona para a produção fotográfica. Impressões expressas pelo próprio Armínio em um texto escrito em 2007, intitulado *O Café na Terra dos Pés Vermelhos*:

O Café na Terra dos Pés Vermelhos

Sob a ótica de um agrônomo: Armínio Kaiser.*

Aqui é relatado o lado mais sombrio da angustiante corrida na contínua esperança de dias mais promissores.

Após a derrubada o terreno ficava saturado de troncos e tocos convidando à sementeira de café no fundo de covas cobertas com lascas de madeira para manter o local sombreado. O custo era relativamente baixo, mas sob dissonante contradição: plantar café para a geada arrasar de tempos em tempos.

O café abriu o sertão, criou cidades a terrível preço. Contudo, persiste uma dúvida: as culturas intercalares não teriam produzido mais riqueza que o próprio café? Elas eram

anuais e o café nem tanto. Ele, mesmo geado, exigia tratos contínuos.

De qualquer modo não há dúvida que as culturas intercalares possibilitaram a sobrevivência entre as geadas enquanto uma boa safra de café era aguardada, quando então seu preço declinava.

Nada do exposto constitui novidade. É sabido que as riquezas produzidas se escoaram não só através da rede bancária como por incontáveis aplicações em vários locais distantes. É também bastante sabido que tudo foi fruto de imenso trabalho, sofrimentos, decepções e tremenda agressão à natureza. O que ficou foi o que não pode ser carregado; a sobra.

** A palavra "ótica" pode ser substituída por "lente", "lente fotográfica", "câmara", etc.⁶⁰*

Este manuscrito de Armínio Kaiser, antes nunca publicado, coloca em cena elementos de sua percepção sobre os fenômenos que presenciava. Sob a ótica do agrônomo, em torno dos registros das lentes e câmeras do fotógrafo, é manifesta uma visão crítica que pontua questões inesperadas (não teriam as culturas intercalares gerado mais riqueza aos trabalhadores da cafeicultura do que o próprio café?). Para Armínio, do processo de abertura "dos sertões", do surgimento das cidades "a terrível preço", fruto de "imenso trabalho, sofrimentos, decepções e tremenda agressão à natureza", sobrou apenas o que não pode ser levado: a desesperança. O que Armínio descreve em 2007, está intimamente ligado às experiências expressas em sua produção visual, cujas impressões se fazem latentes em sua memória, visão de mundo e horizontes de expectativa, mais de quarenta anos depois.

A escrita de Armínio Kaiser dá pistas para que se perceba a experiência vivida pelo autor, lembrando que ele viveu junto com o povo. Chegou a contrair tifo e conviveu com os agricultores quando ocorreu o

⁶⁰ Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico, 2007 (não publicado). A expressão "pés vermelhos" é comumente utilizada na região de Londrina para designar aqueles que ali vivem. Tal expressão origina-se na coloração que adquirem os pés descalços ao pisar na terra roxa, característica da região.

grande incêndio rural de 1963. Percorreu estradas onde via famílias se deslocando e armando acampamento, gente sem terra para viver e trabalhar. Armínio Kaiser viu o lado humano das pessoas pobres, sem se iludir sob o olhar macro-econômico da cafeicultura ou as visões da elite. A valorização da importância das culturas intercalares de alimentos como feijão e mandioca, tem relação com o fato de que muitas famílias tiravam seu alimento de tais culturas. Parte do colapso social que ocorre após a erradicação do café é que, mecanizando o campo pelas culturas chamadas “lavoura branca” (soja, por exemplo) não sobra espaço para as culturas intercalares, que garantiam a sobrevivência alimentar das famílias.

Outro aspecto do pensamento de Kaiser é a febre representada pelo investimento no café. Pessoas que não tinham ligações com a agricultura eram investidores que compravam fazendas de café. Em seus textos, Kaiser fazia questão de ressaltar os problemas da atividade cafeicultora. Ele não queria que a publicação do livro *Ao Sabor do Café* trouxesse uma exaltação à cafeicultura. Ele desejava mostrar o lado social e as contradições dessa cultura.

Do texto em análise, fica latente a visão crítica dos rumos da cafeicultura. A ótica do agrônomo tem um tom pessimista que envolve suas conclusões. Não se pode deixar de considerar as experiências que Armínio vivenciou. Seu olhar crítico é ainda mais acentuado pelo presente que ele está vivendo no momento da produção do relato. Quando conhecemos Armínio Kaiser, em 2006, ele expressava uma visão pessimista. Para refletir sobre isso vale considerar o quanto o momento de olhar o passado está embebido do presente vivenciado. Kaiser havia recém-perdido a esposa e vivia sozinho numa grande casa. Nos jornais que lia diariamente, e que ficavam espalhados por vários cômodos, acumulavam-se notícias de problemas sociais. Ele também passava boa parte do tempo gravando programas da televisão a cabo. Sozinho dentro de casa gerava sua atividade reflexiva a partir dos veículos de comunicação e estabelecia as relações entre declínio da cafeicultura, êxodo rural e violência urbana.

Mais adiante em nossa trajetória de convívio, nas produções de textos para o livro *Ao Aroma do Café*, em 2012, essa visão pessimista relativa ao presente se alterou um pouco e as comparações entre a saída dos trabalhadores do campo e o aumento da criminalidade nas cidades cedeu lugar à reflexão sobre o sistema de trabalho escravagista do café no século XIX, época das grandes fazendas de café fotografadas no estado de São Paulo. Mesmo com a relação estabelecida entre os regimes de trabalho escravo no século XIX e o colonato do século XX, os relatos dessa fase trazem análises mais técnicas.

Através do que ele escreveu para o livro *Ao Sabor do Café*, em 2007, fica nítida a intenção de que a obra não tivesse caráter de exaltação à cultura do café. Ele queria se contrapor a várias publicações que circulam na publicidade e na mídia londrinense a respeito do auge da cultura cafeeira. O que ele buscava expressar com a publicação de suas fotografias eram as sombras da cafeicultura no Norte do Paraná. As fotos da florada, por exemplo, só entraram no livro por insistência dos editores. Para Armínio, essas fotos eram imagens muito “bonitas” e que pouco comunicavam sobre o assunto que ele queria tratar – o “problema humano”. Seu desejo era falar das sombras, do que não era dito sobre a cafeicultura, e não de celebração. Em contraponto à cafeicultura como êxito, Kaiser queria enfocar o êxodo e as decorrências do fato.

Armínio Kaiser tinha clareza que a produção de seus textos visava a publicação de um livro. E que este era patrocinado pela Prefeitura de Londrina, que teria a tendência de esperar uma exaltação do café. Vale considerar que mesmo patrocinando, a Prefeitura não exercia nenhuma atuação sobre o conteúdo da publicação. Mas o que Armínio tinha como compromisso claro era a mensagem que ele queria passar: que o café na ótica dos trabalhadores rurais teria muito mais consequências negativas do que flores.



PAISAGENS REPRESENTADAS

A fotografia é uma composição, isto significa que ela opera, de certa maneira, um processo de elaboração, de construção da representação. No presente momento vale observar as imagens de Armínio Kaiser segundo a característica comum de estarem representando paisagens.

O processo de mapeamento do arquivo passou pela montagem de um quadro com todas as localidades fotografadas, onde constam datas e número de fotos em cada fazenda. Pela sua extensão, o quadro segue como apêndice. Foram então situadas 114 localidades relativas à cafeicultura/agricultura e 34 localidades relativas às fotografias artísticas e registros de viagem.

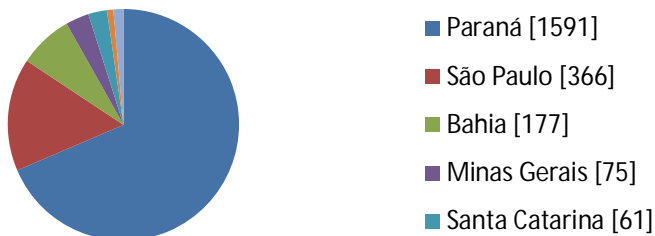
Foram feitas adequações a fim de reduzir o número de nomeações no caso de lugares muito próximos. Especialmente no que se refere à grande quantidade de registros localizados como “arredores” ou localidades “entre” cidades. Para fins de organização expositiva dessas informações, quando o local não estava precisamente demarcado, as aproximações optaram pela cidade de maior área geográfica dentre as indicadas. Cabe mencionar, ainda, que a nomeação da cidade e a informação de área seguiu a denominação atual do IBGE, segundo o site IBGE Cidades (2014). Após a adequação tivemos o total de 82 localidades, assim divididas por Estado: 46 no Paraná; 20 em São Paulo; 06 na Bahia; 04 em Minas Gerais; 05 em Santa Catarina e 01 no Rio de Janeiro.

Outra dimensão para representar as imagens do arquivo aparece na elaboração gráfica. Os gráficos, como representação, expressam uma espécie de mapeamento quantitativo. Seu limite é não constituírem um modo de olhar para as imagens em si. Por tal problemática, uma forma pensada para exposição dos dados foi combinar os gráficos, montados na lógica espacial e temporal com imagens significativas. Do olhar para o conjunto do acervo, observa-se que o tema da paisagem é representativo, refletindo sobre a percepção do ambiente que Armínio expressa através da fotografia.

Para pensar a paisagem enfocada por Armínio Kaiser, observemos o gráfico que situa espacialmente o conjunto de imagens do acervo em questão. Conforme apresentado no primeiro capítulo, a produção fotográfica, por número de registros em cada Estado, resultou no gráfico abaixo, onde se vê a marca significativa – ao menos quantitativamente – dos registros paranaenses, cuja dimensão se situa na própria permanência do fotógrafo neste Estado por longo período.

Gráfico 1 – Produção fotográfica por Estado

Produção fotográfica por Estado



Fonte: Elaborado pela autora

Num olhar sobre as fotografias, cuidadosamente datadas e geograficamente contextualizadas pelo fotógrafo no momento do clique, vejamos em linhas gerais e com algumas imagens simbólicas o que se apresenta em cada região. O conjunto de imagens selecionadas a seguir traz em comum a característica de retratarem paisagens. A maioria dos registros no todo do arquivo são localidades situadas no Estado do Paraná, das quais muitas fotografias já foram abordadas nos capítulos precedentes, e estão situadas numa ampla porção norte e noroeste do Estado, onde Armínio Kaiser viveu a maior parte de sua vida, entre 1957 e 2014. Dois locais foram registrados no Paraguai, próximos a Asunción, provavelmente numa viagem a Foz do Iguaçu/PR. Vejamos uma perspectiva da paisagem visitada pelo agrônomo-fotógrafo em solo paranaense. Um técnico do IBC em campo faz a medição de nível para um futuro cafezal em área recém-desmatada, no Paraná, em 1957. A composição da paisagem alinha em perspectiva o horizonte e uma peroba rosa derrubada sobre o solo. Entre as linhas, tocos dão indícios da floresta que ali vivia:

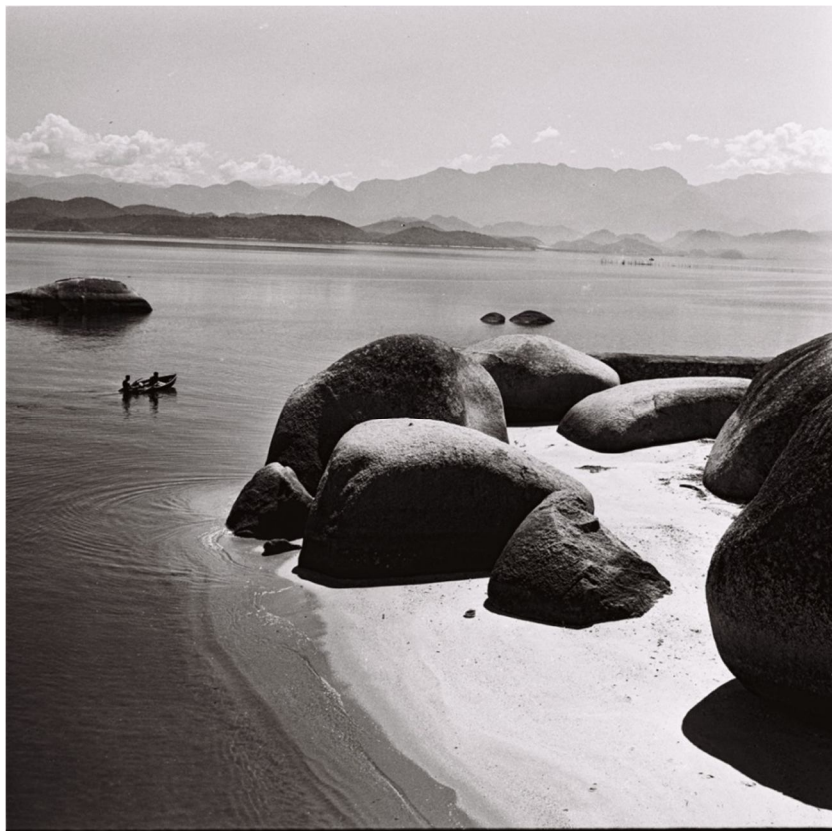
Figura 73 - Sr. Durival Nogueira locando as niveladas básicas para plantio em nível. Diamante do Norte, PR, 11/11/1957. Fazenda Regina. Proprietário Reynaldo Massi. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PLRa_033].

No Rio de Janeiro, o fotógrafo enfocou um lugar, em passeio de lua de mel: a Ilha de Paquetá.

Figura 74 - Rio de Janeiro, Paquetá, 1959, Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ARTRJ_023].

As imagens do Estado de São Paulo contemplam fazendas do interior, armazéns do IBC e paisagens da capital paulista. Dentre as imagens da cafeicultura, a escolhida retrata o terreiro da Fazenda Palmeiras, em Ipaussu, 1954, com trilhos para transporte do café e a tulha ao fundo, na época uma das maiores do Estado de São Paulo:

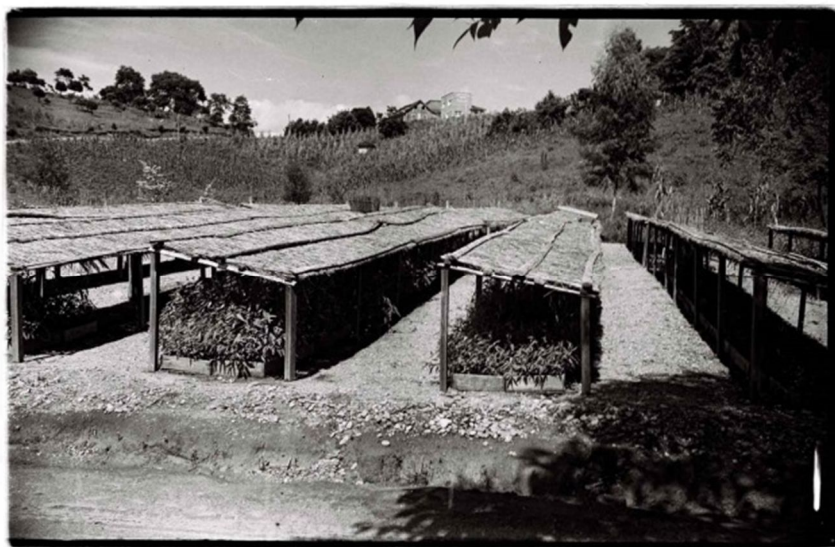
Figura 75 - *Terreiro de café*. Ipaussu, SP, . Julho de 1954. Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana). Fazenda Palmeiras Proprietário Elizeu Teixeira de Camargo. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_172].

Dentre os registros de Santa Catarina há viveiros, plantios de café sombreado, paisagens emolduradas por cafeeiros e moradias retratando a região de Blumenau e Vale do Itajaí, além do interior da ilha de Florianópolis. Segundo relatos do fotógrafo, foram duas viagens (1953 e 1954) dedicadas a levantar a situação da produção cafeeira no Estado para aventar a possibilidade de estabelecimento de um escritório regional do IBC (o que não ocorreu).

Figura 76 - *Viveiro de essências*. Itupava Seca (bairro de Blumenau), SC, Escola Agrícola Prática, 18/01/1954. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSC_013].

Na Bahia, terra natal de Armínio Kaiser, os registros se concentram em Salvador, Feira de Santana e sudoeste do Estado. Segundo suas indicações, em 1954 e 1956 fez duas viagens para lá através do IBC com a finalidade de dar palestras em Salvador e visitar as propriedades. Numa das fotografias registradas na ocasião, Armínio testemunha a técnica adotada em cafeeiros de plantio recente, covas cobertas para proteção do sol:

Figura 77 - Santa Inês, Sudoeste da Bahia, 14/09/1954. Fazenda Salgado. Proprietário Walter Souza. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFBA_101].

Em Minas Gerais alguns espaços históricos de Belo Horizonte e do interior foram registrados. Em relação à cafeicultura, naquele Estado foi fotografada somente a Fazenda da Lagoa, em Santo Antônio do Amparo, propriedade do então presidente do IBC, enquadrada na fotografia a seguir:

Figura 78 - *Plantio de mudas do café*. Santo Antônio do Amparo, MG, 12/11/1955. Fazenda da Lagoa. Propriedade do Dr. Newton Paiva. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFMG_027].

A ocasião do registro era o acompanhamento do plantio de mudas de cafeeiros criadas em viveiros e no estágio de transplante para o campo onde se constituiria o cafezal. O conjunto de 42 fotografias, realizadas nessa propriedade durante os dias 11, 12 e 13 de novembro de 1955, detalha as características do viveiro, a marcação das covas em curva de nível (técnica considerada apropriada para evitar erosão do solo por respeitar a declividade do terreno no alinhamento dos cafeeiros), as atividades dos trabalhadores no transporte, plantio e adubação das mudas. O conjunto traz também três retratos de um trabalhador vestido com o cesto denominado de “balaieira” ou “quiçamba”, utilizado para colheita do café, na propriedade.

Aprofundemos a questão da paisagem a partir dessa imagem. Figura dentre as paisagens relativas a esse conjunto de Minas Gerais, o horizonte desenhado por morros. A paisagem está pensada aqui como um gênero de imagem que pressupõe “horizonte” e “natureza”. A seleção desta imagem foi em grande parte motivada pela presença dos trabalhadores *na* paisagem. Do ponto de vista da composição, as fotografias recém-apresentadas trazem os elementos harmônicos daquilo que um manual de fotografia considera importante para tratar a paisagem como “grande tema” (BUSSELLE, 1979): luz trabalhada de modo a favorecer a visibilidade do conjunto, posicionamento da linha do horizonte para criar o encontro entre céu e terra, o que funciona ao mesmo tempo para conduzir o olhar a elementos de destaque na imagem, profundidade e escalas para oferecer referências dimensionais. Percebe-se na fotografia de Minas Gerais como os trabalhadores e as árvores constituem elementos que performam a composição da paisagem.

“Raramente uma terra em que se trabalha é uma paisagem. O próprio conceito de paisagem implica separação e observação.” (WILLIAMS, 1989, p. 167). Assim tem início o capítulo “Vistas Agradáveis” do livro “O campo e a cidade: na história e na literatura”. Dedicado a pensar como emergem na literatura as descrições de paisagens, construindo-se imagens a partir da noção de separação entre prática e estética, como se a paisagem fosse somente produto da ação de um observador distanciado. A paisagem estaria assim resumida a uma vista, um cenário. O contraponto no encerramento do capítulo provoca ir além desse distanciamento com a reflexão de que à paisagem vinculam-se questões de identidade, percepção e a própria natureza. Ulpiano T. B. Meneses (2002) no artigo “A paisagem como fato cultural” propõe que existe na paisagem a interação humana, historicidade, construção de subjetividades e práticas culturais. A dimensão de historicidade da paisagem desenvolvida pelo autor faz pensar nela como um palimpsesto,

cujas camadas se sobrepõem e estão relacionadas aos usos: “a paisagem agrária – como toda paisagem – *é produto* e simultaneamente *vetor* das formas pelas quais a sociedade se produz e reproduz historicamente” (MENESES, 2002, p.38).

Atento à dimensão visual como questão fundamental para pensar a paisagem, Meneses discute o olhar como elemento dela, e narra como os pontos de vista da paisagem vão se modificando e transmutando a própria paisagem, conforme a evolução tecnológica. Como dito anteriormente: da roda gigante ao balão, depois o avião, o satélite... O papel social que a paisagem desempenha e a percepção da paisagem a partir das imagens criam modelos visuais e envolvem um ato de engajamento do olhar. A paisagem, pensada como forma de praticar o espaço envolve, portanto, um processo de agenciamento para o modo de as pessoas enxergarem.

Retornemos ao olhar do fotógrafo, o observador, o operador da câmera: no trecho da entrevista selecionada a seguir, realizada no dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, Armínio fala a respeito do local registrado na fotografia de Minas Gerais. Importante situar que no momento da entrevista ele não se expressa com a imagem em mãos. Sua narrativa não está se construindo a partir de uma imagem retratada em fotografia, mas sim com o que lhe provoca a pergunta. Ao navegar mentalmente para contar suas viagens por vários Estados, a paisagem dos morros cultivados na Fazenda da Lagoa emerge da memória.

Londrina, 02 de março de 2009.

Daniel Choma: E o senhor começou fotografando já com uma [câmera de formato] seis por seis, no início?

Armínio Kaiser: Não, eu comecei com uma outra que não me recordo agora o nome, era quatro e meio por seis, tirava dezesseis fotografias, em vez de doze.

Daniel: O senhor podia comentar um pouco desse seu início com a fotografia?

Armínio: Bom, o negócio da fotografia começou um pouco na minha adolescência, que mexi com as gavetas que meu avô deixou, fui vendo livros que ele usou, comecei a usar reveladores e montei uma camarazinha escura muito precária, revelei alguma coisa de

negativos já tirados e aí fui pegando gosto. Depois que tive um dinheirinho comprei essa tal outra câmera que não me recordo o nome, que tirei não fotografia de café, mas tirei fotografia de quê? Tirei fotografias das obras de Aleijadinho, lá em Outro Preto, em Congonhas do Campo. Lá em Piracicaba, onde estava estudando, tirei algumas fotografias de problemas agrícolas sim, mas café me dediquei mais quando entrei no IBC, porque eu tinha o campo aberto para visitar as fazendas, não só aqui no Paraná como também em outros lugares do Brasil. Tem fotografias do café em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo⁶¹, aqueles morros... Descendo morro, subindo morro... Quer dizer, ali o café não tem outra alternativa, senão o café mesmo, porque ali não dá outra coisa senão café, o morro é assim...

[Indica com um gesto a íngreme declividade do terreno]

Agora, precisa ver... O café vai pro terreiro por gravidade! Ele derruba da árvore já vai direto lá pra baixo, o terreiro ficava na parte mais baixa, e evidentemente na parte mais úmida, onde talvez tivesse neblina, tendo neblina então o café saía de gosto pavoroso, porque demorava a secar.⁶²

A narrativa versa a respeito do aprendizado e da prática fotográfica de Armínio Kaiser. Associada ao texto autobiográfico que Armínio denominou “A fotografia”⁶³ oferece elementos biográficos relativos à história do avô, imigrante português que chegou ao Brasil por volta de 1870 e atuou como fotógrafo profissional em Salvador e no interior da Bahia. Mesmo sem conhecer o avô, que faleceu em 1921, o acesso aos livros e artefatos fotográficos deixados por ele despertaram o interesse de

⁶¹ Dentre as fotografias trabalhadas não foram encontrados registros do Espírito Santo.

⁶² KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café (vídeo).

⁶³ Publicado no livro *Ao Sabor do Café*.

Kaiser. A longa trajetória de envolvimento familiar com a fotografia traz aspectos que reverberam desde a infância narrada pelo fotógrafo Armínio Kaiser, no acesso privilegiado às câmeras, químicos, livros, à cultura material e aos demais conhecimentos teóricos e práticos relacionados à experiência fotográfica.

Além desse aprendizado, o trecho narrado por Kaiser também alimenta, com novos elementos, as percepções do fotógrafo a respeito do ambiente. Ainda que nesse momento Armínio não tenha a fotografia em mãos, o relato a respeito da formação do terreno, acompanhado pela gestualidade, oferece-nos a possibilidade de imaginar aquilo que o fotógrafo vê em pensamento ao se lembrar do que registrou quando percorreu as fazendas no interior do Brasil. No fio da narrativa, a adaptação às condições climáticas situa a organização espacial da fazenda em relação aos locais de plantio e de estabelecimento do terreiro de secagem. Na dimensão entre percepção, memória e meio ambiente, pode-se considerar que a fotografia, além de representar um meio de perceber o ambiente, ao registrá-lo no instantâneo, compõe uma memória sobre ele, que impregna seu ser. Isso está presente como conteúdo em sua memória, e na visão do profissional que atuou naquela área da agronomia.

O campo da memória revela-se fascinante e paradoxal variável do trabalho com a coleção fotográfica de Armínio Kaiser. No conjunto de sete entrevistas registradas entre 2007 e 2013 é muito menor a incidência de narrativas que relembrem instâncias de produções de fotos específicas do que a tendência a conduzir a narrativa para os temas agrícolas. Relação talvez permeada por dinâmicas da memória e identidade, em face da situação de produção dos relatos, derivados de atividades a respeito das fotografias da cafeicultura. O que fica perceptível no trecho de entrevista citado, cuja pergunta está direcionada para a produção fotográfica, é uma dessas situações narrativas em que se constrói, por Armínio Kaiser, um pensamento e uma identidade de agrônomo mais fortemente que a de fotógrafo.

Outro elemento presente na mesma imagem da fazenda mineira depõe sobre a atuação do fotógrafo no ambiente e a performatividade de seu olhar: a fumaça. Observemos novamente a imagem:

Figura 78 - *Plantio de mudas do café*. Santo Antônio do Amparo, MG, 12/11/1955. Fazenda da Lagoa. Propriedade do Dr. Newton Paiva. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFMG_027].

Presença aproximada da linha do horizonte, enfocada à favorável distância das margens do enquadramento, a fumaça está situada no ponto de destaque da composição, seguindo o que os fotógrafos nomeiam ponto de ouro, oferecido pela intersecção dos terços da imagem. Além de indício de fogo, que nos atíça a curiosidade para pensar o que se está a queimar ou aquecer. A fumaça é indiciária do fotógrafo especializado, para quem a paisagem é a construção de uma vista. Tal construção pode ser notada em todas as imagens selecionadas para ilustrar as paisagens compostas nas câmeras de Armínio Kaiser. Ao reunir em sua formação

intelectual a atividade de engenheiro agrônomo, de certa maneira um trabalhador do campo, e sendo também fotógrafo desde a infância, Kaiser apresenta-nos dois universos de experiências combinadas que atuam na percepção da paisagem e na apropriação visual que ele faz da paisagem na fotografia.

Para ampliar a discussão entre paisagem, memória e percepções do ambiente, cabe considerar a reflexão de Tim Ingold (2000), no livro “A percepção do ambiente”, abrangente estudo concentrado sobre a interação ser humano–natureza, preocupado em romper com dicotomias e segmentações tais como divisão natureza-cultura (ser humano-meio ambiente). O pressuposto do autor para dedicar um ensaio à temática da “temporalidade da paisagem” é que a vida é um processo de passagem do tempo, no transcorrer do qual se dá também o processo de formação das paisagens em que as pessoas vivem.

Nos sentidos de Ingold, a paisagem não é um pano de fundo onde acontecem as atividades humanas (visão naturalística), tampouco um particular ordenamento simbólico e cognitivo do espaço (visão culturalística). Contra a visão dualista, propõe a perspectiva da residência, morada, habitação, a paisagem constituída como um processo de registros e testemunhos das vidas e trabalhos das gerações passadas. Trata-se, segundo o autor, de considerar o pensamento advindo da experiência, do envolvimento e do entendimento que as pessoas têm das vivências cotidianas. De modo que a dimensão natureza-cultura pode ser lida, então, numa dimensão interativa e relacional, ao invés de dicotômica.

“Perceber a paisagem é, portanto, realizar um ato de rememoração, e relembrar não é tanto uma questão de evocar uma imagem interna, guardada na mente, como se comprometer perceptivamente com um ambiente que é, em si mesmo, impregnado de passado.” (INGOLD, 2000, p.189). Nesse sentido, os trabalhadores de Minas Gerais e o próprio Armínio Kaiser são a própria paisagem em si. Pois, como discute Ingold: vivendo na paisagem ela se torna parte de nós tanto quanto nos tornamos parte dela. Quanto à noção de temporalidade, esta se constitui no conjunto de ações correntes, de atividades cotidianas, de interações e relações interpessoais e sociais.

A proposta de temporalidade e paisagem construída por Ingold pressupõe a presença do agente, aquele que vê e ouve. Interage, habita, percorre o mundo. Portanto, neste sentido, só se atinge a experiência da paisagem movendo-se por ela. Algo próximo ao que disse Saramago em depoimento para o documentário *Janela da Alma*: “Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta toda”. É nesse processo que se acumulam experiências. Quando a ação acontece, ser e ambiente transformam e

adaptam-se mutuamente. Aproximação, também, com aquilo que Michel de Certeau (2000) desenvolve, no capítulo dedicado às práticas do espaço, na obra “A invenção do Cotidiano”, as noções de como se diferenciam e mesmo se multiplicam as visões do mundo entre o mapa, a cartografia da cidade e os caminhos pelos quais as pessoas o percorrem. Certeau discute como as práticas e os usos são aquilo que constitui o ambiente em si.

Na entrevista de Armínio Kaiser anteriormente citada, a noção de movimento faz parte do relato e da explicação que o fotógrafo, mas também o agrônomo, nos oferece para interpretar sua prática fotográfica. Durante as viagens e visitas a fazendas, fotografar é uma forma de estar no mundo, de habitar, sobreviver e desenvolver habilidades, através de um ato de composição, um ato visual, o ato fotográfico, golpe de corte no tempo e no espaço (DUBOIS, 1993). Neste sentido, a pergunta sobre o que motiva o fotógrafo a fazer uma determinada foto dá lugar às intenções no momento de contar uma história com as imagens. Das que propiciaram ao fotógrafo estacionar seu jipe (ou outro veículo) para se dedicar à paisagem, constitui-se a perspectiva de uma memória do ambiente a configurar as paisagens da coleção fotográfica, e que nos deixa como legado de seus anos de uma verdadeira militância agrônômica.



ESPAÇOS PRATICADOS

Já foi destacado que os registros do Paraná são representativos no montante do arquivo: 1591. Se as câmeras eram companheiras de viagem, o jipe que Armínio dirigia pelo interior do Paraná, era o próprio ambiente de viagem no período mais significativo da trajetória dele. O veículo caracterizava sua experiência como um constante movimento entre lugares, paisagens e modos de praticar o espaço. Fator fundamental para a teoria de Ingold, o movimento é importante recurso operatório também na reflexão de Michel de Certeau (2000): “O espaço é um lugar praticado”, os modos como se ocupa, convive-se, relaciona-se e se percorrem *lugares* fazem deles *espaços*. As imagens selecionadas a seguir situam o jipe como personagem da história fotografada por Kaiser. É a bordo do veículo que ele retrata, entre tantos objetos de interesse, as estradas empoeiradas percorridas, a erosão do solo, o incêndio rural de 1963 e uma

dentre tantas as pontes e rios por onde passou. Seguem algumas das paisagens percorridas no Paraná, onde figura o jipe como personagem:

Figura 79 - *Estrada dos Ingleses*. Entre Nova Esperança e Cruzeiro do Sul. PR, 30/09/1958. Foto: Armínio Kaiser



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFPR_035].

Figura 80 - *Localização da lavoura piloto, setor de Paranavaí, Faz. Santa Alícia. Alto Paraná, PR, 27/07/1959. Foto: Armínio Kaiser*



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFPR_082].

Figura 81 – 17/10/1963 (PR, Incêndio). Filme Perutz Peromnia 21/10 Din 15/10 Din no fotômetro da máquina. F:11 T:1/25 Filtro verde 2x Foco 5m 1° plano – árvore – 3,8m 2° plano – jeep – 15m Foco: 5m. Revelação: Foto Ogawa (Arapongas). Foto: Armínio Kaiser



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_027].

Figura 82 – *Ponte particular sobre o rio Pirapó ligando Colorado a Paracity, Paraná, 14/07/1964. 17/10 Din Perutz 12/10 Din no fotômetro da máquina. Filtro verde 2x. T:1/50 F: 5.6 Revelação: Foto Ogawa (Arapongas). Foto: Armínio Kaiser.*



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [HUM_008].

A importância do jipe na trajetória do fotógrafo foi caminho descoberto no percurso pelo arquivo tendo como ponto de partida os textos autobiográficos acompanhados pelas narrativas de história oral dos quais o relato audiovisual realizado em 2012 tem destaque. Aproximar a câmera do olho, comer poeira, atolar o jipe são vivências que marcaram a memória do ambiente de Armínio Kaiser e inspiraram sua fala: “O Paraná era de fama, quando não era o pó era a lama!” O aparecimento do jipe no relato de Armínio Kaiser merece atenção:

Londrina, 01 de outubro de 2012

Daniel Choma: O que acontece depois da segunda guerra que o preço do café vai subindo, subindo...

Armínio Kaiser. Vai subir, mas também cai. Só que houve aqui uma política de confisco cambial, praticamente metade do preço do café não ia para o bolso do cafeicultor, ficava na mão do governo, que foi para a industrialização, da indústria automobilística e também de outros produtos porque o Brasil não produzia nem bicicleta, nem geladeira, nada disso era produzido aqui. Era tudo importado. Eu tive no fim da minha adolescência uma bicicleta que foi fabricada na Alemanha porque não tinha fábrica de bicicleta no Brasil. Não existia nada disso aqui, de modo que isso aí contribuiu para uma mudança que eu presenciei durante mais de oitenta anos da minha existência. Foi uma mudança relativamente rápida. Mas a sua pergunta estava relacionada ao preço de café? Pois bem, esse preço do café oscilava entre altas e baixas, conforme as produções. Se houvesse uma geadada, então o preço do café ia subir. Agora, se houvesse cafeicultores suficientemente grandes para poderem armazenar o café de um ano a outro, eles obteriam lucros muito grandes quando o café subisse de preço, de modo que a política era sempre segurar o café para esperar o momento de uma geadada. Pois é, a geadada de 53, ela foi um desastre para a cafeicultura. Então o pessoal, o café foi liquidado, em 55 a brotação desse café e outros produtivos novos, foram liquidados. Em 62, como está provado nessas fotografias daqui houve uma geadada, em 62 uma geadada relativamente grande, não foi no estado do Paraná só, no estado de São Paulo também. Certo, em 63 outra geadada e o que resultou, depois de uma seca, o grande incêndio. Não foi uma época de tudo era beleza não, o Paraná era de fama, quando não era o pó era a lama!

Não foi uma época fácil não, eu atolei muitas vezes o jipe na lama e se não tivesse tração nas quatro rodas... Olha, eu tinha que sair de lá a pé. Tem uma fotografia que tem o jipinho fabricado em Toledo Ohio, mas esse jipe não veio montado dos Estados Unidos, já existia um início de industrialização no Brasil, esse jipe foi montado no Brasil. Fabricado em Toledo Ohio, nos Estados Unidos e montado no Brasil. Ficou no armazém do IBC durante uns quatro ou cinco anos para... Quando formou-se a rede de agrônomos, que estava mais concentrada em São Paulo, pelo resto do Brasil, para atender a cafeicultura de uma maneira geral no resto do Brasil, ele levou cerca de quatro ou cinco anos, eu peguei o jipe praticamente novinho. Jipe de 54, mas eu fui pegar esse jipe em 57, novinho. E foi uma admiração do pessoal em Paranavaí de ver a capota do jipe completamente brilhando de novo e todo mundo admirado... "Ah, mas eu cuído bem das propriedades do estado, né?!" Não sabiam que o jipe estava guardado durante cinco anos! (*risos*)⁶⁴

Mesmo que extenso, o trecho selecionado da entrevista demonstra como opera a memória de Armínio Kaiser na oralidade, relacionando, a partir de uma reflexão sobre a situação econômica correspondente à cafeicultura, os temas da situação ambiental provocada pelas geadas. Descortinam-se elementos sobre a industrialização no Brasil num período que ele acompanhou. Na cadência do relato chegamos às nuances relacionadas à utilização do jipe como veículo de trabalho.

O recorte da entrevista permite pensar sobre a forma com que Armínio Kaiser elabora suas reflexões, sempre tecendo relações entre sua experiência e os processos históricos vividos no Brasil e no mundo. Ele não se restringe à cafeicultura, mas pensa sobre o processo de industrialização que estava por ocorrer no Brasil, assim como relaciona ao processo anterior da falta de industrialização que obrigava o país a importar bens de consumo. Armínio Kaiser possuía uma visão

⁶⁴ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 01 de outubro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa para o projeto Grãos em movimento (vídeo).

historicizante, colocava sua experiência na ordem do tempo, aquilo que Armínio vivenciava era abordado por ele dentro da conjuntura que a cafeicultura representava para a história do Brasil e a história global.

A perspectiva de Armínio Kaiser explora o processo de industrialização relacionado com a vida doméstica. O relato faz ver como o processo de análise macro-econômica reverbera na reflexão sobre os objetos que Armínio Kaiser possuía dentro de casa. A percepção de Kaiser relaciona o Brasil essencialmente agrícola com o lugar onde ele trabalhava: um sertão onde só se conseguia deslocar com um veículo com tração nas quatro rodas. A ideia de que no Paraná se juntava dinheiro com rastelo era uma fama que escondia as agruras e dificuldades de um meio ambiente recém-desmatado e pouco urbanizado, o que representava um desafio aos moradores do lugar.

No movimento de percorrer estradas, houve motivos para estacionar o jipe e suspender o instante registrado numa fotografia. Dentre os diversos instantes em suspenso, vale observar duas imagens que originalmente faziam parte de séries diferentes na ordenação do arquivo feita por Armínio Kaiser (uma estava na categoria “progressão”, outra na categoria “incêndio”). Com a reordenação cronológica do arquivo, associada aos relatos orais do fotógrafo, foi possível perceber tratar-se de uma sequência. A primeira traz no envelope: *Procissão “Ad pretendam pluviam”. Entre Santa Zélia e Santa Fé. No Ribeirão Fernão Dias, divisa entre os municípios de Astorga e Munhoz de Melo, Pr. 06/09/1963.*

Figura 83 - Filtro Verde 2x Perutz Peromnia 21/10 Din 15/10 Din no fotômetro da máquina, Revelação Foto Ogawa, Araçongas. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROb_009].

A respeito da imagem, com a fotografia em mãos, Armínio narrou:

Londrina, 02 de março de 2009

Daniel Choma: Poderia comentar dessa foto aqui? Como foi que o senhor encontrou essa procissão?

Armínio Kaiser: Bom, eu ia a uma propriedade, não me lembro qual propriedade

e vi essa procissão descendo. Desci do carro na tentativa de tirar fotografia deles andando, mas assim que empunhei a máquina pra tirar fotografia eles paralisaram. Ficou meio esquisito, assim, porque está todo mundo parado olhando pra mim. Agora se pode observar nessa fotografia, como esta aqui no próprio⁶⁵... Escrito: a mistura de etnias, tem gente de tudo quanto é raça aqui, tem polaco, tem afrodescendentes, tem pessoas de várias origens. O que estavam fazendo aqui? Procurando um recurso pra viver. Vieram de onde? Também não entrevistei esse povo todo... Mas suponho que ninguém que esta aqui, não posso dizer ninguém, talvez as pessoas com menos de cinco ou seis anos tenham nascido aqui no Paraná, porque eu acho que as outras não nasceram aqui... Eu mostrei a cidade uma vez para uma americana, que me perguntou se eu tinha nascido em Londrina. E eu falei pra ela: eu sou mais velho que Londrina sete anos. E ela olhou assim pra mim... E eu traduzi aquele olhar como que ela estivesse pensando: "Coitado, é senil mesmo!"

Daniel: Por que será que só tem mulheres e crianças?

Armínio: Porque os homens estão trabalhando! Os homens estão no campo procurando alguma coisa para comer. O que eles vão procurar? A geada acabou com tudo, plantar eles não tinham plantado nada, talvez caçando, pode ser, mas caçando o quê não sei...

⁶⁵ Armínio Kaiser se refere à legenda que acompanha essa fotografia na publicação do livro *Ao Sabor do Café*. O texto *Procissão "ad pretendam pluvium" implorando fim dos incêndios rurais e por condições de plantio. Notar as diversas etnias e as garrafas contendo água para lavar uma cruz próxima, à beira da estrada. Um milagre seria bem vindo. Ribeirão Fernão Dias, entre Astorga e Munhoz de Melo, PR, 06 de setembro de 1963* foi redigido por Armínio Kaiser durante a produção editorial.

Daniel: Engraçado, parece que está posada mesmo, que elas pararam e fizeram a fila para você.

Armínio: Aqui na frente tem uma ponte. Atravessavam o rio para lavar uma cruz que ficava do outro lado. Provavelmente fizeram aquela cruz ali por causa de algum acidente que ocorreu ali... Misticamente, acho que pensando que lavando aquela cruz ia eclodir milagre, ia chover para poder plantar. É muito triste a vida no campo, não é alegre. Todo mundo fala, ai, tem ar puro... Tinha ar puro, porque a quantidade de veneno que se põe para combater pragas de algodão é imensa, chega até a feder às vezes nas estradas, quando você passa por volta das seis, sete horas, quando reduz a quantidade de vento o pessoal começa a aplicar inseticida para combater as pragas do algodão.⁶⁶

O relato de Armínio Kaiser narra o momento em que a fotografia foi tirada, mas a memória do fotógrafo nos conduz a muitas outras reflexões geradas pela imagem. O aspecto social que envolve o olhar para a fotografia é preponderante, Armínio se preocupa com a origem das pessoas retratadas e com a característica migratória da composição da população na região norte do Paraná naquele momento histórico vivenciado por ele. Indagado a respeito da questão de gênero e geração presente na imagem, ele reflete que os homens estariam trabalhando na terra, mas pensa, ao mesmo tempo, sobre o problema da geada que naquela ocasião, inverno de 1963, atingia cruelmente as plantações.

A conclusão que toma a narrativa versa a respeito da perspectiva crítica sobre a visão idealizada de que a vida no campo é uma vida feliz. Para Armínio, a vida dos agricultores é uma vida difícil, cuja realidade é de árduo trabalho e muitas vezes a labuta não rende os frutos que se esperava, pois as condições ambientais, a exemplo da geada e das secas, podem arruinar as plantações.

O acesso às informações que Armínio Kaiser fornece sobre a tomada da fotografia permitem ensaiar caminhos para romper com a

⁶⁶ KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café (vídeo).

dicotomia do olhar como se o ato fotográfico fosse somente uma via de mão única. Não é só o fotógrafo que olha para aqueles que irá fotografar, mas os fotografados são também sujeitos que olham para o fotógrafo. Assim como, no decorrer do tempo, o fotógrafo, ao olhar para suas fotografias reveladas em papel, sente-se também olhado e interrogado por elas. A instigante fotografia da procissão estacada diante do fotógrafo dialoga com a observação de Boris Kossoy:

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado no registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2001, p.155)

Na foto seguinte, uma imagem que não traz o mesmo impacto da primeira, aparece o mesmo grupo atravessando a ponte que Armínio menciona. No envelope encontram-se mais informações que correspondem à leitura que Kaiser faz da foto na entrevista:

Figura 84 – Envelope de guarda do negativo original.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_013]

Manuscrito no envelope consta: *Procissão "Ad pretendam pluviam". Ponte sobre o ribeirão Fernão Dias, divisa dos municípios de Astorga e Munhoz de Melo. Estrada que liga Santa Zélia a Fernão Dias. O que existe de mais notável no Brasil é a sua*

unidade... unidade na miséria. Todos descalços, em procissão, imploram chuvas... "Ad pretendam pluviam". Nota: Qualquer semelhança com outra qualquer parte do Brasil não é coincidência, é a unidade brasileira.

As pessoas aparecem caminhando na fotografia, em busca de uma solução "milagrosa" para a seca, e se a escrita de Armínio Kaiser destaca a semelhança do fenômeno encontrado por ele com outras regiões do Brasil como uma "unidade brasileira da miséria", podemos trazer à reflexão que em qualquer parte do Brasil onde acontece o fenômeno da seca, a busca por soluções metafísicas também é um traço marcante da "unidade brasileira". Vejamos a foto mais de perto, no recorte proposto por Armínio Kaiser tracejado no contato:

Figura 85 - Filtro Verde 2x Perutz Peromnia 21/10 Din 15/10 Din no fotômetro da máquina, Revelação Foto Ogawa. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [INC_013].

A reflexão sobre a ocasião retratada nas fotografias vale para pensar a respeito da prática da fotografia como um instante decisivo, como pontua Cartier-Bresson, ou como reflete Roland Barthes: “A

vidência do fotógrafo não consiste em ‘ver’, mas em estar lá” (BARTHES, 1984, p.76). E Armínio está consciente desse caráter instantâneo do registro de imagem, como expressa em outro trecho da mesma entrevista. A conversa é tecida logo depois de Armínio nos servir um café, quando nos mostrou as câmeras que ele carregou por décadas, cuidadosamente guardadas junto com manuais de fotografia. Foi esse um importante momento para conhecermos o personagem colecionador. E também identificar a presença da revista *Life* em sua formação visual, tudo isso vem ao lado da crítica que explica um pouco a redução de sua atividade fotográfica, quando Kaiser diz: não existe mais fotografia hoje em dia, o que existe é computação gráfica! Na entrevista de 02 de março de 2009, reforça novamente o aspecto da transformação tecnológica que vivenciou.

Londrina, 02 de março de 2009.

Armínio Kaiser: As [fotos] 35 mm tirei com uma Exacta

Daniel: O senhor pode mostrar como o senhor operava ela, como é o trabalho de operação dela?

Armínio: Aqui focaliza, a focalização é feita através desse telêmetro. Telêmetro que você vê através desse visor e através de uma imagem que é transportada para cá pelo telêmetro. Quando essa imagem com a outra imagem aqui se superpõem é porque está no foco. Essa câmera também tinha um fotômetro, mas esse fotômetro nunca funcionou adequadamente... Mas eu raramente usava fotômetro, porque a base do olhómetro funcionava perfeitamente bem. A vantagem dessa máquina é que ela pode recolher e fica facilmente manobrável. Pode armar aqui e bater aqui. Velocidade de 1 e 400 a 200, em geral eu tirava com 200, porque mesmo tirando com 100 podia sair tremida, 400 raramente usei, não me recordo de ter usado, pode ser algumas vezes, abanação, talvez tivesse sido com 400 para pegar o movimento...

Daniel: E quantas chapas vinham em cada filme?

Armínio: Doze chapas. Aqui tem um contador, o contador está aqui.

Daniel: E o filme era caro?

Armínio: Olhe, em fotografia o que é mais barato é o filme, depois vinha ampliação, cópia, revelação, isso era mais caro. Agora, o que é mais caro é a oportunidade, se você perde a oportunidade você perdeu. De modo que o filme, a gente fazia assim uma espécie de economia do filme e tudo, mas não era a parte principal não, a parte principal era tirar o objeto, porque se você quisesse tirar uma fotografia você tinha que gastar o filme, não é?

Além de falar sobre a técnica de tirar uma fotografia, o depoimento dá voz à consciência do fotógrafo que valoriza o instante. O mais caro na fotografia é dado pela oportunidade de compor uma boa imagem. Além do caráter instantâneo que envolve o clique, o relato sobre a imagem e a entrevista referenciada demonstra o importante caráter do fotógrafo ser um agente da imagem, como bem situou o fotógrafo Arthur Omar:

eu quase nunca estou fotografando secretamente. De alguma forma eu estou interagindo, estou interferindo. Por vezes, estou mesmo ferindo (...) Há uma atitude física de fotógrafo, uma maneira corporal de estar presente numa situação como fotógrafo. Fotografar é uma troca, você vê e é visto (OMAR, [2000], p.12).

No conjunto das fotografias de Armínio Kaiser, além dos impactos ambientais, um tema marcante é a característica de o fotógrafo ser um agente em trânsito, pois é grande o número de registros situados em “arredores” ou “entre” lugares. Neste movimento, um grande tema está retratado: o cotidiano dos trabalhadores agrícolas. Trata-se das pessoas que habitam, sobrevivem e desenvolvem habilidades no ambiente e, na linha de pensamento de Tim Ingold, incorporam a paisagem: “seres humanos, em seus movimentos, não inscrevem suas histórias sobre a

superfície da natureza como escritores sobre as páginas, essas histórias são tecidas ao longo dos ciclos de vida de plantas e animais, na textura da própria superfície” (INGOLD, 2000, p.198).

As imagens associadas aos trechos de entrevistas selecionados depõem sobre o caráter humanista do olhar de Armínio Kaiser, por outro lado, o final da fala do fotógrafo, anteriormente citada, mencionando a falta de ar puro no campo carrega elementos do seu olhar crítico sobre a história. Um traço marcante de sua personalidade que aparece também num manuscrito produzido em 2007:

Maldita futurologia

Na primeira metade dos anos quarenta marcantes acontecimentos pareciam anunciar uma época de benesses. Dentre elas destacam-se a penicilina, inseticidas (BHC e DDT), fogues alemães (V-1 e V-2) e energia atômica.

A penicilina e a estreptomicina salvaram-me da morte certa em 1947, de uma apendicite supurada e perfurada a ponto dos médicos já terem admitido não ter mais condições de sobrevivida em razão de uma peritonite amplamente disseminada. Aplicaram antibióticos apenas por discargo de consciência. Assim como eu, inúmeras outras pessoas protelaram o seu desaparecimento a ponto de serem responsáveis pelo acréscimo da natalidade. Resultado: mais gente no mundo.

Quanto aos inseticidas eles pareciam favorecer um alvorecer encantado apontando um significativo aumento de produção agrícola e definitiva erradicação de moléstias transmitidas por insetos. Esse sonho começou a ser desfeito em 1962, pela célebre publicação do “Silent Spring” de Rachel Carson. Nele, “A Primavera Silenciosa”, ela alertou do uso de defensivos agredirem ferozmente a natureza.

Os foguetes alemães que bombardeavam Londres viraram transporte de ogivas nucleares. Começava eu a entrar na idade

adulta convencido pelos vaticínios dos mais maduros que a 3ª Guerra Mundial era inevitável. Isto causava um pensamento vago, nebuloso e sentimento de desnordeante amargura. Fixavam-se até datas do início do conflito. A 3ª Guerra Mundial era até desejada; lembro-me que em rodinhas de cafeicultores torcia-se, no fim dos anos 50, para que se iniciasse logo a beligerância para subir o preço do café. Restava saber quem iria sobreviver para comprá-lo.

Afinal, mais de meio século se passou e a guerra não veio. Lembro-me que na segunda metade de 1944, no fim do então estágio chamado “científico” um professor de química falando sobre elementos radioativos, dedicou cerca de 5 minutos sobre a impossibilidade da utilização do átomo para produzir energia, destacando que o próprio Rutherford (1871-1937), idealizador da teoria atômica, considerava o átomo indivisível. O futuro já tinha chegado e não se sabia. Quantas profecias pateticamente desfeitas...Desconfie dos que as prontificam. É tudo papo furado.⁶⁷

Armínio dá pistas de seu conhecimento e sua preocupação com as questões de conservação ambiental. Uma pista para isso é a menção ao livro “A primavera silenciosa”, pois essa obra é considerada um texto inaugural da preocupação com as questões ambientais, tendo inspirado o Relatório Brundtland intitulado “Nosso Futuro Comum”, de 1987, texto que inspirou reflexões para o desenvolvimento sustentável e norteou as diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU) para o meio ambiente. O texto de Armínio Kaiser faz ver que ele é um ser preocupado com as questões ambientais. Ao falar das transformações que ele presenciou vemos que ele também presenciou certa mudança de olhar para o próprio meio ambiente.

Outra característica de sua personalidade expressa no texto é o aspecto reflexivo sobre as divergências entre ciência e sociedade, melhor dizendo, os contrassensos entre o progresso e a contribuição social. Da perspectiva da memória, esse texto dá a ver o ponto de vista das

⁶⁷ Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico, 2007 (não publicado).

lembranças em contraponto com o presente. Sabemos que este é o ponto de vista do autor em 2007, quando ele lança um olhar ao processo que vivenciou; por mais que tentemos chegar perto, pela ponte que as memórias nos oferecem, nunca saberemos de fato, qual era o pensamento de Armínio Kaiser no exato momento em que ele vivenciou as experiências que ele agora nos narrou. Mas, de qualquer modo, a leitura que ele dá aos acontecimentos permite-nos perceber as características de sua preocupação ambiental.

Ao percorrer os registros fotográficos entrecruzados com as fontes orais e os manuscritos, a visualidade das situações limite vivenciadas pelo fotógrafo causam um impacto na percepção das imagens. Além disso, operam como vetores do que se poderia chamar de um olhar engajado, visto que Armínio esteve comprometido em detalhar minuciosamente os processos de plantio, cuidado, colheita e beneficiamento em todas as etapas da produção cafeeira durante a experiência que ele viveu como agrônomo, especialmente quando se trata de imagens que pudessem contribuir para uma melhoria das diversas instâncias da cafeicultura.

Não há somente um modo de Armínio Kaiser perceber o ambiente, mas múltiplas maneiras que expressam sua visão de mundo, experiência e trajetória histórica. O foco de sua produção fotográfica esteve centrado nas paisagens do trabalho, e o impacto do êxodo rural em suas imagens, textos e depoimentos fortalecem essa dimensão de sua produção.

A paisagem humana que se expressa como memória nas fotografias de Armínio Kaiser é elemento fundamental para refletir sobre a coleção fotográfica, tanto quanto é tema complexo e multifacetado. Os habitantes dos territórios fotografados figuram na maioria dos registros, em diferentes situações e perspectivas. No tempo presente, a leitura crítica do agrônomo-fotógrafo demarcou um processo transitório na transformação de trabalhadores do campo em “indesejáveis”, como escreveu no texto “A fotografia”:

Desapercebidamente enfocava, de preferência assuntos que interessavam mais a um sociólogo ou antropólogo em vez dos estritamente ligados à minha profissão de agrônomo, uma vez que não tinha compromissos outros, porquanto os recursos usados eram retirados unicamente dos meus proventos.

Hoje, revendo essas fotografias tiradas há décadas passadas, cheguei à conclusão que estava vivendo uma drástica turbulência

*social cujo preço estamos pagando agora com o desassossego proveniente do esgarçamento do tecido social.*⁶⁸

O texto destaca o interesse pela fotografia como potência ao registrar a complexidade da experiência vivenciada em relação à situação de trabalhadores, ao cotidiano e às transformações sociais. Deve-se mencionar a estratégia de racionalização da cafeicultura que tem início em 1961, um projeto de erradicação de cafezais em que o governo pagava ao cafeicultor para cortar cafeeiros, acompanhado por incentivo através de crédito agrícola a fim de diversificar a produção para outras lavouras como milho, algodão, soja ou para a pecuária. Outro aspecto se referia ao número de trabalhadores: enquanto o café necessita de muitos braços e é uma lavoura que oferece trabalho o ano todo. As outras culturas tendem à mecanização e conseqüentemente ocupam número bem menor de trabalhadores.

O fato de que a fotografia não era a profissão de Armínio oferecia-se como uma experiência de liberdade para o fotógrafo que, além de estudar agronomia, foi leitor de Josué de Castro e das reportagens ilustradas da revista *Life*. Se Josué de Castro foi expulso do Brasil por denunciar a indústria da seca no Nordeste e como essa estratégia favorecia a fome no Brasil, as fotografias de Armínio Kaiser e a leitura que ele faz delas no tempo presente discutem a questão social que o fotógrafo-agrônomo demonstra conhecer. As palavras de Kaiser remetem às tramas sociais face à ótica da própria experiência vivida no fluxo da territorialidade do café, a vivência de um técnico do Estado que segue a “marcha” da cafeicultura de São Paulo para o Paraná. Por outro lado, assume um duplo papel ao observar com crítica o seu ambiente, descrever com ironia o cenário, e narrar por imagens fotográficas precisamente a memória da cafeicultura que não se quer ver, ouvir ou lembrar.



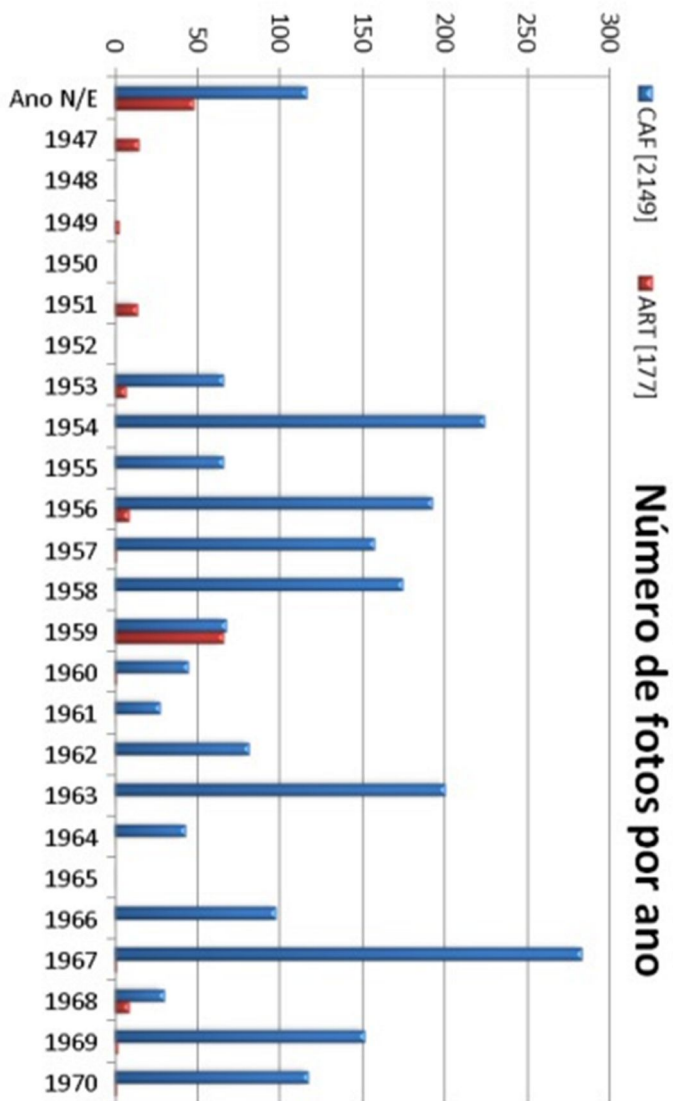
⁶⁸ Armínio Kaiser. Manuscrito autobiográfico. Editado para publicação no livro *Ao Sabor do Café: Fotografias de Armínio Kaiser*, 2008, p.93.

IMAGENS NO TEMPO

No gráfico da produção fotográfica por ano, foram contabilizadas diferenciadamente duas formas de Armínio perceber seu arquivo, dividindo as fotografias da categoria “artística” [ART], composta também por registros de viagem, daquelas relativas à “cafeicultura” [CAF], constituída também por outros temas agrícolas correlacionados.

As fotografias artísticas e registros de viagem aparecem no gráfico a seguir, indicadas em vermelho e somam 177 imagens. As imagens relacionadas à cafeicultura/agricultura, no total de 2149 registros, figuram em azul (165 fotos não possuem data especificada). O gráfico oferece visualização da variada produtividade de um ano a outro:

Gráfico 2 – Número de fotos por ano



Fonte: Elaborado pela autora

No presente trabalho, concentrado nas questões ambientais, há uma tendência a dedicar-se mais atenção às imagens da categoria [CAF]. A dimensão dos registros [ART], porém, é fundamental para a reflexão sobre a composição do olhar deste fotógrafo. Apesar do recorte das fotografias da cafeicultura ter início em 1953, junto com o ingresso de Armínio Kaiser ao trabalho do Instituto Brasileiro do Café, ele começou a fotografar muito antes, ainda criança, como afirmou no texto autobiográfico “A fotografia”. Dentre os negativos do acervo, com o qual este trabalho dialoga, vários originais anteriores ao ano de 1953 são de expressiva beleza plástica, a exemplo de imagens da Bahia, das cidades históricas mineiras, e de São Paulo. Daí a justificativa de considerar também nesse trabalho as imagens da categoria atribuída por Armínio Kaiser como “Fotos Artísticas”. As imagens a seguir, da categoria de fotografias artísticas, exemplificam tal dimensão:

Figura 86 - Praia de Tambaú, Paraíba, 1949 [local e data prováveis]. Máquina Ikonta Lente Novar. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ARTPB_010]

Das fotos anteriores ao ingresso de Kaiser no IBC (1953) várias são de belíssima estética. Mesmo que numericamente as da categoria “ART” sejam poucas, diante da totalidade do quadro, elas compõem um importante percurso de sensibilidades e são relevantes para a trajetória de Armínio Kaiser. São imagens fundamentais para narrar como se compõe o olhar do fotógrafo.

Figura 87 - São Paulo-SP, Parque do Ibirapuera. Sem Data. Filme Forte F:10 T:1/100 Filtro verde amarelado. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [ARTSP_009].

Observa-se no gráfico, dentre as fotografias artísticas e registros de viagem, o destaque numeroso de registros no ano de 1959. Tal se deve às imagens da viagem de lua-de-mel quando Armínio e sua esposa, Jovita, passaram pelo Rio de Janeiro e Salvador.

As fotos da categoria ART contam muito sobre os circuitos de cultura visual, pois quando Armínio se preocupa em nos apresentar tais imagens, ele destaca algumas que participaram de salões e prêmios de fotografia. Se tais imagens falassem, diriam: Kaiser é antes de tudo fotógrafo, não somente o fotógrafo do café. Desde 2006, a convivência com Armínio Kaiser e com cerca de 2300 imagens de sua coleção, os relatos registrados em sete entrevistas, textos autobiográficos e correspondências, permitem-me afirmar que a fotografia opera para o fotógrafo como uma forma de estar no mundo, modo de perceber o ambiente, registrá-lo e olhar para sua própria condição histórica. Percebe-se um sentido pragmático no ato fotográfico de Armínio Kaiser, um meio pelo qual o fotógrafo busca compreender o mundo e sua vida prática como agrônomo. A fotografia é documental da prática de campo de Kaiser e seu arquivo pessoal tem caráter probatório de suas funções como profissional da agronomia em campo.

Outro destaque da análise temporal do gráfico elaborado corresponde ao ano com maior número de registros: 1967. São 297 fotografias. Esse é também o ano record dentre os com maior número de fotografias selecionadas para publicação no livro *Ao Sabor do Café*, dada a plasticidade e o impacto visual das imagens. Há muitos registros de armazéns, assim como da erradicação de cafeeiros. Um aspecto importante a considerar é que foi no ano de 1966 que Armínio Kaiser ingressou na chefia do programa de erradicação de cafeeiros, época considerada por ele a pior de sua vida, devido as pressões e ameaças de corrupção que estavam presentes naquele setor. Como Armínio Kaiser relatou, era sua tarefa como fiscal contar o número de cafeeiros eliminados, de acordo com esse número seria pago o montante do incentivo do governo para a erradicação. Mas a corrupção envolvia a situação e para Armínio chegou a ser oferecido um veículo Fusca como propina para que ele contabilizasse como eliminados cafeeiros que de fato não haviam sido erradicados.

No conjunto a seguir, todas são imagens de 1967: paisagens que expressam uma memória dos modos de vida cotidianos e a transformação da paisagem humana representada pela derrubada do cafeeiro erradicado e a substituição do cafezal por lavouras mecanizadas ou que exigem menor número de trabalhadores:

Figura 88 - Astorga - Santa Zélia, PR, 23/06/1967. Filtro semi verde Lente 13 cm 21/10 Din T:1/100 F:8 Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROe_020].

Figura 89 - Erradicação de cafeeiros. Londrina, PR, Paiquerê. Fazenda Imbaúva, 05/02/1967. Revelação Fotóptica São Paulo. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PROd_076].

Figura 90 - Colheita de Soja. Rancho Alegre, PR, 10/05/1967. Propriedade da Família Neumann. Perutz 21/10 Din Revelação Foto Paraná Londrina. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFPR_009].

Figura 91 – Arredores de Londrina, PR, 27/11/1967. Sítio Santo Antonio, do Sr. Tonino Croce. Lente Tessar 5 cm Filtro Verde Fator do filtro 2x foi computado T:1/100 F:11 Revelação Fotóptica Maq 979965. Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [PDEb_061].

A tensão social decorrente da política de diversificação da economia cafeeira, setor em que Armínio Kaiser trabalhou a partir de 1966, incentivava a erradicação do café e sua substituição por outras culturas agrícolas. Por isso dispensava-se mão de obra, o que provocou êxodo rural e miséria. Tais acontecimentos são captados pelas lentes e rememorados com frequência nas narrativas de Armínio Kaiser no tempo presente. Destaca-se o caráter crítico de sua visão sobre a história, algo marcado pelo aspecto associativo e relacional da memória de perceber presente e passado em jogo de interações. Cabe observar, no total de 162 imagens classificadas por Armínio Kaiser, como a categoria “Fator Humano” (HUM), 52 são fotografias registradas em 1967.

Outro destaque de uma imagem do mesmo ano de 1967 testemunha o impacto ambiental que o desenvolvimento da lavoura cafeeira provoca. Em seu enquadramento original a foto é uma paisagem que traz na linha do horizonte vestígios da floresta destruída e o contraste da paisagem humana que habita aquele ambiente. Por outro lado, o reenquadramento da imagem proposto por Armínio Kaiser dá vez ao olhar humanista do fotógrafo. Se seguirmos na imagem a marca de reenquadramento propostos teremos um esquecimento do horizonte onde figura a derrubada da mata para enfatizar a condição humana da criança à porta de uma casa de pau a pique de telhado feito com tabuinhas de madeira. Desaparece o horizonte longínquo, em compensação o impacto das condições de vida precárias é maior.

Figura 92 – São Pedro do Ivaí, PR, 28/04/1967. Filtro verde 2x (1x) Perutz 21/10
Din T:1/100 F:11 Revelação: Foto Paraná (Londrina). Foto: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFPR_110].

Figura 92 e 93 – Foto de Armínio Kaiser e envelope de guarda do negativo original.





Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFPR_110].

O reenquadramento modifica a percepção visual da fotografia. Essa imagem serve como um dos exemplos da presença marcante dos reenquadramentos do fotógrafo, realizados depois da impressão dos contatos fotográficos. Para compreender esse impulso, vale aproximar a prática de Armínio Kaiser à de outro fotógrafo, Arthur Omar, para quem o reenquadramento faz parte do processo fotográfico, como ele pontua:

A minha formação de colocar no Laboratório toda a ênfase do processo de criação da fotografia me levou a nunca trabalhar com o negativo cheio. Eu corto e reenquadro sempre. Mesmo se a foto está perfeita dentro do quadro da maneira como foi tirada, eu corto. É um hábito, uma compulsão, e a maneira natural para mim de encarar a fotografia. Cortar faz parte, é um momento necessário do processo, tem que ser feito obrigatoriamente, e não me pergunte por quê. (OMAR, [2000], p.18).

Ao narrar sobre sua prática, Arthur Omar demonstra ser o reenquadramento praticamente um hábito. No caso de Armínio Kaiser podemos refletir que tal hábito também se faz presente, pois do total de 2326 fotos do acervo, 763, praticamente um terço das fotografias, possuem marcas de reenquadramento nos envelopes.



PERCEPÇÕES

As imagens expressam um olhar do agrônomo-fotógrafo. Captam percepções do ambiente e compõem imagens-memória das dinâmicas de apropriação do ambiente pelo estabelecimento das culturas agrícolas. Sobre as interações entre percepção e memória, Ecléa Bosi situa: “Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória” (BOSI, 1994, p.419). Por isso é importante refletir que as fotografias registradas por Armínio Kaiser são, no instantâneo captado pela câmera, uma percepção do ambiente. E como a percepção logo se torna memória, o conjunto de fontes relativas ao acervo de Armínio Kaiser expressa uma memória do ambiente que ele vivenciou. Daí a importância da fotografia como uma ferramenta que serve, transcorrido o tempo, para narrar uma história visual da paisagem.

Pensa-se a fotografia como mídia. Um meio de registro que representou no passado recurso de Armínio Kaiser para exercitar seu modo de estar no mundo, de captá-lo e de o (re)compor. As imagens oferecem visualidade para o olhar, captado com câmeras de médio formato (6x6cm e 35 mm), *Exakta*, *Super Ikonta* e outras mais antigas que haviam pertencido ao pai e avô de Armínio. Observa-se, ainda que brevemente, o quanto de trabalho intelectual, estético e físico é empreendido para tirar uma fotografia. Especialmente quando consideramos a especificidade da cultura material que a técnica fotográfica exigia naquele momento histórico, entre as décadas de 1940 e 70, quando as câmeras fotográficas eram totalmente analógicas e requeriam um aparato complementar de lentes, filtros e fotômetro externo. Dado significativo é a câmera de sua preferência: médio formato, registrando chapas no tamanho de 6x6cm, cujos rolos de filme vinham com apenas 12 chapas, o que exigia bem mais trabalho de substituição de negativo do que as de tamanho 35 mm, com rolos de até 36 exposições. Pelo tamanho praticamente quadrado, o médio formato caracteriza uma especificidade da composição. Rompe com a lógica da tradição pictórica do tamanho retangular na divisão das imagens verticais e horizontais entre “retrato” e “paisagem”.

Vale considerar que a fotografia herda, especialmente no caso das paisagens (mas não somente), a tradição da pintura no que se nomeia como retórica oitocentista da imagem pictórica, influência sobre os modos de ver no olhar dos fotógrafos e selecionar o que seria uma “boa imagem”. Mas no caso de Armínio Kaiser existe transposição das paisagens pictóricas para uma inclinação modernista que tem encontro

com a geração de fotógrafos amadores e amantes da fotografia, corpo de fotógrafos de que Armínio faz parte. O teórico da fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty (1969), na obra dedicada especialmente à visibilidade, intitulada “O Olho e o Espírito”, situa como a pintura moderna anseia transpor o pictórico realista. Segundo Merleau-Ponty, o olho é muito mais que “receptor”, é um “computador do mundo”. O autor relaciona meios de produção e percepção, palavras e imagens:

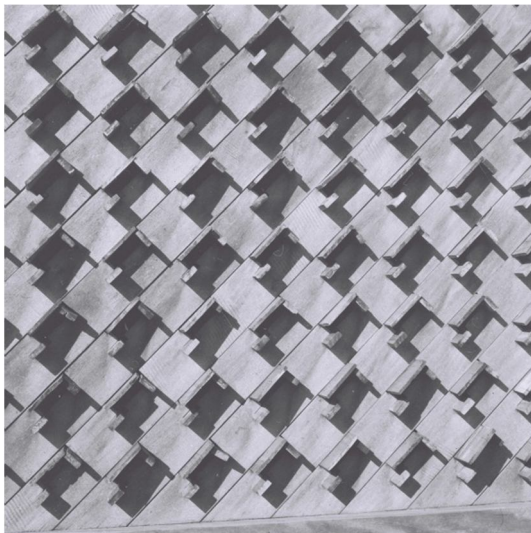
É tão impossível fazer um inventário limitativo do visível quanto dos usos possíveis de uma língua, ou apenas do seu vocabulário e dos seus estilos. Instrumento que se move por si mesmo, meio que inventa os próprios fins, o *olho é aquilo que* foi comovido por um certo impacto do mundo e que o restitui ao visível pelos traços da mão (MERLEAU-PONTY, 1969, p.43).

No século XX, a fotografia moderna buscará um movimento de desprendimento daquela pintura investindo na valorização dos recursos ligados ao aparato próprio da fotografia (os recursos operatórios das câmeras e lentes). Aquilo que se chamou “Nova Visão” incluía quebrar com a totalidade, fragmentar os objetos, valorizar linhas, desnaturalizar a composição.

Figura 94 (acima) - Detalhe da telha secadeira “Toledo Pizza”. Fazenda Lageado, Botucatu, SP, 16/06/1955

Figura 95 (abaixo) - Fazenda Experimental de Pindorama, SP, julho de 1954.

Fotos: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [CAFSP_231 e CAFSP_232].

Outro elemento importante a ser destacado é a influência das revistas ilustradas e de imprensa em geral, a fotografia social e a atenção ao que se chamou de olhar humanista, como discutem Annateresa Fabris (2012) e Helouise Costa (2012). Além do olhar social, o traço do olhar modernista está presente nas imagens de Armínio Kaiser, o que envolve a presença de grafismos e texturas tanto nas imagens da cafeicultura quanto nos registros de viagem. Isto demonstra que Kaiser tinha acesso aos manuais de fotografia e também a uma certa pedagogia do olhar, relacionada ao estranhamento que a fotografia pode revelar, o trabalho com as linhas no desenho dos quadros fotografados.

Se pensarmos um pouco mais a respeito da formação de Armínio Kaiser como fotógrafo especializado, as autoras Anateresa Fabris e Helouise Costa identificam o momento de ruptura com o olhar pictórico do que se convencionou chamar “Nova Visão” ou “Nova Objetividade”. Nas paisagens retratadas por Armínio Kaiser está presente um traço de caráter um pouco tendencioso à paisagem pictórica, que pode ser compreendida por certa “herança” em relação à tradição fotográfica do avô e os livros com os quais teve contato, mas é mais forte a tendência à nova objetividade. Ele menciona nas suas entrevistas que costumava ver revistas *Life* por suas publicações de fotos extraordinárias.

Levantar tais referências não tem o sentido de “enquadrar” o olhar de Armínio Kaiser dentro de molduras móveis chamadas de movimentos estéticos, e sim considerar que os circuitos estéticos de um período circulam e constroem um universo, um campo de visualidade, e que existe a especificidade do espaço e tempo em que o fotógrafo está inserido. Vejamos outros exemplos de fotos de Armínio Kaiser, atentos às linhas paralelas formadas pela incidência solar nos viveiros de café:

Figura 96 (acima) - Fazenda “Canadá”, da Cia Agrícola Industrial Comercial do Paranagi. Nova Fátima, PR. 26/05/1964. 21/10 Din Perutz Peromnia. 15/10 Din no fotômetro da máquina. Filtro Verde 2x. Revelação: Foto Ogawa. Arapongas. Figura 97 (abaixo) - Estação Experimental de Monte Alegre do Sul. Maio de 1964. Fotos: Armínio Kaiser.



Fonte: Arquivo pessoal de Armínio Kaiser [VIV_019 e CAFSP_095].

A percepção ambiental impregna as fotografias de Armínio Kaiser. Ambiente pode ser entendido como um amplo horizonte: uma vista panorâmica, a paisagem, as paralelas curvas de nível na lavoura de café. Ambiente pode ser, ainda, o desenho da luz com as linhas paralelas do viveiro, formadas pelas tabuas de proteção do sol das sensíveis mudas de cafeeiros. Pode-se pensar que as fotos nos contam sobre como Armínio Kaiser estava percebendo aquele viveiro? Arrisco responder que ele estava atento a jogos de luzes. A ponto de fazer uma série de fotografias com o filme de finíssimo grão: ISO 32. As condições de luz que esse filme nos exige e as condições de detalhamento que nos proporciona na imagem registrada são muito específicos. Só mesmo um filme de ISO 32 para garantir e deixar perceber sutis diferenças entre os estágios de desenvolvimento das mudas de “palitos de fósforo” e “orelhas de onça”. Diferenciados na paisagem do viveiro. A foto serve, nessa perspectiva de pensamento, como meio de perceber o ambiente. E esse ambiente, percebido e registrado no instantâneo fotográfico, compõe uma memória sobre ele. Em suas falas a respeito dos viveiros, Armínio nos explicou que existe uma fase da criação das mudas de cafeeiros em que se usam as tabuinhas para deixar o sol entrar e ao mesmo tempo não deixar que seja muito forte o sol incidente sobre as mudinhas. E depois, na outra fase, as tabuinhas são removidas para aí sim, vir o sol forte mesmo.

Visualmente, ao navegar pela cronologia dos registros de Armínio Kaiser, encontramos similaridades com a produção fotográfica de Pierre Verger, Thomas Farkas e Dorothea Lange e aproximações com as fotos produzidas na denominada Escola Paulista, representada pelo Foto Cine Clube Bandeirante na década de 1940 e 1950, como estudaram Helouise Costa e Renato Rodrigues da Silva (2004). Para compreender a composição do olhar atento às linhas que conformam a imagem, cabe situar que o desenho geométrico era uma das disciplinas em que Armínio Kaiser mais tinha êxito, como consta no seu histórico escolar do chamado período “científico” que ele cursou na década de 1940⁶⁹. Por outro lado, o olhar social e humanista aproxima a produção de Armínio Kaiser das vertentes de como se firma o fotojornalismo nas décadas de 1950 e 60. O olhar modernista e o fotojornalismo são das visões que perpassam a observação do acervo fotográfico de Armínio Kaiser, e mesmo que sejam

⁶⁹ Tive acesso ao currículo citado através da solicitação à ESALQ/USP. Ao solicitar o currículo de Armínio Kaiser quando cursou agronomia este me foi encaminhado acompanhado pela cópia do currículo do científico assim como a cópia de um relatório manuscrito de uma das visitas técnicas do período de estágio curricular da graduação.

características divergentes na composição da imagem, são duas visões que dividem um mesmo espaço-tempo, aquele coincidente com o período de produção das imagens de Armínio Kaiser, como pontuam Helouise Costa e Renato Rodrigues da Silva:

A prática do fotógrafo modernista e do fotojornalista eram totalmente conflitantes: de um lado a gratuidade da concepção da “arte pela arte” e de outro a proposta de instrumentalização da fotografia e da profissionalização do fotógrafo. Hoje, analisando esses dois movimentos, em seu contexto histórico, vemos que ambos vieram renovar estruturalmente a linguagem fotográfica, trabalharam pela afirmação da sua autonomia e estavam totalmente inseridos no processo geral de modernização da sociedade brasileira (COSTA, SILVA, 2004, p.106-107).

Mas afinal, por que buscar fotógrafos e imagens que dialogam? Para buscar vestígios do que pode ter sido influência do olhar de Armínio Kaiser. Para colocar o pensamento por imagens para dialogar, na linha do que propõe Etienne Samain: “A imagem é o grande sótão de nossa infância, de nossa memória, com muitas coisas dentro: lembranças, descobertas, sonhos e desejos (...) As imagens conversam, falam demais. Elas não dizem nunca o que pensam.” (SAMAIN, 2012, p.209) Para o autor, imagem e pensamento fazem parte de um mesmo sistema.

O imaginário se compõe do universo de imagens mentais referenciais que podem ser vistas, lembradas, sonhadas, esperadas... Afinal, num sentido simples, a imaginação pode ser compreendida como a ação de constituir algo em imagem. Logo, o imaginário será o caminho que aproxima fotografia e memória.

Para pensar a respeito das composições fotográficas de Armínio Kaiser, na medida de suas percepções do ambiente, nada melhor que o depoimento de um fotógrafo andarilho que nos oferece o poder de viajar pelo tempo, espaço e temporalidade da paisagem: Araquém Alcântara. Assim o fotógrafo explica a experiência fotográfica:

A minha matriz criativa, o meu modelo de universo, a minha compreensão do mundo surgiu andando. Andando, andando. Pelo agreste do cerrado, pelas caatingas, pelas florestas. Ali eu estabeleci o meu percurso na terra. O que é básico? É espalhar

belezas, fazer refletir, provocar. Está aí. O resumo do meu trabalho basicamente é isso.

O revelador acontece num momento muito fugaz. Essa eu acho que é a experimentação. Esse eu acho que é o encontro com deus, com a beleza. É uma lembrança que não importa se tem registro, não importa a fotografia, é algo absolutamente pessoal. Tem que quebrar essa coisa de que você fotografa para os outros. Não! Você fotografa pra si. Depois você espalha... Entendeu? (ALCÂNTARA, 2013).

Do diálogo que podemos tecer entre Armínio Kaiser e Araquém Alcântara, “a experiência” de tirar uma fotografia é maior que a intenção de mostrar, espalhar a imagem produzida. Na dinâmica do movimento, face a produção fotográfica de Armínio Kaiser, ocorre uma marca da dimensão de mobilidade de sua experiência: natural de Salvador, Bahia, ele se desloca para estudar em Piracicaba, São Paulo. Graduado Engenheiro Agrônomo pela ESALQ/USP em 1949, é contratado em 1953 como técnico do Instituto Brasileiro do Café, recém criado em 1952. Atua inicialmente no Estado de São Paulo e é transferido para o Paraná em 1957, fixando residência em Paranavaí, depois Arapongas e finalmente Londrina. No olhar sobre a ordenação cronológica de seus registros, é perceptível que a câmera estava mais presente com Armínio ao percorrer o Paraná. Antes de mudar para esse Estado, os registros ocorriam em dias específicos, mas após a mudança para o Paraná as sequências diárias estão mais presentes.

Armínio foi um sujeito em trânsito por estradas rurais cujos trajetos conduzem ao interior de um Brasil que naquele momento histórico quer se construir como mais urbano e menos floresta. Fotografar é resultado de processo artístico, criativo e de subjetividade. Por vezes, pode-se inferir que Kaiser fotografa para poder falar da beleza; noutras, como forma de enfrentar e denunciar uma situação de precariedade. E, principalmente, fotografa por fruição e prazer estético.

A fotografia representou para Armínio Kaiser um modo de estar no mundo, de interagir socialmente e de relacionar-se consigo próprio. Uma forma de enquadrar e reenquadrar as próprias experiências, revelando e desvelando horizontes de expectativa, vistos e revistos a cada novo instante decisivo. Construiu representações da paisagem passada, re(a)presentadas no presente sobre diversos ângulos e recortes. Suas fotografias são memória do ambiente e constituem um dos mais importantes acervos iconográficos sobre a cafeeicultura brasileira no século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aeroporto de Londrina, manhã de fevereiro de 2012.

Ao descer as escadas rolantes lá está ele: mocassim, bermuda, camisa azul, espiando na sala de embarque para ver se encontra alguém... No bolso, um raminho de primavera rosa pink. Surpreendida, cumprimento-o e me despeço. Ganho o raminho da primavera que reconheço ser da entrada de sua casa, sempre muito florida, na Rua Claudio Manoel da Costa. Ele me diz: - Você está embarcando para São Paulo? Olha, diga ao seu avô que ele tem um concorrente. Diga a ele que você tem um avô baiano, viu?!

Agradeço a singela flor da rica terra e vasto sol de Londrina. Na sala de embarque só pude ir novamente ao banheiro, dessa vez para extravasar a emoção, chorar, respirar fundo e pensar que podia ser aquela a última vez em que nos despedíamos. A partida é sempre apreensiva quando se dá adeus a pessoas idosas.

O curioso é que da última vez em que de fato nos despedimos, em maio de 2013, parecia que era apenas um aceno para novo começo. Naquele dia ele fechou o portão de sua casa debaixo da mesma primavera. Depois de me mostrar seu cafeeiro plantado no quintal sendo a primeira vez em que dava frutos. Nesse momento eu estava ali para entregar os livros Ao Aroma do Café. E para apresentar minha proposta de tese a ser dedicada ao seu acervo.

Passado o tempo, em 22 de fevereiro de 2014, o galhinho de primavera está seco. Retorno ao mesmo aeroporto de Londrina na expectativa de ir ao encontro de Armínio para novas conversas, nova entrevista. Logo no desembarque eu e Daniel encontramos com Edson, que nos diz: “- Olha, é a última notícia que eu queria dar a vocês. O Kaiser faleceu esta noite”.

Aos 88 anos de Armínio Kaiser, ficaram sem resposta imediata todas as perguntas que eu trazia na mochila, com notebook, caderno, projetor, transcrições de sete entrevistas somando 150 páginas, sete anos de convívio.

O desafio biográfico desse trabalho passou por transformar e elaborar o luto que seu falecimento instaurou. No percurso de escrita da presente tese, em 2014 Armínio partiu deixando no ar, em suspenso, muitas das minhas questões historiográficas. Um meio de lidar com esse desafio da saudade e falta foi tentar contar a história de vida do arquivo que eu conheci através de fotografias.

Mas, por que contar de meus últimos encontros com Armínio Kaiser? Porque a relação humana interpessoal é fundamental no trabalho com História Oral e a presença do historiador em seu tema de pesquisa é uma característica marcante desse trabalho. De modo geral, se não há envolvimento do pesquisador não existe uma boa entrevista, acredito eu. E considero aspecto bastante forte desse trabalho a relação que foi construída entre nossa equipe (Daniel, Edson e eu) e Armínio Kaiser.

No presente trabalho de pesquisa, me envolvi na discussão da problemática do potencial do arquivo de fotografias composto e guardado por Armínio Kaiser representar estudos para a história, em particular, para a história ambiental. Porém, em que pese minha dedicação, considero que o campo da pesquisa e análise do arquivo de Armínio Kaiser continua em aberto para outras interpretações. E até o momento, após dar por encerrada a escrita da tese, ela continua me provocando e visualizo outros aspectos que permanecem em aberto, de modo que as fotografias continuam suscitando e exigindo novas abordagens.

Uma interrogação que permanece diz respeito à suspensão da produção fotográfica relacionada à agricultura quando Armínio Kaiser é transferido do campo para o laboratório, em 1970. Pode ser levantada a questão se tal transferência não teria tido uma motivação política, ou então, se suas fotografias ou ideias de cunho social não teriam incomodado, de algum modo, a chefia do IBC ou outras instâncias do estado, lembrando se tratar de um período de governo autoritário nas instâncias federais, estaduais e municipais. Armínio Kaiser nunca falou sobre este caráter e sua transferência teria sido meramente uma questão técnica para realocar um agrônomo competente e metódico para uma atividade que exigia disciplina e organização. Além disso, tratava-se de uma atividade que naquele momento exigia mais atenção, visto que a erradicação de cafeeiros havia diminuído significativamente a existência de lavouras cafeeiras, o que, conseqüentemente, reduzia a necessidade de pessoal em campo.

As produções fotográficas e intelectuais de Armínio Kaiser carregam traços marcantes de uma produção de cunho social, político e ambiental. Contudo, mesmo que carregassem grande teor de cunho social, as fotografias feitas por Armínio Kaiser no período de sua atuação no Instituto Brasileiro do Café ficaram restritas ao âmbito privado até cinquenta anos após sua produção. Mesmo assim, as fotos de Kaiser retratam uma parte da história do Brasil por uma ótica singular, é a história das populações rurais vista de perto. As fotos são como colocar uma lente macro na história. As fotografias e narrativas de Armínio Kaiser estão próximas das reflexões mais problematizadoras a respeito do

sucesso e tensões da história da cafeicultura no século XX, assim como dos processos de regionalização da região Norte do Paraná.

Afinal, o que conta o acervo de Armínio Kaiser? Conta de um fotógrafo com preocupações políticas, atento ao seu tempo histórico e preocupado com as reverberações da atividade cafeicultora e seus impactos sobre as pessoas que trabalham, assim como seus impactos no meio ambiente.

O acervo também conta da própria presença do fotógrafo como ser atuante em seu próprio arquivo. Armínio, além de engenheiro agrônomo e fotógrafo, é um guardião, um colecionador, um agente disposto a atuar sobre os rumos que suas imagens tomarão ao passarem do universo íntimo de sua casa para o espaço público de sua publicação.

E ainda, o acervo nos conta de um fotógrafo com olhar humanista, preocupado em retratar as condições sociais da população. Além disso, com um olhar modernista, preocupado com as composições de linhas e formas geométricas. Sob tal olhar estético, Kaiser transformou cada imagem num harmonioso jogo de elementos onde está muito presente, também, a dimensão das paisagens como foco das composições. Armínio se constitui assim, como um grande artista visual. Um fotógrafo engajado que faz fotografia social e expressa traços concretistas e modernistas.

Todos esses elementos reunidos contribuem para narrar uma história visual do meio ambiente. E para pensar sobre a natureza do fotógrafo como um ser que reúne diversas características e qualidades. Além disso, há que se notar que foi o acesso à íntegra do seu arquivo pessoal que permitiu um olhar panorâmico sobre o conjunto para tirar as conclusões dos elementos que performam o olhar de Armínio Kaiser como um olhar político, social, modernista, ambientalista e artístico.

Esse é um trabalho de História Visual porque foi a partir das fotografias de Armínio Kaiser que se construiu a pesquisa, mas não foram somente as imagens em si que serviram para tirar conclusões. Mas todo o circuito de visualidade contribuiu para isso. Contribuíram as reflexões de Armínio Kaiser sobre suas próprias imagens e sobre os modos de fazer fotografias. Contribuíram as reflexões sobre o circuito, a vida social das fotografias quando publicadas. Contribuíram as reflexões do próprio fotógrafo sobre tal processo.

Fica no ar a questão de por que, afinal, Armínio Kaiser fotografava? Muitas vezes, registra-se para poder contar, outras vezes, registra-se para respirar diante de uma situação de precariedade, outra ainda, registra-se por puro prazer de exercício de composição, pela oportunidade de uma boa foto. Na busca de sentidos que o autor produz sobre suas imagens guardadas, graças aos longos períodos de conversas,

vários encontros ao redor de sua mesa, alguns cafés, e muitas correspondências, conhecemos a cada vez, um pouco mais da trajetória do personagem para tentar decifrar mistérios ocultos nas constelações invisíveis de sentidos que circundam cada imagem vista como uma cintilante estrela.

A fotografia é uma forma de comunicação (um modo de contar algo visível), uma forma de registro, uma forma de olhar o mundo, uma forma de lembrar, uma forma de criar imagens. Fotografar é uma forma de estar no mundo. Uma forma de deformar formas. A fotografia opera, para Armínio Kaiser em sua relação com o meio ambiente, uma forma de aprendizado e registro dos meios de produção da cafeicultura. A fotografia é também um método científico, um modo de conhecer o ambiente.

Em sua postura diante de nossos encontros, Armínio costumava ser bem racional, algo que pode ser associado à sua biografia, à área de formação científica. Visto seu preciosismo metódico. Por outro lado, era extremamente sensível no saborear de suas imagens. O reenquadramento que marca vários de seus copiões demonstram acurada estética do olhar. E observando as folhas de contato (re)montadas, vemos que não fotografava repetidas vezes o mesmo objeto. Contudo, a posteriori, (re)compunha a foto traçando novos quadros para outros cortes no momento da ampliação. Não raro, a foto originalmente quadrada (6x6cm) se transformava na tela retangular de proporção 4x3.

Fundamental para a reflexão epistemológica no mergulho por uma história do ambiente, contada por imagens, nas lentes de Armínio Kaiser, é pensar a cafeicultura não somente enquanto um processo econômico de uma estrutura que se impõe esmagadoramente sobre o ambiente e sobre as próprias pessoas, elementos desse mesmo ambiente. Existem nesse processo as formas das pessoas se estabelecerem e criarem cotidianos.

O ponto de conclusão é justamente a intersecção do debate sobre potencialidades e limites de se perceber o ambiente por fotografias e oralidade. Recursos e maneiras de se conhecer o ambiente, de se representar o ambiente e de se (re)conhecer no ambiente. O campo de trabalho com imagens e fotografias na pesquisa histórica (como em todas as ciências que utilizam a fotografia como fonte de dados, tanto quanto como ferramenta de pesquisa) é especial quando pensamos o quão significativo são as imagens históricas de ambientes transformados por ações antrópicas ou por desastres.

A cooperação entre técnicas de pesquisa em fotografia e história oral que se ensaiou na experiência do presente trabalho, representou, portanto, uma combinação de dados, informações, interpretações de

fontes documentais (todas com seus limites e potencialidades aos quais as pesquisas continuam sempre a reelaborar). Representou, ainda, caminhos possíveis para a percepção. Com o acionamento dos recursos imagéticos, busquei contribuir metodologicamente por um pensamento sobre o fazer histórico que considere as possibilidades de uma epistemologia das percepções e do sensível como caminho de investigação e pesquisa em ciências humanas. E como potência para ir além dos limites, que essa tese possa servir como inspiração metodológica e estratégia de atuação para amplificar a sensibilização na prática historiográfica, tanto quanto das sensibilidades para a questão ambiental.

Para compor uma reflexão a respeito dos tempos da visualidade e da materialidade das imagens que Armínio Kaiser realizou, correlacionaram-se elementos das narrativas que expressam a tecnologia de cada época, as câmeras utilizadas e modos de operar, a atividade “alquímica” do laboratório, os estudos fotográficos testemunhados em alguns conjuntos, os circuitos de sociabilidade, pistas da participação em mostras de fotografia e Foto Clube. A investigação intuiu compreender um pouco da construção do olhar e observar como o fotógrafo narrou sua “forma de estar no mundo” a partir da fotografia.

Sobre a fotografia como narrativa visual, de como se conta e escreve uma história por imagens, uma referência foram as pesquisas contemporâneas reunidas em *Como pensam as imagens* (SAMAIN, 2012). Discute-se a potencialidade da fotografia para despertar lembranças e reflexões sobre passado, presente e futuro em qualquer pessoa, independente de estar vinculada ou não com o contexto de produção da imagem. Nesse sentido, são caros os debates teóricos e metodológicos em torno de história, fotografia e memória.

A câmera de Armínio Kaiser, pode-se dizer, operava como um recurso de olhar para a própria realidade vivida, uma forma de se colocar no mundo, escolher pontos de vista e recortes para registrar o que vê. Sempre presente nos afazeres profissionais cotidianos, a prática da fotografia revelou ainda um sinal de liberdade para o funcionário público que bancava com recursos próprios o aparato material (vale atentar para o alto custo de manutenção de equipamentos analógicos, aquisição e processamento de filmes fotográficos na época retratada). Liberdade, às margens de um rio, para fotografar mulheres lavando roupas, em outra margem, registrar encontros com procissão que pede chuva, pontes e balsas no caminho percorrido. Algo mais, liberdade para experimentar um olhar documental, social, antropológico como escreve o próprio Armínio, possivelmente inspirado por um circuito visual da década de 1950, dos anos sessenta e setenta, que passa por cinema neorrealista, fotografias de

Cartier-Bresson, Dorothea Lange, Pierre Verger, Jean Manzon, Thomas Farkas e vários outros.

Alguém que já experimentou fotografar e sentiu prazer no ato fotográfico há de compreender a fundo outra figura presente nas narrativas autobiográficas de Armínio Kaiser: a magia da fotografia, muito próxima da aventura, especialmente no caso da fotografia analógica. Aventurar-se no ato de clicar o visível é torná-lo instantaneamente mistério, à espera do momento da revelação. Quando se pode dispor de recursos financeiros para oferecer suporte técnico e material, a tendência a fotografar por vezes pode chegar a ser obsessiva, compulsiva, no mínimo inspiradora. Nesse sentido, o gosto por guardar as imagens para poder rever e exibir, em deleite próprio, íntimo ou compartilhado aproximaram o fotógrafo do colecionador.

Para refletir sobre sentidos da prática fotográfica de Armínio Kaiser creio importante observar que fotografar envolve uma série de operações cujos esforços são destinados a ver uma imagem, não qualquer imagem, mas a melhor delas. Vale o diálogo com Philippe Dubois (1993), dedicado a pensar o ato fotográfico não somente como o clique, instante de corte do espaço e do tempo para instaurar o espaço-tempo da própria imagem. O ato fotográfico combina o ato de clicar com o ato de revelar, ou seja, passar a imagem de latência a materialidade, e com o ato de ver, transportar a imagem do papel para a consciência, para a imaginação e para a memória. Fotografar se converte, portanto, em ver-clicar-revelar-ver-guardar-ver-rever.

Questiono então, quem e quantos de nós, testemunhando tamanha façanha de transformar em imagem perene, materializada em nuances de luz e sombra aquilo que os olhos viram e a memória registrou, seria um praticante da fotografia sem se preocupar em guardar e colecionar? A prática social da fotografia tem íntima relação com a prática do arquivamento. O que não se pode generalizar, contudo é o modo como se guarda. Daí a singularidade do arquivo de Armínio Kaiser como expressão biográfica do autor. O cuidado de Armínio Kaiser com seus originais é um modelo exemplar de cuidado para fotógrafos e guardiões.

Há que se tecer, ainda, as considerações sobre a metodologia de trabalho com arquivos pessoais: o pesquisador deve estar sempre atento às caixinhas no fundo dos armários. Deve-se também estar presente com os ouvidos e corações atentos ao que as pessoas contam. Não se deve ter pressa nem preguiça, é preciso gostar de ver e rever fotografias e objetos. O fotógrafo conta sobre a biografia da foto, bem como a biografia do fotógrafo conta sobre os fatos da foto. A fotografia opera como motor da memória e da narrativa. As fotografias esperam por todos os olhares e os

olhares sensibilizam as escritas sobre as fotos. O ato fotográfico, a história falada e o pensamento das imagens são três poéticas da vida grafada pela fotografia.

O conjunto de fotografias, cartas, entrevistas e demais documentos com que trabalhei compõem um objeto de estudo com múltiplas possibilidades ainda em aberto. Os esforços em que participei para organizar esse conjunto documental e disponibilizá-lo para acesso público tem o intuito de potencializar novos estudos sobre o vastíssimo e riquíssimo material produzido por Armínio Kaiser.

As possibilidades de pesquisa e difusão do acervo de Armínio Kaiser seguem em aberto. Novos recortes temáticos dentro do conjunto podem gerar novas exposições, pesquisas acadêmicas, obras literárias, publicações. O trabalho realizado na pesquisa para esta tese possibilitou que pela primeira vez viesse a público a “totalidade” do acervo, o que gerou maior espaço de difusão. A tese também deu acesso a entrevistas e manuscritos não publicados antes, o que gera espaço a novos olhares.

Outras possibilidades de pesquisa poderiam ser originadas de uma organização e disponibilização do acervo através de um mapa onde as fotografias aparecessem disponibilizadas por localidades, e assim se teria um acesso às imagens apresentando um mapeamento geográfico da produção de Armínio Kaiser.

A meu ver, as fotos do acervo de Armínio Kaiser ainda não tiveram o reconhecimento devido que merecem, na medida em que constituem um dos mais ricos acervos de imagens sobre a cafeicultura brasileira do século XX. E foram produzidas não por um fotógrafo profissional itinerante, de quem eram encomendadas as fotografias, mas por um engenheiro agrônomo, funcionário do estado, apaixonado e profundo conhecedor da arte fotográfica, que fotografava por intenção própria.

A obra e o pensamento de Armínio Kaiser, certamente ainda carecem de novos estudos que o situem devidamente na contribuição para o estudo da história do café no Brasil. O presente trabalho, portanto, deixa em aberto a ampliação dos circuitos e do acesso ao acervo de fotografias produzidas pelo fotógrafo e de relatos a elas associados.

Com o falecimento de Armínio Kaiser, a família doou seu conjunto de fotografias sobre a cafeicultura e agricultura ao acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss. A passagem do arquivo do âmbito pessoal para o público leva à reflexão do quanto o acesso público às fotografias irá se modificar. Pode-se pensar que estando na instituição pública o acesso é favorecido, mas deve-se lembrar também que estando nas mãos de seu ente produtor e guardião, Armínio Kaiser, quando ele era vivo, facilitava o acesso e era prática corrente adotada por ele receber

pesquisadores e oferecer acesso à reprodução de suas fotografias. Assim ocorria a circulação pública do arquivo enquanto seu guardião e produtor era considerado uma figura pública.

Dentre as questões que permanecem em aberto com a conclusão da tese, vale pensar sobre alguns temas. O primeiro deles é que não foi abordado na pesquisa o período após 1970, pois Armínio parou de fotografar a cafeicultura e agricultura em campo, por conta de sua transferência, dentro do IBC, para a pesquisa em laboratório. Mas há vestígios de que sua produção fotográfica continuou, porém com outros objetos em foco tais como a família e os registros de viagem. Deduzo isto da sua participação no Foto Clube de Londrina, do qual foi sócio-fundador em 1971. Agora, até quando sua produção fotográfica continuou não posso dizer, mas tenho pistas em seus relatos de que não sobreviveu à transição tecnológica para a fotografia digital. Se bem que Kaiser possuísse uma câmera compacta digital estilo *cyber shot*, ele costumava dizer e chegou a escrever no texto “A fotografia” (publicado no livro *Ao Sabor do Café*), que o que se fazia hoje em dia não era fotografia e sim “computação gráfica”, “desprovida de élan”.

As fotografias que Armínio Kaiser enviou para concursos fotográficos e exposições do Foto Clube representam apenas um, dos muitos caminhos de pesquisa possíveis sobre o restante do acervo de Kaiser que não foi aqui trabalhado. São inúmeras as possibilidades de novas publicações, pesquisas, estudos e difusão de outras imagens produzidas por Armínio Kaiser para além das fotografias da cafeicultura e agricultura que formaram o maior foco de concentração do presente trabalho.

Outra questão que permanece em aberto e se desdobra da pesquisa é a investigação da figura de Armínio Kaiser como intelectual a partir do levantamento das obras presentes em sua biblioteca e em seu acervo de filmes, revistas e jornais. As suas referências a leituras de Josué de Castro, Monteiro Lobato, Saulo Ramos e muitos outros foram pistas cujas trilhas não segui neste trabalho.

Futuras pesquisas de História Oral com as fotografias de Armínio Kaiser com outros depoentes, que não o próprio fotógrafo, de diferentes grupos sociais e geracionais, poderão situar melhor a presença e a importância da cultura do café e da cafeicultura na memória coletiva. Talvez assim se descubra que, muito além das relações econômicas, o café foi o centro de relações afetivas, de vivências familiares, de experiências de convívio coletivo e núcleo de práticas culturais – dos cantos das colhedoiras de café aos bailes que aconteciam nos terreiros de secagem dos grãos. O café perpassa a história e o cotidiano da população

brasileira e, sem dúvida, ainda há muito a ser pesquisado sobre os personagens e cenários que tiveram suas trajetórias conduzidas ao sabor do café...

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. As dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. In: _____. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007. P.229-234.

ALCÂNTARA, Araquém. Depoimento. **EU MAIOR**. Direção de Fernando Schultz e Paulo Schultz. Brasil: Dobem, 2013. Documentário, 90 min, DVD, color.

ALVES, Maria Bernardete Martins; BEM, Roberta Moraes de; GARCIA, Thais. **Mini curso formatação trabalho acadêmico (novo formato)**. Florianópolis, 2010. 35 slides, color. Acompanha texto. Disponível em: < <http://www.bu.ufsc.br/design/ModuloIVnovoformato.pdf> >. Acesso em: dd mmm. aaaa.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ANHEIM, Ettiënne; PONCET, Olivier. Fabrique des Archives, Fabrique de l'Histoire. **Revue de Synthèse**, Paris, 5ª série, 2004, p. 1-14.

ANHEIM, Ettiënne. Singulières Archives. Le statut dès archives dans l'épistémologie historique. Une discussion de La Mémoire, L'Histoire, L'Oubli de Paul Ricoeur. **Revue de Synthèse**, Paris, 5ª série, 2004, p. 153-182.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EDUFF, 2008, p. 89-123.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. São Paulo: EDUSC, 2000.

ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da universidade: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v.18, n.1, 2013, p.240-260.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador. In: _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 227-235. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: _____. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 239-240. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências”: SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BUSSELLE, Michael. **Tudo sobre Fotografia**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1979.

CAFÉ PASSADO AGORA. Direção de Daniel Choma e Tati Costa. Brasil: Câmara Clara, 2008. Documentário, 13 min, LivroDVD, color

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense-1900/1970**. Curitiba: GRAFIPAR, 1981.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. O uso do solo na década de 1960 no norte do Paraná e a política cafeeira. **Geografia**, Londrina, v.8, n.2, jul./dez. 1999, p.135-141.

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 56-107.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 3. ed. Petropolis: Vozes, 2000.

CESARIO, Ana Cleide Chiarotti; ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de; ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. A Marcha da Produção no Norte do Paraná, In: Congresso Brasileiro de Sociologia, XII, 2005, Belo Horizonte, MG, *Anais...*, Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Sociologia, 2005, p.2-14.

CHAUVEAU, Agnés; TÉTARD, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

CHOMA, Daniel; VIEIRA, Edson Luiz da Silva; COSTA, Tati (Org.). **Ao sabor do café**. Fotografias de Armínio Kaiser. 1. ed. Londrina: Camara Clara, 2008.

CHOMA, Daniel. **Café passado agora**: narrativas em torno de fotografias de Armínio Kaiser, produzidas entre 1957 e 1970, sobre a cafeicultura no norte do Paraná. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

CHOMA, Daniel; COSTA, Tati Lourenço da. Produção audiovisual e história oral – Notas sobre a cafeicultura nas imagens de Armínio Kaiser. *História Oral*, v. 1, n. 15, jan.-jun. 2012, p. 231-245.

CHOMA, Daniel ; COSTA, Tati (Org.). **Ao aroma do café**. Fotografias de Armínio Kaiser. 1. ed. Atibaia, SP: Camara Clara, 2013.

CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. **Revista IPHAN**, Rio de Janeiro, n. 23, 1994, p.69-89.

COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan M. Arquivos, documentos, poder. A construção da memória moderna. **Registro**, Indaiatuba, v. 3, n. 3, jul. 2004, p. 15-30.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COSTA, Helouise. Surpresas da objetiva: novos modos de ver nas revistas ilustradas modernas. In: SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012. p.153-174.

COSTA, Tati Lourenço da. Três atos para escrever sobre a vida. O arquivo de fotografias de Armínio Kaiser. **Patrimônio e Memória**, v.9, n.2, jul./dez. 2013, p.257-282.

COUTINHO, Eduardo. O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. **Projeto História**. São Paulo, n.15, abril 1997, p. 165-191.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 1993

FABRIS, Annateresa. Uma sensação estranha que faz pensar. In: SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012. p. 175-190.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta. O Estatuto do Trabalhador Rural e o Funrural: Ideologia e realidade. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, UNESP, v.1, 1976, p.188-202.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **João Goulart**: entre a memória e a história (2006). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 59-88.

GEADA NEGRA. Direção de Adriano Justino. Brasil: Kosmos Noetos, 2010. Documentário, 52 min, DVD, color.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: ____ **Antropologia dos Objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN: Garamond, 2007, p.43-62.

GRÃOS DE OURO EM SAIS DE PRATA. Direção de Daniel Choma e Tati Costa. Brasil: Câmara Clara, 2008. Documentário, 52 min, LivroDVD, color.

HOBBS, Catherine. The Character of Personal Archives: reflections on the value of records of individuals. **Archivaria**, Ottawa, n. 52, 2001, p.126-134.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment:** essays on livelihood, dwelling and skill. London, New York: Routledge, 2000.

JANELA DA ALMA. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Europa Filmes, 2002. Documentário, 73 min, DVD, color.

KAPLAN, Elisabeth. ‘Many Paths to Partial Truths’: Archives, Anthropology, and the Power of Representation. **Archival Science** 2, 2002, p. 209–220.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In:

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2 ed. rev., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LAMBERT, Emmanuelle. Alain Robbe-Griller et ses archives. **Sociétés et Représentations**, Paris, n. 19, abr. 2005, p. 197-210.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1990.

LOBATO, Monteiro. **Cidades mortas.** São Paulo: Brasiliense, 1951.

MARESCA, Sylvain. O silêncio das imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

MARTINS, Ana Luiza. **História do café.** São Paulo: Contexto, 2009.

MARTINS, Jose de Souza. **O cativo da terra.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **Revista ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n.16, jan./jun. 2008, p.33-50.

MAUAD, Ana Maria. Fotografias/memórias, um plural singular. In: CHOMA, Daniel; COSTA, Tati; VIEIRA, Edson. **Revelações da História**: o acervo do Foto Estrela, 2 ed., Londrina: Câmara Clara, 2012.

MENESES, Ulpiano T. B. de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p.65-82

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23, n.45, 2003, p.11-36.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Gerardo Dantas Barretto. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1969.

NEDEL, Leticia B. Da sala de jantar à sala de consultas: o Arquivo Pessoal de Getúlio

Vargas nos combates da história política recente. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. (Org.) **Arquivos pessoais**: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV: Faperj, 2013, p. 131-163.

NUNES, José Luiz Alves. **1963 - O paraná em chams**. Londrina: Ed. do autor, 2013.

OMAR, Arthur. **O zen e a arte gloriosa da fotografia**. Entrevistas, anotações, diálogos e sentenças sobre a natureza da Fotografia. São Paulo: Cosac & Naify, [2000].

PAIXÃO, Letícia Aparecida da. “Seca, geada e fogo”: consideraes sobre um desastre ambiental (Paraná, 1963). Dissertao (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

PANAGIDES, Stahis. Erradicao do café e diversificao da agricultura brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.23, n.1, jan./mar. 1969, p.41-71.

POZZOBON, Irineu. **A epopéia do café no Paraná**. Londrina: Grafmarke, 2006.

PRIORI, Ângelo. **O protesto do trabalho**: histórias das lutas sociais dos trabalhadores rurais do Paraná: 1954-1964. Maringá: EDUEM, 1996.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007

ROSENTHAL, Gabriele. A estrutura e a *Gestalt* das autobiografias e suas consequências metodológicas. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 193-200.

SAMAIN, Etienne (org.) **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem “sem importância”. **Ilha**. Florianópolis, v.5, n.1, julho, 2003, p.47-64.

SANTOS, Antonio Ferreira; NEUMAIER, Norman; MARTINS, Rafael Garcia. **Cliques e escritos**: foto clube de Londrina 40 anos. Londrina: Midiograf, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias e regimes de historicidade. **Métis: história e cultura**. V.2, n.3, jan/jun 2003, p.57-72.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **Revista História**, São Paulo. V.33, n.1, jan/jun 2014, p.124-144.

STEDILE, João Pedro (org.). A questão agrária no Brasil: Programas de reforma agrária 1946-2003, São Paulo: Expressão Popular, 2005.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: história e fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

VILAR, Sergio. **La nueva racionalidade**: compreender la complejidad com métodos transdisciplinarios. Barcelona: Editorial Kairós, 1997.

WILLIAMS, Raymond. Vistas agradáveis. In: _____. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p.167-178.

FONTES

KAISER, Armínio. **Fotografias** (1951-1970).

KAISER, Armínio. **Manuscritos** (2007-2012).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 25 de abril de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Vieira e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 24 de maio de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 03 de outubro de 2007, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Revelações da História: o acervo de Armínio Kaiser* (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 02 de março de 2009, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma e Tati Costa para o projeto *Grãos de Ouro em Sais de Prata: memórias do café* (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 26 de fevereiro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Tati Costa e Edson Vieira para o projeto *Grãos em movimento* (áudio).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 01 de outubro de 2012, em Londrina-PR, concedida a Daniel Choma, Edson Luiz da Silva Vieira e Tati Costa para o projeto *Grãos em movimento* (vídeo).

KAISER, Armínio. Entrevista com Armínio Kaiser, dia 09 de maio de 2013, em Londrina-PR, concedida a Tati Costa para o projeto de pesquisa acadêmica/PPGHIS/Doutorado/UFSC (áudio).

APÊNDICE A
QUADRO DE LOCALIDADES DATAS E FAZENDAS
FOTOGRAFADAS POR KAISER

Cafeicultura (e outras culturas agrícolas, em menor escala)

Local	UF	Fazendas	Datas	Qtde
		BAHIA		
Não especificado	BA	N/E	Sem Data	04
Não especificado	BA	Café do Filinto	05/1959	01
Estrada Rio-Bahia	BA	Rio Paraguassu	12/09/1954 13/12/1956	01 01
Estrada Rio-Bahia	BA	Zona da Caatinga próximo a Brejões	S/D	01
Arredores	BA	Faz.Lagoa Nova (A 2km da Rio-Bahia, no km80)	S/D	05
Arredores	BA	Entre Ubaíra e Santa Ines	15/09/1954	03
Salvador	BA	Rebenefício Brandao Filho	19/09/1954	06
Salvador	BA	Valdemar Falcão	12/12/1955	02
Salvador	BA	Escritorio IBC e Bolsa de Mercadorias	07/12/1956	03
Brejões	BA	Fazenda Lagoa do Morro / Cia Agricola Pastoril e Industrial Bendegó / Correia Ribeiro & Cia	12/09/1954 14/12/1956	05 07
Brejões	BA	Fazenda Gavião	12/09/1954	03
Brejões	BA	Fazenda Pau de Cedro	12/09/1954	01
Brejões	BA	Fazenda Morro Bonito	14/09/1954	08
Feira de Santana	BA	Usina de Beneficiamento Fernando Simoes Barros	13/12/1956	06
Santa Ines	BA	Faz. Palestina = <i>proprietário Riacho Fundo Mario da Silva Cravo</i>	14/09/1954	06
Santa Ines	BA	Faz. Riacho Fundo = <i>propr. Palestina Mario Cravo</i>	14/09/1954	03

Santa Ines	BA	Faz. Esperança = <i>proprietário Salgado Walter Souza</i>	14/09/1954	06
Santa Ines	BA	Faz. Salgado = <i>proprietário Esperança Walter Souza</i>	14/09/1954	03
Santa Ines	BA	<i>Walter Souza</i>	13/09/1954	01
Santa Ines	BA	Arredores	14/09/1954	02
Ubaíra	BA	Faz. Arenópolis	14/09/1954	16
	BA			114
		SANTA CATARINA		
Não especificado	SC	N/E	S/D	02
Arredores	SC	Faz. Sr. Schmaltz, entre Blumenau e Encano	11/12/1953	05
Ilha de Santa Catarina	SC	Café da Ilha	S/D	01
Ilha de Santa Catarina	SC	N/E	09/11/1953	01
Ilha de Santa Catarina	SC	Fazenda/Colônia do Sr. Vieira	09/11/1953	05
Ilha de Santa Catarina	SC	Fazenda do Sr. Acari Silva	09/11/1953	03
Ilha de Santa Catarina	SC	Fazenda do Sr. Oscar Silva	09/11/1953	01
Ilha de Santa Catarina	SC	Colônia do Sr. Euclides Timóteo da Silva	10/11/1953	01
Ilha de Santa Catarina	SC	Região de Santo Antonio de Lisboa	10/11/1953	02
Ilha de Santa Catarina	SC	Caminho da Lagoa da Conceição	15/11/1953	03
Ilha de Santa Catarina	SC	Penitenciária Agrícola de Canasvieiras	18/11/1953	01
Ilha de Santa Catarina	SC	Região de Cachoeira do Bom Jesus	10/12/1953	01
Ibirama	SC	N/E	11/12/1953	03
Jaraguá do Sul	SC	N/E	09/12/1953 10/12/1953 16/12/1953 29/12/1953 01/1954	04 02 05 02 02
Pomerode (Testo Rega)	SC	Entre Blumenau e Jaraguá do Sul	27/11/1953 01/1954	02 01

Blumenau	SC	Escola Agrícola Prática Itupava Seca	18/01/1954 02/1954 08/04/1954	03 01 04
	SC			55
		MINAS GERAIS		
Belo Horizonte	MG	N/E	S/D	02
Santo Antonio do Amparo	MG	Faz. Da Lagoa	10/11/1955 11/11/1955 12/11/1955	04 22 16
	MG			44
		SÃO PAULO		
Não Especificado	SP	N/E	S/D	07
Não Especificado	SP	N/E	06/1954 07/1954	03 03
Americana	SP	Sítio Carioba	09/10/1954	02
Araraquara	SP	Fazenda Periquitos	10/11/1956	20
Araras	SP	Horto Florestal da Companhia Paulista	29/01/1955	14
Araras	SP	Fazenda Araras (Condominio)	29/01/1955	02
Araras	SP	Fazenda Retiro	29/01/1955	03
Araras	SP	Fazenda Bela Vista	29/01/1955	02
Araras	SP	Fazenda Santa Cruz	18/09/1962	01
Araras	SP	Fazenda Santa Clementina	29/01/1955	01
Araras	SP	Palmeiras	29/01/1955	01
Araras	SP	Arredores	29/01/1955	01
Bragança Paulista	SP	Fazenda Nossa Senhora da Conceição	06/1954 07/1954	07 03
Botucatu	SP	Fazenda Lageado	07/1954 16/06/1956 17/06/1956 19/06/1956 20/06/1956 22/06/1956 23/06/1956 24/06/1956 26/06/1956	03 08 16 01 11 02 03 03 01

			06/1956 07/1956	01 02
Botucatu	SP	Granja São Luis	22/06/1956 23/06/1956	02 02
Botucatu	SP	Fazenda do Agronomo Regional de Botucatu (Eng.Agr. Francisco Martins Filho)	05/1954	03
Campinas	SP	Fazenda Santa Eliza Estação Experimental Instituto Agronomico de Campinas (I.A.C.)	08/1953 09/1953 10/1953 05/1954 06/1954 07/1954 03/12/1954 31/12/1954 20/03/1956	07 09 02 11 06 01 05 01 11
Campinas	SP	Instituto Agronomico de Campinas	08/1953	01
Campinas	SP	Instituto Agronomico de Campinas	S/D	01
Campinas	SP	Fazenda Sete Quedas	05/1954 06/1954	04 01
Campinas	SP	Fazenda/Granja São Martinho	05/1954 07/12/1954	01 10
Campinas	SP	Fazenda Monte Deste	05/1954 06/1954	01 01
Campinas	SP	Fazenda Mato Dentro / Instituto Biologico de Campinas	06/1954	02
Campinas	SP	Arredores	1954	01
Catanduva	SP	Fazenda Santa Brigida	07/1954	04
Ipaussu	SP	Fazenda Palmeiras Estação Luiz Pinto (Estrada de Ferro Sorocabana)	06/1954 07/1954	01 24
Itatiba	SP	Fazenda/Granja Paraiso	08/1953 18/03/1956	06 40
Itatinga	SP	São Pedro do Paraiso	20/06/1955	12
Jaú	SP	Estação Experimental	05/1954 06/1954	06 02
Limeira	SP	Chacara Stein / Usina Açucareira Tabajara	18/09/1962	01

Matão	SP	Fazenda Cambuhy (Fazenda dos Ingleses)	06/1954 07/1954	03 03
Monte Alegre do Sul	SP	Estação Experimental	05/1954	10
Pindorama	SP	Estação Experimental	06/1954 07/1954	01 08
Piracicaba	SP	ESALQ/USP	07/1954	05
São Paulo	SP	Armazém Ipiranga – IBC	19/07/1955	18
Rio Paranapanema	PR/ SP	Ponte Alves Lima Cidades próximas Chavantes/SP e Ribeirão Claro/PR	S/D 18/10/1969	01 09
(Arapongas)	(PR)	<i>Reprodução de mapa sobre cultura do café em São Paulo.</i>	04/08/1963	01
(Arapongas/Aricandu va)	(PR)	<i>Catalogadas errado como CAFSP341 e CAFSP342</i>	1969	02
	SP			352
		PARANÁ		
(Campinas)	(SP)	<i>Fazenda Sete Quedas Catalogado errado como CAFPR_300</i>	06/1954	01
(Araras)	(SP)	<i>Fazenda Santa Clementin catalogado errado como PRO.A.021</i>	24/01/1955	01
(Botucatu)	(SP)	<i>Fazenda Lageado catalogado errado como COL.B.040 PRO.a.010 e ERO038</i>	17/06/1955 21/06/1955 22/06/1955	01 01 01
(Limeira)	(SP)	<i>Chacara Stein atalgado errado como FRI006</i>	18/09/1962	01
(São Paulo)	(SP)	<i>IBC Praça Ramos de Azevedo catalogado errado como Paraná – GEA033 a GEA038</i>	03/08/1955	06
(Brejões)	(BA)	<i>Fazenda Gavião PLA.a.018</i>	12/09/1954	01
Não Especificado	(PR)	<i>N/E Data provavelmente outro estado</i>	07/1954	02

Não Especificado	PR	N/E	S/D	52
Não Especificado	PR	N/E	07/1957 11/1957 10/03/1960 09/01/1961 08/05/1962 24/10/1962 30/07/1963 17/10/1963 12/1966 26/12/1966 13/07/1969 03/02/1970	02 01 01 01 01 01 01 03 08 02 01 01
Não Especificado	PR	Reprodução de fotos publicadas em livros ou aéreas IBC	S/D 18/03/1969	08 03
Apucarana	PR	Campo de Cooperação IBC Fazenda Ubatuba	18/03/1957 08/06/1964	03 02
Rio Ivaí	PR	Entre Mirador e Jurema (Paranavaí)	28/05/1956	01
Rio Paranapanema	PR	Próximo Porto Euclides da Cunha	26/09/1957	03
Rio Paranapanema	PR	Porto Alvim	07/07/1959	03
Rio Paranapanema	PR	Balsa do Porto Capim	22/09/1968	03
Rio Paranapanema	PR	Porto Alvorada (Rio) Porto Alvorada (Cidade)	14/10/1968 14/10/1968	12 04
Rio Pirapó (Balsa)	PR	Balsa, entre Valência e Atalaia	30/07/1963	01
Rio Pirapó (Ponte)	PR	Ponte particular ligando Colorado a Paranacity	14/07/1964	02
Porto São José	PR	Rio Paraná	24/10/1958	02
Porto São José	PR	Paranavaí, caminho para Rio Paraná	03/09/1959	01
Arredores (Estrada)	PR	Astorga a Içara	13/07/1969	02
Arredores	PR	Entre Alto Alegre e Colorado	19/05/1967	01
Arredores	PR	Entre Mirador e Paranavaí	28/06/1958	06
Arredores	PR	Entre Guairaça e Terra Rica (Paranavaí)	26/10/1959 14/01/1960	06 06
Arredores	PR	Fazenda D. Renee, entre Guairaça e Terra Rica	26/10/1959	02

Arredores	PR	Entre Londrina e Cambé	27/02/1967	02 07
Arredores	PR	Entre Rolândia e Cambé	23/05/1967	01 04
Arredores	PR	Entre Arapongas e Rolândia	26/02/1967	01
Arredores	PR	Ricasa - Entre Rolândia e Cambé	15/01/1968	01
Arredores	PR	Entre Mandaguaçu e Maringá	20/10/1957	02
Arredores	PR	Entre Londrina e Maringá	S/D	03
Arredores	PR	Entre Paranavaí e Maringá	07/1957	02
Arredores	PR	Entre Paranavaí e Maringá, perto de Nova Esperança	28/10/1957 29/10/1959	01 01
Arredores	PR	Entre Atalaia e Nova Esperança	30/07/1963	05
Arredores	PR	Bandeirantes a Santa Mariana	S/D 26/12/1966	02 01
Arredores	PR	Munhoz de Melo a Santa Fé	13/07/1969	07
Arredores/Ponte	PR	Ponte sobre o Ribeirão Fernao Dias, estrada que liga de Astorga (distrito Santa Zélia) a Munhoz de Melo.	06/09/1963	02
Arredores	PR	Fazenda Itambaracá Divisa entre Munhoz de Melo e Santa Fé	05/09/1963 13/07/1969	01 07
Arredores/Estrada	PR	Saída de Arapongas para Sabáudia	S/D	01
Arredores/Estrada	PR	Astorga a Sabáudia	14/03/1963 23/06/1967	01 04
Arredores/Estrada	PR	Astorga a Iguaraçu	1967	01
Arredores	PR	Fazenda Xingu, entre Astorga e Sabáudia	23/06/1967	06
Arredores	PR	Entre Mirassolva e Jaguapitã	23/05/1967	03
Arredores/Estrada	PR	Entre Guairaça e Paranavaí (ou Nova Londrina)	10/1958 18/03/1960	02 07

Arredores	PR	Entre Nova Londrina e Marilena	22/09/1958 10/1958	01 02
Arredores	PR	Entre Mandaguari e Marialva	22/05/1967	02
Arredores	PR	Entre Valência e o Rio Pirapó	30/07/1963	03
Arredores	PR	Entre Marumbi e Kaloré	14/03/1968	01
Arredores/Estrada	PR	Entre Apucarana e Araongas	07/1957	01
Arredores	PR	Entre Apucarana e Pirapó	15/06/1967	01
Arredores	PR	Entre Aquidaban e Itambé	15/06/1967	01
Arredores	PR	Entre Itambé e Porto Figueira	15/06/1967	02
Arredores	PR	Entre Maíra e Ortigueira (Barreiro e Bairro dos França)	15/05/1969	07
Arredores	PR	Entre Andirá a Cambará	26/12/1966	03
Arredores	PR	Entre Andirá a Santa Mariana	26/12/1966	01
Estrada do Café	PR	Entre Ortigueira e Rio Tibagi (próximo ao Rio)	15/05/1969	01
Arredores/Estrada	PR	Entre Jandaia do Sul e Marumbi	09/03/1967 09/03/1968	01 03
Arredores/Estrada	PR	De Alto Paraná a Nova Esperança	25/08/1958 15/10/1958 12/1958 S/D	01 02 02 02
Estrada Inglesa	PR	De Nova Esperança a Cruzeiro do Sul	30/09/1958 10/1958	11 03
Estrada de Santa Isabel	PR	Fazenda Belo Horizonte a 20 km de Paranavaí	23/07/1957	05
Apucarana	PR	N/E	07/1957 12/1966	01 01
Alto Alegre	PR	N/E	13/12/1967 21/11/1963	05 04
Alto Paraná	PR	Posto de Revenda de Sementes IBC Auxílio Incendio	21/11/1963	07
Alto Paraná	PR	Fazenda Alcília	S/D 28/09/1958 12/1958 26/06/1959	04 04 05 05

			27/07/1959	01
			05/08/1959	03
			10/08/1959	03
			11/1959	01
			21/01/1960	01
			22/01/1960	03
			29/01/1960	02
			09/02/1960	08
			10/02/1960	13
			02/03/1960	03
			09/05/1960	01
			17/11/1961	06
			08/05/1962	05
Alto Paraná	PR	Fazenda Reunidas, Estrada Água do Cedro	11/11/1963	04
Alto Paraná	PR	Estrada Água do Cedro	13/11/1963	02
			21/11/1963	02
Alto Paraná	PR	Estrada dos 100 Alqueires (Familia Desomondes) Sitio de Joaquim Machado Moraes	08/11/1963	11
			20/11/1963	04
Alto Paraná	PR	Estrada Mandaçaia	08/11/1963	01
Alto Paraná	PR	N/E	07/1957	01
Arapongas	PR	N/E	S/D	01
			07/08/1963	01
		estrada	29/05/1967	01
Arapongas	PR	Propriedade de Alberto e Demerval Fornazieri	24/09/1969	12
Arapongas	PR	Propriedade de Alberto e Benervaldo Canavieri	23/09/1969	12
Arapongas	PR	Distrito Aricanduva, estrada Apucarana- Arapongas	22/09/1969	10
Arapongas	PR	Fazenda Nossa Senhora Aparecida	S/D	02
			04/11/1969	06
			10/11/1969	02
			18/11/1969	06
			08/12/1969	04
			16/12/1969	01
			03/02/1970	06
			07/02/1970	05
			11/02/1970	10
			12/02/1970	02

			17/02/1970 19/02/1970 20/02/1970 25/02/1970	17 08 07 06
Arapongas	PR	Fazenda Nossa Senhora Aparecida (Provável conjunto parecido/filme prejudicado por luz)	17(ou) 19/02/1970	13
Arapongas	PR	Fazenda Vizinha à Faz. Nossa Senhora Aparecida	30/11/1969	03
Arapongas	PR	Fazenda Santa Guilhermina	S/D 19/09/1957 07/11/1969 11/11/1969 13/11/1969 30/11/1969 16/12/1969	01 12 05 06 04 01 03
Arapongas	PR	Campinho, prop. Manoel Leba	S/D	01
Arapongas	PR	Viveiro Municipal	15/12/1969 05/02/1970 11/02/1970 21/02/1970 25/02/1970 01/04/1970	06 11 02 05 10 11
Arapongas	PR	Propriedade de Lauro Buzato	14/10/1969	01
Arapongas	PR	Propriedade de Virgilio Giroldo, estrada a São Pedro	14/10/1969	01
Arapongas	PR	Propriedade do Grabot	13/02/1969	01
Arapongas	PR	Fazenda Ingazeiro	25/07/1963 26/07/1963	03 02
Arapongas	PR	Campo de Queima	22/06/1961 24/06/1961	03 04
Arapongas	PR	IBC Sede de Agronomos	05/06/1962	06
Arapongas	PR	Armazém IBC	03/03/1967	06
Arapongas	PR	Armazém IBC n.3 Arapongas	05/03/1967	01
Arapongas	PR	Sítio Cabeceira das 3 ilhas	25/02/1970	03

Astorga	PR	Fazenda São José	19/10/1961	09
			13/04/1962	03
			24/04/1962	12
			25/04/1962	01
			26/04/1962	10
			06/06/1962	08
			12/06/1962	06
			15/06/1962	02
			20/06/1962	08
			25/06/1962	03
			06/08/1962	06
			12/08/1963	02
			27/08/1963	01
			17/09/1963	05
03/10/1963	09			
11/10/1963	04			
17/09/1963	02			
Astorga	PR	N/E	25/09/1969	02
Astorga	PR	Fazenda Santa Zulmira	12/05/1958 07/1969	09 01
Astorga	PR	Perto do distrito de Santa Zélia	21/08/1963 22/08/1963 06/09/1963 1967	03 02 01 01
Astorga	PR	estrada		
Astorga	PR	Sítio das Paineiras	23/06/1967	04
Astorga	PR	Estrada “Água do Paranaguá”, liga Astorga a Mandaguari (02)Ponte sobre rio Pirapó entre Astorga e Mandaguari	29/08/1963	06
Bela Vista do Paraíso	PR	Fazenda Horizonte (Jaime Cannet Jr)	17/06/1964	04
Bom Sucesso	PR	Fazenda Jade (de Dante Pazzanese)	12/1966	11
Bom Sucesso	PR	Fazenda Santa Helena (de Dante Pazzanese)	12/1966	49
Bom Sucesso	PR	Fazenda Santa Lucia	11/1966	01
Bom Sucesso	PR	Fazenda Boqueirão	11/1966	02
Bom Sucesso	PR	N/E	11/1966 12/1966	02 07
Cambará	PR	Arredores, saída para Jacarezinho	21/07/1963	02

Cambira	PR	N/E	12/1966	02
Cornélio Procópio	PR	N/E Estradas	05/05/1967 24/11/1969 25/11/1969 01/12/1969	01 08 03 05
Cornélio Procópio	PR	Estrada do distrito Congonhas, Cornélio Procópio	09/12/1969 10/12/1969	02 01
Cornélio Procópio	PR	Casa da Criança Soc. Procopinense de Assistência ao Menor	01/12/1969	04
Colorado	PR	N/E	14/07/1964	02
Cruzeiro do Sul	PR	Entre Mirafior e Cruzeiro do Sul	18/09/1959	02
Cruzeiro do Sul	PR	Estrada Funda, cruzamento c/ a de São João do Caiuá	06/05/1957	01
Diamante do Norte	PR	N/E	11/11/1957	01
Diamante do Norte	PR	Fazenda Regina	11/11/1957	03
Guaraci	PR	N/E	04/12/1967	04
Ibiporã	PR	N/E	30/12/1966 16/02/1967 08/05/1967	02 04 01
Ibiporã	PR	Armazém IBC	S/D 16/02/1967 17/02/1967 02/03/1967	02 11 03 03
Iguaçu	PR	Fazenda Cachoeirinha	04/01/1961	05
Iguaçu	PR	Fazenda Criciúma	20/06/1967	07
Iguaçu	PR	Fazenda Santa Helena	20/05/1957	08
Jacarezinho	PR	Fazenda Experimental Secr. de Agricultura do Estado/PR	21/03/1967	03
Jacarezinho	PR	Fazenda Santo Antonio (Luiz Gonzaga Macedo Vieira Filho)	21/07/1963	03
Jandaia do Sul	PR	N/E	12/1966	03
Jataizinho	PR	N/E	12/1966	01
Loanda	PR	Sítio Santo Antonio	30/10/1959	01
Lobato	PR	Estrada Lobato a Colorado	05/09/1963	04
Lobato	PR	Fazenda Remanso, Estrada Lobato a Colorado	05/09/1963 11/11/1963	15 04

Lobato	PR	Propriedade de Saim Said El Ammopri	26/01/1968	02
Londrina (Paiquerê)	PR	Fazenda Imbaúva, distrito de Paiquerê, Londrina	05/02/1967	22
Londrina (Paiquerê)	PR	Distrito de Paiquerê, Londrina	05/02/1967 24/02/1967	05 04
Londrina	PR	Favela da Vila Rica	26/02/1967	01
Londrina	PR	Sítio Santo Antonio, Arredores de Londrina	27/11/1967	06
Londrina	PR	Enrte distritos de Lerroville e Apucarantina	16/08/1970	01
Londrina (Guaravera)	PR	Fazenda Guaravera, distrito Guaravera de Londrina	21/02/1967 24/02/1967	27 05
Londrina (Guaravera)	PR	Distrito de Guaravera	1967	03
Londrina	PR	Fazenda Terra Boa	18/09/1957	06
Londrina	PR	Sítio Londrina	22/11/1967	03
Londrina	PR	Fazenda Monções	S/D	07
Londrina	PR	Cacique Fabrica de Café Soluvel	01/03/1967	02
Londrina	PR	Cooperativa Londrinense	16/02/1967 20/02/1967	04 03
Londrina	PR	Fazenda Santa Helena (Álvaro Godoy)	23/02/1967	05
Londrina	PR	Armazém III IBC	26/02/1967 01/03/1967	03 06
Londrina	PR	Armazém IBC	20/02/1967	02
Londrina	PR	Armazém IBC Bairro Aeroporto	16/02/1967	16
Londrina	PR	IBC SERAC Serviço Regional de Assistencia à Cafeicultura	10/04/1967	03
Londrina	PR	N/E E Estradas	1967 21/02/1967 04/04/1967 08/05/1967 24/05/1967 30/05/1967 22/11/1967 24/11/1967 10/02/1969	05 02 01 01 03 06 06 02 02

Londrina	PR	Fazenda Seara (Arredores de Londrina)	18/09/1957 14/02/1957	05 02
Mandaguari	PR	N/E Estrada	12/1966 26/05/1967	02 02
Mandaguaçu	PR	Arredores (ou) N/E	26/08/1957 01/11/1958 12/1958	03 01 07
Mandaguaçu	PR	Fazenda Adelina	06/05/1957	02
Maringá	PR	Região central	1957	03
Maringá	PR	Viveiro de Café Jose Alcindo Rittes e Samuel da Silveira	07/1957 28/10/1957	06 08
Maringá	PR	Viveiro N/E	03/1958	01
Maringá	PR	Fazenda do Campo de Aviação / Cia Melhoramentos Norte do Paraná	24/08/1958 10/05/1957	11 04
Mirassolva	PR	N/E	23/05/1967	01
Munhoz de Melo	PR	Estrada de Astorga (distrito Santa Zélia) a Santa Fé.	05/09/1963 03/10/1963	01 11
Munhoz de Melo	PR	Fazenda Fernão Dias, Distrito de Fernão Dias	25/08/1963 29/08/1963	04 02
Munhoz de Melo	PR	Estrada do distrito Fernão Dias a Santa Fé Município de Santa Fé	21/08/1963 24/08/1963 21/08/1963	02 01 01
Munhoz de Melo	PR	Sítio de Tizaburo Hirai, Distrito de Fernão Dias	25/08/1963	01
Munhoz de Melo	PR	Fazenda Felicíssima, Distrito de Fernão Dias	22/08/1963	01
Munhoz de Melo (Fernão Dias)	PR	Distrito de Fernão Dias	19/05/1967	01
Nova Esperança	PR	Fazenda S. Nicolau	S/D 29/07/1964 31/07/1964	01 09 06
Nova Esperança	PR	Fazenda Três Irmãos, estrada Inglesa	15/01/1958 30/09/1958	08 04
Nova Esperança	PR	N/E	22/09/1958 12/1958	01 03
Nova Fátima	PR	Fazenda Canadá	26/05/1964	18
Nova Londrina	PR	N/E	22/09/1958 27/09/1958 10/10/1958	06 02 01

Nova Londrina (Itauna)	PR	Itauna, distrito de Nova Londrina	27/09/1958	09
Nova Londrina	PR	Sítio São Giacomo (arredores de Nova Londrina)	12/1958 19/08/1959	04 01
Nova Londrina	PR	Fazenda Santa Rosa	22/09/1958 28/09/1958 24/10/1958 25/10/1958	14 01 06 05
Nova Londrina	PR	Perto da fazenda Santa Rosa	10/1958 11/1958	10 02
Nova Londrina	PR	Fazenda Cobrinco, Entre Guairaça e Nova Londrina	11/11/1957 10/1958 26/10/1958	03 04 04
Paranacity	PR	Sítio São Jorge	06/08/1959 27/08/1959 09/09/1959	04 02 01
Paranacity	PR	Fazenda Timburi	25/09/1958	02
Paranacity	PR	Fazenda Ipiranga / Cia Melhoramentos Norte do Paraná	06/05/1957	07
Paranavaí	PR	Arredores (ou) Não Especificados	26/08/1957 06/09/1957 24/09/1957 15/10/1957 27/10/1957 03/1958 06/1958 28/09/1958 13/10/1958 15/10/1958 28/06/1959 12/10/1959 S/D	01 04 05 07 10 03 01 01 07 01 02 02 02
Paranavaí	PR	Fazenda Santa Luiza, estrada para Tamboará	10/10/1957 11/10/1957	11 05
Paranavaí	PR	Fazenda Consuelo	06/08/1959 17/08/1959 10/09/1959	01 06 03
Paranavaí	PR	Chácara Nossa Senhora Aparecida, caminho de Tamboará	31/08/1959	01
Paranavaí	PR	Fazenda Santa Catarina	28/11/1957	03
Paranavaí	PR	Fazenda Santa Angela	07/1957	01

Paranavaí	PR	Casa onde Armínio morou com a família	06/1958	01
Paranavaí	PR	Loteamento Ibiquera	09/11/1963	01
Paranavaí (Jurema)	PR	Jurema, distrito de Paranavaí	19/08/1959	04
Paranavaí (Sumaré)	PR	Sumaré, distrito de Paranavaí	03/1958	01
Paranavaí (Graciosa)	PR	Fazenda Santa Rita, Graciosa, distrito de Paranavaí	14/10/1959	01
Rolândia	PR	N/E / estrada	30/05/1967	05
Rancho Alegre	PR	Propriedade da Família Neumann	10/05/1967	02
Sabáudia	PR	N/E	21/08/1963 01/07/1969	03 01
Sabáudia	PR	Ponte sobre o Rio Pirapó	30/08/1963	01
Sabáudia	PR	Fazenda Boa Esperança	12/08/1963 03/09/1963	01 01
Sabáudia	PR	Sítio ao lado da placa Sto Antônio	03/09/1963	01
Sabáudia	PR	Sítio de Brasilino Bussedori	10/10/1969	02
Sabáudia	PR	O “21” da Estrada de Vila Vitória	03/09/1963	04
Sabáudia	PR	Estrada de Vila Vitória a Ribeirão Lageado	07/09/1963	18
Sabáudia	PR	Estrada adiante de Vila Progresso	30/08/1963	01
Santa Fé	PR	Sítio Elika	11/10/1963	04
Santa Fé	PR	Sítio de Bruno Augusto Carlos Larvin (Lawin)	24/08/1963	02
Santa Fé	PR	Fazenda Santa Fé, estrada Santa Fé a Munhoz de Melo	24/08/1963	02
Santa Fé	PR	Fazenda Santa Virginia	12/04/1962	07
Santa Fé	PR	Sítio de Akito Kawahisa Entre Santa Fé e Lobato	05/09/1963	01
Santa Fé	PR	Sítio São João	22/06/1967	08
Santa Fé	PR	Fazenda Sumatrão, entre Santa Fé e Munhoz de Melo (Distrito Fernão Dias)	21/08/1963 29/08/1963	03 05

Santa Fé	PR	Propriedade Moises de Freitas, Santa Fé a Munhoz de Melo	22/06/1967	08
Santa Fé	PR	N/E	30/01/1967 13/12/1967 30/01/1968	02 03 04
Santa Fé	PR	André Ferreira. Santa Fé para Munhoz de Melo	22/06/1967	05
Santa Fé	PR	Estrada p/ Agua do Ó, distrito Munhoz de Melo	05/09/1963 06/09/1963	01 01
Santa Mariana	PR	N/E	04/05/1967	03
São Jorge do Ivaí	PR	Santa Maria	20/05/1957	14
São Pedro do Ivaí	PR	N/E Estrada	28/04/1967	06
São Pedro do Ivaí	PR	Fazenda Água Limpa	09/06/1963	05
Tamboara	PR	N/E	03/1958 25/06/1959	02 01
Tamboara	PR	Sítio São Sebastião	25/06/1959	01
Terra Rica	PR	Fazenda Dom Bosco	16/10/1959	08
Terra Rica	PR	N/E	27/08/1957	01
				1571

APÊNDICE A
QUADRO DE LOCALIDADES E DATAS
FOTOGRAFADAS POR KAISER

Fotografias Artísticas / Registros de viagem

Local	Estado	Data	Nro
Não especificado	N/E	S/D	20
Não especificado	BA	S/D	05
Salvador	BA	1947 12/1956 1959	14 06 46
Feira de Santana	BA	1947 12/1956	01 03
Belo Horizonte	MG	1951	12
Sabará	MG	1951	01
Congonhas do Campo	MG	1951	01
Não especificado	MG	S/D	17
Guaíra, Sete Quedas	PR	1968	02
Foz do Iguaçu, Cataratas	PR	1968	03
Vila Velha	PR	1968	01
Assaí	PR	1967	01
Paranavaí	PR	1957 1960	01 01
Arapongas	PR	1969 1970	02 01
Porto de Assuncion, Paraguai	PR/PARAGUAI	1968	02
Itacaray, Paraguai	PARAGUAI	1968	01
Não especificado	PR	S/D	05
Rio de Janeiro	RJ	S/D	03
Ilha de Paquetá	RJ	04/1959	20
Ilha de Santa Catarina, Florianópolis	SC	1953	04
Vale do Itajaí	SC	1953	02
São José dos Campos	SP	1949	03
Campos do Jordão	SP	S/D	01
São Paulo	SP	1953 S/D	01 04
Não especificado	SP	S/D	05